Promontoria Monográfica História da Arte 30

Retábulos nas Dioceses de Coimbra e de Aveiro



Francisco Lameira
Sandra Costa Saldanha
Martina del Rio João

2005

01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).
Francisco Lameira

2006

02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (impresso).
Francisco Lameira

2007

03 *O retábulo no Algarve* (impresso).
Francisco Lameira

2009

04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).
Francisco Lameira

2013

05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 *Retábulos Relicários* (impresso).
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

15 *Retábulos na Diocese de Leiria – Fátima* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

19 *Retábulos nos Açores* (impresso).
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira

21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata Malcher de Araujo

22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

27 *Retábulos na Diocese de Bragança -Miranda* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, D. José Cordeiro, Martina del Rio João e Padre Augusto A. Ferreira Pires

2022

28 *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

29 *Quando a Fé Transborda - altares geminados e com arco*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

30 *Retábulos nas Doiceses de Coimbra e Aveiro*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Sandra Costa Saldanha e Martina del Rio João



Promontoria Monográfica História da Arte 30

Retábulos nas Dioceses de Coimbra e de Aveiro

Francisco Lameira
Sandra Costa Saldanha
Martina del Rio João

UAlg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

EDIÇÃO
Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

DESIGN GRÁFICO
Martina del Rio João

FOTOGRAFIA
Aldo Aveiro, Ana Carvalhal Cunha, Arquivo do Museu de Aveiro - Santa Joana, Arquivo da Universidade de Coimbra, Aviz, Beira Rio, Biblioteca Nacional, Clara Vide, Cristina Reis, Daderot, padre Daniel Rodrigues, DGEMN, Fernando Dias, Fundação Cupertino de Miranda - Vila Nova de Famalicão, Gabriel Pereira, Hélio Ramos, Fernando Dias, Hugo Cálão Rocha, Joe, Joel Sabino, padre José Carlos Lopes, padre José Carlos Pereira, padre José Camões Sobral, padre José da Cunha Ferreira, José João Loureiro, José Paulo Ruas, José Pessoa -Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF), Julie Dawn Fox, Junta de Freguesa de Ega, Leandro Neumann Ciuffo, Manuel Botelho, padre Manuel Martins, Maria da Luz Nolasco, Martina João, Michael Gaylard, Miguel Cardoso, Misericórdia - Obra de Figueira, Município de Anadia, Município de Miranda do Corvo, Município de Oliveira do Hospital, Município de Pombal, Museu da Guarda, Museu da Vista Alegre, Nelson Correia Borges, Nuno Mata, Nuno Saldanha, Paróquia do Lorvão, Paróquia de Oiã, Paróquia de Ourentã, Paróquia de Tentúgal, Pedro Carvalho Santos - Município de Vila Nova de Poiares, Pedro Dias, Pedro Melo Tavares, padre Pedro Simões, Pedro Ventura, Peter K. Burian, Raúl Moura Mendes, Raúl Sampaio Lopes, Regina Anacleto, Ricardo Perna, Rouxinol de Pomares, Rota da Bairrada, Rui Lobo, Sandra da Costa Saldanha, Sergiy Scheblykin - In Situ, Conservação de Bens Culturais, Unipessoal, Lda, Signinum , SIPA-IHRU, Torre do Tombo, Turismo do Centro de Portugal, UC - Paulo Amaral, Vítor Oliveira.

EDIÇÃO DAS IMAGENS
Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9127-00-5

DOI - Digital Object Identifier:
https://doi.org/10.34623/8z5z-dr15

HANDLE
http://hdl.handle.net/10400.1/17814

LOCAL E ANO
Faro | 2022

CAPA: Coimbra. Pormenor do retábulo-mor da sé velha. Foto Miguel Cardoso.
CONTRACAPA: Aveiro. Pormenor do retábulo-mor da igreja do Senhor das Barrocas. Foto Pedro Ventura.

Índice:

Editorial..... 7
Introdução..... 9
Retábulos nas dioceses de Coimbra e de Aveiro
-Localização..... 21
-Usos e funções..... 33
-Iconografia..... 43
-Encomenda..... 49
-Tipologias e modelos compositivos..... 58
-Periodização..... 68
-Filiação..... 96
-Materiais e técnicas..... 104
-Produção artística..... 115
Catálogo de projetos de retábulos..... 189
Mapa de localização dos retábulos do catálogo..... 196
Catálogo dos retábulos selecionados..... 199
Bibliografia 282



Coimbra. Sé velha. Pormenor de retábulo lateral. Foto . Joel Sabino.



Coimbra. Retábulo de Tobias, proveniente do mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Museu Nacional Machado de Castro. Foto Martina João.

Editorial

Dando continuidade aos anteriores volumes da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português, o Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve assume a publicação do trigésimo volume, com o título ***Retábulos nas dioceses de Coimbra e de Aveiro***.

No vasto e valioso património retabular remanescente nestas duas dioceses incluem-se alguns dos espécimes da maior proeminência a nível nacional, destacando-se, entres muitos exemplos, os que se encontram em Coimbra: nas sés, velha e nova e nas igrejas de Santa Cruz, do Carmo e de Santa Clara e em Aveiro na sé e na igreja de Jesus. Cumpre realçar que algumas destas obras foram concebidas e entalhadas por alguns dos mais exímios artistas nacionais e estrangeiros, sediados temporária ou permanentemente na cidade de Coimbra, nomeadamente Nicolau de Chaterenne, João de Ruão, Gaspar Coelho, Claude de Laprade, António Gomes, Gaspar Ferreira, etc.

Apraz-nos dar o nosso contributo a esta iniciativa, promovendo a divulgação deste acervo, na esperança de que as diversas entidades locais (civis e religiosas), em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Felicitamos ainda, com apreço, os investigadores que preparam a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve e coordenador desta coleção, Sandra Costa Saldanha, docente na Universidade de Coimbra e diretora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja e Martina del Rio João, investigadora e colaboradora desta coleção.

O Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Prof. Doutor Luís Sérgio Gonçalves Vieira



Coimbra. Igreja conventual de Santa Clara-a-Nova. Pormenor de retábulo lateral.
Foto Nuno Saldanha.

Introdução

Tendo em conta que os retábulos enquadravam a mesa do altar, eram entendidos como imprescindíveis pelos responsáveis religiosos. Num tratado anónimo, não datado, é dito que *o divino sacramento do altar é o centro na terra da religião católica, a origem, o cume das bênçãos de Deus sobre nós e só para se celebrarem os altos mistérios deste maravilhoso sacramento se consagram bispos, se ordenam sacerdotes, se instituíram cerimónias, se fazem altares*[1].

Durante séculos foram utilizados como transmissores de uma mensagem religiosa, que se expressava não só nas artes figurativas (pintura e escultura), mas que também recorriam à arquitetura, às artes decorativas e, por vezes, à heráldica. Afirmavam-se ainda como um símbolo do poder da entidade ou do cliente responsável pela sua administração, justificando-se deste modo a sua substituição periódica, na fase de maior esplendor, isto é, nos finais do século XVII e no século XVIII, por espécimes mais atualizados, *ao moderno*, como então se dizia.

O património retabular remanescente nas *Dioceses de Coimbra e Aveiro* é constituído por um considerável e meritório acervo, subsistindo ainda muitos exemplares de grande relevância artística, executados não só por profissionais sediados na região, incluindo alguns estrangeiros, mas também originários das cidades de Lisboa e do Porto.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos sobreviventes nos bispados acima referidos. Os pressupostos da presente análise são idênticos aos utilizados nos volumes anteriores da coleção. Consequentemente são explanados os se-

1 ABRANTES, 2004, p. 77.

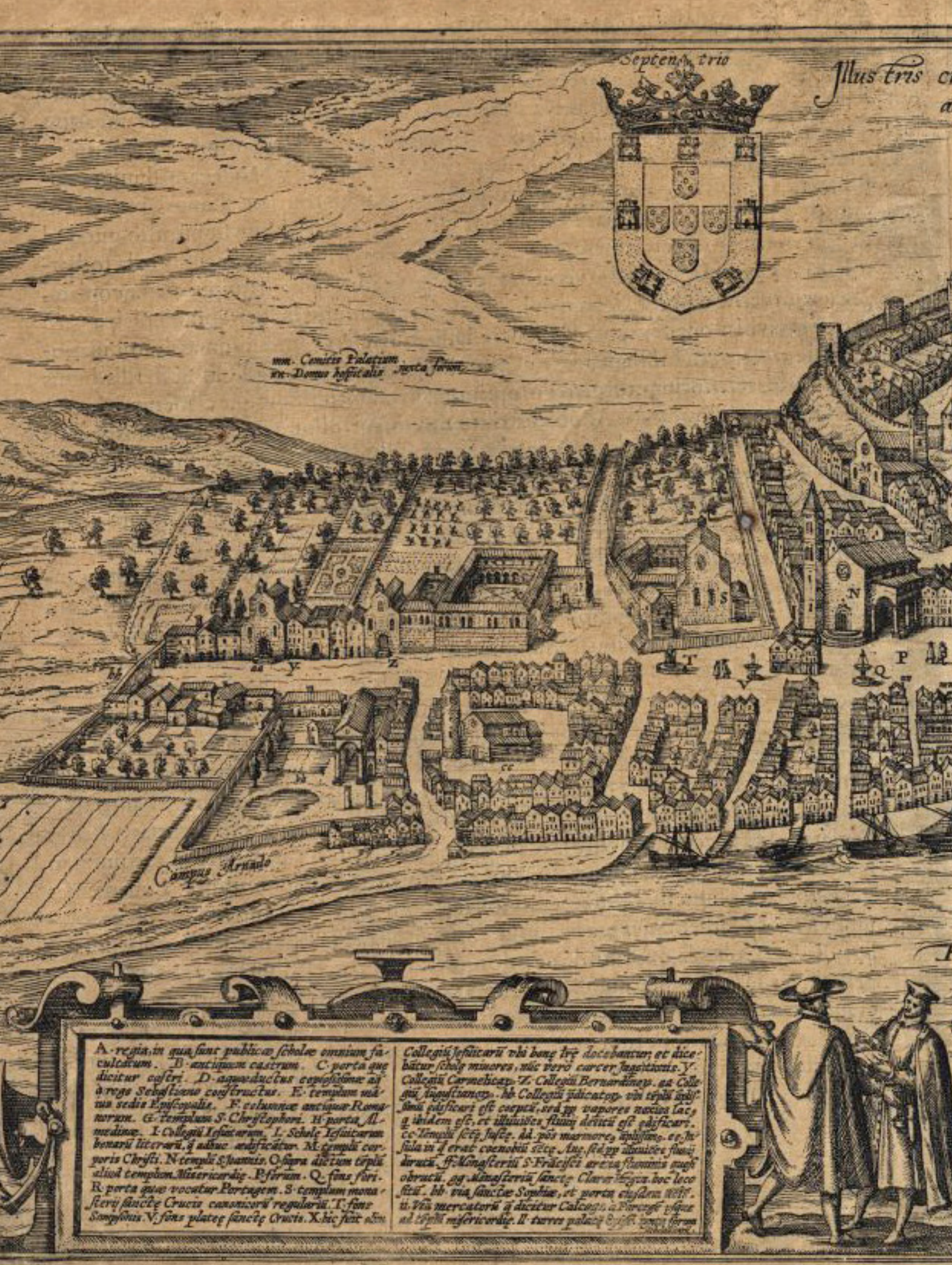
guintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surgem dois catálogos ilustrados, um com projetos ou estudos de retábulos, outro com fotografias a cores de oitenta exemplares, cuja seleção teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abrange-se o maior número de vigararias ou arciprestados, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos, aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVI, XVII e XVIII, época da qual sobrevive maior número de retábulos. No que concerne à sua qualidade, foi dada preferência à diversidade funcional e morfológica, bem como a certas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, optando-se, sempre que possível, por retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram ou cederam fotos, a seguir referenciados por ordem alfabética: Aldo Aveiro, Ana Carvalhal Cunha, Ana Castanheira, Ana Maria Bandeira, António Filipe Pimentel, Arquivo do Museu de Aveiro - Santa Joana, Arquivo da Universidade de Coimbra, Aviz, Beira Rio, Biblioteca Nacional, Carlos Neves, Celina Bastos de Matos, Clara Vide, Cristina Reis, Daderot, padre Daniel Rodrigues, DGEMN, Fernando Dias, Francisco Teixeira, Fundação Cupertino de Miranda - Vila Nova de Famalicão, Gabriel Pereira, Giuseppina Raggi, Hélio Ramos, Fernando Dias, Hugo

Cálão Rocha, Isabel Mendonça, Joe, Joel Sabino, José António Rebocho Christo, padre José Carlos Lopes, padre José Carlos Pereira, padre José Camões Sobral, padre José da Cunha Ferreira, José João Loureiro, José Paulo Ruas, Julie Dawn Fox, Junta de Freguesa de Ega, Leandro Neumann Ciuffo, Manuel Botelho, padre Manuel Martins, Maria de Lurdes Craveiro, Maria da Luz Nolasco, Maria João del Rio, Michael Gaylard, Miguel Calvinho Coelho, Miguel Cardoso, Miguel Cotrim, Miguel Portela, Misericórdia - Obra de Figueira, N-Restauros - Luís Bravo, Município de Anadia, Município de Miranda do Corvo, Município de Oliveira do Hospital, Município de Pombal, Museu da Guarda, Museu da Vista Alegre, Nelson Correia Borges, Nuno Mata, Nuno Saldanha, Paróquia do Lorvão, Paróquia de Oiã, Paróquia de Ourentã, Paróquia de Tentúgal, Pedro Carvalho Santos - Município de Vila Nova de Poiares, Pedro Dias, Pedro Melo Tavares, padre Pedro Miranda, Pedro Rolim, padre Pedro Simões, Pedro Ventura, Peter K. Burian, Raúl Moura Mendes, Raúl Sampaio Lopes, Regina Anacleto, Ricardo Perna, Rouxinol de Pomares, Rota da Bairrada, Rui Lobo, Sergiy Scheblykin - In Situ, Conservação de Bens Culturais, Unipessoal, Lda, Signinum , SIPA-IHRU, Torre do Tombo, Turismo do Centro de Portugal, UC - Paulo Amaral, Virgolino Jorge, Vítor Moutinho Cardoso, Vítor Oliveira, Vítor Serrão.



Aveiro. Igreja do Senhor das Barrocas. Pormenor do retábulo-mor. Foto Pedro Ventura.


Septentrio
Illustris
mm. Comitis Palatium
nn. Domus hospitalis
Campus Arnado
A. regia, in qua sunt publicae scholae omnium facultatum. B. antiquum castrum. C. porta quae dicitur castri. D. aquaeductus copiosissimae aq. à rege Sebastiano constructus. E. templum maius sedis Episcopalis. F. columnae antiquae Romanorum. G. templum S. Christophori. H. porta Almedinae. I. Collegiū Iesuitarum. L. Scholae Iesuitarum bonarū literarū, q̄ adhuc aedificātur. M. templū corporis Christi. N. templū S. Joannis. O. supra dictum tēplū aliud templum Misericordiae. P. forum. Q. fons fori. R. porta quae vocatur Portagem. S. templum monasterij sanctae Crucis canonicorū regulariū. T. fons Sampsonis. V. fons plateae sanctae Crucis. X. hic fuit olim
Collegiū Iesuitarū vbi bonae lr̄ae docebantur, et dicebātur scholae minores, nūc verò carcer Inquisitionis. Y. Collegiū Carmelitarū. Z. Collegiū Bernardinorū. aa. Collegiū Augustinorū. bb. Collegiū p̄dicatorū vbi tēplū ap̄lissimū aedificari est coeptū, sed pp vapores nocivos lac, q̄ ibidem est, et illuuiōes fluuij deiectū est aedificari. cc. Templū sctē Iustae. dd. pōs marmoreus ap̄lissimus. ee. Insula in q̄ erat coenobiū sctē Anae, sed pp illuuiōes fluuij dirutū. ff. Monasteriū S. Frāciscī arena fluminis quasi obrutū. gg. Monasteriū sanctae Claraē Virginis hoc loco situ. hh. via sanctae Sophiae, et porta eiusdem nōtis. ii. Vīa mercatorū q̄ dicitur Calcogē, à Porcegē usque ad tēplū misericordiae. ll. turres palatij Episcopi iuxta forum

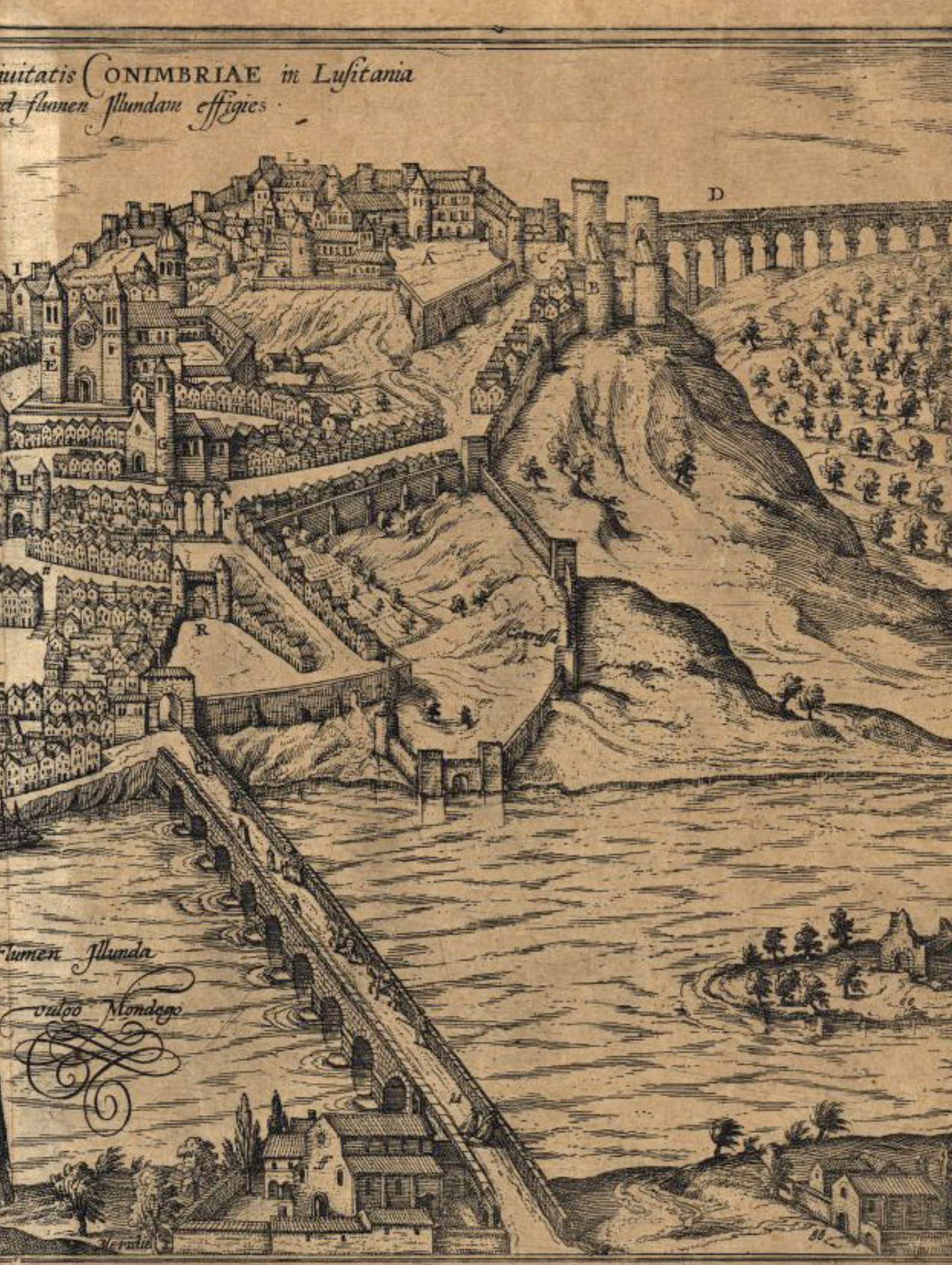


Foto Biblioteca Nacional.

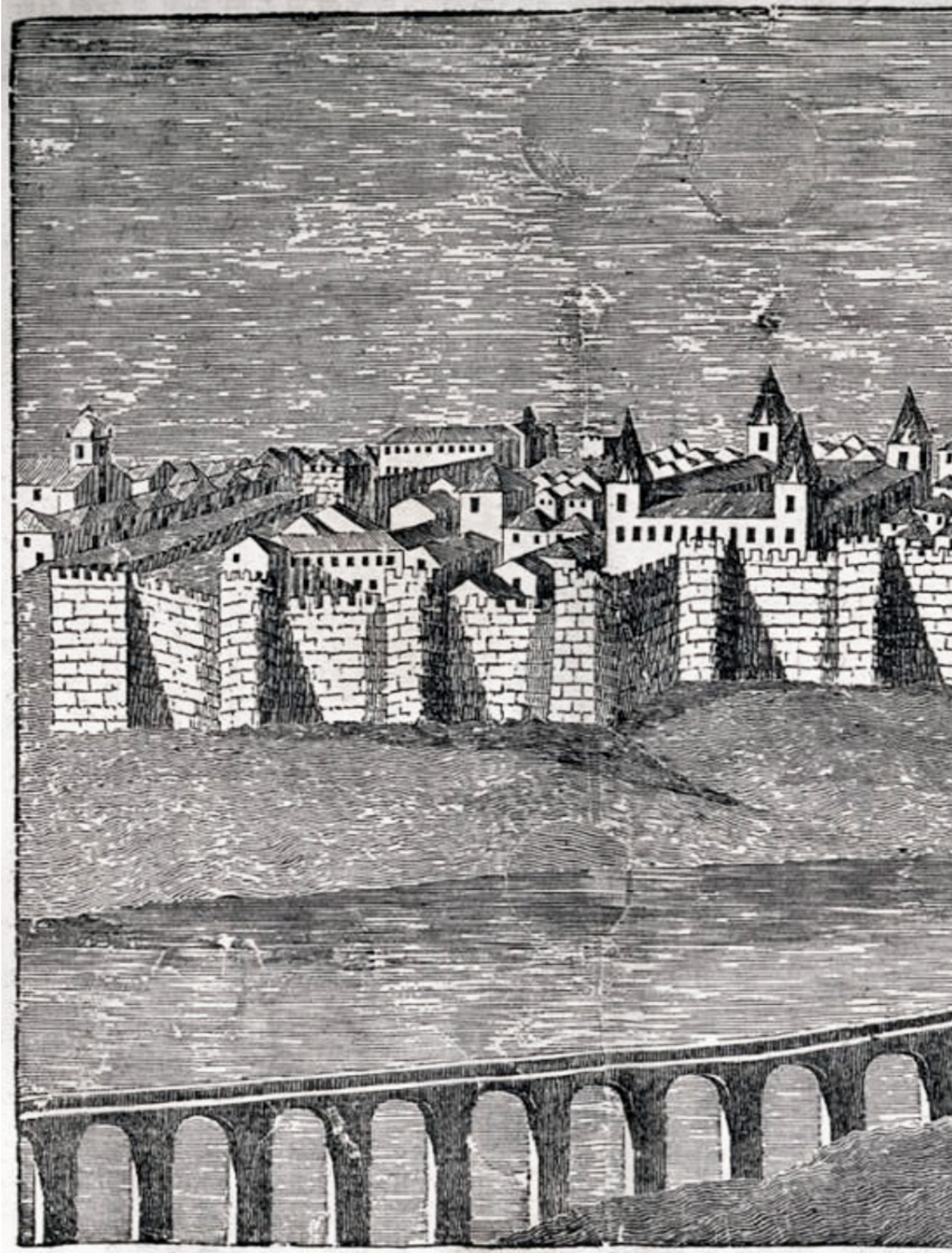
Tarde limpa,
De pureza comungada.
No rio, corre, parada,
A paisagem reflectida;
Há não sei que voz traída
No silêncio do que é mudo;
A luz parece despida;
E uma alegria incontida
Sorri no rosto de tudo.

Miguel Torga, "Boletim", *DiárioXI*

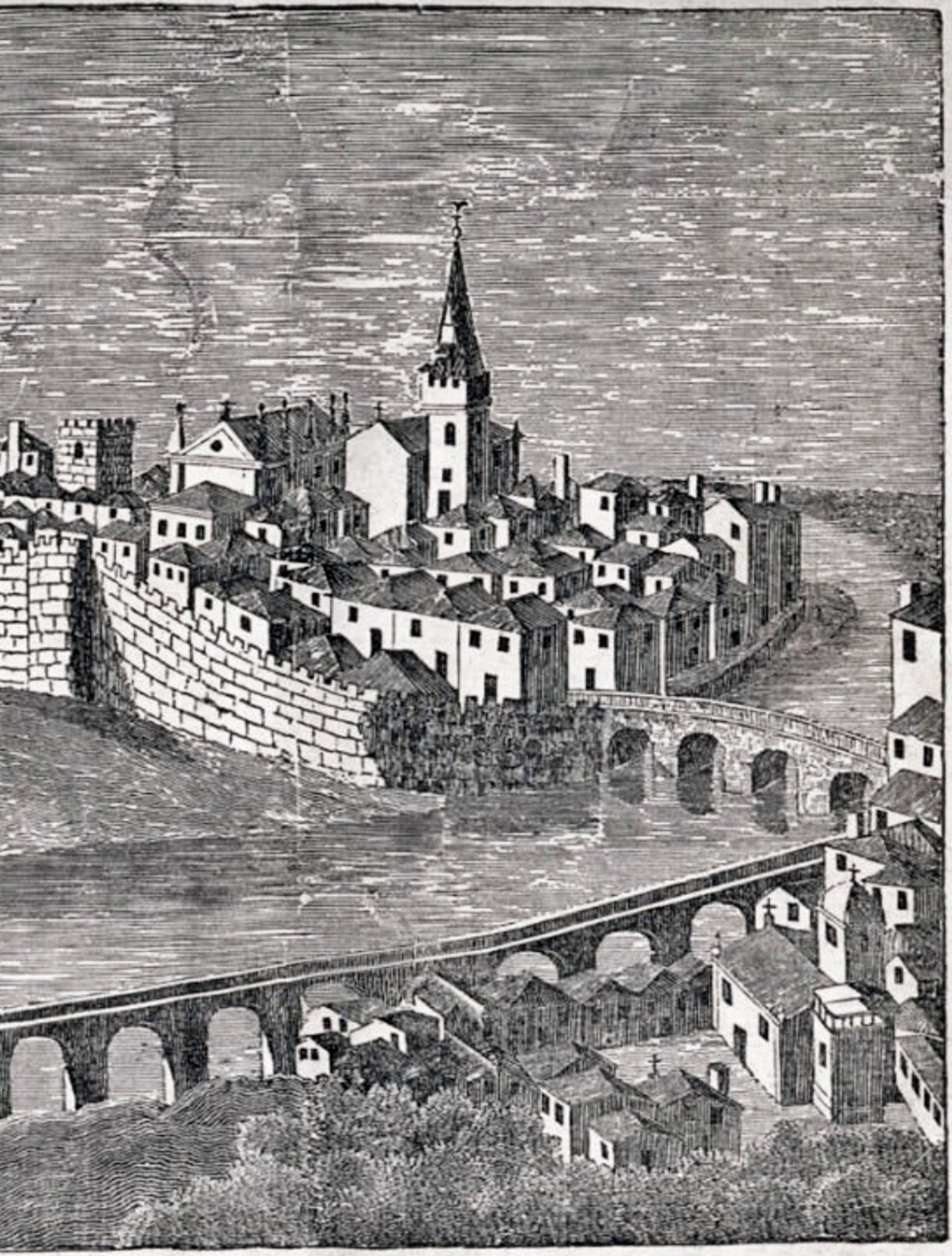




Foto Leandro Neumann Ciuffo. URL: https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/deed.en



VISTA D'



AVEIRO.

Em marcha sonolenta avança um barco
Sob a ponte romana em forma de arco.
Da sombra das vielas chegam fados
Que se fundem na brisa magoados...
Na areia correm, ao de leve, ondinas:
Correm na areia leves, as varinas...
Voltam da faina alegres pescadores
Tocando harmónios, gaitas e tambores.
Aqui, nas praças, na água, em cada rua,
Outra luz vem de longe e continua...

Pedro Homem de Mello, "Aveiro", *Segredo*





Foto Michael Gaylard. URL: https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/deed.en



Aveiro. Igreja conventual do Carmo. Retábulo-mor. Foto José João Loureiro.

Retábulos nas Dioceses de Coimbra e Aveiro

A reflexão exposta utiliza uma linguagem simples e acessível de modo que os principais destinatários consigam facilmente entender esta interessante modalidade artística.

Apresentamos de seguida cada um dos itens atrás mencionados.

Localização

A localização dos retábulos estava diretamente relacionada com a realização dos eventos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua administração, como veremos adiante. Se, por vezes, havia alguma liberdade de escolha do local para se assentar o retábulo, noutros casos era obrigatória a sua colocação em determinados espaços. Por exemplo, as comunidades monástico-conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que geriam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor do templo em questão. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em templos que não eram da sua tutela, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se. Caso não as houvesse disponíveis, mandavam executar uma nova, como ocorreu em 1653, quando uma instituidora particular, Úrsula Luís, assume os encargos da capela do Espírito Santo, anexa à nave do lado do Evangelho, na igreja paroquial de Santiago, em Coimbra[2].

Vejamos os diversos locais disponíveis para a instalação dos retábulos, de acordo com os exemplos encontrados.

-Capela-mor

Era o lugar mais relevante, pois possibilitava que aí estivesse



Redinha (Pombal). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 77766.

2 PESSOA, 2001.

o espécime com o pé-direito mais alto e mais largo de todo o edifício, onde obrigatoriamente se situava o retábulo principal. A sua encomenda e posterior gestão era da responsabilidade da entidade que administrava o templo.

Na Idade Média, era frequente a localização dos retábulos *no meio da capela* (…) *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[3]. Um exemplo foi o altar que existiu na abside da sé, em Coimbra, no reinado de D. Afonso Henriques, coberto por um baldaquino e dossel apoiado em quatro colunas, do qual pendia uma pomba de prata que servia para guardar a reserva eucarística[4]. Mais tarde foi transferido para o meio do cruzeiro[5], provavelmente após a construção do retábulo-mor no bispado de D. Jorge de Almeida.

Nos finais do século XV, quando os retábulos começam a ser usados maioritariamente como equipamentos monumentais, passam a ser encostados à parede testeira, como ocorreu na capela-mor da sé velha, em Coimbra (ver p. 201).

A partir dos meados do século XVII, a maioria dos retábulos principais incorpora na parte central o camarim ou tribuna, preenchida por um trono escalonado, destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Apontamos como testemunhos pioneiros o da igreja conventual de Santo António, em Serém – Águeda, atualmente na igreja paroquial de Trofa (ver p. 221) e o da igreja monástica de São Bento, em Coimbra, este último, que já não subsiste, concebido e entalhado em 1684 pelos reputados mestres portuenses António Gomes e Domingues Nunes[6].

A parede testeira da capela-mor de certas Misericórdias foi preenchida por três retábulos estreitamente associados entre si,

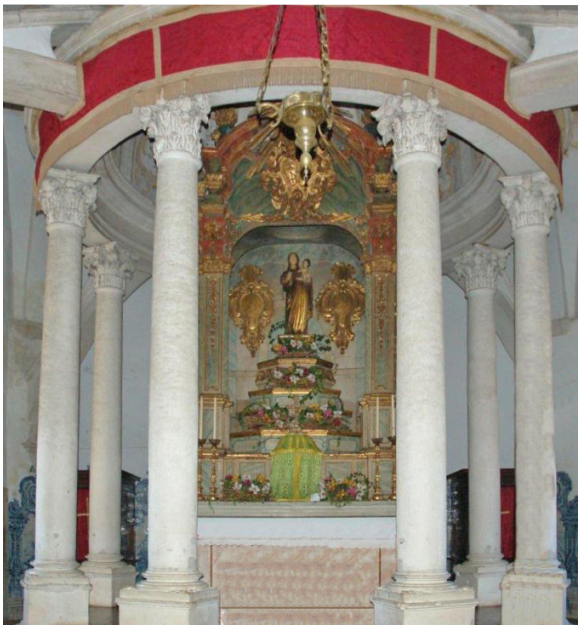
3 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.
4 COSTA, 1983, p. 44; ROSAS, 2010 - 2012, p. 301.
5 GOMES, 2007, pp. 52 e 55.
6 BRANDÃO, 1984, pp. 572 a 578.

entre si, cada um com a sua mesa de altar, podendo celebrar-se simultaneamente em todos eles. Espécime de grande relevância encontra-se na igreja de Tentúgal – Montemor-o-Velho (ver p. 207).

Ainda menos usual foi a colocação de três retábulos independentes, mas anexos uns aos outros, por exemplo na igreja da Misericórdia, no Louriçal – Pombal (ver p. 59).

Em casos pontuais, as paredes laterais da capela-mor podiam acolher retábulos, como acontece na igreja monástica de Santa Maria, no Lorvão (ver p. 275).

Excecional é o retábulo-mor do santuário de Nossa Senhora da Tocha – Cantanhede, que se situa no interior de uma composição arquitetónica de pedraria, de planta circular, assente em oito colunas coríntias e rematada por uma cúpula.



Tocha. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Rota da Bairrada.

-Arco triunfal

Em muitas igrejas com nave única, a parede do frontispício, junto ao arco triunfal, era preenchida por dois altares colaterais, normalmente gémeos, que resultavam quase sempre da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo. Quando a nave era demasiado estreita, os ditos retábulos ficavam de forma enviesada. A título de exemplo mencionamos, os da igreja paroquial de Santo André, na Esgueira e os da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Lagares da Beira – Oliveira do Hospital (ver p. 168).

Em determinados casos, os dois retábulos colaterais ao arco triunfal encontram-se interligados entre si, maioritariamente por talha dourada, preenchendo muitas vezes a totalidade do frontispício da nave, conforme vemos na igreja paroquial de Loure – Albergaria-a-Velha (ver p. 240) e na de Águeda (ver p. 255).



Esgueira. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 862226.

-Transepto

Nos templos com transepto, as paredes do topo dispunham de grandes dimensões, as maiores logo a seguir à capela-mor. Consequente-



Recardães. Igreja paroquial. Retábulo colateral.
Foto Fernando Dias.
URL:https://www.visitarportugal.pt/aveiro/agueda/recardaes/igreja-matriz



Pomares. Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto padre Daniel Rodrigues.

mente eram locais de grande prestígio, sendo preferidos pelas ordens terceiras e irmandades mais proeminentes para aí alocar os seus retábulos. Como exemplos destacamos os da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Coimbra, atual sé nova (ver p. 238) e os da igreja monástica de Santa Maria do Lorvão – Penacova (ver p. 269).

-Outras capelas da cabeceira

Nos templos com capelas na cabeceira, independentemente de serem mais ou menos profundas, encontramos também retábulos nas paredes fundeiras, conforme se verifica na igreja paroquial de Recardães - Águeda.

-Nave(s)

Na Idade Média construíram-se retábulos encostados às colunas ou às pilastras que dividem as naves. Temos conhecimento dos que existiram na sé do Porto[7], de Braga[8] e na de Évora[9], sendo muito provável terem existido também na de Coimbra. Digno de referência é o que subsiste na igreja paroquial de Santa Luzia, em Pomares – Arganil, da invocação das Almas.

A partir do Antigo Regime, os diversos retábulos secundários passaram a localizar-se de preferência nas paredes laterais ou então nas capelas do corpo da igreja, especificamente, na parede do topo, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis. Salientamos como exemplos os diversos retábulos laterais da igreja conventual de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra (ver p. 237) e os da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Aveiro. Menos frequente era situarem-se numa das paredes laterais de uma capela, como se constata na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em

7 BRANDÃO, 1986, p. 23.
8 RODRIGUES, 2020, p. 54.
9 FONSECA, 1728, p. 215.

Cernache – Coimbra.

-Sacristia

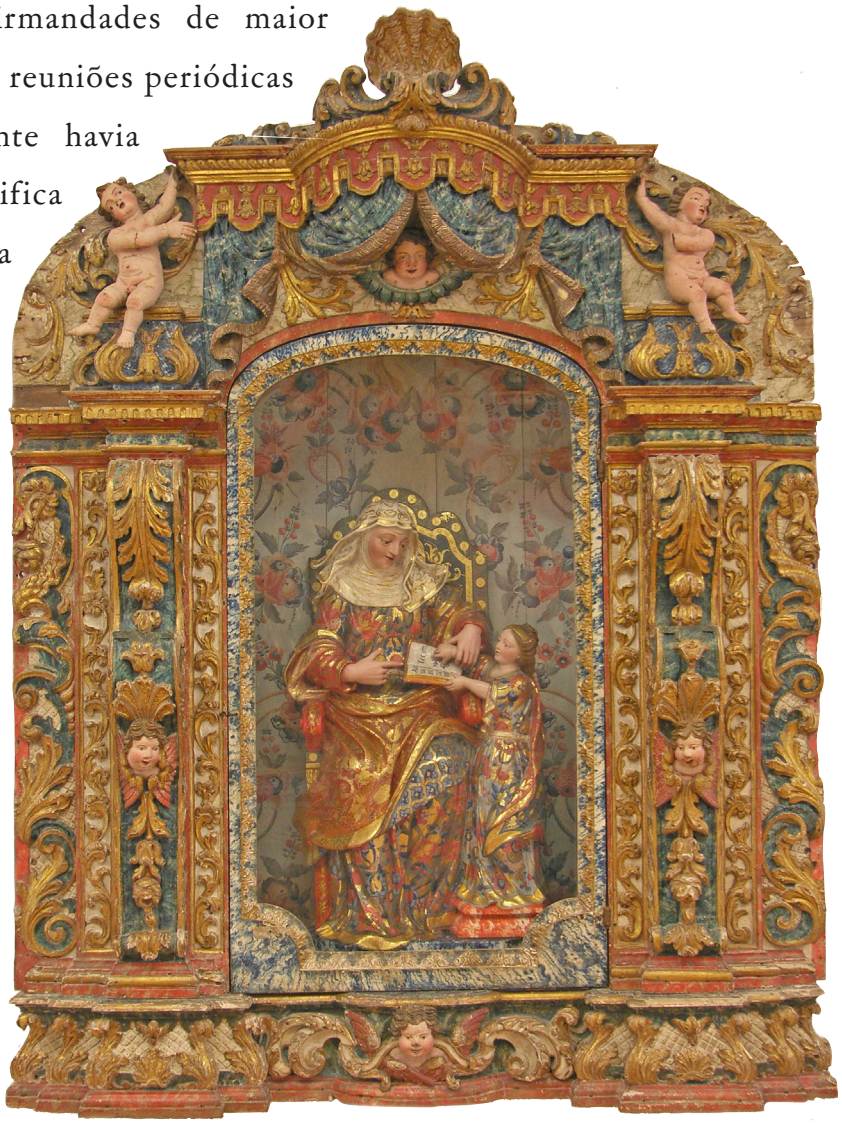
Para além do oratório existente sobre o arcaz, que se encontra na maior parte dos templos, em certos casos também avultava um retábulo, como o que existiu na sé velha, em Coimbra e o que ainda remanesce na capela contígua à sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra (ver p. 249), exemplar que toma por modelo o enquadramento em talha que envolve a pintura do rei D. João V na biblioteca da Universidade de Coimbra (ver p. 96), como veremos adiante.

-Consistórios ou Casas do Despacho

Determinadas igrejas, designadamente as que eram administradas por ordens terceiras e irmandades de maior relevância, dispunham de uma sala para as reuniões periódicas dos irmãos da mesa, onde normalmente havia um ou dois retábulos, conforme se verifica respetivamente na Casa do Despacho da Santa Casa da Misericórdia, em Aveiro e na de Montemor-o-Velho.

-Capela do noviciado

Associadas às ordens religiosas, as capelas do noviciado destinavam-se aos ofícios religiosos e demais celebrações litúrgicas dos noviços que, durante um ano, se preparavam para a profissão religiosa que os habilitava ao ingresso nessas instituições. Como testemunho mencionamos o retábulo de Santa Ana e a Virgem do extinto convento de São João Evangelista, de religiosas carmelitas, em Aveiro, atualmente no Museu Santa Joana, desta cidade.



Aveiro. Convento de São João Evangelista.
Retábulo da capela do noviciado.
Foto José João Loureiro.

-Sala do Cabido

Nas catedrais e em edifícios monástico-conventuais, a sala capitular era provida de um retábulo. O de São Teotónio, de pedra de Ançã com ligeiras aplicações de ouro, no extinto mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, é um relevante testemunho dos finais do século XVI (ver p. 188).



Coimbra. Convento de Santa Clara-a-Nova. Retábulo do coro-alto. Foto DGEMN.

-Coros

Nos edifícios monástico-conventuais era frequente a existência de um ou mais retábulos quer no coro baixo, quer no alto, de modo que os membros dessa comunidade pudessem daí rezar e cantar os ofícios divinos. Exemplificamos com os do coro alto da igreja conventual de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra e os da igreja monástica de Jesus, em Aveiro, atual Museu de Santa Joana.

-Claustro

Era muito frequente a existência de várias capelas no claustro, umas maiores, outras de menores dimensões, quer para uso comunitário, quer para servir de local de enterramento de clientes de fartos rendimentos. Para além dos modestos retábulos de pedraria executados por João de Ruão para os cubelos da fonte do claustro da Manga[10], no mosteiro dos crúzios, em Coimbra, individualizamos o que se encontra numa das capelas do extinto convento do Carmo, em Coimbra, do segundo quartel de Setecentos (ver p. 257).

-Portarias

Alguns cenóbios dispunham de retábulos na portaria, referindo-se o que existia na Casa da portaria do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, com a representação da *vinda do Espírito Santo*

10 N. SANTA MARIA, 1668, Lº VII, p. 91.

sobre os Apóstolos[11] e o que subsiste, da invocação do *Ecce Homo*, no extinto convento de Santa Cruz, no Buçaco.



Buçaco. Convento de Santa Cruz.
Retábulo do Ecce Homo.
Foto José João Loureiro.

-Dormitórios

No colégio da Sapiência, em Coimbra, no século XVIII, foi mandado executar um retábulo na capela do dormitório[12], exemplar que já não subsiste.

-Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais muitas vezes eram dotadas de retábulos, apontando-se como exemplo o que seguramente existiu na capela de Nossa Senhora da Cerca, no convento das religiosas carmelitas observantes, em Tentúgal[13] e os que ainda subsistem no extinto convento de Santa Cruz, no Buçaco.

-Enfermarias

Do mesmo modo, as enfermarias, quer as dos hospitais, quer as de instituições monástico-conventuais, dispunham de altares destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos. Por exemplo, no mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, *na Casa da enfermaria* (...) *está uma capela pequena* (...) *com o seu altar e retábulo de singular pintura, em que se vê um devoto Crucifixo com a Virgem e São João ao pé da cruz. Estão nesta Casa doze celas, seis por cada parte, com seus leitos e cadeiras, as quais estão feitas por tal traça, que jazendo os doentes no leito podem ver e ouvir missa que se lhes diz no altar da ca-*



Buçaco. Convento de Santa Cruz.
Retábulo da Adoração dos Reis Magos.
Foto José João Loureiro.

11 N. SANTA MARIA, 1668, Lº VII, p. 92.
12 NOÉ, 2003.
13 A. SANTA MARIA, 1712, p. 353.

pela da mesma enfermaria[14]. De igual modo, em Aveiro, em 1802, quando o bispo D. António José Cordeiro pretendia que a igreja da Misericórdia desta última localidade ficasse exclusivamente com as funções de catedral, entre as alegações dos mesários da Santa Casa destacamos a seguinte: o local que lhes era destinado para *recolher os enfermos estava consideravelmente arruinado* (...) *sem cómodo para o altar em que se diz a missa e se administram os sacramentos aos enfermos*[15].

-Oratórios dos presos

Nas sedes dos concelhos, algumas Casas da Câmara e Cadeia acolhiam uma pequena capela destinada a oratório dos presos, onde era frequente haver um retábulo. Também o cárcere da Universidade de Coimbra dispunha de uma capela com um modesto retábulo, executado em 1645[16].

-Passos processionais

Certos passos processionais podiam exibir retábulos no seu interior, que eram expostos ao culto no dia da procissão do Senhor dos Passos, solução testemunhada no altar de uma capela da Via Sacra, na Calçada de Santa Isabel, em Coimbra.

-Capelas privativas de habitações senhoriais

Alguns setores da população, de elevado estatuto social (nobres, mercadores ou clérigos), possuíam uma capela privativa incorporada na sua habitação ou em espaços próximos. Nessa capela havia obrigatoriamente um retábulo na parede testeira do presbitério, salientando-se o que existe na capela do solar da Quinta das Lágrimas ou do Pombal, em Coimbra e os da capela da Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo, a saber, o mor (ver p. 235) e

14 N. SANTA MARIA, 1668, Lº VII, p. 94.
15 GASPAR, 1996, p. 54.
16 PACHECO, 2013, p. 122.

dois laterais, mandados executar pelos testamenteiros do fundador deste último templo, o bispo de Miranda do Douro, D. Manuel de Moura Manuel.

-Edificações militares

A maioria das edificações militares tinha uma capela privativa no interior do recinto fortificado, na qual havia um retábulo onde se celebravam missas para os que aí prestavam serviço. Servem de exemplo, em Coimbra, *a ermida do Bom Jesus, fundada sobre a porta do castelo, que confina com uma soberba torre*[17] e em Buarcos – Figueira da Foz, o modesto altar ainda remanescente na capela do forte de Santa Catarina.

-Cemitérios

A larga maioria da população era enterrada no interior dos templos, quer no solo da nave, quer à porta da igreja. quando já não havia mais lugares disponíveis.

Os membros da nobreza, clero e burguesia endinheirada preferiam capelas privativas localizadas na generalidade em igrejas de grande relevância e esporadicamente em capelas incorporadas ou nas imediações das suas habitações, como referimos antes. Para além da(s) sepultura(s), havia obrigatoriamente um retábulo para se celebrarem as missas para sufragar as almas dos defuntos aí enterrados e de alguns dos seus familiares. Estas capelas localizavam-se, quer anexas à nave, quer noutros locais, incluindo no claustro. São testemunhos o da capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Santa Cruz, em Oliveira do Hospital, o único retábulo medieval em Portugal, subsistente in situ (ver p. 200) e o da capela da Visitação, na igreja conventual de São Domingos, em Aveiro, atual sé.

A partir do século XIX, na sequência do aumento exponen-



Ílhavo. Capela da Quinta da Vista Alegre.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 1092647.



Aveiro. Igreja da sé.
Retábulo da Visitação.
Foto SIPA 1092647.

17 CARDOSO, 1751, p. 668.

cial da população e da consequente proibição de se enterrarem os defuntos nos templos, surgem os cemitérios públicos, administrados pelos municípios, passando estes a ter uma capela com um retábulo, normalmente de modestas dimensões, como aconteceu no cemitério da Conchada, em Coimbra, um dos primeiros no país. Alguns jazigos foram igualmente dotados de retábulos privativos, subsistindo ainda o projeto executado, nas décadas de 1860 - 1870, da autoria de um debuxador de Coimbra, de apelido Morato (ver p. 194).

-Retábulos portáteis ou amovíveis

Resta-nos, por fim, referir alguns exemplares de pequenas ou médias dimensões, frequentes na Idade Média e no século XVI, que normalmente estavam guardados nas sacristias e que somente eram expostos sobre o altar quando se celebravam os ofícios religiosos. Como exemplo sinalizamos o tríptico de São Simão, proveniente da igreja monástica de Jesus, em Aveiro,



Aveiro. Tríptico de São Simão. Museu de Aveiro - Santa Joana. Fonte ROLIM, 2011, p. 70.

atualmente exposto numa sala do Museu de Santa Joana.

Referimos ainda alguns retábulos de pequenas dimensões *utilizados em deslocações por terra ou por mar, em expedições militares, nas visitações regularmente realizados por prelados nas suas circunscrições territoriais e ainda em situações especiais, como a assistência aos enfermos e aos presos* (…). *Uma das*

primeiras referências à posse de um altar portátil em Portugal data de 1514 e diz respeito à abadessa perpétua do mosteiro do Lorvão, D. Catarina de Eça, bisneta de D. Pedro I e de D. Inês de Castro [18].

-Retábulos deslocados

Por vicissitudes diversas muitos retábulos foram retirados dos seus locais de origem, tendo sido transferidos para outros templos, para arrecadações, para museus ou simplesmente destruídos.

Nalguns casos, apenas subsistem registos fotográficos e descrições históricas, como sucede, respetivamente, com o retábulo de São Tomás de Vila Nova, na igreja da sé velha, em Coimbra (ver p. 178), retirado num restauro ocorrido em 1939 para abrir uma nova ligação entre a igreja e o claustro e com o retábulo-mor da demolida igreja conventual da Madre de Deus, de Sá, em Aveiro, considerado em 1747 como *o melhor retábulo que há na vila*[19].



Aveiro. Sacrário proveniente do altar-mor da igreja conventual da Madre de Deus de Sá.
Museu de Aveiro - Santa Joana.
Fonte ROCHA, 2009, p. 31.

Constatamos também a sua transferência para outros locais, mencionando-se entre múltiplos exemplos o da capela de Santa Bárbara, em Beduíno – Estarreja, proveniente da igreja paroquial da mesma localidade[20] e os de Nossa Senhora do Carmo e de Santa Teresa, originários do coro-alto do convento de São João Evangelista, em Aveiro. Estes últimos foram transferidos em 1912 para a igreja paroquial da Gafanha da Encarnação[21], onde estiveram nas ilhargas do arco triunfal durante várias décadas, tendo regressado novamente para Aveiro, encontrando-se atualmente no convento de Nos-



Beduíno. Igreja paroquial.
Retábulo proveniente da capela de Santa Bárbara.
Foto Clara Vide.

18 MENDONÇA, 2016, pp. 13 e 21.
19 CARDOSO, 1747, p. 686.
20 DÓRDIO, 1997.
21 H. ROCHA, 2011.

sa Senhora do Carmo[22].

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes normalmente na casa dos seus proprietários e que eram restritos às orações familiares, alguns deles possuindo mesas de altar e retábulo, celebrando-se missa nestes últimos, depois de obtida licença dos responsáveis diocesanos.

Aveiro.
Retábulo do coro-alto do extinto convento de São João Evangelista.
Foto José João Loureiro.



22 LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, pp. 80 e 81.

Usos e funções

Entre os exercícios espirituais praticados nos retábulos, o mais frequente era a celebração de missas. Para além das que se destinavam a toda a comunidade, realizadas aos domingos e nas várias festividades, celebravam-se ainda diversos ofícios por dia, por vezes, em simultâneo, quer como ritual obrigatório dos sacerdotes, quer para sufragar as almas dos defuntos, em maior número nas localidades mais populosas.

Deste modo, se justifica a existência de múltiplos retábulos em certos templos, por exemplo em Aveiro, na *igreja de São Miguel, que é a matriz de todas e está fundada dentro dos antigos muros da vila, é bom templo, tem doze altares*[23] e na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens, da Companhia de Jesus, atual sé nova, em Coimbra, ainda subsistem treze[24] (ver pp. 222, 226, 228, 229, 233, 238 e 239).

Convém, no entanto, diferenciar os retábulos, quer porque alguns eventos só podiam ser realizados num determinado altar, quer pelos diferentes conteúdos exibidos. Enunciamos, de seguida, as diversas situações detetadas, tendo em conta a função predominante.

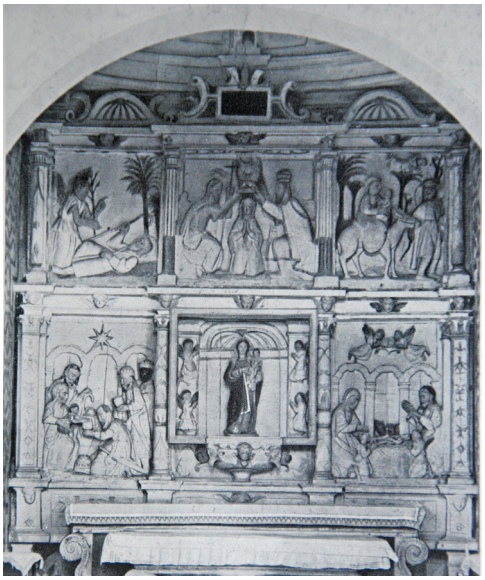


Coimbra. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Retábulo colateral.
Foto Hélio Ramos.

Narrativos ou didáticos

Tinham como função principal proporcionar aos fiéis, preponderantemente iletrados, a amostragem de representações figurativas que ilustrassem a mensagem a transmitir. Esta tipologia foi muito frequente nos séculos XV e XVI, deixando praticamente

23 CARDOSO, 1747, p. 680.
24 LAMEIRA, 2006, pp. 166 a 191.



Espinhal. Igreja paroquial.
Retábulo de Nossa Senhora das Neves.
Fonte CORREIA, 1952, Est. CLXII.

de ser utilizada a partir do segundo quartel do século XVII. Se nos retábulos de madeira predomina a pintura, nos de pedraria prevalece o relevo escultórico. Exemplos destas situações são, respetivamente, o retábulo-mor da igreja do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra (ver p. 214) e o da capela de Nossa Senhora das Neves, na igreja paroquial de São Sebastião, em Espinhal – Penela.

Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a dispersão na observação dos ciclos figurativos. Foram sempre usados, no entanto, passaram a ser da preferência da maior parte da clientela a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII, apontando-se como testemunhos o retábulo de Nossa Senhora com o Menino Jesus, datado de 1544, atualmente exposto no Museu Nacional Machado de Castro e o do Pentecostes, na igreja paroquial de São Pedro, em Valongo - Águeda (ver p. 242).



Coimbra. MNMC.
Retábulo da Virgem com o Menino.
Foto Gabriel Pereira.

Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa à devoção a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes retábulos tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, os tramos laterais tanto podiam ser em pintura, como em escultura. A título de exemplo mencionamos o retábulo, atualmente da invocação de São Cristóvão, na igreja da sé velha, na cidade de Coimbra (ver p. 218) e o da ermida de São Paio da Tor-

reira – Murtosa (ver p. 258).

Retábulos devocionais a vários temas

Foram pouco frequentes, tendo sido utilizados em exemplares com um, dois ou mesmo três corpos e três tramos. Para além da representação escultórica do orago, no centro da composição, havia várias imagens individualizadas, quer em escultura, quer em pintura, da devoção da entidade responsável pela sua administração. Testemunhos relevantes são o retábulo de São Marcos, na igreja da extinta paróquia de São Salvador, em Coimbra (ver p. 206) e o de Nossa Senhora da Misericórdia, na igreja da sé, em Aveiro.



Aveiro. Igreja da sé.
Retábulo de Nossa Senhora da Misericórdia.
Foto SIPA 1002029.

Eucarísticos

Seguindo as palavras do padre Fausto Martins, as devoções das *Quarenta Horas* e do *Lausperene* são tributárias da corrente pós-tridentina, que favorecia as exposições solenes do Santíssimo Sacramento[25].

O aparecimento do *Jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do século XVII[26] e mais tarde de outros jubileus ou lausperene, alguns de periocidade mensal, valorizaram estes eventos, que se realizavam em certos templos com grande solenidade. Vejamos uma pequena parcela do relato do Jubileu das Quarenta Horas na igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, nos meados do século XVII: *a capela-mor onde está o Senhor exposto aqueles três dias se arma toda de ricos panos de tela de ouro, amarela e vermelha, de alto a baixo* (...) *com um rico dossel brocado de altos, debaixo do qual está o trono em que se põe o Santíssimo na custódia grande de prata dourada,*

25 MARTINS, 1991, p. 23.
26 SANTA ANA, 1657,1, pp. 460 a 463).

que é de quase de altura de sete palmos e de estranho feitio. O trono sobre que está a custódia do Senhor é todo de degraus de pau preto, a que chamam pau santo, todo guarnecido de vários lavores de bronze dourado que fazem o trono não só lustroso, mas majestoso, com suas varandas de grades também bronzeadas de ouro. Faz sair mais a formosura deste trono os muitos ramalhetes de sedas e de boninas e os muitos lumes que se orna em castiçais e piveteiros de prata e sempre os lumes das velas, círios e tochas de cera fina passam de duzentos e quarenta, que de contínuo estão ardendo com ricas caçoilas de prata em que se recendem perfumes e a maior destas caçoilas, que fica na capela-mor, lança de si tão grande fragância de cheiro que abrange toda a igreja até à porta e quem entra por ela recebe uma tal suavidade de cheiro que parece do céu[27].

A exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento, na Quinta-Feira Santa ou de *Endoenças*, era realizada em equipamentos amovíveis, vulgarmente conhecidos por *sepulcros*, que se montavam e desmontavam em cada Quaresma, como ocorria, por exemplo, na capela da Universidade de Coimbra, tendo sido pago em 1610 a José Simões, mestre das obras desta instituição, *7$000 réis que tem de ordenado por contrato em cada ano de armar o sepulcro e essa*[28] e no mosteiro de Santa Cruz, na mesma cidade, sendo este último *de pau preto bronzeado e dourado que serve nas Endoenças e nos dias das Quarenta Horas*[29].



Coimbra. Igreja de Santa Cruz.
Trono do retábulo-mor.
Foto Nelson Correia Borges.

Para evitar a constante montagem e desmontagem e a consequente deterioração dos mesmos, surge como solução especificamente portuguesa colocar os sepulcros ou tronos, de forma permanente, no interior de um espaço que passou a existir na parte central dos retábulos, isto é, nos camarins ou tribunas,

27 N. SANTA MARIA, 1668, Lº VII, p. 87.
28 M. ALMEIDA, 1970, p. 89.
29 N. SANTA MARIA, 1668, Lº VII, p. 98.

como se verifica no retábulo da igreja monástica de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. anterior).

Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. Exemplo desta última solução encontra-se no retábulo-mor da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra, em que a tela que encobre a boca da tribuna ostenta a seguinte legenda: *Pascoal Parente pinxit 1779*.

As exposições do Santíssimo Sacramento eram promovidas nas igrejas matrizes ou paroquiais pelas confrarias ou irmandades do Santíssimo, existentes em quase todas as paróquias. Como veremos depois, estas agremiações eram compostas predominantemente pelos moradores de maior prestígio em cada freguesia.

Nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era providenciado pelos responsáveis de cada comunidade religiosa, realizando-se estes exercícios espirituais na maioria das situações na capela-mor, podendo também ocorrer nos coros dos cenóbios femininos, nomeadamente de religiosas clarissas, onde havia um expositor em lugar elevado, bem visível do cadeiral, como se verifica no extinto convento de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra.

Algumas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo Sacramento, tendo para isso mandado construir retábulos adequados. As entidades que, com maior frequência, solicitaram esse pedido foram as ordens terceiras de São Francisco e as irmandades da Misericórdia. Algumas confrarias com maior adesão dos fiéis ou então de grande prestígio, também conseguiam esse privilégio, como ocorria regularmente na real capela do Arcanjo São Miguel da Universidade de Coimbra. Noutros tem-



Coimbra.
Igreja conventual de Santo António dos Olivais.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Igreja conventual de Santa Clara-a-Nova.
Coro-alto.
Fonte SIPA 545836.

plos esta autorização só era concedida de forma pontual, como ocorria *nos três dias do Espírito Santo quando há Jubileu das Quarenta Horas na capela de Nossa Senhora das Ermidas*, na freguesia de São Paio de Farinha Podre – Penacova[30].

O aparecimento dos camarins ou tribunas levou a que alguns retábulos pré-existentes se adaptassem a esta nova necessidade e consequentemente passaram a incorporar um camarim no tramo central. Foi o que sucedeu, em 1692, na capela da Universidade de Coimbra, ocasião em que foi paga *a tribuna que de novo se fez na dita capela, como também a casa entalhada da mesma tribuna e trono dela*[31] (ver p. 215) e, em 1765, no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Aveiro[32] (ver p. 230).

Assistimos, no entanto, à continuação do uso de tronos portáteis ou amovíveis, que se montavam e desmontavam periodicamente, com maior frequência na Quaresma, como aconteceu em diversos templos:

-A 20 de agosto de 1692, o mestre pintor e dourador portuense Pascoal de Sousa ajusta, entre outras obras, o douramento do *sepulcro* da Semana Santa da igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[33].

-Em 1720, o pintor Manuel da Silva recebe *50$000 réis pela pintura do sepulcro* da igreja da sé, em Coimbra[34].

-Na igreja da Misericórdia, em Aveiro, na reunião dos mesários ocorrida a 14 de abril de 1765 é declarado *que o sepulcro que se armava para a função da Semana Santa estava velho e na armação e desarmação se fazia despesa considerável e por ocasião de se armar e desarmar faltavam*

30 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 131.
31 M. ALMEIDA, 1970, p.327.
32 ABRANTES, 2004, p. 231.
33 BRANDÃO, 1984, pp. 750 a 752.
34 GARCIA, 1923, p. 250.

nele várias peças e estavam outras quebradas[35].

-A 20 de março de 1784, são pagos 18$000 réis ao mestre pintor António Simões por ter executado a pintura *do novo trono portátil da real capela da Universidade de Coimbra*[36].

Relicários

Entre as novas diretrizes do Concílio de Trento destaca-se o culto das relíquias, como se verifica na bula *Iniunctum nobis*, decretada pelo papa Pio IV, em 1564: *Sustento com constância que existe o Purgatório e que as almas aí prisioneiras são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e que igualmente os Santos, que reinem com Cristo, devem ser venerados e invocados e que eles oferecem orações a Deus por nós e que* ***as suas relíquias devem ser veneradas***[37].



Coimbra. Convento de Santa Clara-a-Nova. Sacrário-relicário. Foto Pedro Melo Tavares.

Atendendo a que a aquisição de relíquias era muito dispendiosa, só algumas elites, designadamente membros da nobreza e altos dignitários religiosos, as podiam obter. A título de exemplo, mencionamos a que é referenciada, em 1758, no retábulo-mor da igreja matriz de Penela: *neste mesmo altar está depositada a relíquia de São Sebastião que doou a esta igreja no ano de 1438 o senhor infante D. Pedro, filho do rei D. João, sendo duque de Coimbra e senhor desta vila*[38].

Deste modo, alguns retábulos, quase sempre situados em igrejas de maior relevância e prestígio, passaram a acolher as sagradas relíquias[39], permitindo que os fiéis as pudessem venerar e ver em ocasiões especiais daí resultando grandes benefícios. Vejamos dois exemplos dessa veneração. Um é descrito em 1747

35 ABRANTES, 2004, p. 231.
36 CRAVEIR0, 1990, p. 64.
37 O. RODRIGUES, 2010, p. 67.
38 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 778.
39 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016.

pelo padre Luís Cardoso: em Aveiro, na igreja matriz de São Miguel, *o altar de São Sebastião, com uma relíquia do mesmo Santo, a qual não se tira do altar senão no seu dia, acompanhado do povo, nobreza e Câmara em solene procissão a uma ermida da mesma invocação* (...) *guarda-se como precioso tesouro em seu cofre com três chaves* (...) *é relíquia prodigiosa, pela qual tem Deus obrado muitos milagres* (...) *com a sua vinda parou o mal contagioso*[40]. O outro é referenciado nas Memórias Paroquiais de 1758, na catedral de Coimbra: *tem mais na sacristia um altar da Senhora da Piedade e um rico santuário com muitas e venerandas relíquias de muitos santos entre as quais se conserva uma âmbula de cristal e o sangue do martírio de São Sebastião*[41].



Oliveira do Hospital. Convento do Desagravo.
Retábulo relicário, atualmente no mosteiro do Louriçal.
Foto José João Loureiro.

Em relação aos locais específicos onde se colocavam as relíquias nos retábulos deparamos com diferentes situações:

-Inseridos em lóculos ou nichos existentes nas pilastras ou nas suas ilhargas.

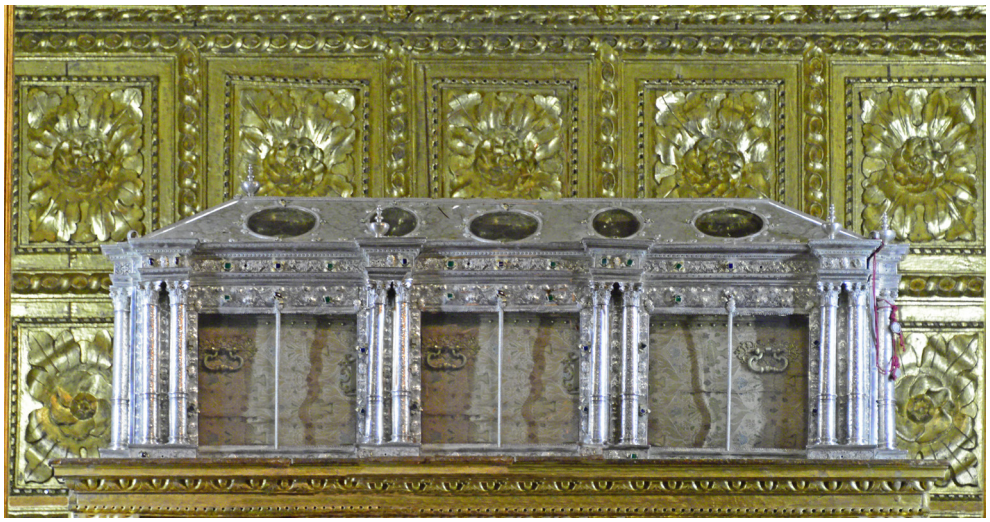
-No interior de relicários de madeira ou de prata, com a forma de bustos, braços, custódias, etc., expostos nas ilhargas da composição retabular, como se vê num retábulo do transepto da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé nova, em Coimbra (ver p. 238).

-No interior de sacrários, por exemplo a relíquia de São Sebastião, atrás mencionada, existente na igreja matriz de Aveiro encontrava-se *como precioso tesouro em seu cofre com três chaves, das quais uma tem o pároco, outra o Juiz de Fora e outra o Procurador da vila*[42] ou então o que é referido nas Memórias paroquiais de 1758 na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, na Gesteira – Montemor-o-Velho: *está uma relí-*

40 CARDOSO, 1747, p. 680.
41 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 276.
42 CARDOSO, 1747, p. 680.

quia que é um pedaço do casco da cabeça, que é tradição imemorial destes povos, ser de Santo Isidoro, o qual está oculto em um cofre pequeno, feito de primorosa escultura dourada e tem obrado muitas maravilhas por virtude desta relíquia em todos os que padecem alguma queixa da cabeça e não se tira o cofre, de onde está oculto, sem tochas acesas, por determinação do excelentíssimo Ordinário deste bispado [43].

-No interior de arcas tumulares colocadas, quer no registo superior do embasamento, como ocorre no retábulo da capela de Santo Teotónio, no extinto mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, quer no camarim, por exemplo no da capela-mor da igreja conventual de Santa Clara-a-Nova, onde se encontra o corpo da rainha Santa Isabel e no da infanta Santa Teresa, na igreja do extinto mosteiro do Lorvão (ver p. 275).



Coimbra. Igreja conventual de Santa Clara-a-Nova. Arca tumular com o corpo da rainha Santa Isabel. Foto Pedro Melo Tavares.

Pouco frequente foram as capelas-relicários, mencionando-se como exemplos as de dois extintos mosteiros, uma no de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 138) e a outra do Santíssimo Sacramento, no Louriçal (ver p. 260).

Excecionalmente os relicários encontravam-se noutros luga-

43 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 231 e 232.

res. Testemunho de grande relevância é a arca tumular de mármores, com embutidos policromes, *da sereníssima princesa* (...) *a bem-aventurada Santa Joana, filha del Rei D. Afonso V* (...) *estão as suas relíquias no coro baixo*[44] do extinto mosteiro de Jesus, atual Museu Santa Joana, em Aveiro.



Aveiro. Museu de Santa Joana.
Arca tumular com o corpo da infanta Santa Joana.
Foto Manuel Botelho.

44 CARDOSO, 1747, p. 683.

Iconografia

O caráter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior administração.

A própria estrutura arquitetónica usada na composição dos retábulos e os respetivos campos decorativos dignificam e nobilitam os conteúdos iconográficos que se pretendem proporcionar aos fiéis, registando-se para cada época uma intencionalidade específica.



Vila Cova de Alva (Arganil).
Igreja conventual de Santo António.
Pormenor de um retábulo lateral.
Foto SIPA 744637.

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os mais importantes localizam-se no retábulo principal, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes altares. Por sua vez, no mesmo retábulo os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, a saber no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos símbolos eucarísticos (cachos de uvas, fénix, etc.), figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), animais diversos, personagens com expressões particulares e adereços locais, mascarões, etc.



Coimbra. Igreja do Carmo.
Pormenor de um retábulo do transepto.
Foto Nuno Saldanha.

Em relação às divisas das entidades promotoras da execução e posterior gestão dos retábulos, verificamos



Coimbra. Igreja conventual de Santa Clara-a-Nova. Pormenor do retábulo de São Pedro. Foto Nuno Saldanha.

que em certos espécimes houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, por norma em locais bem visíveis, designadamente, no ático ou remate da composição retabular, na cobertura da nave, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das Ordens religiosas, dos bispos, as armas reais portuguesas, etc. A título de exemplo destacamos as insígnias dos jesuítas no retábulo-mor da igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, atual sé nova, em Coimbra (ver p. 239), dos carmelitas num retábulo da cabeceira do extinto colégio do Carmo, em Coimbra (ver p. 270), o brasão do bispo D. Jorge de Almeida, no retábulo-mor da sé velha (ver p. 201), uma tiara num retábulo lateral, da invocação de São Pedro, na igreja conventual de Santa Clara-a-Nova, nesta mesma cidade, etc.

É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, enumerando-se, de seguida, os temas mais frequentes.

Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística. Como elementos fundamentais destacamos o sacrário, por vezes, de grandes dimensões e os tronos escalonados, na maioria dos casos, colocados no interior dos camarins ou tribunas, onde se exibia uma custódia ou uma urna, aquando da exposição do Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas ou *lumes* que se acendiam nos *lausperene*.

Nas restantes ocasiões, a boca da tribuna podia estar preenchida com cortinas de tecido ou com uma tela pintada, como já referimos.

Com alguma frequência são usadas representações de ostensórios envolvidos por resplendores ou cálices sobrepostos com uma hóstia, quer em determinados elementos do retábulo, quer noutros espaços anexos, designadamente no teto da capela, no frontispício do arco de entrada, etc.

Cristíferos

O tema mais recorrente é o Senhor Crucificado, sendo comum encontrar outras representações ligadas à Paixão, com maior frequência nos retábulos narrativos ou didáticos. Em certos retábulos é possível colocar no interior da mesa do altar a representação escultórica do Senhor Morto.

Como testemunhos de retábulos cristíferos indicamos o da capela-mor do santuário do Senhor da Serra, em Miranda do Corvo (ver p. 279), o da *ermida, com a invocação do Senhor das Barrocas, outros lhe chamam do Senhor de Aveiro, outros o Senhor da Boa Passagem e outros o Senhor dos Milagres*[45] (ver p. 252) e o da Deposição de Cristo no túmulo, na igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra.



Coimbra. Convento de Santo António dos Olivais. Retábulo da Deposição de Cristo. Foto Nuno Saldanha.

45 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 417.

Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, sendo possível encontrar no mesmo templo mais do que uma capela dedicada a Nossa Senhora, como se verifica no *Santuário Mariano*, quando se refere à igreja paroquial de Penacova: *é formoso templo e todo ele se pode chamar palácio e casa de Nossa Senhora porque havendo nela nove capelas, sete são dedicadas à mesma Senhora, debaixo de vários títulos e invocações. Porque a capela-mor é dedicada à sua Assunção* (...) *a segunda ao Mistério da Sua Encarnação* (...) *a terceira é dedicada a Nossa Senhora do Rosário* (...) *a quarta capela, que é grande, é dedicada a Nossa Senhora com o título da Graça* (...) *a quinta e última da parte do Evangelho é dedicada a Nossa Senhora com o título da Esperança* (...) *a sexta capela, que é a primeira da parte da Epístola é dedicada a Cristo Crucificado e como é capela do Filho Santíssimo também se pode dizer que é capela da mãe* (...) *a sétima é dedicada a Nossa Senhora do Desterro* (...) *a oitava capela é dedicada a Nossa Senhora da Piedade* (...) *a nona capela é dedicada ao celestial esposo de Maria Santíssima, o Divino Espírito Santo*[46].



Penacova. Igreja paroquial.
Pormenor de um etábulo lateral.
Foto SIPA 693280.

De entre as inúmeras invocações marianas, sobressaía nos meados do século XVIII Nossa Senhora do Rosário, seguido de Nossa Senhora da Conceição[47]. Nos retábulos narrativos é usual encontrar várias passagens da Natividade, desde a Anunciação até à Epifania, como ocorre nos altares-mor das igrejas do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra (ver p. 214) e da Misericórdia de Montemor-o-Velho (ver p. 212).

Entre os santuários marianos de maior devoção da região

46 A. SANTA MARIA, 1712, pp. 612 e 613.
47 CAPELA e MATOS, 2011, p. 101.

em estudo individualizamos dois, ambos referenciados por frei Agostinho de Santa Maria, nos princípios do século XVIII: o de Nossa Senhora da Piedade, nos arredores de Miranda do Corvo: *os quadros, as mortalhas e muitas outras memórias, os grandes círios das confrarias que se veem naquele santuário estão dando testemunho dos muitos milagres e maravilhas que esta misericordiosa Senhora tem obrado a favor dos seus devotos* [48] e o de Nossa Senhora da Conceição, em Vagos: *é muito grande o concurso e todos têm grande fé e devoção com aquela santíssima imagem Rainha dos Anjos pelos muitos e grandes milagres que obra Deus pela sua intercessão e assim se veem as paredes daquele santuário cobertas de mortalhas, de muitos de quadros, moletas, cabeças, pernas, braços, peitos e corações de cera e outros sinais que para perpétua memória dos benefícios lhes ofereceram os que os conseguiram* [49].

Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predominam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação, por ordem decrescente, São Sebastião, Santo António, São Pedro, São José, São João Baptista, São Brás, São Miguel, São Caetano e São Francisco[50].

Particularizamos alguns retábulos hagiográficos de grande relevância patrimonial: o da capela de São Pedro, na sé velha de Coimbra (ver p. 203), o de São Francisco, na igreja conventual de Santo António, em Vila Cova de Alva – Arganil e o de Santa Joana, na igreja monástica de Jesus, em Aveiro (ver p. 245).



Vila Cova de Alva.
Igreja conventual de Santo António.
Retábulo de São Francisco.
Foto Nuno Mata.

48 A. SANTA MARIA, 1712, pp. 487 a 494.
49 A. SANTA MARIA, 1712, p. 688
50 CAPELA e MATOS, 2011, p. 100.



Samuel (Soure). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Aldo Aveiro.



Lousã. Igreja da Misericórdia.
Retábulo das Almas, proveniente da igreja paroquial.
Foto SIPA 559622.

Almas do Purgatório[51]

Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580[52], surge a necessidade de exibir nos retábulos, designadamente nos que eram administrados pelas irmandades ou confrarias das Almas, painéis figurativos pintados ou em relevo escultórico, onde estão representadas, não só as entidades intercessoras, mas também as almas no Purgatório e, por vezes, no Inferno.

Entre as entidades intercessoras salientamos a Déesis ou representação de Cristo em Majestade, ladeado pela Virgem e por São João Baptista; a Santíssima Trindade, a Virgem Maria, São Francisco, São Domingos, o Senhor Crucificado, São Miguel Arcanjo e os anjos libertadores.

No Purgatório, as almas, quer do sexo masculino, quer do feminino e de todos os grupos sociais, incluindo reis, bispos e até papas, estão rodeadas por labaredas em meios corpos com as mãos postas em súplica e olhando para o céu.

Dos diversos retábulos das Almas remanescentes, individualizamos os das igrejas paroquiais de Samuel - Soure (ver p. 264), de Tentúgal (ver p. 63), de Talhadas – Sever do Vouga (ver p. 266) e o da igreja da Santa Casa da Misericórdia, na Lousã, este último proveniente da igreja paroquial desta localidade.

Outros temas

Entre outros temas, indicamos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, designadamente nos retábulos narrativos; ao Espírito Santo, à Santíssima Trindade, à Sagrada Família, à Adoração dos Reis e à Santa Cruz.

51 LAMEIRA, LOPES e del RIO JOÃO, 2021.
52 M. OLIVEIRA, 1992, p. 349.

Encomenda

À semelhança do que acontecia noutras regiões, assistimos a um contínuo envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda do mais importante dos equipamentos religiosos: os retábulos.

O clero secular

Destacamos em primeiro lugar o clero secular, que tinha a seu cargo os serviços mais elementares prestados à população (o batismo, a confissão, a comunhão, o crisma, o casamento, a extrema unção, o enterramento, etc.), ocupando, como tal, um papel muito importante o responsável de cada freguesia ou paróquia, ou seja, o prior, pároco ou vigário.

Até 1774, data da criação da diocese de Aveiro, *a autoridade do prelado conimbricense fazia-se sentir sobre mais de três centenas e meia de paróquias*[53] (...) *abrangia uma amplíssima área geográfica do litoral centro, com aproximadamente 7500 Km que se distribuíam pelos atuais distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu, ocupando quase integralmente a área dos dois primeiros distritos, abrangendo muito parcialmente a superfície dos distritos restantes*[54].

Ao pároco competia também a administração de todos os bens, edifícios e rendimentos da paróquia, atividades que partilhava com a Comissão Fabriqueira, eleita anualmente entre os fregueses mais competentes. Constatamos muitas vezes que em caso de incumprimento da entidade que deveria assumir os encargos pelo pagamento do retábulo-mor, o pároco solicitava ajuda às diferentes confrarias e irmandades sediadas nesse templo, assim como aplicava *fintas* ou derramas sobre os fregueses.



Retrato do bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco.
Foto Aviz2000.
URL: https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.en

53 No entanto, nas Memórias Paroquiais de 1758, são referidos pouco menos de quatrocentas freguesias, nove das quais na cidade de Coimbra (DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 2374 e 2375.

54 RODRIGUES e NETO, 2012, p. 37.



Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo da capela do Santíssimo.
Foto Miguel Cardoso.

Ao bispo e ao cabido competia o pagamento do retábulo da capela-mor da sé, como ocorreu em Coimbra, nos finais do século XV, princípios do XVI, durante o bispado de D. Jorge de Almeida (ver p. 201). Neste mesmo templo o bispo D. João Soares de Albergaria custeou em 1566 a feitura do retábulo da capela do Santíssimo e entre 1636 e 1638, em período de sede vacante, o cabido mandou fazer quatro retábulos laterais, dedicados a Santo António, Santa Úrsula, à rainha Santa (ver p. 185) e a São Sebastião.

O clero regular

No território em análise o maior número de casas religiosas (conventos, hospícios, colégios, seminários, mosteiros e recolhimentos) situava-se nos principais centros urbanos., sobressaindo, nos meados do século XVIII, a cidade de Coimbra, com vinte e seis[55], logo seguida de Aveiro, com sete[56].

Se os retábulos-mores, de maior aparato, das igrejas dos seus cenóbios contaram com o apoio financeiro dos detentores do padroado[57], nos exemplares menos grandiosos, quer para a igreja, quer para capela interiores, cada congregação financiava a totalidade das despesas.

Algumas Ordens religiosas assumiram também a obrigação

55 Convento de Santa Cruz, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho; mosteiro de Santa Maria, de monges de São Bernardo; convento de São Domingos; convento de São Francisco; convento de Santo António dos Olivais; convento de Santa Ana, de eremitas de Santo Agostinho; convento de Santa Clara, de freiras franciscanas; mosteiro de Celas, de religiosas bernardas; mosteiro de religiosas de São Bento; colégio de monges de São Bernardo; colégio de Nossa Senhora da Graça, dos eremitas de Santo Agostinho; colégio dos carmelitas descalços, de Nossa Senhora da Conceição; colégio dos religiosos Terceiros de São Francisco; colégio de São Tomás, de religiosos domínicos; colégio dos religiosos franciscanos da Província do Algarve; colégio da Pedreira, de religiosos capuchos da Província de Santo António; colégio dos religiosos da Santíssima Trindade; colégio dos militares das Ordens de Santiago e Avis; real colégio de São Pedro, real colégio de São Paulo; colégio dos Loios, de cónegos regulares de São João Evangelista; colégio de São Boaventura, dos religiosos franciscanos da província de Portugal; colégio dos religiosos de São Jerónimo; colégio da Companhia de Jesus; colégio dos cónegos de Santa Cruz; colégio dos carmelitas descalços; colégio dos religiosos da Ordem de Cristo; recolhimento das convertidas (CARDOSO, 1751, pp. 688 a 670).

56 Convento de Nossa Senhora da Misericórdia, de religiosos de São Domingos; de Santo António, de frades menores da província da Soledade; de carmelitas descalços, de Nossa Senhora do Carmo; de Jesus, de religiosas domínicas; da Madre de Deus, de Sá de religiosas da Terceira Ordem de São Francisco; de carmelitas descalças, de São João Evangelista; recolhimento de São Bernardino, de Terceiras de São Francisco (CARDOSO, 1747, pp. 682 a 688).

57 A título de exemplo mencionamos o retábulo-mor do convento de Santo António, em Aveiro, custeado em 1679 pelo conde de Vila Verde (BRANDÃO, 1984, p. 474).

de patrocinar o retábulo principal das igrejas das comendas que possuíam, como aconteceu no santuário de Nossa Senhora de Tocha – Cantanhede, em que *toda a despesa deste templo correu por conta do mosteiro de Santa Cruz*[58] (ver p. 23) e com o retábulo do Santíssimo da igreja paroquial de São Mateus, no Botão – Coimbra, custeado pelas religiosas laurbanenses[59].

Apesar de grande parte deste património retabular ter sido destruído na sequência da implantação do Liberalismo e da subsequente extinção das Ordens religiosas, remanescem ainda exemplares de grande valor patrimonial, designadamente o retábulo-mor da igreja monástica de São Marcos, nos arredores de Coimbra (ver p. 202), o da igreja do colégio do Carmo, de Coimbra (ver p. 214), o da igreja conventual de Serém – Águeda, atualmente na igreja paroquial de Trofa (ver p. 221) o de Santa Ana, em Coimbra, atualmente na igreja paroquial de Oiã – Oliveira do Bairro (ver p. 140), o do mosteiro de Jesus, em Aveiro (ver p. 247), o de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 259) e, por fim, o de Santa Teresa, em Coimbra (ver p. 281).



Botão (Coimbra). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 559496.

Instituições detentoras do padroado das freguesias

Conforme se constata nas Constituições do bispado de Coimbra *toda a fábrica, assim de cera para as missas, como ornamentos, retábulos, imagens da capela-mor e a edificação e reparação e concerto da mesma capela e tudo o que nela for necessário se deve pagar à custa dos frutos da Matriz, com a metade do arco cruzeiro e a outra metade do arco cruzeiro e todo o corpo da igreja se fará à custa dos fregueses* [60]. Para a região em estudo os detentores destes benefícios foram a Mitra,



Constituições Sinodais do bispado de Coimbra. 1591.
Foto Biblioteca Nacional.

58 A. SANTA MARIA, 1712, p. 406.
59 FERREIRA, 2006.
60 BANDEIRA, 1993, p. 322.



Pedrógão Grande. Igreja paroquial. Retábulo-mor, custeado pela Mesa Capitular da sé de Coimbra. Foto Nuno Saldanha.

o cabido, mosteiros e conventos, nomeadamente o do Lorvão e os de Santa Cruz e de Santa Clara, em Coimbra; a Universidade de Coimbra[61], colégios e colegiadas, Coroa e Casas Reais e alguns particulares (Duque de Cadaval e de Tentúgal, duque de Aveiro, duque de Lafões, conde de Pombeiro, conde de Atouguia, conde de Óbidos, marquês do Louriçal, etc.)[62].

Em determinados casos, o padroado era assumido por diferentes entidades, apontando-se como exemplo o que ocorria, em 1769, em São Tiago da Guarda – Ansião *na maior parte de freguesia são as religiosas* (do mosteiro do Lorvão) *senhoras de duas partes e a terceira a Mitra*[63].

Convém, no entanto, mencionar que a tribuna e o trono não eram custeados pelo padroeiro da freguesia, mas sim pelos seus fregueses ou moradores. Entre vários testemunhos referimos o que ocorreu, a 15 de março de 1719, aquando da escritura do ajuste do douramento do retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel de Poiares: *não entrava nesta obrigação o vão da tribuna, nem o trono em que o Arcanjo está,* (...) *que por ser uma parte da tribuna respeitava ao povo*[64].

Com alguma frequência, também se constata na documentação o incumprimento de alguns padroeiros no pagamento das despesas, quer com a capela-mor, quer com o retábulo principal, originando quase sempre uma atitude mais firme do Visitador.

De seguida, mencionamos alguns retábulos-mores de igrejas matrizes ou paroquiais e os respetivos donatários: Tentú-

61 BANDEIRA, 1993.
62 CAPELA e MATOS, 2011, p. 80.
63 RODRIGUES e NETO, 2012, p. 175.
64 M. ALMEIDA, 1971, p. 329.

gal – duque de Cadaval (ver p. 207); Esgueira – mosteiro do Lorvão; Oliveira do Bairro – duque de Lafões (ver p. 250); Santa Justa e Salvador, em Coimbra – Mitra (ver p. 90) e Avanca – mosteiro de Arouca (ver p. 277).

Confrarias ou irmandades e ordens terceiras

Os responsáveis de cada paróquia empenharam-se bastante no envolvimento de todos os fregueses (moradores numa freguesia), dos mais ricos aos mais pobres, em associações de caráter religioso, cuja sede tanto podia ser numa capela ou altar localizado no interior de um templo da responsabilidade do clero, secular ou regular, como num templo autónomo. Em 1751, só na cidade de Coimbra havia *vinte e seis confrarias e irmandades, das quais a mais antiga é a da Misericórdia, a mais moderna a do Salvador e a maior a de Santo António*[65]. Em Aveiro, nas *Memórias Paroquiais de 1758*, o pároco referencia catorze confrarias ou irmandades sediadas nas quatro igrejas paroquiais[66].

Pertencer, pelo menos, a uma irmandade era essencial para todos os membros de uma sociedade, pois permitia a sua integração nas diversas estruturas então existentes. Entre os benefícios destacavam-se as indulgências e as cerimónias fúnebres após a morte, como se verifica, por exemplo, na *Relação do estado da paróquia de São Tiago da Guarda – Ansião*, de 1769, é referido que a confraria das Almas *tem a obrigação de ir a casa do defunto e acompanhá-lo até à sepultura e rezar-lhe dez Padre Nossos e dez Ave-Marias e o mordomo ir com o guião e cera para arder enquanto se encomenda e o mesmo na igreja enquanto se não sepulta, a ceia é à custa da confraria, que também manda dizer pela alma de cada confrade duas*

Aveiro. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto Gabriel Pereira.



Aveiro. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.

65 CARDOSO, 1751, p. 672.
66 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 799 a 820.

missas. Manda a confraria dizer em todas as segundas-feiras do ano uma missa no seu próprio altar pelas almas dos seus confrades falecidos, no dia 5º do oitavário dos Santos um ofício de nove lições com missa cantada de que o pároco tem 750 réis e os padres cada um 200 réis por esmola do ofício e missa e no mesmo dia costuma haver sermão de que o pregador tem 1$200 réis e a quem diz as missas das segundas-feiras de esmola cada uma 80 réis[67].

As confrarias ou irmandades necessitavam de estatutos aprovados pelos responsáveis da diocese, recorrendo aos serviços de um capelão que era remunerado pelas tarefas realizadas. Se algumas eram da jurisdição eclesiástica, outras dependiam juridicamente da Coroa. Vejamos exemplos de ambas as situações. Em 1758, na igreja paroquial de Nossa Senhora do Ó, em Ançã – Cantanhede as confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário eram da *jurisdição eclesiástica*, mas as irmandades de Santo António, a do Senhor Jesus e a das Almas eram *da jurisdição real*[68].



Coimbra. Capela da Universidade.
Retábulo colateral, de Nossa Senhora da Luz.
Foto Ricardo Perna.

Cada uma destas associações, maioritariamente de leigos, definia nos seus estatutos as condições exigidas aos seus membros. Se algumas estavam restritas a uma determinada profissão (clérigos, militares, homens casados, estudantes, *pessoas da primeira nobreza*, etc.), outras integravam fiéis de diferentes grupos. Vejamos várias situações em diferentes localidades:

-Nos Estatutos da Universidade de Coimbra, de 1591, fica definido a existência da confraria de Nossa Senhora da Luz *dos lentes e estudantes*, cujo altar e retábulo ficam instalados na capela do Arcanjo São Miguel, junto ao arco triunfal, no lado do Evangelho.

-Em Coimbra, na ermida de Nossa Senhora da Esperança, em 1712, havia *uma nobre confraria em que entram os estudantes mais nobres*

67 RODRIGUES e NETO, 2012, pp. 178 e 179.
68 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 1 e 2.

da Universidade em número de duzentos[69].

-A irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Coimbra, em 1751, tinha *duzentos irmãos, cem nobres e cem plebeus e doze irmãos da Mesa, seis nobres e seis mecânicos*[70].

Cada confraria ou irmandade era administrada pelos mesários, escrutinados anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades mais abastados e de maior prestígio. Por exemplo, em 1697, quando a irmandade de São José, sita na igreja do colégio de Nossa Senhora da Graça, em Coimbra, ajusta a feitura do retábulo tinha como juiz Jacinto da Costa, cirurgião do hospital real[71]. Por sua vez, em 1712, na anteriormente mencionada confraria de Nossa Senhora da Esperança, em Coimbra, *é sempre juiz dela uma das pessoas mais ilustres da mesma Universidade*[72].

Algumas irmandades beneficiavam da proteção régia, nomeadamente as de instituições militares e as de apoio social, sobretudo as Misericórdias, etc., colocando-se em contrapartida as armas reais portuguesas em lugar visível, como se constata no retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Galizes - Oliveira do Hospital.



Galizes. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto SIPA 559675.

Em cada igreja matriz ou paroquial havia na generalidade várias irmandades, sendo duas obrigatórias: a do Santíssimo Sacramento[73], onde estavam inscritos os moradores de maior prestígio e de conduta exemplar e a das Almas do Purgatório, destinadas à restante população. Uma outra confraria teve grande popularidade na região em estudo, a de Nossa Senhora do Rosário. Convém, no entanto, destacar a do Santíssimo Sacramento que,

69 A. SANTA MARIA, 1712, p. 372.

70 CARDOSO, 1751, p. 688.

71 BRANDÃO, 1984, p. 849.

72 A. SANTA MARIA, 1712, p. 372.

73 A primeira confraria do Santíssimo foi aprovada pelo papa Paulo III em 1539, tendo vindo para o mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, três livrinhos das Constituições da Confraria do Santíssimo do mosteiro de Nossa Senhora de Minerva, em Roma (COSTA, 1989, p. 225).



Ega (Condeixa-a-Nova). Igreja paroquial.
Retábulo da capela do Santíssimo.
Foto Junta de Freguesia de Ega.



Aveiro. Igreja da ordem terceira de São Francisco.
Retábulo-mor.
Foto Turismo do Centro de Portugal.

em estreita colaboração com o pároco, administrava dois equipamentos litúrgicos fundamentais: o sacrário e o trono, que podiam estar na capela-mor ou então numa outra capela da cabeceira, dedicada ao Santíssimo Sacramento. Lembramos que era da exclusiva competência desta confraria, não só transportar os santos óleos e o Santíssimo Sacramento aos moribundos, mas também promover periodicamente os jubileus ou lausperenes.

Individualizamos os seguintes retábulos, de diferentes conjunturas artísticas, mandados executar por confrarias ou irmandades e ordens terceiras: o do Santíssimo, na sé velha de Coimbra (ver p. 211); o da Misericórdia de Tentúgal – Montemor-o-Velho (ver p. 213), o que foi ajustado, em 1654, pela confraria de Nossa das Neves, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, atual sé nova, em Coimbra; o da capela da ordem terceira de São Francisco, em Aveiro, o da ermida do Senhor das Barrocas, em Aveiro (ver p. 252), o da ermida de São Sebastião, em Góis e os retábulos da igreja da Misericórdia de Soure.

Instituidores particulares

Os instituidores particulares, independentemente do seu estatuto social, desempenharam um papel importante na encomenda de retábulos que refletissem o seu poder. Atendendo a que pertenciam a grupos privilegiados e como tal dispunham de largos recursos financeiros, recorriam aos artistas mais credenciados.

Nobres e clérigos afirmavam-se nas localidades da sua residência, designadamente na instituição de vínculos em capelas sediadas nos templos de maior prestígio ou nas suas próprias habitações, destinadas a servir de sepultura da sua família. Verificamos ainda a integração de algumas destas pessoas em determinadas irmandades, muitas vezes apoiando a feitura ou o douramento do retábulo dessa instituição. Por exemplo, em 1898,

o visconde de Ferreira Pinto custeou a construção da tribuna em talha para o altar-mor da igreja paroquial de Santo Silvestre, na Lousã[74] (ver p. 67).

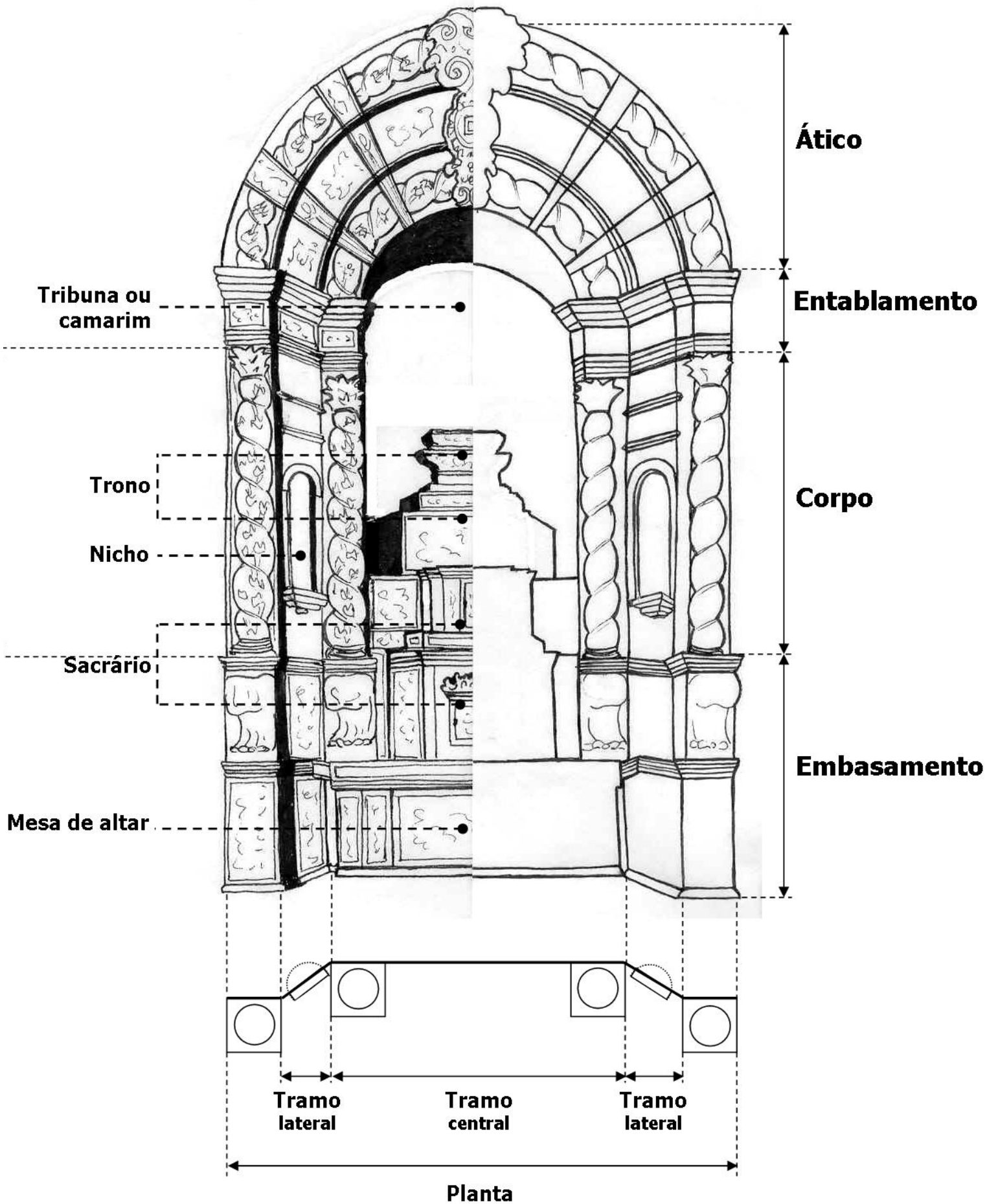
Vejamos alguns exemplos de retábulos instituídos por particulares: o da capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Oliveira do Hospital (ver p. 200); o de Nossa Senhora da Misericórdia, em Varziela (ver p. 204); o de Nossa Senhora da Misericórdia, na igreja conventual dos religiosos dominicanos, atual sé, em Aveiro (ver p. 35); o da capela do Tesoureiro, atualmente no Museu Machado de Castro (ver p. 209); o da capela de Nossa Senhora das Lezírias, em São Lourenço do Bairro – Anadia; o da capela da Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo (ver p. 235); o da capela instituída por Miguel Curado na igreja conventual do Carmo, em Figueiró dos Vinhos (ver p. 150) e o da capela do palácio dos marqueses de Pomares, na Quinta da Portela, em Coimbra.



São Lourenço do Bairro.
Ermida de Nossa Senhora das Lezírias.
Retábulo-mor.
Foto Município de Anadia.

74 M. SILVA, 2006.

Tipologias e modelos compositivos



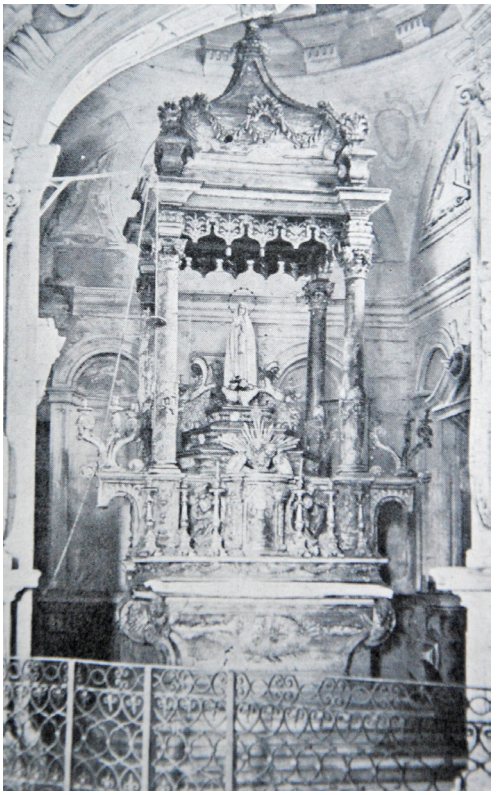
Desenho Susana Andrade.

A maior parte das tipologias morfológicas filia-se nos tratados italianos. Nos retábulos encostados à parede testeira de uma capela, a sua estruturação ou composição arquitetónica assenta na relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação várias soluções possíveis[75]. Houve, no entanto, determinados altares que se autonomizaram da parede, passando a ter duas ou mais faces e uma ou mais mesas de altar[76].

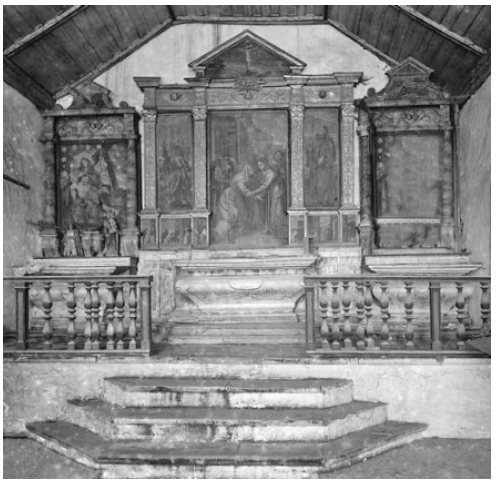
Verificamos também que algumas tipologias se restringiram ao mundo português, designadamente as que também preencheram espaços contíguos aos retábulos propriamente ditos[77].

Por sua vez, os modelos compositivos correspondem à organização dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípites, etc.); de haver ou não outros elementos relevantes na organização retabular, a saber, os camarins ou tribunas e dos mesmos serem delimitados por elementos arquitetónicos específicos. Se maioritariamente, cada um dos intercolúnios é ladeado por igual número de colunas ou de pilastras, dignos de destaque são os casos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados.

É conveniente ter em conta que muitos retábulos, apesar de se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos,



Pereira (Montemor-o-Velho). Igreja paroquial.
Retábulo da capela do Scramento.
Fonte CORREIA, 1952, Est. CXXI.



Louriçal (Pombal). Igreja da Misericórdia.
Retábulos da frontaria.
Foto SIPA 77823..

75 Nos retábulos abordados neste estudo constatamos as seguintes tipologias: corpo único e um só tramo, corpo único e dois tramos, corpo único e três tramos, corpo único e cinco tramos, dois corpos e um tramo, dois corpos e três tramos, dois corpos e cinco tramos e dois corpos e onze tramos.

76 Eram os chamados altares em ilha.

77 Foram três as soluções utilizadas: 1- A parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando, o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais. 2- Os dois retábulos colaterais ao arco triunfal estão unidos entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício da nave. 3- A utilização de um arco ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.

apresentam determinadas especificidades. Esta ocorrência deve-se não só à criatividade de artistas mais reputados, mas também à intervenção de algumas oficinas locais, um pouco desatualizadas e que respondiam às solicitações de clientelas menos esclarecidas. A título de exemplo mencionamos o retábulo colateral, do lado do Evangelho, da igreja paroquial do Salvador, em Coimbra, que se insere na tipologia de dois corpos e três tramos e que apresenta como especificidade o facto de as duas colunas que delimitam o tramo central do segundo corpo, não só estarem mais avançadas do que as pilastras da restante composição retabular, mas também por terem um pé-direito mais alto, que oculta parcialmente o entablamento e que serve de suporte ao frontão triangular do ático (ver p. 206). Por sua vez no retábulo da capela das Almas do Purgatório, na Areosa, freguesia de Aguada de Cima – Águeda nas ilhargas das duas colunas que delimitam o camarim há duas pilastras de reduzido pé-direito.



Aguada de Cima. Capela das Almas.
Retábulo-mor
Foto SIPA 942393.

Em número muito limitado são os retábulos que não se integram em qualquer tipologia, constituindo exemplares ímpares, como veremos adiante.

Atentemos às as diferentes tipologias identificadas e aos modelos compositivos empregues em cada uma delas.

Corpo único e um só tramo

Foi maioritariamente utilizada nos retábulos devocionais a um só tema, podendo o intercolúnio ser ladeado por duas colunas, uma de cada lado, por elementos arquitetónicos duplos ou mesmo triplos. São exemplos o retábulo da capela da Varziela – Cantanhede (ver p. 204), o colateral da igreja da Misericórdia, em Buarcos – Figueira da Foz (ver p. 216) e os colaterais da Misericórdia de Soure.



Soure. Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 559784.

A partir do Protobarroco (segundo e terceiro quartéis do século XVII), esta tipologia passa a ser usada também noutros retábulos, nomeadamente nos que tinham tribuna ou camarim central, quer o trono seja destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, quer acolha a representação escultórica do orago. A delimitar a tribuna podem existir múltiplos elementos arquitetónicos, conforme se verifica no retábulo-mor da igreja conventual de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, onde são empregues três colunas e duas pilastras de cada lado (ver p. 236).

É ainda possível alguns exemplares não possuírem qualquer estrutura arquitetónica, sendo constituídos por um único painel emoldurado, normalmente pintado, como se verifica nalguns retábulos laterais da igreja da sé velha, em Coimbra (ver p. 185).

Corpo único e dois tramos

Raramente foi usada esta tipologia. Os exemplares conhecidos datam do século XVI, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Na capela de São João Baptista– Penacova, encontra-se um retábulo que se integra neste grupo.



Penacova.
Capela de São João. Retábulo.
Foto SIPA 218981.

Corpo único e três tramos

A sua utilização generalizou-se a partir dos princípios de Seiscentos constituindo, em conjunto com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a opção de maior preferência da larga maioria da clientela.

Foi normalmente usada nos retábulos devocionais a três temas e nalguns retábulos eucarísticos e relicários, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.



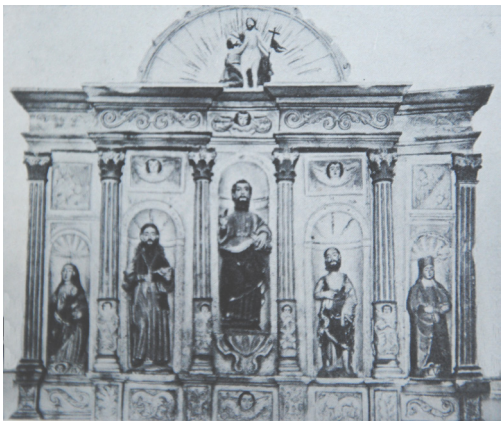
Góis. Igreja paroquial.
Retábulo de São José.
Foto Nuno Saldanha.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, os intercolúnios inserem-se quase sempre entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Como testemunhos apontamos dois retábulos da igreja paroquial de Santa Maria Maior, em Góis: o da capela-mor (ver p. 232) e o de São José.

Em menor número surgem diversas alternativas, nas quais varia o número de elementos arquitetónicos a delimitar cada um dos tramos. Por exemplo, no retábulo principal da igreja paroquial de Santa Eulália, em Aguada de Cima – Águeda, enquanto o tramo central se inscreve entre elementos arquitetónicos triplos, nas extremidades dos tramos laterais há somente uma coluna (ver p. 262).

Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca aceitação, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas pilastras ou duas colunas, uma de cada lado, conforme se constata, respetivamente, no retábulo-mor da sé velha de Coimbra (ver p. 201) e no da ermida de São Tomé, na Pocariça – Cantanhede.



Pocariça. Ermida de São Tomé.
Retábulo.
Fonte CORREIA, 1952, Est. LVII.

Dois corpos e um só tramo

À semelhança da tipologia anterior, teve também pouco acolhimento, resultando essencialmente da necessidade de ocupar espaços mais altos do que largos. Foi usada com mais frequência no século XVII, nomeadamente em retábulos colaterais ao arco triunfal, inscrevendo-se cada tramo, quer entre duas colunas, uma de cada lado; quer entre colunas duplas ou mesmo triplas. Sãos testemunhos os retábulos colaterais da igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, em Aveiro (ver p. 224).

Dois corpos e três tramos

Foi muito usual no século XVI, decaindo a sua utilização a

partir do século XVII com o aparecimento das *tribunas* ou camarins e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

Enquanto nos retábulos pétreos os intercolúnios são preenchidos por representações figurativas em relevo escultórico, nos de madeira predomina o recurso à pintura figurativa e gradualmente a nichos ocupados por imagens de vulto perfeito. Como testemunho indicamos o retábulo do Santíssimo na igreja paroquial de Santa Maria da Alcáçova, em Montemor-o-Velho.



Montemor-o-Velho. Igreja paroquial.
Retábulo do Santíssimo.
Foto 69joehawkins URL: . https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.en

Na maior parte das situações os tramos inscrevem-se entre duas colunas, sendo pontuais as soluções alternativas: por exemplo, no altar-mor da igreja da Misericórdia, em Montemor-o-Velho, o intercolúnio central é ladeado por colunas duplas, enquanto que só há uma coluna nas extremidades nos tramos laterais (ver p. 212); no retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, em Aveiro, o intercolúnio central é flanqueado por duas colunas, uma de cada lado, havendo colunas duplas nas extremidades dos tramos laterais (ver p. 20).

Dois corpos e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca recetividade, tendo sido utilizada sobretudo na segunda fase do Maneirismo, isto é, nos finais do século XVI e nos princípios do século XVII, numa conjuntura dominada pelo ensaio esporádico de diversas soluções compositivas. Na maioria dos casos, os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, como acontece no retábulo-mor da igreja do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra (ver p. 214) e no das Almas, na igreja paroquial de Tentúgal.



Tentúgal. Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto Paróquia de Tentúgal.

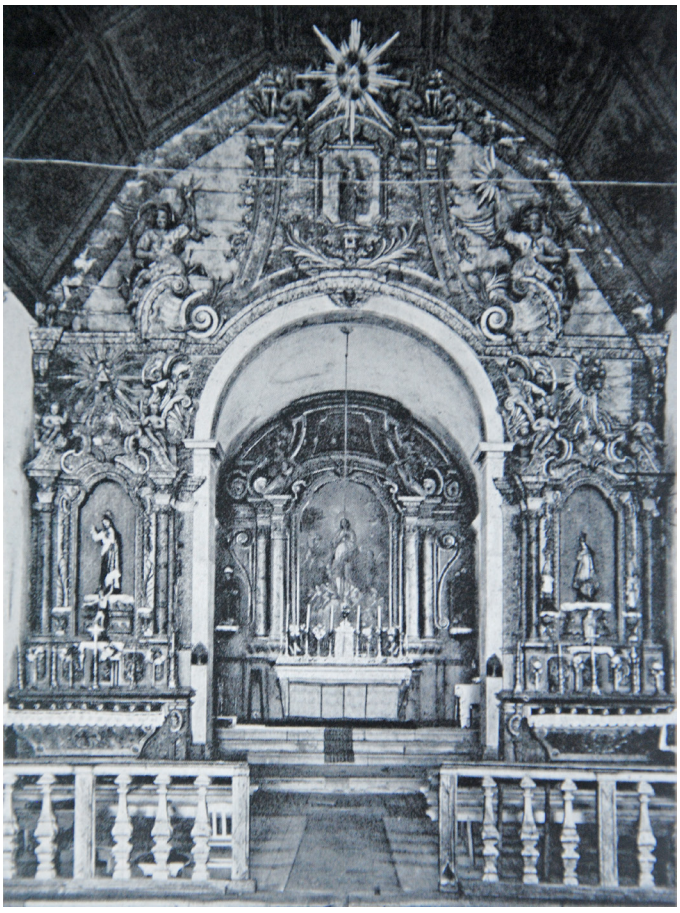
Dois corpos e onze tramos

À semelhança das tipologias anteriores, a sua utilização foi muito restrita. O exemplar que indicamos, o da capela do Santíssimo da igreja da sé velha, em Coimbra, que remonta à segunda metade de quinhentos, tem onze tramos no segundo corpo, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado (ver p. 211).

Retábulos triplos

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e circunscrita às igrejas das Misericórdias. Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira do presbitério, onde surgem três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos* (colaterais) *na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*. Na sua maioria, os intercolúnios inscrevem-se entre dois elementos arquitetónicos, como sucede em Tentúgal – Montemor-o-Velho (ver p. 213).

Lavos. Igreja paroquial.
Arco triunfal retabular.
Fonte CORREIA, 1952, Est. XCV.



Arcos triunfais retabulares

É composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício do corpo da igreja. A título de exemplo indicamos alguns exemplares de diferentes conjunturas artísticas, situados em igrejas paroquiais: a de São João Baptista, em Loure – Albergaria-a-Velha (ver p. 240); a de Santa Eulália, em Águeda (ver p. 255); a de Nossa Senhora da Conceição, em Lavos – Figueira da Foz e a de Nossa Senhora da Conceição, em Pióbão – Arganil.

Retábulos com *arco*

Tal como referimos antes, trata-se de uma tipologia bastante adotada. Foi usada em capelas ligeiramente reentradas, na generalidade em retábulos secundários, correspondendo o *arco*, termo muito frequente na documentação setecentista, a uma estrutura, na maioria das situações autónoma, que complementa o retábulo propriamente dito e se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. Para exemplificar apontamos o retábulo das Almas, na igreja paroquial de Castanheira do Vouga (ver p. 274).

Retábulos-tronos

Tipologia pouco comum, na qual o trono escalonado, de grandes dimensões, surge como o único equipamento assente na mesa do altar, ao contrário dos restantes retábulos em que o mesmo se localiza no interior do camarim ou da tribuna. O retábulo-mor da igreja paroquial de São Silvestre, na Lousã, que adiante abordaremos, testemunha esta realidade (ver p. 67).

Formato retangular

Foram muito frequentes na Idade Média e no século XVI, quer em exemplares fixos, quer portáteis ou amovíveis.

Na tipologia mais retardatária, de que somente subsistem exemplares pétreos, a representação em relevo escultórico do orago inscreve-se num painel retangular com uma simples moldura, conforme se verifica no retábulo da Coroação da Virgem, na igreja matriz de Cernache, como veremos adiante.

Como alternativa mais inovadora e predominante no século XV, o interior do emolduramento retangular divide-se em painéis verticais. Pontualmente, nos tramos laterais surgem dois painéis horizontais sobrepostos. Enquanto nos exemplares de madeira suportando pintura figurativa a óleo as referidas divisões

se restringem a modestos frisos dourados, nos de pedraria os diversos elementos figurativos inscrevem-se no interior de composições arquitetónicas, destacando-se como testemunhos de ambas as soluções o tríptico de São Simão, do antigo convento de Jesus, em Aveiro, atualmente no Museu de Santa Joana (ver p. 30) e o retábulo com cenas da Vida de Cristo, proveniente de uma igreja ou capela de Botão – Coimbra.



Botão (Coimbra).
Retábulo da vida de Cristo. Coleção particular.
Foto Pedro Dias.

Retábulos *em ilha*

Contrariamente à maioria dos retábulos, que se encontram encostados a uma parede, nesta tipologia autonomizam-se, podendo apresentar uma ou mais mesas de altar.

Apesar da designação *em ilha* se encontrar na documentação setecentista[78], o uso destes retábulos foi mais frequente na Idade Média, conhecendo-se duas situações distintas: os que estavam adossados às colunas e às pilastras que dividiam as naves e os que se localizavam *no meio da capela* (...) *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[79].

Na região em estudo subsistem exemplos de ambas as situações:

-O retábulo-mor do santuário de Nossa Senhora de Tocha – Cantanhede é descrito, em 1712, da seguinte maneira: *a fábrica da capela-mor, que é majestosa, é rotunda e sustenta-se sobre oito colunas; foi feita à imitação de uma que está no claustro do convento de Santa Cruz de Coimbra. No meio da capela está o altar-mor, sobre ele se levanta um trono de quatro faces e as mesmas faz o altar e assim de todas elas se vê a Senhora, que está colocada em uma charola de quatro colunas de talha*

78 Por exemplo, em 1710, o clérigo teatino Manuel Caetano de Sousa no seu manuscrito Peregrino Instruído, a respeito da localização do altar contrapõe duas hipóteses: encostado ao retábulo ou em ilha (GOMES, 2009, nota 127).

79 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.

dourada, de excelente obra[80] (ver p. 23).

-O retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santa Luzia, em Pomares – Arganil, apesar de lhe faltar a mesa do altar e do painel com a representação das Almas ter sido parcialmente remodelado em data posterior (ver p. 24).

-O retábulo da capela do Santíssimo da igreja paroquial de Pereira – Montemor-o-Velho copia com alguma fidelidade o baldaquino de São Pedro, em Roma, ainda que não seja possível circular à sua volta (ver p. 59).

-O retábulo-mor da igreja paroquial de São Silvestre, na Lousã, foi executado nos finais do século XIX. De formato hexagonal, é rematado por um trono piramidal em degraus sobre o qual assenta um baldaquino retangular.



Lousã. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Fernando Dias - VisitarPortugal.

Retábulos ímpares

Dos diversos exemplares recenseados, particularizamos o da capela-mor da igreja paroquial de Tentúgal – Montemor-o-Velho (ver p. 207), pois apresenta soluções compositivas diferenciadas, quer horizontal, quer verticalmente. O mais interessante é o tramo central, com embasamento duplo (mísulas no registo inferior e pedestais no superior), colunas com um pé-direito mais elevado do que as dos tramos laterais, quer no primeiro corpo, quer no segundo, interrompendo este último o ático dos restantes intercolúnios. De referir ainda o desigual número de tramos, sete no primeiro corpo e cinco no segundo.

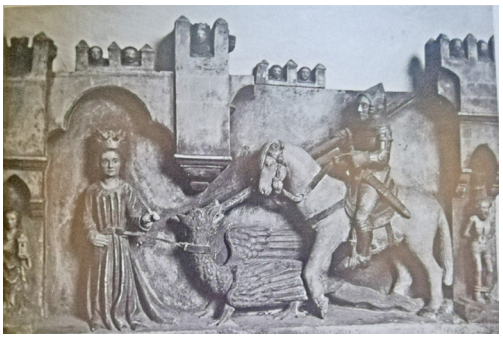


Tentúgal. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Julie Dawn Fox.

80 A. SANTA MARIA, 1712, p. 406.

Periodização

Se excetuarmos os períodos de longa extensão, vigentes na época medieval[81] e na Idade Contemporânea[82], verificamos que na Idade Moderna ou Antigo Regime existiram vários ciclos de média duração ou conjunturas artísticas, correspondendo *grosso modo* cada uma delas a uma geração (período de trinta a quarenta anos).



Eira Pedrinha (Condeixa-a-Velha).
Igreja paroquial. Retábulo de São Jorge. 1436.
Fonto Pedro Dias.

Uma análise minuciosa das fontes primárias subsistentes permite constatar que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, os diversos intervenientes, quer na encomenda, quer na execução, assumiam de forma consciente as inovações adotadas periodicamente na corte portuguesa pelos arquitetos régios (residentes maioritariamente na cidade de Lisboa) e procuravam na medida do possível seguir esse formulário.



Buçaco. Igreja conventual de Santa Cruz.
Retábulo colateral. Século XIX.
Foto José João Loureiro.

Algumas entidades mais esclarecidas e com maiores disponibilidades financeiras chegavam inclusivamente a mudar de retábulo ou a promover campanhas de atualização de alguns elementos do mesmo, em diferentes conjunturas, como ocorreu, por exemplo, na capela-mor na igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra: por volta de 1518, é executado um retábulo, certamente executado pelo mestre marceneiro João Alemão[83]; nos princípios do século XVII, o reputado mestre Gaspar Coelho e seu irmão Domingos Coelho substituem-no por um novo, atendendo a que o anterior *estava muito danificado*[84]; em 1648 é executado um novo exemplar, pelo mestre Francisco Gonçalves Pombo[85]; nos finais do século XVII, é muito provavelmente aberto um camarim com um trono destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento e,

81 Do século XII aos meados do século XV, apesar de ainda se fazerem alguns exemplares retardatários até meados de quinhentos.
82 Dos finais do século XVIII ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).
83 DIAS, 1983, p. 202.
84 N. SANTA MARIA, 1668, 2, p. 390; GARCIA, 1923, p. 207.
85 F. GONÇALVES, 1981, p. 342.

por fim, por volta de 1747, por encomenda do padre frei Gaspar da Encarnação é mandado executar o exemplar que ainda subsiste (ver p. 259), que tanta aceitação teve não só na diocese, mas também nas regiões vizinhas, como constataremos adiante.

A partir dos finais do século XV, princípios do XVI, cada nova conjuntura passou a ser denominada normalmente por *ao moderno*. Como exceções referimos o Renascimento e o Rococó em que predominavam respetivamente os termos *ao romano* e gosto *francês*.

Em contrapartida, quando se referiam aos retábulos de qualquer uma das conjunturas anteriores, designavam-nos por *ao antigo*.

Vejamos alguns testemunhos da aplicação destes termos:

-A 26 de junho de 1531, Francisco Lorete, francês, compromete-se com frei Brás de Barros, governador do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, *a fazer uma estante rica com seu pé oitavado e lavrado* ***de romano***[86].

-Em 1712, frei Agostinho de Santa Maria quando se refere à igreja matriz da vila de Mortágua diz que *o retábulo é* ***antigo*** *e se obrou no ano de 1571*[87]. Por sua vez quando descreve a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Penacova, indica *a tribuna da capela-mor, que é majestosa e obrada de excelente talha* ***moderna***[88].

-Nas *Memórias Paroquiais de 1758*, o pároco de Ílhavo retrata a capela-mor da igreja paroquial do Salvador do seguinte modo: *tem seu retábulo e tribuna de talha* ***à moderna*** *e de bom gosto que o reverendo prior atual manda*



Penacova. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Vitor Oliveira. URL: https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/deed.en.

86 GARCIA, 1923, p. 25.
87 A. SANTA MARIA, 1712, p. 628.
88 A. SANTA MARIA, 1712, p. 612.

pintar e dourar à sua custa[89].

-Na *Relação do estado da paróquia de São Tiago da Guarda* – Ansião, de 1769, o padre Diogo Mendes menciona a propósito da igreja paroquial: *o seu retábulo é de pedra com quatro colunas e no meio destas três peanhas, na do meio está a imagem de São Tiago, Apóstolo, na do lado direito a da Senhora da Graça e no lado esquerdo a do Divino Espírito Santo, todas de pedra, feito tudo* ***à moda antiga*** (...) *encostado à parede do arco está um retábulo colateral com seu retábulo de madeira, pintado, em que está colocado o Santíssimo Sacramento em um sacrário de madeira, feito* ***à moderna****, por fora pintado de pedra fingida*[90].

Enunciamos, de seguida, cada um dos doze períodos identificados, desde as origens até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965). Em certos casos aplicamos mais de uma designação, nomeadamente quando coexistem opções estéticas diferenciadas e em que nenhuma delas abrange a totalidade da realidade retabular então existente.

Primórdios

Os antipêndios ou frontais de altar tiveram grande acolhimento na Europa ocidental a partir do Renascimento Carolíngio, continuando a ser executados nos séculos XII e XIII. Em Portugal também existiram, restando somente algumas referências documentais. Entre outros exemplos mencionamos o que foi mandado executar para a sé, em Coimbra, pelo bispo D. Miguel Pais Salomão (1162 - 1176): *in alia tabula de ante altare daurata*[91] e os das capelas de São Pedro e de Santo Agostinho, na igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, para os quais *dei-*

89 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 105.
90 RODRIGUES e NETO, 2012, p. 176.
91 COSTA, 1983, pp. 42 e 59; AFONSO, 2010, p. 101.

xou el-rei D. Sancho I em seu testamento cem marcos de prata para se fazer um frontal de prata[92].

Eram maioritariamente em materiais preciosos, constituindo parte relevante do tesouro da igreja. Podiam também ser em madeira pintada, figurando quase sempre a representação de Cristo, dos Apóstolos, etc. Só começaram a ser de pedra, nos finais do século XI.

Românico

Na opinião de Jacques Bousquet, apesar de os primeiros retábulos surgirem no século XI, é a partir da centúria seguinte que se assiste à sua vulgarização[93]. A generalidade da clientela preferiu aqueles que eram executados em materiais preciosos, passando a ter maiores dimensões que os antipêndios ou frontais de altar da época anterior. Durante algum tempo coexistiu a tendência de se usar simultaneamente frontais e retábulos, persistindo o recurso aos materiais preciosos.

Apesar de não remanescer qualquer espécime deste período em Portugal, a sua existência é comprovada, também documentalmente, na mesma campanha de obras promovida pelo referido prelado de Coimbra: *in alia tabula de super altare daurata, historia annuntiationis Sancta Marie depicta*[94].

Gótico

Ainda que não sobreviva nenhum retábulo do século XIII, um dos que existia na sé, em Coimbra, *a 19 de julho de 1459* (...) *foi pesada toda a prata que saiu do retábulo velho e pesou por todo com*

92 N. SANTA MARIA, 1668, 7, p. 34.
93 BOUSQUET, 1982, pp. 218 e 219.
94 COSTA, 1983, pp. 42 e 59; AFONSO, 2010, p. 101.

a solda e sujidade vinte e seis marcos e seis onças (...) *e logo foi fundida toda aquela prata*[95]. Outros exemplares deste templo foram fundidos nos finais do século XV, ocasião em que o contador João Ruiz entrou à força no tesouro da catedral e confiscou uma série de peças tendo ordenado *despregar* (...) *os retábulos que no altar estavam e assim mesmo o crucifixo e a cruz e outros santos e Apóstolos que nos ditos retábulos estavam*[96].

Dos séculos XIV e XV, restam alguns exemplares, que se integram em duas tipologias, já referidas anteriormente: uma mais conservadora, composta por um só painel retangular emoldurado, preenchido com a figuração em relevo escultórico do orago, apontando-se como exemplo o pequeno retábulo de alabastro, importado de Inglaterra, representando a Coroação da Virgem, que se conserva na igreja paroquial de Cernache – Coimbra, associado ao fidalgo inglês Guilherme Arnau, a quem foi doada aquela localidade. Por sua vez, na tipologia mais inovadora, a representação do orago, também em relevo escultórico, encontra-se inscrita num enquadramento arquitetónico com arcos ogivais. São testemunhos o retábulo, de calcário, da capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Oliveira do Hospital, o único exemplar em Portugal que ainda permanece *in situ* (ver p. 200) e o do Corpo de Deus (ver p. 152), proveniente da ermida homónima, em Coimbra e que se encontra no Museu Nacional Machado de Castro.



Cernache. Igreja paroquial.
Coroação da Virgem.
Foto SIPA 98848.

Uma parte dos retábulos era portátil ou *movediços*, indepen-

95 GARCIA, 1923, p. 226.
96 COSTA, 1983, p. 49; AFONSO, 2010, p. 102.

dentemente de serem em prata, alabastro ou de madeira pintada e/ou em relevo escultórico, predominando os trípticos e os polípticos. Tanto podiam ser importados da Inglaterra, como da Flandres, passando gradualmente a ser executados em Portugal, em primeiro lugar por artistas estrangeiros aqui estabelecidos, depois por profissionais portugueses.

Tardogótico

Enquanto nos países europeus, os retábulos monumentais começam a ser usados sistematicamente a partir da segunda metade do século XV, em Portugal é no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521) que se vulgariza o seu uso, sendo assumidos como um importante equipamento arquitetónico e litúrgico, não só detentor de um discurso figurativo, mas também como representação alegórica do poder. Um dos mais interessantes retábulos do nosso país encontra-se na capela-mor da sé velha, em Coimbra, mandado executar pelo bispo D. Jorge de Almeida (ver p. 201).

Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Miguel Cardoso.



Na maior parte dos retábulos, é utilizada madeira de bordo, importada da Flandres ou então de castanho ou carvalho, de produção nacional.

Em determinadas situações, o interior dos templos é revestido por pintura mural figurativa, que apesar de não utilizar *ainda os elementos formais de um retábulo, no entanto as figuras estão organizadas num esquema retabular*[97].

Alguma clientela continuou a preferir os retábulos portáteis, na maioria dos casos, trípticos *com portas* ou volantes, quer



Ega (Condeixa-a-Nova). Igreja paroquial.
Retábulo fingido.
Foto SIPA 706482.

97 CAETANO, 2016, p. 354.

sejam importados da Flandres, quer de feitura nacional. Estes exemplares tanto podiam ser em pintura ou em relevo escultórico ou ainda o painel central em relevo escultórico e os volantes com pintura figurativa. Como testemunhos indicamos o tríptico de Santa Clara, proveniente da capela-mor da igreja conventual de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra e o de São Simão, do mosteiro



Coimbra. MNMC. Tríptico de Santa Clara, proveniente do extinto mosteiro de Santa Clara - a- Velha.
Fonte ROLIM, 2011, p. 66.

de Jesus, em Aveiro (ver p. 30), atualmente no Museu Municipal desta localidade, assim descrito pelo cronista dominicano frei Luís de Sousa: *porque só deste Apóstolo havia na igreja um retábulo e tão antigo*[98].

Na sua larga maioria, os retábulos desta fase são narrativos ou didáticos, apresentando ciclos historiados com representa-

98 SEABRA, 1995, p. 480.

ções figurativas, quer em pintura, quer em escultura. Em casos pontuais, tinham como principal função expor relicários, designadamente os dois, de pequena dimensão, que acolhiam as relíquias dos Mártires de Marrocos, outrora existentes nas paredes do topo do corpo da igreja monástica de Santa Cruz, em Coimbra[99].

De referir ainda que nos retábulos fixos, os elementos utilizados na estrutura arquitetónica, então designados por *lavrados de crasteria*, inserem-se no gótico tardio, ocupando um lugar de destaque o uso de contrafortes arquitetónicos, edículas rematadas por gabletes, dosséis filigranados, pináculos, etc.

Renascimento

Período que corresponde, *grosso modo*, ao reinado de D. João III (1521 - 1557). Enquanto na fase anterior se designavam as obras inovadoras pela expressão *ao moderno*, no Renascimento, por oposição estilística, prefere-se a expressão *ao romano* ou *ao modo antigo, romano*, denunciando *uma crescente consciência do valor exemplar do* "antigo"[100].

Em relação aos materiais utilizados, a maior parte da clientela preferiu a madeira de *bordo*, sendo raros os retábulos subsistentes[101].

Em menor número foi o recurso a materiais pétreos, nomeadamente pedra de Ançã, restando, no entanto, vários exemplares na área geográfica analizada. Individualizamos dois, o da capela-mor da igreja monástica de São Marcos, de religiosos jerónimos, nos arredores de Coimbra, *obra do insigne mestre Nicolau*,

99 CRAVEIRO, 2002, p. 64.

100 MOREIRA, 1995, p. 315.

101 O facto de serem em madeira, material perecível, facilitou a sua substituição em épocas posteriores, quer nas de maior intolerância religiosa e artística (segunda metade de Quinhentos), quer nas de grande prosperidade financeira (último quartel do século XVII e primeira metade do XVIII).

nas palavras do cronista[102] (ver p. 202) e o da capela da Varziela – Cantanhede (ver p. 204), da autoria do escultor francês João de Ruão, radicado na cidade de Coimbra[103].



Varziela (Cantanhede).
Capela da Quinta da Várzea.
Pormenor do retábulo.
Foto SIPA 94299.

Dando continuidade ao que ocorria em épocas anteriores, na sua larga maioria, os retábulos mantêm um caráter narrativo ou didático, independentemente de utilizarem pintura figurativa ou representações em relevo escultórico. Alguns exemplares eram devocionais a um só tema, sendo diminutos os que expunham relicários.

Em relação às tipologias formais, predominam, quer as que utilizam corpo único e três tramos, quer as de dois corpos e três tramos. De menor preferência foi a de corpo único e um só tramo.



Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo de São Pedro.
Foto Miguel Cardoso.

Tal como acontecia na conjuntura artística anterior, alguma clientela continuou a preferir os retábulos portáteis, nomeadamente trípticos *com portas* ou volantes, na sua generalidade com tábuas pintadas.

Enumeramos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos renascentistas:

-Predomínio da planta reta ou plana, registando-se, em certos exemplares, soluções mais dinâmicas, a saber, no referido retábulo do mosteiro de São Marcos, nos arredores de Coimbra (ver p. 202).

-São definidos os elementos compositivos que permanecerão, durante séculos, na grande maioria dos retábulos no Mundo Português, designadamente o embasamento, o(s) corpo(s) e o ático, estruturados em tramos através das ordens arquitetónicas.

-O tramo central é normalmente preenchido por um nicho com

102 DIAS, 2003, p. 101.

103 BORGES, 1980, pp. 39 e 40.

a representação escultórica do orago. Os restantes tramos são ocupados por ciclos figurativos de caráter religioso, na esmagadora maioria em pintura, sendo poucos em relevo escultórico.

-Os corpos e os tramos são delimitados por pilastras e/ou colunas, podendo estas últimas ser lisas, apresentar caneluras ou ainda a forma de balaústres, também designadas por *colunas monstruosas* (Diego de Sagredo).

-O vocabulário decorativo então vigente baseia-se em motivos inspirados na arquitetura greco-romana, tais como candelabros, mascarões, cartelas, medalhas, urnas, bucrânios, troféus, sátiros, vieiras, etc.



MNMC.
Pormenor do primitivo retábulo da Misericórdia.
Foto Gabriel Pereira.

Atitude anticlássica e decoro tridentino

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia, no final do reinado de D. João III, prolongando-se até ao domínio filipino. Os primeiros sinais de transgressão e rutura com o formulário de inspiração grego-romana surgem nos meados de Quinhentos.

Após a última sessão do Concílio de Trento, em dezembro de 1563, ganha aceitação junto de alguma clientela, quer da corte, quer de certos setores eclesiásticos, uma nova postura pautada pelo decoro e pela contenção, que assume como princípio: *nihil profanum, nihil inhonestum, nihil insolitum*. Esta atitude motivou a substituição de muitos retábulos medievais e renascentistas por outros mais atualizados.

Estas duas opções estéticas vão coexistir, dependendo da vontade e da cultura artística de cada cliente, prevalecendo na região em estudo a atitude anticlássica, associada à segunda fase da obra do reputado escultor francês, João de Ruão, com oficina aberta na cidade de Coimbra durante algumas décadas. Entre múltiplos exemplos indicamos um retábulo lateral na igreja pa-



Redinha (Pombal). Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 77758.

roquial da Redinha – Pombal.

Na continuidade da época anterior, o material a que mais se recorreu foi a pedra de Ancã - Cantanhede, de grande abundância.

Tal como acontecia no período antecedente, muitos retábulos têm um caráter narrativo ou didático, preponderando as tipologias de composição tripartida, quer com corpo único, quer com dois corpos, preenchidos na sua maioria por relevos escultóricos. Testemunhos de ambas as situações são o retábulo da Visitação, atualmente no Museu Nacional Machado de Castro (ver p. 199) e o da capela do Tesoureiro, da igreja monástica de são Domingos, em Coimbra (ver p. 209). Menos frequentes são os retábulos com corpo único e um só tramo, como o da capela da invocação da Senhora da Misericórdia, na igreja paroquial de Cantanhede.

Determinada clientela persistiu na encomenda de trípticos *com portas* ou volantes, maioritariamente com tábuas pintadas. Começaram, no entanto, a surgir as primeiras recomendações proibindo o uso dos retábulos portáteis.

Indicamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura artística:

-Predominam as plantas retas ou planas, verificando-se uma maior dinamização nalguns exemplares de pedraria, nomeadamente nos que se adaptam à estrutura arquitetónica da capela onde se localizam, conforme se verifica no imponente retábulo da capela do Santíssimo na igreja da sé velha, em Coimbra, com dois corpos e onze tramos (ver p. 211).

-O equilíbrio e as proporções renascentistas dão lugar, por vezes, a composições alongadas e esguias.

-Os elementos arquitetónicos são interpretados com alguma liberdade, tendendo mesmo a simplificar-se. Passam a



Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo da capela do Santíssimo.
Foto Miguel Cardoso.

preponderar as pilastras e as colunas estriadas, por vezes diferenciadas no terço inferior.

-Em relação aos ornatos, *as figuras fantásticas e contaminadas por vários mundos vão dando progressivamente lugar ao ornamento menos exótico e ordenado a um ritmo mais rígido. Motivos de frutos associados a ramos vegetalistas, ferroneries, máscaras ou cartelas várias com ou sem inscrições e extraídas sobretudo do universo da gravura de raiz flamenga preenche os campos decorativos da arquitetura*[104]. Por sua vez, nos retábulos mais sóbrios são usados poucos ornatos, designadamente elementos geométricos, vegetalistas, cabecinhas de serafins, etc...



Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo da capela do Santíssimo.
Foto Miguel Cardoso.

Prenúncios do Triunfalismo Católico

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621), assistindo-se a um estreitamento de relações artísticas com algumas cidades espanholas, nomeadamente Madrid[105]. À atitude anticlássica e de contenção e decoro sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580[106], tornou-se obrigatório celebrar missas, quantas mais melhor, para sufragar as almas dos que faleciam, podendo ser oficiadas em qualquer altar. Por conseguinte intensificou-se o número de retábulos, cada um deles restrito ao seu instituidor, seja coletivo

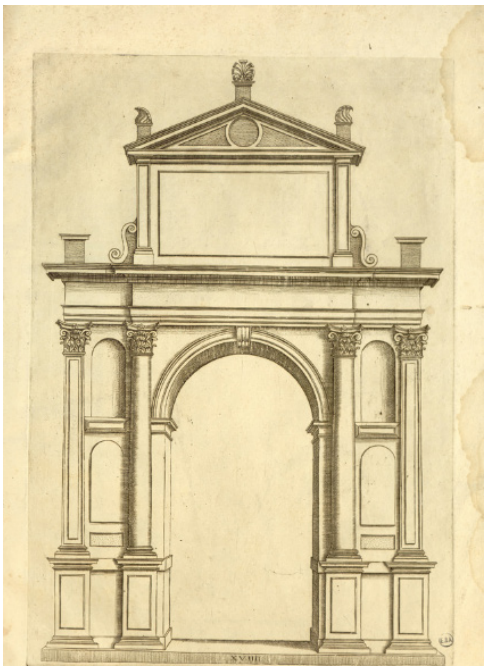


Tentúgal. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Paróquia de Tentúgal.

104 CRAVEIRO, 2002, p. 407.

105 A título de exemplo referimos que o projeto do retábulo-mor da capela da Universidade de Coimbra, só depois de ter sido aprovado em Madrid é que foi ajustado o seu entalhe, em 1610 (SMITH, 1962, pp. 38 e 47).

106 OLIVEIRA, 1992, p. 349.



Sérlio, *Libro Extraordinário*, IL. XVIII.

(casas religiosas, igrejas paroquiais, confrarias ou irmandades e ordens terceiras), seja individual, particularmente os membros das elites. Neste contexto, a obra de Sebastião Serlio serviu de referência a uma série de ensaios e experiências que, apesar de esporádicas e, em certos casos, divergentes, estão na origem de determinadas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.

De acordo com Rafael Moreira a expressão *ao moderno* reaparece nas últimas décadas do século XVI[107].

Com o declínio do recurso à pedra de Ançã[108], intensifica-se a utilização de madeira, complementada quase sempre por painéis de pintura figurativa.

Se na maioria dos retábulos prevalece o caráter narrativo ou didático, valorizam-se também os devocionais a um só tema, os relicários, etc.

Enumeramos, de seguida, algumas das características formais desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas. Em determinados espécimes é criada alguma dinamização ao colocar as colunas ou as pilastras do centro ou das extremidades ligeiramente salientes em relação aos restantes elementos arquitetónicos.

-Surge a tendência para preencher a totalidade do vão da capela onde o retábulo se insere, seja alto e estreito ou baixo e largo.

-A diversidade compositiva foi tão grande que se utilizaram diversas tipologias, algumas criadas nesta conjuntura e exclusivamente portuguesas, nomeadamente a dos retábulos triplos, apontando-se como exemplo os altares da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Tentúgal – Montemor-o-Velho (ver p. 213).



Coimbra. Mosteiro de Santa Cruz.
Retábulo de São Miguel.
Fonte CORREIA e GONÇALVES, 1947, Est. XVIII.

107 MOREIRA, 1995, p. 315.
108 SOROMENHO, 1995, p. 391.

-Emprego de elementos dissonantes: colunas parcialmente ocultadas por segmentos de frontão curvos, coexistência de painéis pintados de formatos diferenciados, frontões triangulares rematados por cartelas elípticas ou por painéis retangulares, círculos inscritos em retângulos, entablamentos interrompidos pelo remate dos nichos, etc.

-As ordens arquitetónicas preferidas são as clássicas, a saber, a jónica e a coríntia, predominando esta última. O fuste é parcial ou totalmente canelado, por vezes com o terço inferior decorado com diamantes e/ou óvulos, grinaldas de frutos, cabecinhas de serafins, etc. Assiste-se ao aparecimento de elementos mais dinâmicos, nomeadamente consolas ornadas de grinaldas. O entablamento é muitas vezes interrompido, verificando-se nalguns exemplares desrespeito na sobreposição das ordens arquitetónicas.

-Regista-se uma grande diversidade de soluções no ático, incluindo a que veio a ter grande sucesso nos séculos seguintes: a de acompanhar o fecho da abóbada da capela através de arquivoltas plenas e concêntricas, referindo-se como exemplos o retábulo-mor e os colaterais da igreja colegial do Carmo, em Coimbra (ver pp. 214 e 219).



Coimbra. Capela da Universidade. Pormenor do retábulo-mor. Foto Ricardo Perna.



Coimbra. Igreja do Carmo. Pormenor do retábulo-mor. Foto Nuno Saldanha.

-Constata-se uma grande valorização da escultura, tornando-se frequente a preferência por imagens de vulto perfeito, que pas-

sam a coexistir, em determinados exemplares, com os painéis de pintura figurativa. De referir que a pintura figurativa deixa gradualmente de ser aplicada sobre painéis de madeira e passa a usar-se sobre telas de cânhamo, possibilitando representações de grandes dimensões.

-O vocabulário decorativo preenche, não só os elementos arquitetónicos: pedestais, colunas, pilastras e entablamentos, mas também outros espaços disponíveis. Na maioria das situações mantêm-se os ornamentos inspirados nas gravuras ítalo-flamengas, como se verifica nos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Buarcos – Figueira da Foz (ver p. 216). Pontualmente surgem os primeiros ornatos vegetalistas de expressão naturalista, por exemplo no retábulo principal da capela da Universidade de Coimbra (ver p. 215).



Coimbra. Capela da Universidade.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Ricardo Perna.

Protobarroco

Período que principia por volta de 1620 e que se prolonga no segundo e terceiro quartéis do século XVII. O impacto da postura triunfalista da Igreja Católica acentua-se na península ibérica. A partir do reinado de D. Filipe III (1621 - 1640), evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Os diversos sinais de modernidade foram surgindo gradualmente. Um deles está relacionado com a preferência pelos retábulos devocionais a um só tema, com corpo único e um só tramo e que preenchem a totalidade do vão disponível, em substituição dos retábulos narrativos, com dois ou mais corpos e diversos tramos.



Aveiro. Igreja da sé.
Retábulo de Santa Joana.
Foto SIPA 1002028.

Outra das inovações tem a ver com a primazia dada às representações escultóricas, por vezes, inseridas em nichos e o consequente abandono dos painéis figurativos pintados. São testemunhos o retábulo de Santo Inácio, na igreja do extinto colégio, em Coimbra, atual sé nova (ver p. 222) e o de Santa Joana, na igreja conventual dos religiosos dominicanos, atual sé, em Aveiro (ver página anterior).

São Lourenço do Bairro.
Ermida de Nossa Senhora das Lezírias.
Pormenor do retábulo-mor
Foto Município de Anadia.



A terceira novidade diz respeito à utilização do entalhe em médio relevo, integralmente dourado, que preenche a totalidade do retábulo, incluindo os elementos arquitetónicos. Inicia-se então um longo período em que os retábulos ibéricos e das suas possessões ultramarinas adquirem um caráter próprio, diferenciado dos restantes países contrarreformistas.

A quarta inovação surge na sequência dos jubileus ou *lausperene*, que passam a realizar-se nas capelas-mores das igrejas matrizes ou paroquiais, das monástico-conventuais e dos templos administrados por confrarias ou irmandades e ordens terceiras de maior relevância. Se nalguns locais se manteve a tradição de montar e desmontar, anualmente, os tronos amovíveis, como já referimos anteriormente, noutros a parte central da composição retabular passa a incorporar a tribuna ou camarim, que acolhe no seu interior um trono escalonado. Aquando das exposições solenes do Santíssimo Sacramento, a tela pintada ou as cortinas que encobriam a boca da tribuna eram retiradas e no trono colocavam-se velas, no mínimo quarenta e no último degrau uma custódia ou uma urna. O exemplar mais antigo que identificámos é o da capela-mor da igreja conventual de Serém – Águeda, atualmente na igreja paroquial de Trofa (ver p. 221). Um outro equipamento relevante passou a ser o sacrário, por vezes monumental, o qual para além de acolher o Viático, permitia a exposição menos solene do Santíssimo.



Esgueira. Igreja paroquial. Sacrário.
Foto SIPA 1074204.

A maioria dos retábulos relicários passou a incorporar na sua



Coimbra. Sé Nova.
Retábulo de Santo António.
Foto Hélio Ramos.

composição diversos nichos ou lóculos destinados à exposição das relíquias, designadamente nos intercolúnios dos tramos laterais.

Relativamente aos materiais, foi preferida a madeira mais abundante em cada região. Pontualmente ainda se utilizou pedra de Ançã. Exemplos destas duas opções são, respetivamente, o retábulo de Nossa Senhora da Assunção, na igreja do colégio, atual sé nova, em Coimbra (ver p.228) e o da Visitação, na igreja paroquial da Esgueira – Aveiro (ver p.220).

Destacamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas, começando a ser usadas soluções mais dinâmicas, nomeadamente em perspetiva côncava.

-Entre os elementos arquitetónicos de maior aceitação mencionamos as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integramente revestido com ornatos vegetalistas. São ainda usados consolas e quartelões.

-O vocabulário decorativo adquire cada vez mais um caráter naturalista, onde prevalece a folhagem de acanto, em médio relevo, complementada por cabecinhas de serafins, flores e frutos diversos, etc.

Barroco Pleno

Período vulgarmente conhecido por Barroco Nacional. Corresponde *grosso modo* à época de D. Pedro II, primeiro como regente (1669 - 1683), depois como monarca (1683 - 1706). De realçar o ambiente de paz e de prosperidade decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do consequente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e com a descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais, no Brasil.

Atendendo à abundância de recursos então existente, os retábulos desta fase, predominantemente entalhados e dourados,

tiveram uma aceitação jamais ocorrida no Mundo Português, nem em épocas anteriores nem posteriores, encontrando-se exemplares não só nos principais centros urbanos, mas também em pequenas localidades rurais.

Em contrapartida, os mármores com embutidos policromos continuaram restritos às elites mais esclarecidas, normalmente associadas à corte e a clientelas de maiores recursos financeiros, apontando-se como testemunho de grande valor patrimonial o da capela privativa de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta de Vista Alegre, em Ílhavo (ver p.235).

A principal inovação foi o uso generalizado das colunas torsas com seis a sete espiras, integralmente revestidas com cachos de uvas, parras e fénix e, por vezes, meninos, designadas na documentação por *salomónicas, colubrinas ou retorcidas*[109], *de obra salomónica*[110], *todas revestidas de parra, com pássaros*. São ainda usadas pilastras revestidas de ornatos e pilastras compósitas ou quartelões, então designados por *quartelas*.

A segunda novidade verifica-se nos áticos. Nestes predomina o uso de arcos salomónicos (espiralados e com uma ornamentação idêntica ao fuste das colunas), plenos e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas e uma cartela central. Como alternativas menos frequentes referimos o uso de revestimentos integrais de folhagem ou então composições tripartidas, preenchidas em certos casos com um nicho ou uma edícula central, conforme se verifica no retábulo da capela privativa dos Pintos, na igreja paroquial de Mogofores – Anadia (ver p. 231).

Por fim, a terceira inovação está relacionada com a ornamentação em relevo escultórico, de caráter naturalista, sobressaindo a fo-



Coimbra. Sé nova.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Miguel Cardoso.

109 DICONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 117.
110 A. SANTA MARIA, 1712, p. 449.

lhagem de acanto ou de *cardo*. São ainda empregues flores diversas, frutos, etc.

Entre os exemplares pioneiros desta conjuntura mencionamos o da capela-mor da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Aveiro, construído por volta de 1679 (ver p. 56) e o da capela de São Francisco Xavier, na igreja do antigo colégio, atual sé nova, em Coimbra (ver p. 233).

Apresentamos, de seguida, as principais características dos retábulos desta fase:

-Predomínio de plantas dinâmicas, nomeadamente em perspetiva côncava.



Branca (Albergaria). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Portuguese_Eyes/Vitor Oliveira.

-Preferência por composições com corpo único e um ou três tramos.

-Os camarins ou tribunas deixam de estar associados aos retábulos eucarísticos e tendem a ser utilizados também nos retábulos relicários e nos devocionais a um ou mais temas.

-São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático.

-A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição. O entalhe crespo e relevado, em médio ou alto-relevo, é do agrado da maioria da clientela.

-O revestimento dourado é aplicado na totalidade do retábulo, complementado por alguma policromia no fundo dos ornatos, na carnação das figuras e no estofado das vestes.

-Assiste-se a uma tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas. De entre estas avultam a talha dourada, o azulejo figurativo azul e branco, a pintura de brutesco acântico, sendo menos frequente os mármores com embutidos, o estuque, etc. Nos exemplares em que mais se

investiu no envolvimento dos fiéis, assiste-se ao preenchimento total do espaço disponível, as chamadas obras de arte total, quer em capelas-mores ou laterais, quer na totalidade dos templos. A aplicação simultânea destas manifestações artísticas surgiu como uma solução exclusivamente portuguesa, compensando a manutenção de soluções planimétricas retardatárias que, na maioria das situações, se manteve alheia às inovações da arquitetura barroca italiana.



Semide. Igreja conventual.
Remate do retábulo-mor.
Foto Município de Miranda do Corvo.

Barroco Final

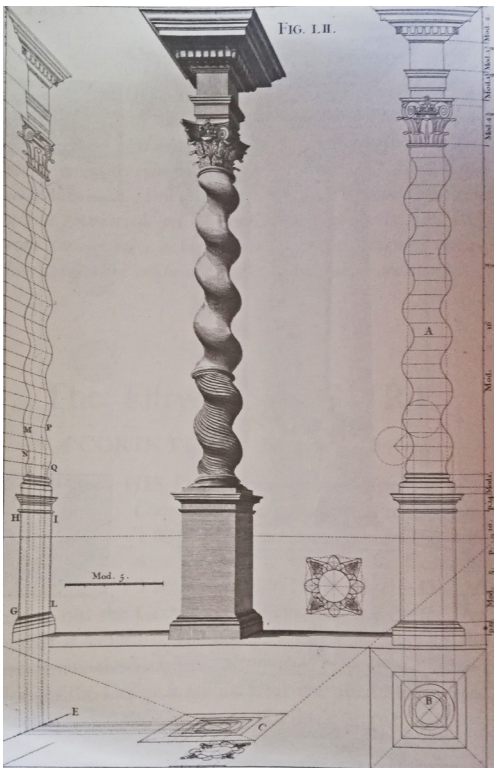
Período de ostentação e de esplendor, que corresponde *grosso modo* ao reinado de D. João V (1706 - 1750), daqui resultando ser vulgarmente conhecido por Barroco Joanino. A partir de 1713, com o fim da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, inicia-se um período de paz e de grande prosperidade, impulsionado pelo ouro e pelos diamantes provenientes do Brasil. O monarca português estabeleceu uma estreita e deliberada aproximação ao ambiente litúrgico vivido na corte papal, em Roma. Simultaneamente adquire ao gravador Pierre Mariette todas as gravuras publicadas nesse país nos últimos trinta anos.

As elites mais próximas da corte preferiam os retábulos *à romana*, isto é, de pedraria policroma, que tomavam por modelo os exemplares que se construíam em Roma. Apresentam corpo único e um só tramo, inserindo-se o intercolúnio entre duas colunas, uma de cada lado, como ocorre nos espécimes da igreja conventual do Santíssimo Sa-



Torreira (Murtosa). Capela de São Paio.
Retábulo lateral.
Foto Ana Carvalhal Cunha.

Andrea Pozzo. Perspectiva Pictorum et architectorum. Fig. LII. Coluna torsa.





Aveiro. Igreja do Senhor das Barrocas. Pormenor do retábulo-mor. Foto Pedro Ventura.

cramento, no Louriçal – Pombal (ver p. 254). Por sua vez a maioria da clientela prefere os retábulos de madeira predominantemente entalhada, dourada e policromada, de caráter faustoso e cenográfico.

Entre os exemplares pioneiros desta conjuntura mencionamos o da capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Arrifana – Vila Nova de Poiares (ver p. 135) e o da capela dos reitores na Universidade de Coimbra (ver p. 246).

Apresentamos, de seguida, as principais características formais dos retábulos desta conjuntura artística, nomeadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser cada vez mais dinâmicas, maioritariamente em perspetiva côncava, passando a usar-se também a perspetiva convexa.

-Em relação às ordens arquitetónicas é possível diferenciar duas fases, na primeira as colunas são muito idênticas às da fase anterior, apresentando como inovação o facto de as espiras do fuste serem integralmente revestidas por ornatos vegetalistas e flores diversas. Como alternativa pontual referimos as colunas não espiraladas, empregues por alguns entalhadores portuenses, quer com o fuste diferenciado no terço inferior, quer revestido por caneluras envolvidas por espirais de ornatos vegetalistas, encontrando-se os melhores exemplos na igreja monástica de Jesus, em Aveiro (ver p. 245 e 247) e na igreja do extinto colégio das Artes, em Coimbra (ver p. 251). A partir de 1727, por influência do tratado *Perspectiva Pictorum et Architectorum* do padre jesuíta Andrea Pozzo, generaliza-se a utilização de colunas torsas com o terço inferior diferenciado, sendo a restante parte da garganta do fuste percorrida por uma grinalda de flores, conforme se verifica no retábulo de Nossa Senhora das Neves, na igreja do extinto colégio, atual sé nova, em Coimbra (ver p. 256) e na ermida do Senhor das Barrocas, em Aveiro (ver p. 252). São ainda aplicadas

inúmeras variantes das colunas pozzescas.

-A *frons scenae* deixa de estar no interior do camarim e passa para a face do retábulo. Consequentemente, são empregues dosséis com sanefas, alguns com cortinas repuxadas por meninos ou anjinhos, quer no remate do camarim ou do nicho central, quer nas ilhargas ou nos tramos laterais. Na documentação da época são frequentes as seguintes expressões: *nichos com cúpulas ao moderno, com suas cortinas, de madeira*; *nichos em forma de pavilhão*, *pavilhões*, *cortinas com dossel*, etc. Um interessante testemunho é o retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra (ver p. 249).

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental. Em certos exemplares surge como o principal elemento inovador. Para além dos dosséis são empregues segmentos de frontão curvos, alguns sustentando figuras de anjos em alto-relevo; volutas, festões, elementos vegetalistas, etc.

-Elementos figurativos em alto-relevo (atlantes, meninos hercúleos, anjos, querubins, serafins, meninos, etc.) são usados com frequência, não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas, chegando por vezes a substituí-las, conforme se verifica no baldaquino de talha dourada que preenche o camarim do retábulo-mor da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Vista Alegre, em Ílhavo, obra do reputado escultor francês Claude de Laprade (ver p. 235) e nos retábulos colaterais da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra.

-A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto, médio ou pequeno relevo ou *baixinha*) e a invadir todos os espaços disponíveis.

-O vocabulário decorativo apresenta duas facetas diferentes:

Coimbra.
Igreja conventual de Santo António dos Olivais.
Retábulo colateral.
Foto Nuno Saldanha.



uma, de origem italiana, em grande parte já aclimatizada no nosso país na fase anterior; a outra, mais inovadora e próxima da Regência francesa. Entre os ornatos mais usuais na Regência destacamos as cabeças coroadas com plumas, palmetas, faixas de arabescos, elementos de expressão gráfica, ornatos sinuosos e leves, etc.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.

Tardobarroco e Rococó

Período que principia nos finais do reinado de D. João V (1706 - 1750) e se prolonga nas décadas seguintes. Fortemente condicionado pela drástica diminuição de recursos financeiros, passam a coexistir duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.



Coimbra. Igreja do Salvador.
Retábulo-mor, indevidamente intervencionado.
Foto Nuno Saldanha.

Apesar de os retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma* terem sido minoritários na fase anterior, como mencionámos antes, a partir da década de 1740, estão na origem do Tardobarroco, de enorme acolhimento na região em estudo. Esta tendência foi implementada pelos arquitetos régios como uma solução erudita, mas pouco dispendiosa, que solucionava os enormes encargos financeiros da Coroa portuguesa. Consequentemente, os novos exemplares passam a ser de madeira com grandes superfícies lisas, fingindo pedraria, designadamente o lápis-lazúli, o *verde antico*, etc. Por sua vez o douramento restringe-se a alguns ornatos em relevo escultórico dourados.

Esporadicamente, utilizava-se a expressão *à romana* para estes novos exemplares, como se constata nas Memórias Paroquiais de 1758 relativas ao retábulo-mor da ermida do Senhor do Espinheiro, na Póvoa de São Martinho da Cortiça: *lhe pôs um*

retábulo à romana, fingindo pedra e bronze, obra primorosa[111].

Como exemplares pioneiros indicamos dois retábulos-mores de Coimbra: o do mosteiro de Santa Cruz (ver p. 259) e o da igreja paroquial de São Salvador (ver p. anterior).

O Rococó, de origem francesa, deu continuidade à Regência, também originária da França, sendo muito menor a sua aceitação. Na maioria dos casos restringe-se à aplicação do vocabulário ornamental, particularmente dos concheados ou rocalhas. A título de exemplo mencionamos os retábulos colaterais da igreja paroquial de Santa Maria Madalena, em Agadão – Águeda.

Enunciamos, de seguida, as principais características formais, a saber, as que foram mais inovadoras:

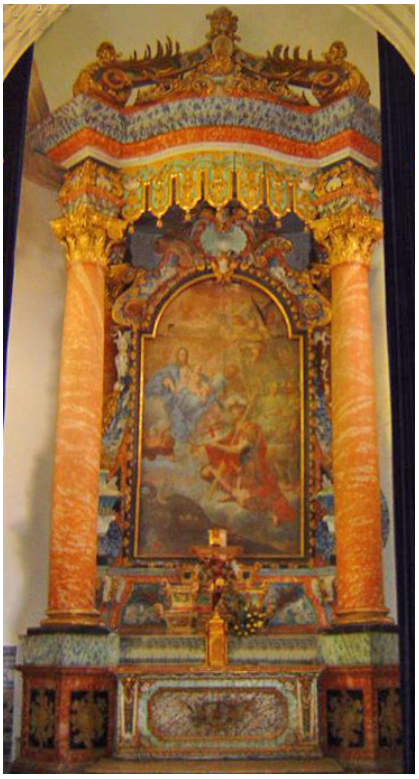
-As plantas denotam grande dinamismo, como nunca até então tinha ocorrido. Nalguns casos, utilizam-se superfícies curvilíneas, quer côncavas, quer convexas. Noutros prefere-se acentuar a angulosidade dos elementos arquitetónicos, que são colocados de viés, como se verifica no retábulo-mor da igreja conventual de Jorge, em Coimbra.

-A tendência para desrespeitar ou mesmo destruir princípios compositivos de tradição secular, nomeadamente a ausência de alguns elementos arquitetónicos, a deformação dos embasamentos ou dos áticos, a difícil distinção entre elementos arquitetónicos e ornamentação.

-A existência de uma grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas torsas ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-está-



Agadão. Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 702445.



Coimbra. Igreja conventual de São Jorge.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 678964.

111 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 2663.

estípites, etc.

-Assiste-se a uma crescente diminuição do uso de camarins, designadamente nos retábulos devocionais a um ou mais temas.

-Desenvolve-se a tendência para recorrer à pintura figurativa de painéis, que tanto é empregue nos exemplares de madeira entalhada, como nos de alvenaria estucada e nos de pedraria.

-A utilização de soluções diversificadas no ático, grande parte baseadas no tratado do padre Andrea Pozzo, sendo em menor número as composições mais elaboradas.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a Virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se, em muitos exemplares, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados ou rocalhas, fantasistas e assimétricas. Usam-se também linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

Aveiro. Igreja da sé.
Retábulo.
Foto SIPA 1027237.



-Cada vez é menor o número de retábulos predominantemente entalhados e dourados, preponderando as superfícies lisas com fingimentos de pedraria policroma, complementados por alguns relevos dourados. Por influência dos ambientes cortesãos começa também a aplicar-se o branco de pérola e o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.



Castanheira do Vouga. Igreja paroquial.
Remate do retábulo-mor.
Foto Maria da Luz Nolasco.

Neoclassicismo e romantismos historicistas

A partir da década de 1790, principia um período de declínio, que maioritariamente dá continuidade às normas de contenção e sobriedade defendidas nas décadas anteriores, nomeadamente pelos adeptos do Tardobarroco. Vejamos um testemunho ocorrido, por volta de 1790, quando o *Procurador-*

-*Geral das Ordens* solicita um parecer sobre o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha, em Avança – Estarreja (ver p. 190), que o juiz da igreja tinha mandado executar e que deveria ser custeado pela comenda da Ordem de Cristo. Na opinião de Manuel Caetano de Sousa, na qualidade de arquiteto das Ordens, o dito projeto *vinha com ornatos de grande superficialidade, por causa da infinita talha, de que queriam revestir as colunas e outros corpos mais* (...) *tudo isto além de ser supérfluo e dispendioso não deixava brilhar o verdadeiro objeto*[112] .



Avanca (Estarreja).
Pormenor do alçado do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha.C. 1790:
Foto Ministério do Reino, n.º 12, PT-TT-MR-1-12, TT online.

A partir de então predominam os retábulos de menor qualidade, delineados e executados na sua maioria por artífices de modestas qualificações. Só em casos pontuais surgem retábulos com algum mérito que, um pouco ao acaso e sem obedecer a nenhuma cronologia específica, adotam soluções saudosistas e de fascínio por um passado, mais ou menos distante e de teor nacionalista ou então copiando modelos estrangeiros. De entre as diversas opções estéticas destacamos o Neogótico, o Neorenascimento, o Neobarroco, o Neorococó e outras de sinal eclético. Entre outros exemplos mencionamos o retábulo-mor do santuário do Senhor da Serra, em Semide – Miranda do Corvo (ver p. 279), os colaterais da igreja monástica de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 280) e o da sacristia do Seminário Maior, em Coimbra.



Coimbra.
Igreja do Seminário Maior.
Retábulo da sacristia.
Foto Nuno Saldanha.

Estas opções estéticas acompanharam a profunda alteração de valores que se instalou na sociedade. As irmandades perderam adeptos: *a mundividência subjacente a esta transformação gradual de atitudes coincide com o período de*

112 BASTOS, 2007, p. 137.

difusão das ideias iluministas que se acentua na viragem do século e no decurso da experiência liberal de 1820-1823. Sob o impacto das novas ideias, sobem de tom as críticas aos excessos de uma prática religiosa superficial, incapaz de potenciar os valores espiritualmente libertadores do Cristianismo. Os ventos da secularização, trazidos pelo movimento das Luzes, contagiam o campo moral e dos costumes e sedimentam, em nome da razão crítica, os primeiros ataques públicos à intolerância e ao rigorismo do clero conservador[113].

Após a queda do Antigo Regime e a consequente perda das fontes de financiamento da Igreja, acentua-se o período de declínio e de apego ao passado que se prolonga até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).



Ílhavo. Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 972932.

A madeira continuou a ser o material de maior aceitação, quer fingindo pedraria policroma, quer revestida a branco de leite com ligeiras aplicações de ouro. Pontualmente recorre-se à pedraria e a outras matérias-primas de baixo custo (argamassas de cal e areia, estuque, etc.).

As tipologias de maior aceitação foram a de corpo único e um só tramo, podendo o intercolúnio inscrever-se entre dois ou mais elementos arquitetónicos, e a de composição tripartida, em que cada tramo é ladeado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado. Como exemplos referimos, respetivamente, dois retábulos-mores de igrejas paroquiais no concelho de Estarreja, o de Avanca (ver p. 277) e o de Veiros (ver p. 278).

Destacamos algumas das características principais deste período:

-As plantas de maior aceitação continuaram a ser planas ou retas.

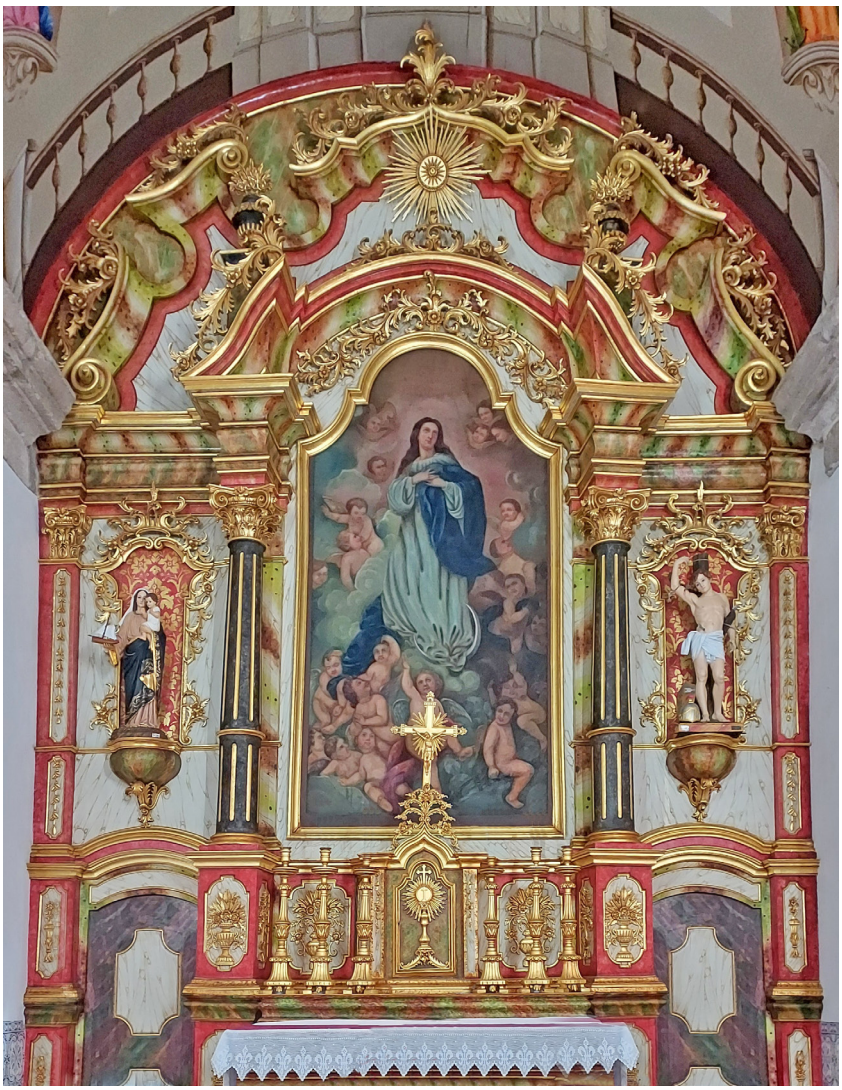
-O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobriedade, mantendo-se por vezes alguns elementos compositi-

113 ARAÚJO, 1997, p. 341.

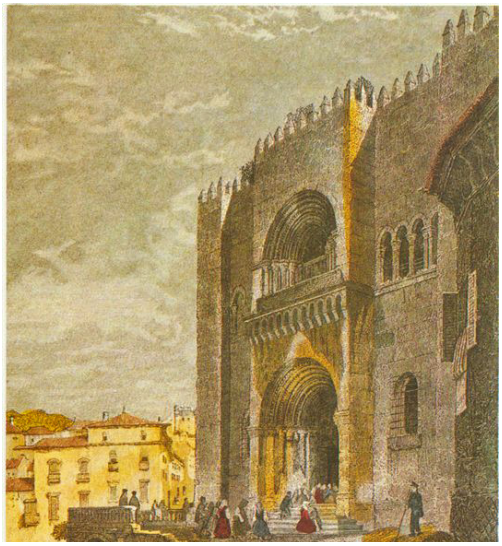
vos das épocas anteriores, designadamente os camarins preenchidos com tronos escalonados, na sua maioria destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento. A título de exemplo mencionamos o retábulo-mor da igreja da paroquial de Lagares – Oliveira do Hospital.

-Nos retábulos historicistas, os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência. Nos restantes predominam as ordens clássicas.

-O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.



Lagares da Beira (Oliveira do Hospital). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Foto padre Pedro Simões.



Coimbra. Igreja da sé velha.
Foto SIPA 01460.



Coimbra. Biblioteca da Universidade..
Foto Manuelvbotelho URL: https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt

Filiação

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, período em que os retábulos se afirmaram como o principal equipamento litúrgico e artístico existente em todos os templos, a cidade de Coimbra era não só a sede de bispado com uma das maiores rendas do país[114], mas a única que dispunha de universidade em todo o mundo português.

Tendo em conta o património retabular remanescente na região em estudo e as fontes documentais disponíveis podemos constatar as estreitas relações de proximidade e mesmo de dependência com a cidade de Lisboa, principal centro urbano do reino, sede da corte e único centro artístico no mundo português. Como resultado do investimento régio na cidade de Coimbra, a clientela mais esclarecida e abastada aqui residente foi a que, logo a seguir a Lisboa, atraiu maior número de profissionais qualificados, incluindo estrangeiros, responsáveis não só pela feitura de projetos de retábulos, mas também pela sua execução. Entre diversos artistas salientamos o mestre Pero, Olivier de Grand, João Alemão, Nicolau de Chanterenne, João de Ruão e Claude de Laprade.

Vejamos alguns testemunhos das relações de proximidade com a cidade de Lisboa:

-A 23 de janeiro de 1523, o rei D. João III pergunta aos responsáveis do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, se já estavam assentados os três enviados de Lisboa[115].

-A 5 de julho de 1605, Bernardo Coelho, mestre marceneiro e debuxador com oficina aberta na cidade de Lisboa, recebe *12$000 réis pelo rascunho e traça que trouxe para o retábulo da Uni-*

114 BRANCO, 2013, p.202.
115 GARCIA, 1923, p. 167.

versidade de Coimbra[116].

-Atribuímos a Pedro Nunes Tinoco, reputado arquiteto régio morador em Lisboa, o risco da arca-relicário, executada em 1630 e colocada sobre a mesa do altar da capela de São Teotónio, no mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra[117] (ver p. 188).

-Mateus do Couto, o *velho*, arquiteto régio residente em Lisboa, executa em 1635 o projeto da igreja do convento franciscano de Serém – Águeda[118], sendo possível ter também concebido o retábulo-mor (ver p. 221).

-Matias Rodrigues de Carvalho, reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta em Lisboa, ajusta, em 1682, com o administrador da capela de São Francisco Xavier, na igreja do colégio de Jesus, em Coimbra, a feitura do retábulo e do revestimento em talha das paredes laterais *na forma das medidas que já tem tomado e rascunho que da dita obra fez*, incluindo o transporte do retábulo de Lisboa até à cidade de Coimbra[119] (ver p. 233).

-Em 1689, os mesários da confraria de Nossa Senhora da Luz, sita na capela da Universidade de Coimbra, mandam fazer o retábulo *de talha levantada na forma do que está no retábulo de São Francisco Xavier da Companhia de Jesus*[120], este último concebido e executado poucos anos antes pelo referido mestre lisboeta Matias Rodrigues de Carvalho.

-Mateus do Couto, o *moço*, arquiteto e engenheiro régio, concebe em 1692 as plantas para os onze retábulos, dois colaterais e nove laterais (ver p. 237) da igreja do mosteiro



Coimbra. Sé nova.
Pormenor da capela de São Francisco Xavier.
Foto Miguel Cardoso.

116 SMITH, 1962, pp. 38 e 47.
117 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p.81.
118 FIGUEIREDO, 2008, p. 126.
119 FEITOR, 1995, pp. 19 a 25.
120 FEITOR, 1995, p. 23.

de Santa Clara, em Coimbra[121].

-João Antunes, o *mais insigne arquiteto do reino*, residente na corte e cidade de Lisboa, por volta de 1699, executa provavelmente o risco do retábulo principal, de pedraria, da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo (ver p. 235).

-Em 1716, Gaspar Ferreira, vindo de Lisboa, fixa-se em Coimbra. Pouco depois, assume as funções de mestre de obras da Universidade, tornando-se num mais reputados entalhadores e debuxadores desta cidade.

-Em 1726, Domingos Moreira, mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, de parceria com o seu pai, Manuel Moreira, assume a feitura da talha da capela-mor, incluindo o retábulo, do Recolhimento do Paço do Conde, segundo uma planta vinda de Lisboa[122].

-Entre 1737 e 1739, o escultor italiano João António Bellini de Pádua, morador em Lisboa, executa os cinco retábulos de pedraria da igreja conventual do Louriçal – Pombal[123].

-Atribuímos a Carlos Mardel, reputado arquiteto régio morador em Lisboa, alguns projetos de retábulos: em 1737, os da igreja conventual do Louriçal – Pombal (ver p. 254); na década de 1740, o do retábulo-mor (ver p. 254) e os da capela-relicário do mosteiro de Santa Cruz (ver p. 138), em Coimbra, estes últimos mandados executar por frei Gaspar da Encarnação.

-Rodrigo Franco, arquiteto das Ordens Militares, que reside em Lisboa, concebe em 1747 um risco, que não deve ter sido utilizado, para o retábulo-mor da igreja paroquial de Rio de Vide – Miranda

121 BRANDÃO, 1984, pp. 754 e 755.
122 BORGES, 1991, p. 313.
123 VALE, 2007, p. 511.

do Corvo[124].

-Mateus Vicente de Oliveira, prestigiado arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa, intervém ativamente nas obras promovidas no mosteiro de Santa Maria do Lorvão – Penacova. Nos primeiros anos da década de 1750, executa a planta da igreja, incluindo os retábulos de pedraria, o da capela-mor e os dois do transepto[125] (ver p. 269). Em 1781, concebe o risco para várias obras de talha: o trono da capela-mor (ver p. 175), os retábulos relicários de Santa Teresa (ver p. 275) e de Santa Sancha, assim como para os restantes altares da igreja (ver p. 180)[126].

-Manuel Alves Macomboa, mestre carpinteiro originário de Lisboa, é enviado em 1773 pelo marquês de Pombal para servir nas obras da Universidade de Coimbra. Aquando do desaparecimento de Elsden, assume a partir de 1782 as funções de arquiteto[127], avaliando e executando riscos ou projetos de retábulos destinados às capelas-mores de igrejas matrizes ou paroquiais pertencentes ao padroado da Universidade de Coimbra.

-José Carlos Magne, arquiteto milanês transfere-se de Lisboa para Coimbra, sucedendo em 1778 a Guilherme Elsden na chefia do Gabinete da Obras da Universidade de Coimbra.

-José da Costa e Silva, reputado arquiteto régio formado na Academia Clementina em Bolonha, executa por volta de 1781, por encomenda do bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, um risco para o retábulo-mor para a igreja da sé nova, em Coimbra, que não chegou a ser utilizado.

-Manuel Caetano de Sousa, arquiteto régio e da *Mesa da Consciência e Ordens*, residente na cidade de Lisboa, pronuncia-se por volta de

124 BORGES, 1986, pp. 3 a 11.
125 BORGES, 2003, pp. 602 e 622.
126 BORGES, 2003, p. 622.
127 CRAVEIRO, 1990, p. 11.

1790 sobre o *risco* do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha, em Avança. Na sua opinião, o elevado preço proposto para o entalhe do retábulo devia-se ao facto de utilizar *ornatos de grande superficialidade, por causa da infinita talha, de que queriam revestir as colunas e outros corpos mais*[128] (ver p. 190).

-Luís Ernesto Reynaud, arquiteto lisboeta que, entre 1898 e 1904, dirige as obras de restauro da igreja matriz de São João Baptista, em Figueiró dos Vinhos, sendo *obra e oferta sua a planta do altar de Cristo*[129].



Braga. Capela dos Coimbras. Retábulo.
Foto José João Loureiro.

Por sua vez, a cidade de Coimbra, como principal localidade do centro do país, vai exercer bastante influência não só no espaço da sua jurisdição eclesiástica, mas também nas regiões vizinhas. Deste modo, os artistas com maior reputação, aqui residentes, foram solicitados periodicamente por diferentes clientelas. De igual modo, alguns retábulos de maior aceitação em Coimbra foram replicados em diferentes áreas geográficas. Vejamos diversos testemunhos de ambas as realidades:

-O mestre escultor João de Ruão, de origem francesa, mas com oficina aberta na cidade de Coimbra, por volta de 1525 a 1528, executa o retábulo da capela dos Coimbras, em Braga[130]; em 1537, o da igreja da Misericórdia, em Pinhel, atualmente no Museu municipal desta localidade[131] e, em 1550, por encomenda do bispo da Guarda, D. Cristóvão de Castro, o grandioso retábulo-mor da igreja da sé desta cidade[132].

-O cadeiral do coro do convento das Celas, em Coimbra, serviu de modelo, por volta de 1611, ao do mosteiro de São Domingos das

128 BASTOS, 2007, p. 137.
129 PORTELA, 2014, p. 28.
130 J. ALMEIDA, 1976, p. 146.
131 DIAS, 2003, p. 131.
132 DIAS, 2003, pp. 138 a 140.

Donas, em Santarém[133].

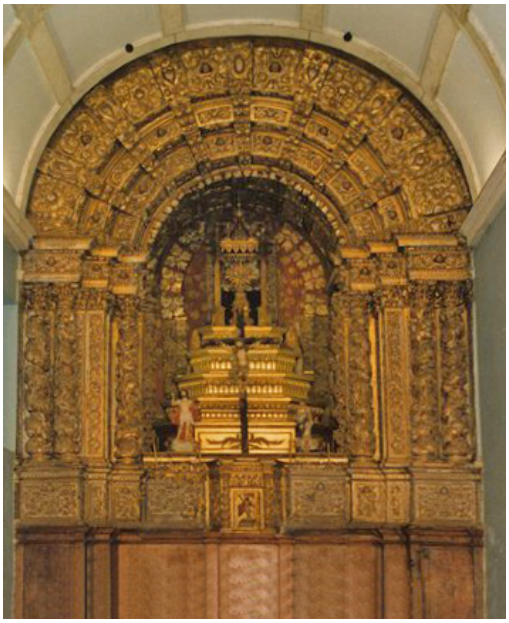
-O retábulo-mor da igreja do colégio de São Bento, em Coimbra, serviu de referência, em 1685, ao da capela-mor da igreja matriz da **Sertã** – Castelo Branco[134] e, em 1687, ao da igreja matriz de **Cernache do Bonjardim** – Sertã[135].

-O revestimento em talha das paredes laterais e do frontispício da capela-mor da sé velha, em Coimbra (ver p. 113), foi replicado em 1692 na igreja monástica da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, dos cónegos regrantes de Santo Agostinho[136].

-Na opinião de frei Agostinho de Santa Maria, em 1712, na igreja paroquial da então vila da Redinha, no atual concelho de Pombal *a devota imagem da Rainha dos Anjos a quem dão o título do Rosário* (...) *está colocada em um nicho no meio do retábulo, que é da mesma pedra e de excelente fábrica e arquitetura* (...) *toda esta obra no primoroso dela mostra ser do mesmo artífice que fez as imagens que se veneram na capela do Santíssimo Sacramento da sé da cidade de Coimbra*[137].

-Em 1721, na escritura notarial de ajuste dos retábulos colaterais da sé de Viseu, é referido que deverá ser *na forma das plantas que vieram da cidade de Coimbra*, atribuídos por Alexandre Alves, Filipe Pimentel e Fátima Eusébio ao mestre entalhador e debuxador Gaspar Ferreira, originário da cidade de Lisboa e que se fixou em Coimbra[138].

-A 11 de julho de 1731 são pagos *16$800 réis ao mestre entalhador Gaspar Ferreira, da cidade de Coimbra, pelo trabalho que teve de vir rever o retábulo da capela-mor da nossa sé*, de Viseu[139].



Cenache do Bonjardim. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 01300.



Redinha (Pombal). Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 77759.

133 SERRÃO, 1989, pp. 16 e 17.
134 BRANDÃO, 1984, pp. 597 a 601.
135 BRANDÃO, 1984, pp. 634 a 639.
136 BRANDÃO, 1984, p. 743.
137 A. SANTA MARIA, 1712, pp. 664 e 665.
138 EUSÉBIO, 2002, pp. 149 e 205.
139 EUSÉBIO, 2002, pp. 237 e 238.



Fão. Igreja do Bom Jesus.
Retábulo de Nossa Senhora das Dores.
Foto Raúl Sampaio Lopes.

-António Pereira de Sousa Calheiros, originário de Braga, formou-se em Cânones, na Universidade de Coimbra. Por volta de 1736 emigra para Minas Gerais, no Brasil, tornando-se num exímio debuxador de arquitetura e de retábulos [140].

-O mestre entalhador Custódio Araújo Leite, com oficina aberta em São Silvestre de Requião, termo de Vila Nova de Famalicão, a 6 de fevereiro de 1750, contrata o retábulo colateral de Nossa Senhora das Dores, na igreja do Bom Jesus, de Fão, termo de Esposende, de acordo com um risco mandado vir da cidade de Coimbra[141].

-O referido retábulo-mor da igreja monástica de Santa Cruz foi replicado em diversos templos, a saber, na igreja da ordem terceira de São Francisco, em Coimbra, em 1751[142] e nas seguintes paróquias: São Bartolomeu, em Coimbra, em 1760[143], Figueira da Foz, em 1789[144], Miranda do Corvo, etc.



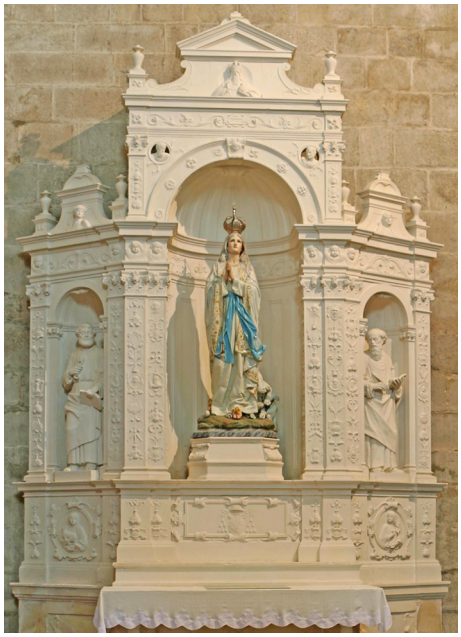
Coimbra. Igreja colegial de Santo Agostinho.
Retábulo-mor.
Foto Raúl Moura Mendes.

-Na década de 1750, o retábulo principal do colégio da Sapiência ou de Santo Agostinho, em Coimbra serviu de referência ao da igreja monástica, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em São Simão da Junqueira, termo de Vila do Conde.

-Em 1775, o médico e debuxador bracarense José Calheiros de Magalhães Andrade recebe dos mesários da grandiosa irmandade de Santa Cruz, em Braga, a importância de 4$800 réis, *pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta Mesa se informar e certificar ter boa aceitação tal retábulo*[145].

140 LAMEIRA PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 47.
141 M. ROCHA, 1996, p. 142.
142 BORGES, 1987, p. 74.
143 BORGES, 1991, pp. 310 e 315.
144 CRAVEIRO, 1990, p. 46.
145 SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.

-João Augusto Machado, mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra, em 1910, por encomenda do cónego da sé de Viseu, Manuel Damasceno da Costa, executa um altar de mármore, neogótico, para a igreja do colégio do Sacré-Coeur desta cidade[146] e, na década de 1920, dois retábulos de pedraria, neorenascentistas, para a igreja da sé, na Guarda: o do Santíssimo Sacramento e o de Nossa Senhora da Conceição[147].



Guarda. Igreja da sé.
Retábulo de Nossa Senhora da Conceição.
Foto Museu da Guarda.

No território em análise, só em casos pontuais contatamos o acolhimento de especificidades associadas a alguns profissionais das vizinhas dioceses do Porto e de Viseu, apesar de ser relativamente frequente o recurso a entalhadores da Província de Entre Douro e Minho. De entre essas especificidades mencionamos as colunas usadas no retábulo da igreja do colégio das Artes, em Coimbra (ver p. 251), no retábulo-mor[148] (ver p. 247) e no de Santa Joana (ver p. 245), estes últimos na igreja monástica de Jesus, em Aveiro, concebidos e executados por mestres portuenses; a tribuna de formato elíptico do retábulo-mor da igreja paroquial de Vila Cova do Perrinho, outrora na diocese de Coimbra e os nichos em forma de oito nos retábulos laterais da igreja paroquial de São Mamede, em Talhadas – Sever do Vouga(ver p. 266), uma variante das tribunas elípticas, maioritariamente existentes na diocese de Viseu, na opinião de Fátima Eusébio[149].



Coimbra. Capale di colégio das Artes.
Pormenor do retábulo.
Foto Hélio Ramos.

146 ALVES, 2001, 2, p. 160.

147 FIGUEIREDO, 2008.

148 De salientar que este exemplar toma por modelo o da igreja do mosteiro de São Bento de Ave-Maria no Porto (BRANDÃO, 1985, pp. 692 702; 1986, pp. 108 a 111 e 115 a 117).

149 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 466.

Materiais e técnicas

Até um retábulo ficar concluído passava por sucessivas etapas, nomeadamente o projeto, a execução e os acabamentos, nas quais eram empregues materiais e técnicas diferenciadas. Atentemos então a como se desenvolvia este processo nos três momentos indicados.

Projeto

O projeto de um retábulo era então designado por *risco*, *traça*, *debuxo*, *rascunho*, *amostra*, *borrão*, etc. Os projetos eram desenhados em folhas de papel, em formato ligeiramente superior a A4 ou A3, respetivamente nos mais pequenos e nos maiores. Na sua maioria eram executados com tinta preta, só em casos restritos, se recorria a outras cores, nomeadamente o amarelo e o rosa. Os projetos eram acompanhados, muitas vezes, por apontamentos escritos que especificavam as exigências do cliente.



Coimbra. Igreja do Seminário Maior.
Retábulo colateal.
Foto Nuno Saldanha.

No caso dos retábulos de pedraria policroma, verificam-se duas situações diferentes. Na mais frequente, o projeto do retábulo é acompanhado por uma listagem ou minuta das cores das pedras a utilizar. Na outra situação, restrita a obras de maior relevância, solicita-se que nos projetos venham pintadas as cores das pedras a usar. Foi o que aconteceu, a 2 de abril de 1755, quando o reitor do Seminário de Jesus, Maria e José, em Coimbra, ajusta a feitura de *dois retábulos para os altares colaterais que se hão de fazer na nova igreja do dito Seminário, os quais se obrigava a fazer de pedra de lioz, que se tira dos arredores de Leiria, das cores que mostra a planta*[150] (ver p. 271).

150 PORTELA, 2019.

Por sua vez, a execução de maquetas de madeira ou de moldes em barro foi muito pouco usual.

Execução

Em relação à feitura de retábulos, a madeira foi a opção mais vulgar ao longo dos séculos. A preferência por este material justifica-se por vários fatores: a existência de matéria-prima a custos acessíveis, a formação de mão-de-obra experiente desde os meados do século XVI, a eficácia e o baixo preço dos profissionais e finalmente por opções estéticas.

Depois de adquirida a madeira, era conduzida para a oficina ou tenda do mestre ou então para as instalações cedidas pelo cliente, normalmente nas imediações do templo para onde se destinava o retábulo. Aí era cortada e preparada de acordo com o tipo de entalhe previamente definido pelo cliente. Apontamos, de seguida, dois testemunhos retirados da documentação:

-No dia 13 de fevereiro de 1689, o mestre entalhador Manuel Ferreira compromete-se com os mesários da confraria de Nossa Senhora da Luz, sita na capela da Universidade de Coimbra, a fazer o retábulo *com quatro colunas salomónica com talha* ***levantada e bem relevada*** *com suas parras e ramos e pássaros com o melhor primor da arte*[151].

-Em 1702, na escritura do contrato do retábulo da capela de Jesus, na igreja conventual de São Domingos, atual sé, em Aveiro, é dito que *a qual obra será toda entalhada com talha* ***moderadamente crespa,*** *mas muito bem limpa*[152].

Depois de entalhadas as várias peças que compunham o retábulo, era transportado para o local de destino, nuns casos por

151 FEITOR, 1995, p. 23.
152 BRANDÃO, 1985, p. 140.

terra, noutros por via marítima. Aí, os diversos membros da oficina trabalhavam no encaixe ou ensamblagem das peças e na montagem final.

Por vezes, no mesmo retábulo utilizavam-se madeiras diferentes, reservando-se as de qualidade inferior para os lugares de menor visibilidade. Preferencialmente recorria-se às de maior abundância na região, predominando a de castanho (*castanea sativa*), como se verifica, em 1759, numa das cláusulas contratuais do ajuste dos dois retábulos colaterais da capela da Universidade, em Coimbra[153]. Foram também utilizadas madeiras importadas, designadamente a de *bordo* (*acer pseudoplatanus*), originária da Flandres, por exemplo no retábulo-mor da capela da Universidade de Coimbra[154] e no da ousia da igreja da Misericórdia, em Aveiro[155].

Datam dos finais do século XV os exemplares mais remotos de madeira, que ainda subsistem: em Aveiro, o tríptico de São Simão, proveniente do mosteiro de Jesus e exposto no Museu Municipal desta localidade (ver p. 30); em Coimbra, o tríptico de Santa Clara, originário do mosteiro de Santa Clara-a-Velha e atualmente no Museu Machado de Castro (ver p. 74). É muito provável que originariamente tenham estado colocados sobre a mesa do altar. Se o tríptico de Aveiro é somente composto por três painéis de madeira emoldurados, com pintura figurativa, sem qualquer estrutura arquitetónica a enquadrá-los, o de Coimbra é mais complexo, encontrando-se as diversas pinturas, incluindo as da predela, inseridas em painéis rematados por arcos canopiais que suportam exuberante ornamentação dourada, em relevo es-

153 BORGES, 1991, p.318.
154 M. ALMEIDA, 1970, p. 110.
155 ABRANTES, 2004, p. 199.

cultórico.

Em simultâneo, utilizam-se também os retábulos fixos à parede testeira da capela, maioritariamente inseridos numa composição arquitetónica, sendo diversas as possibilidades de preencher os intercolúnios. Tanto podem incluir representações em relevo escultórico, como se verifica no grandioso retábulo-mor da sé velha, em Coimbra (ver p. 201), como painéis com pintura figurativa sobre madeira ou sobre tela, predominando esta última opção, a partir dos finais do século XVI, por exemplo no retábulo-mor da igreja paroquial de Cernache – Coimbra (ver p. 217).

A partir do segundo quartel do século XVII, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, em que os retábulos são preponderantemente entalhados, dourados e policromados. Um interessante testemunho é o retábulo de Nossa Senhora da Assunção, na igreja do extinto colégio de Jesus, atual sé nova, em Coimbra (ver p. 228) e o da capela-mor da igreja conventual de Figueiró dos Vinhos.

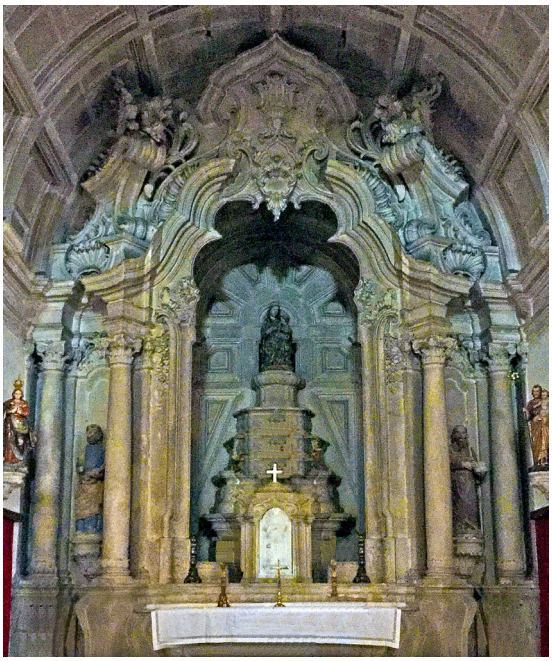


Figueiró dos Vinhos.
Igreja conventual do Carmo.
Retábulo-mor.
Foto José João Loureiro

A utilização de materiais pétreos, a saber, calcários e mármores, na feitura de retábulos foi menor, apesar da importância das pedreiras de Ancã, Outil e Portunhos, todas no concelho de Cantanhede, que forneciam calcário oolítico a preço acessível e proporcionaram o aparecimento de boas oficinas na cidade de Coimbra. A sua aplicação na feitura de retábulos remonta à época medieval, encontrando-se o exemplar mais antigo, de 1341, na capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Santa Cruz, em Oliveira do Hospital (ver p. 200). Foi, no entanto, no século XVI e nos princípios da centúria seguinte, que esta modalidade teve grande

sucesso não só na região em estudo, mas também nos bispados vizinhos, subsistindo espécimes em diversas localidades: Arrifana – Santa Maria da Feira, Braga[156], Guarda[157], Pinheiro da Bemposta – Oliveira de Azeméis, Pinhel, Tomar, etc.

Nos meados no século XVII, já numa fase de decadência da utilização deste material a sua fama ainda perdurava, como se comprova nas palavras de Nicolau de Santa Maria: *a pedra de Ancã era tão boa que não havia em Espanha, nem em toda a França melhor, porque era muito alva, limpa e boa de trabalhar, serrava-se como se fosse madeira e podiam fazer-se nela mais lavores e brincos do que se fosse mesmo madeira*[158]. Posteriormente, ainda se executa um ou outro retábulo, por exemplo na capela-mor da igreja paroquial de Ançã e, em 1908, nas ilhargas do arco triunfal da igreja de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 280).



Ancã. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Vítor Oliveira

Como exemplar ímpar, mencionamos um modesto retábulo de uma capela da Via Sacra, no Buçaco, de pedra rústica.

O recurso a materiais pétreos oriundos de outras regiões foi pontual, salientando-se como testemunhos:

-O retábulo de alabastro inglês representando a Coroação da Virgem, dos finais do século XIV, princípios do XV, existente na igreja paroquial de Cernache – Coimbra (ver p. 72).

-O que foi adquirido em Roma, em 1601, pelo encarregado de negócios do bispo de Coimbra D. Afonso de Castelo Branco e enviado para esta cidade através do mestre escola da sé que regressava nessa ocasião de Roma[159].

-O da capela de Nossa Senhora da Penha da França, na Quinta da



Buçaco. Extinto convento de Santa Cruz.
Retábulo de uma capela da Via Sacra.
Foto José João Loureiro.

156 Pela sua monumentalidade sobressaía o retábulo da capela-mor da igreja da sé, mandado executar em 1509 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa. Infelizmente foi destruído nos finais de Setecentos, subsistindo somente a mesa do altar.

157 O monumental retábulo da capela-mor da igreja da sé ainda subsiste, tendo sido executado em 1555.

158 DIAS, 2003, p. 15.

159 BRANCO, 2013, p. 222.

Vista Alegre, em Ílhavo, de mármores com embutidos policromos, executado nos finais do século XVIII (ver p. 235).

-Os cinco retábulos da igreja conventual do Santíssimo Sacramento, no Louriçal – Pombal, de 1737, de mármores polícromos provenientes de Lisboa (ver p. 254).

-Os colaterais da igreja do Seminário Maior, em Coimbra, de *pedra de lioz, que se tira dos arredores de Leiria,* ajustados em 1755[160] (ver pp. 104 e 271).

-O da capela-mor da igreja do Seminário Maior, em Coimbra, executado em Génova e concluído em 1758 (ver p. 183).

Menos vulgar foi a utilização de pintura em *trompe l'oeil*, fingindo composições retabulares, podendo ser aplicada em diferentes suportes. Vejamos exemplos de diferentes conjunturas, todos sobre reboco de alvenaria: os colaterais da igreja paroquial de Ega – Condeixa-a-Nova (ver p. 73), os da igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, em Figueiró dos Vinhos e o da capela-mor da igreja da Misericórdia, em Vila Cova de Alva - Arganil.



Figueiró dos Vinhos.. Igreja conventual do Carmo.
Retábulo fingido.
Foto José João Loureiro.

O mesmo aconteceu com a alvenaria estucada, estando associada à vinda para o nosso país de profissionais suíços e italianos, que aqui se fixaram e que gradualmente foram formando discípulos. Como exemplo referimos o retábulo da capela da Anunciação, no Seminário Maior, em Coimbra, que imita muito bem mármores diversos[161].

A prata foi usada apenas em certos elementos (frontais de altar, urnas, banquetas, tronos, etc.), estando associada a clientelas mais endinheiradas. Como testemunhos indicamos



Coimbra. Seminário Maior.
Retábulo da capela da Anunciação.
Foto Rui Lobo.

160 PORTELA, 2019.
161 CORREIA e GONÇALVES, 1947, p. 98.

a peanha de prata lavrada referenciada, em 1712, no retábulo do santuário de Nossa Senhora dos Covões, no termo de Alvaiázere[162]; o frontal da mesa do altar do retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra (ver p. 249); a urna com o corpo da infanta Santa Teresa, na igreja monástica do Lorvão (ver p. 275) e a banqueta desenhada, em 1907, por João Augusto Machado[163] e que foi colocada num dos retábulos colaterais da igreja de Santa Cruz, em Coimbra.

Cumpre ainda referir que alguns retábulos utilizaram mais do que um material, situação que se verifica por exemplo na capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo (ver p. 235) e na capela-mor da igreja monástica do Lorvão (ver p. 175), exemplares de pedraria em que os tronos são de madeira entalhada e dourada.

Maior diversidade encontramos nos frontais da mesa do altar, a saber, madeira entalhada, têxteis, azulejos, vidraça com uma urna ou um presépio no seu interior, etc.

Acabamento

Após o assentamento do retábulo no local destinado, tornava-se necessário complementá-lo com outras intervenções, a maior parte das quais executadas por profissionais com uma formação diferente. Por vezes, havia necessidade de esperar algumas décadas e só então as disponibilidades financeiras permitiam a sua conclusão. Por vicissitudes diversas, há retábulos em que nunca chegaram a ser aplicados esses complementos e que ainda hoje se encontram por dourar.

Excetuando os retábulos de pedraria, cujo polimento estava

162 A. SANTA MARIA, 1712, p. 553.
163 ANACLETO, 1984.

a cargo dos mesmos oficiais que os executavam e assentavam, nos restantes recorria-se aos pintores e douradores. Estes assumiam com o cliente um novo contrato, onde se especificava o preço, as modalidades de pagamento, os prazos a cumprir e as tarefas a realizar.

De entre as técnicas prediletas da clientela mencionamos o douramento, mais frequente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do XVIII. Nas palavras da Prof.ª Natália, *este não era unicamente a última fase pela qual passavam os retábulos* (...) *era a expressão mais eloquente de que se revestia a mística do ouro. Cor por excelência ligada a Deus, a sua profusão, ainda que buscando uma manifestação de majestade e magnificência, deverá antes de tudo ser entendida como um dos processos mais convincentes para a atração sensitiva do crente*[164]. Esclarecedor testemunho é a descrição, em 1747, do mosteiro de Jesus, em Aveiro, de religiosas dominicanas: *na igreja brilha o ouro em retábulos e teto*[165] (ver p. 114).



Coimbra. Igreja do colégio do Carmo.
Retábulo lateral.
Foto Nuno Saldanha.

O douramento era completado por outras práticas, sendo as mais usuais o estofado e a carnação. Por exemplo na escritura do ajuste do douramento do retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel de Poiares, ocorrida em 1719, o mestre comprometia-se *a dourar de ouro subido sem falta ou intermediação na postura do ouro e os passarinhos serão dourados e estofados com o primor da arte* (...) *também havia de fazer os pedestais de jaspe, bem fingido, com boas tintas*[166].

164 FERREIRA ALVES, 1989, 1, p. 183.
165 CARDOSO, 1747, p. 683.
166 M. ALMDEIDA, 1971, p. 329.

Em relação à feitura dos cadernos de ouro, estes eram fabricados pelos bate-folhas, na maioria dos casos sediados nos grandes centros urbanos, particularmente em Lisboa e no Porto. Se nos séculos XVI e XVII o ouro era obtido em África, designadamente em São Jorge da Mina, a partir dos finais de Seiscentos o grande fornecedor passa a ser a região brasileira de Minas Gerais. Esses cadernos, com mais ou menos quilates, eram depois vendidos aos interessados. Vejamos um exemplo: em 1722, quando os jesuítas contratam o douramento do retábulo-mor da igreja do colégio de Jesus, em Coimbra, o ouro foi adquirido na cidade do Porto ao mestre bate-folhas Diogo Antunes[167].

Coimbra. Igreja de Santiago.
Retábulo lateral
Foto Nuno Saldanha.



A partir da década de 1740, prolongando-se por todo o século XIX, generaliza-se o uso da pintura a fingir pedraria. Esta técnica foi aplicada maioritariamente em retábulos de madeira, que tomavam por modelo os de mármore, concebidos e executados no reinado de D. João V por encomenda régia e que nessa época eram designados por *retábulos à romana* ou *à maneira de Roma*. O eventual exemplar pioneiro pode ter sido o da capela-mor da igreja monástica de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 259), como foi previamente mencionado.

Em alternativa utilizou-se a cor de pérola, mas com os ornatos relevados a ouro, e a pintura a branco e ouro.

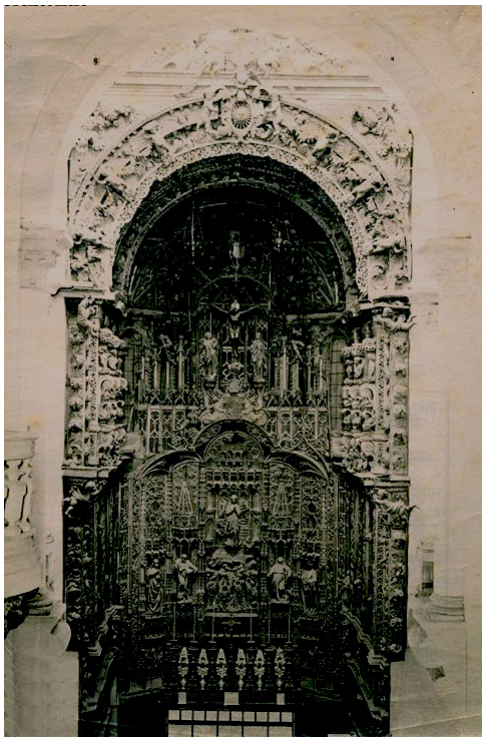
Nalguns templos verificamos que os retábulos eram adornados e protegidos do pó por cortinados e sanefas de tecidos diversos. Verificamos esta realidade descrita no inventário do tesouro da sé de Coimbra, de 1517, em que se refere: *o altar-mor com sua cortina de linho, pintado*

167 BRANDÃO, 1985, pp. 394 a 400.

de romano[168]; *numas cortinas de cetim para o altar* da ermida de Nossa Senhora do Amparo, na freguesia de São Miguel da Marmeleira – Mortágua, oferecidas por uma religiosa do mosteiro de Jesus, em Aveiro[169] e nas *treze cortinas que guarnecem a capela-mor e altares colaterais* da igreja conventual de Vila Cova – Arganil, descritas no inventário de 7 de junho de 1834[170].

Aludimos ainda o facto de ser frequente a utilização de ramalhetes de flores nas banquetas dos retábulos, quer artificiais, quer naturais. A título de exemplo referimos que *as religiosas do convento de Jesus de Aveiro têm grande devoção a esta milagrosa imagem* (de Nossa Senhora da Piedade, do santuário homónimo, em Miranda do Corvo) *e lhe costumam mandar ramos e flores para o seu altar*[171].

Destacamos ainda que muitos retábulos foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, a talha dourada[172], a azulejaria, a pintura de cavalete, a pintura ornamental, revestimentos pétreos, etc., contribuindo nos casos de maior empenhamento da clientela para a criação de obras de grande efeito cenográfico. Estas obras de arte total tiveram maior aceitação a partir do Protobarroco, ocasião em que se começam a preencher de forma sistemática todos os espaços disponíveis, numa atitude de *horror vacui*, em que se pretendia estimular a adesão da população aos valores do Catolicismo: *tanto para a grandeza da* (...) *capela, quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção*. Entre múltiplos testemunhos, de grande relevância artística, mencionamos apenas a ousia da capela



Coimbra. Sé velha.
Capela-mor.
Foto SIPA 541579.

168 CRAVEIRO, 2011, p. 91.

169 A. SANTA MARIA, 1712, p. 603.

170 FIGUEIREDO, 2008, Ap. Doc. 220.

171 A. SANTA MARIA, 1712, pp. 493 e 494.

172 Interessante exemplo foi o revestimento em talha das paredes laterais e do frontispício da capela-mor da sé velha, em Coimbra, obra que serviu de modelo ao que um mestre portuense se comprometia a fazer na ousia da igreja monástica da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia (BRANDÃO, 1984, p. 743).

da Universidade de Coimbra, a sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra; a igreja monástica de Jesus, em Aveiro; a igreja e a capela-relicário do convento do Santíssimo Sacramento, no Louriçal – Pombal; a igreja do Seminário Maior, em Coimbra, etc.



Aveiro. Igreja do extinto mosteiro de Jesus. Foto Museu de Aveiro - Santa Joana.

Produção artística

Antes de um retábulo ser consagrado, era necessário realizar várias tarefas, como veremos de seguida.

Obtenção do projeto

Os responsáveis pela encomenda de um retábulo iniciavam a sua intervenção, obtendo um ou mais projetos, para poder selecionar o que mais lhes agradasse. Naturalmente as entidades com níveis superiores de esclarecimento e recursos financeiros solicitavam a participação dos profissionais mais credenciados, nomeadamente os arquitetos régios, clérigos mais dotados ou artistas estrangeiros sediados no nosso país. A título de exemplo mencionamos os dois riscos solicitados para a nova capela-mor da sé nova, em Coimbra, pelo bispo D. Francisco de Lemos; um a José da Costa e Silva[173] e o outro a José Carlos Magne (ver p. 191).

Em determinados casos, limitavam-se a tomar por modelo um retábulo preexistente, quer no mesmo templo, quer numa igreja da mesma ou de outra localidade. Vejamos exemplos das duas situações. A 22 de abril de 1690, o mestre entalhador Manuel Ferreira ajusta *fazer o retábulo da capela de Santa Catarina da Universidade na forma e feitio do de Nossa Senhora da Luz, com nicho da mesma sorte*[174], situado no outro lado do arco cruzeiro. Em 1782, Manuel Alves Macomboa ajusta com o cabido da sé a feitura do retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial da Figueira da Foz[175], tomando por modelo o do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

Por vezes, para além do risco do retábulo, eram desenhados

173 TEIXEIRA, 2012, p. 185.
174 M. ALMEIDA, 1970, pp. 316 e 317; BORGES, 1991, p. 306.
175 CRAVEIRO, 1990, p. 46.

pormenores de alguns dos seus elementos.

Apesar de serem diminutos os dados documentais remanescentes, os preços praticados pelos profissionais sediados na cidade de Coimbra pela feitura de riscos ou projetos de retábulos era idêntico ao que se praticava nas restantes regiões do país, conforme verificamos nos exemplos seguintes: em 1759, os deputados da Mesa da Universidade de Coimbra pagam ao mestre Domingos Moreira 4$800 réis pelo risco dos retábulos colaterais da capela desta instituição[176]; em 1775, o médico e debuxador bracarense José Calheiros de Magalhães Andrade recebe dos mesários da grandiosa irmandade de Santa Cruz, em Braga, a importância de 4$800 réis, *pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta Mesa se informar e certificar ter boa aceitação tal retábulo*[177]; em 1791, o mestre carpinteiro José Nunes, quando assume com o cabido da sé de Coimbra, a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Assafarge – Coimbra, fica *com a obrigação de pagar pelo risco 3$200 réis ao mestre Manuel Alves Macomboa*[178]. Já os riscos adquiridos a profissionais lisboetas de maior prestígio eram mais caros, como ocorreu em 1605, tendo então o mestre Bernardo Coelho recebido *12$000 réis pelo rascunho e traça que trouxe para o retábulo da Universidade* de Coimbra[179].

Em relação ao perfil dos artistas que concebiam os projetos dos retábulos, constatamos três situações diferentes:

-Os que tinham uma formação especializada (arquitetos, engenheiros militares e alguns mestres das obras reais), de nacionalidade portuguesa ou oriundos de países europeus, que

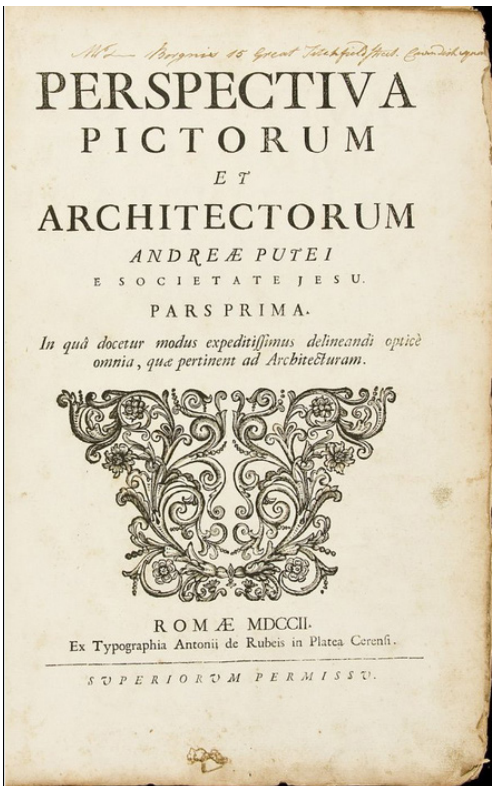
176 BORGES, 1991, 316.
177 SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.
178 CRAVEIRO, 1990, p. 46.
179 SMITH, 1962, pp. 38 e 47.

na sua maioria estavam ao serviço da corte. Os arquitetos régios desempenharam um papel muito importante, pois deles emanavam as normas que se espalhariam por todo o mundo português, sendo da sua responsabilidade a feitura dos projetos dos retábulos destinados aos templos de maior relevância artística. A título de exemplo mencionamos o risco para o retábulo-mor da igreja paroquial de Rio de Vide – Miranda do Corvo, feito em 1747 pelo arquiteto régio Rodrigo Franco[180], mas que não deve ter sido utilizado.

-Os *curiosos*, isto é, todos aqueles que tinham uma formação não especializada, designadamente clérigos e alguns nobres. Por exemplo, em 1679, o padre Pantaleão da Rocha Magalhães, residente na cidade do Porto, faz a *traça* do retábulo para a capela-mor da igreja conventual de Santo António, em Aveiro[181], exemplar que já não subsiste.

-Os que adquiriam conhecimentos através do velho sistema corporativo (os mesteirais ou *mecânicos*), a saber, os mestres mais conceituados de algumas oficinas de pedraria, de talha, de escultura, de pintura, de ourivesaria, etc. A estes profissionais coube a tarefa de seguir com maior ou menor fidelidade as normas compositivas e o vocabulário ornamental adotado pelos arquitetos que estavam ao serviço da corte. Foi o que aconteceu, em 1553, quando o pintor Belchior da Fonseca apresentou ao provedor da Fazenda da Universidade de Coimbra um debuxo do retábulo-mor da igreja paroquial de São Silvestre, em Alvorge – Ansião[182] e em julho de 1684, quando o mestre entalhador António Gomes, de parceria com Domingos Nunes, se compromete a executar o re-

180 BORGES, 1986, pp. 3 a 11.
181 BRANDÃO, 1984, pp. 474 a 482.
182 GARCIA, 1923, p. 69.


PERSPECTIVA
PICTORUM
ET
ARCHITECTORUM
ANDREÆ PUTEI
E SOCIETATE JESU.
PARS PRIMA.
In quâ docetur modus expeditissimus delineandi optice omnia, quæ pertinent ad Architecturam.
ROMÆ MDCCII.
Ex Typographia Antonii de Rubeis in Platea Cerensi.
SUPERIORUM PERMISSU.

Andrea Pozzo. *Perspectiva Pictorum et Architectorum*. 1702.

tábulo-mor da igreja do colégio de São Bento, em Coimbra, *na forma das traças que eles mestres riscaram*[183].

Independentemente da sua formação, os artistas que concebiam riscos de retábulos tinham em sua posse vários projetos, quer de obras suas, quer extraídas de exemplares que copiavam, assim como um ou outro tratado, estampas e gravuras avulsas. Entre outros exemplos referimos que na biblioteca do referido arquiteto régio Rodrigo Franco, morador em Lisboa, falecido em 1763, havia obras de Pozzo, Boffrand, Scamozzi, Passarini, Le Pautre, Borromini, Juan d'Arphe y Villafañe[184] e na do mestre entalhador e debuxador Domingos Moreira, sediado em Coimbra, uma tradução espanhola das *Regole Generali de Architettura di Sebastiano Serlio*, atualmente existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto[185].

Escolha do projeto

Nos casos em que os responsáveis pretendiam mais de um projeto, a etapa seguinte era a sua seleção, escolhendo-se o de maior agrado. Menos frequente era escolher-se para o mesmo retábulo as propostas de dois artistas diferentes.

Em determinadas situações, era pedido o parecer a um ou mais peritos, que os aconselhavam e, por vezes, propunham alterações. Foi o que aconteceu, em 1728, quando Gaspar Ferreira reviu a planta e os apontamentos concebidos pelo mestre entalhador Manuel Moreira e que se destinava ao retábulo-mor da igreja de São Cristóvão, em Coimbra[186].

Após a escolha do projeto submetia-se a sua aprovação ao

183 BRANDÃO, 1984, pp. 572 a 578.
184 BONIFÁCIO, 1990, pp. 59, 60, 306 e 307.
185 BORGES, 1991, p. 312.
186 Informação inédita cedida por Miguel Portela.

responsável eclesiástico do templo em questão. Nos edifícios religiosos seculares, a anuição era dada pelo bispo ou pelo seu representante. No caso do clero regular cabia esta função ao Geral ou então ao Provincial de cada Ordem religiosa. Nalgumas Ordens religiosas havia regulamentação a este respeito. Citamos um caso, em 1791, na *Regra Primitiva e Constituições das Religiosas Descalças* (...) *do Carmo* está estabelecido que *as preladas não poderão fazer de novo tribunas ou retábulos de quaisquer altares, concertar ou mudar os que estavam feitos sem licença escrita do Definitório, a planta aprovada pelo mesmo*[187].



Aveiro.
Igreja conventual de São João Evangelista, de religosas carmelitas descalças.
Retábulo colateral.
Foto José João Loureiro.

Escolha da oficina

Depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para executar o retábulo. Normalmente marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais com maior afluência da população. Por exemplo, em maio de 1879, os mesários da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Arganil pretendiam dourar o retábulo-mor da sua igreja, tendo mandado afixar editais, não só à porta da igreja, mas também noutras localidades, a saber, Coja, Folques, Góis, Lousã, Mouronho e Tábua[188].

Após a consulta do projeto e em certos casos dos respetivos apontamentos, texto complementar que explicava o projeto, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances, ganhando nor-

187 LAMEIRA, VECHINA e LOUREIRO, 2015, p. 46.
188 ANACLETO, 2011, p. 568.



Arganil. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto Vítor Oliveira

normalmente quem lançasse a melhor proposta para executar o retábulo. No caso atrás referido licitaram a obra os seguintes profissionais: Ricardo Alberto da Fonseca, de Folques – 300$000 réis; Luís Casimiro Franco, de Coja – 270$000 réis; António José do Fial, de Coja – 250$000 réis e finalmente Francisco Ribeiro da Costa, de Mouronho – 249$00 réis[189].

Em determinadas situações, não havia qualquer concurso ou realizando-se não se optava pela proposta mais barata.

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas, escolhia-se frequentemente um notário para escrever o contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo normalmente um ou mais fiadores do mestre que ajustava a sua feitura e de várias testemunhas lia-se a escritura, assinando todos no fim. Também o projeto era firmado pelo cliente e pelo mestre que assumia a sua execução, para no fim servir de referência aos profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento, os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo os fiadores, etc.

Pouco frequente era o ajuste de um retábulo a *jornal*, isto é, por dia de trabalho, pagando-se aos executantes no fim de cada semana. Interessante exemplo ocorreu em Aveiro, na feitura do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, quando no dia 10 de agosto de 1653 *foi acordado que se fizesse por jornais e de madeira* (...) *por assim convir mais ao serviço desta Santa Casa*[190]. Já nos trabalhos de pequena monta, nomeadamente remodelações parciais, o compromisso oral entre ambas as partes era mais usual.

189 ANACLETO, 2011, p. 568.
190 A. NEVES, 1998, p. 222.

Obtenção dos materiais

Os materiais escolhidos para a feitura de um retábulo tanto podiam ser obtidos pelo cliente da obra como ser da responsabilidade do mestre que assumia a execução. Vejamos um exemplo concreto, relativo ao retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Aveiro, em que os mesários da irmandade despendem 100$000 réis na aquisição de *quarenta bordos que vieram de fora*[191], muito provavelmente da Flandres.

A execução

Após a obtenção dos materiais destinados à elaboração de um retábulo, o mestre e os diversos membros da sua oficina principiavam a sua execução. Conforme as cláusulas ajustadas, iam recebendo o pagamento, cada um de acordo com o estipulado pelo mestre da oficina. Em situações específicas, exigia-se o recurso a profissionais especializados na escultura de imagens.

Após a conclusão da obra, procedia-se ao transporte das diversas peças do retábulo para o local destinado, utilizando meios terrestres, marítimos ou ambos. Por fim, durante vários dias, as diversas peças do retábulo eram colocadas ou ensambladas, no caso dos exemplares de madeira, no local previamente definido.

A vistoria e a quitação

Depois de assente ou dourado o retábulo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada por dois profissionais, os juízes do ofício eleitos nesse ano ou então por dois mestres de grande reputação, um escolhido pelo cliente e outro pelo executante. Ambos consultavam o projeto, assinado inicialmente e verificavam

191 ABRANTES, 2004, pp. 117, 118 e 199.

se a obra realizada estava de acordo com o previsto e com o custo da mesma. Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato que os ligou durante algum tempo. Para exemplificar referimos a escritura de quitação, ocorrida a 21 de janeiro de 1612, da obra de douramento do retábulo principal da capela da Universidade de Coimbra, executada pelos mestres Sebastião Antunes e Francisco Peres, moradores na cidade de Lisboa[192].

Ocasiões houve em que o cliente exigia que o retábulo fosse vistoriado a meio da obra, como ficou decidido na escritura notarial, ocorrida a 21 de agosto de 1790, em que o representante do cabido da sé de Coimbra ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Murtede – Cantanhede: *o segundo pagamento tão somente será pago no meio da obra em qualquer tempo que a mesma chegar a este estado para o que será revista pelas pessoas que o seu ilustríssimo cabido eleger para se averiguar se vai sendo feita boa e segura e feita conforme os ditos apontamentos e quando se ache em termos será o terceiro pagamento feito depois de completa, quando sendo novamente revista*[193].

Se o entalhe ou o douramento do retábulo fossem rejeitados por não estar conforme o previsto, definia-se um novo acordo, sendo o mestre obrigado a refazer à sua custa o que não estava bem ou então limitava-se a receber uma determinada quantia, como ficou definido, em 1608, no ajuste do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria Madalena, no Rabaçal – Penela: *em caso que não tenha aquela perfeição que convém, então se lhe dará aquilo que dois oficiais disserem que vale*[194]. Noutras ocasiões, os responsáveis

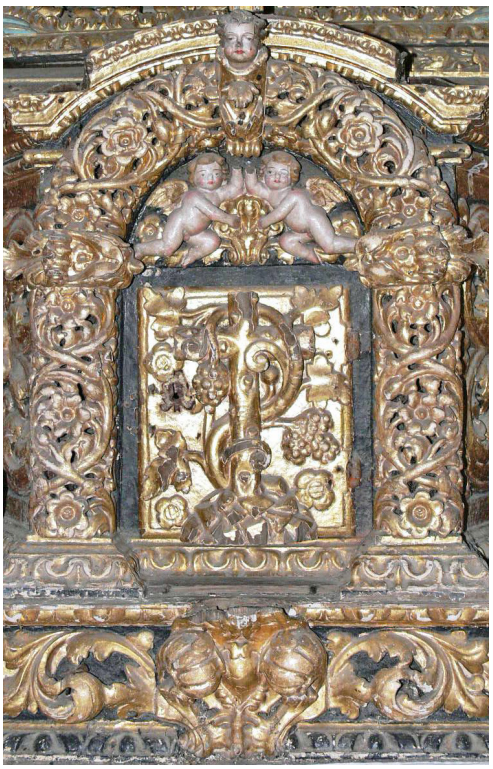
192 M. ALMEIDA, 1970, p. 123.
193 BORGES, 1982, p.40.
194 M. ALMEIDA, 1970, p. 67.

pela encomenda arranjavam um outro profissional.

Atividades complementares

Os retábulos que utilizavam materiais pétreos, após o assentamento, eram complementados pelo polimento e pelo lustre, tarefas geralmente incluídas nas obrigações previstas no ajuste da execução da obra. Só intervinham outros profissionais se porventura esses retábulos fossem dourados ou pintados, situação bastante frequente no século XVI, por exemplo no altar de São Tobias, atualmente no Museu Machado de Castro (ver p. 6).

Nos retábulos de madeira era necessária a intervenção de uma oficina de pintura para realizar as modalidades artísticas requeridas pelo cliente, o douramento ou a policromia, particularmente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do século XVIII; a pintura a fingir pedraria policroma, o branco de pérola ou a *cor de leite* a partir dos meados de Setecentos. Iniciava-se então um processo idêntico ao da feitura do retábulo. Este processo só principiava depois de *deixar ficar o retábulo exposto e colocado no seu lugar durante um período que poderia ir de um ano a mais. Era uma atuação sábia que permitia a reação natural da madeira e dos restantes materiais e, por fim, a sua estabilização antes de receberem as preparações necessárias à aplicação da pintura, evitando-se, desta forma, o aparecimento de defeitos por precipitação do processo*[195].



Vila Cova de Alva.
Igreja conventual de Santo António.
Pormenor de retábulo.
Foto Nuno Mata.

Retábulos em segunda mão

Determinados clientes com menos recursos financeiros, ao invés de mandar executar retábulos novos, mais dispendiosos, adquiriam-nos em segunda mão, por vezes já com algumas décadas.

195 ABRANTES, 2004, p. 71.

Procuravam-nos junto de entidades com muitos rendimentos, que recentemente tinham substituído o anterior retábulo por outro mais atualizado, isto é, *ao moderno*, como se dizia na época.

Licença para se poder dizer missa no altar

Por fim, após o assentamento do retábulo no lugar ajustado, solicitava-se autorização *para se poder dizer missa* no novo retábulo. Para ilustrar esta ocorrência, referimos a petição feita, em 1609, pelos mesários da irmandade da Santa Casa da Misericórdia, em Aveiro: *porque se tinha acabado a Casa nova* (...) *e feito nela seu altar com perfeição*[196].

Ofícios mecânicos

Cumpre referir que a mão-de-obra que executava os retábulos e as diversas atividades complementares, era maioritariamente proveniente dos ofícios mecânicos, sobressaindo algumas profissões: os pedreiros ou escultores nos retábulos de pedraria, os alvanéus nos de alvenaria estucada, os marceneiros ou entalhadores nos de madeira, os pintores ou douradores no douramento, na policromia, na pintura a fingir pedraria policroma, na pintura em *trompe l'oeil* fingindo composições retabulares, etc.



Arganil. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto SIPA 559341.

Algumas casas religiosas tinham entre os seus membros profissionais que sabiam entalhar e esculpir imagens, como se se contata na *Crónica da Província da Conceição* relativa ao convento de Santo António de Vila Cova de Alva – Arganil: *no ano de 1736* (...) *se fez o retábulo do Capítulo e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição,*

196 ABRANTES, 2004, p. 69.

tudo com muita perfeição, feito por oficiais da Província[197].

Se excetuarmos alguns artistas mais credenciados (nacionais ou estrangeiros) oriundos dos maiores centros urbanos, solicitados pelos clientes mais eruditos e endinheirados ou então modestos artistas viandantes que apareciam pontualmente numa localidade à procura de trabalho, eram maioritariamente os mestres estabelecidos em cada região os principais executantes desses retábulos. Esta situação possibilitou o aparecimento pontual de algumas especificidades, não só no entalhe, mas também na interpretação mais ou menos fiel do formulário vigente. De salientar que estas especificidades se restringiam somente a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a uma região.

Tal como ocorria nas restantes dioceses, os mesteres ou mesteirais estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício estava regulamentado por regimentos aprovados pelos municípios, servindo os de Lisboa de referência aos restantes[198]. Deste modo, ninguém deveria trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada pela edilidade.

No Antigo Regime, a oficina ou loja constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A sua dimensão variava conforme houvesse falta ou excesso de profissionais.

O mestre assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada membro, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser preso.

197 FIGUEIREDO, 2008, Ap. Doc. 218.

198 De referir que o primeiro *Regimento dos ensambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa* remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes (LANGHANS, 1945).

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito exame e ficado aprovados. Quando quisessem, podiam abrir a sua oficina, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar no local onde fizeram a aprendizagem. Com alguma frequência eram cedidos aos mestres de lojas vizinhas, com as quais mantinham relações familiares ou de amizade, sendo pagos por estes últimos. Em determinadas circunstâncias, alguns clientes chegavam a exigir o recurso a vários ou mesmo a todos os entalhadores disponíveis numa localidade.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou cinco anos, pagavam para aprender. Decorrido este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submetiam a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

As oficinas competiam entre si para obter trabalho e, algumas vezes, as matérias-primas necessárias para a sua atividade. Tinham, contudo, regras comuns. Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município escolhiam dois deles, os juízes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, vistoriar os trabalhos dos seus colegas quando solicitados por alguma instituição, participar na governação concelhia, designadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteirais. No desempenho destas atividades eram pagos.

Convém ainda referir que alguns modestos retábulos foram executados por amadores, que nunca chegaram a aprender o ofício numa oficina durante vários anos, como era prática usual na época.

Estrutura produtiva

Tendo em conta a listagem dos profissionais que apresentaremos adiante, é possível ter uma ideia, ainda que par-

cial[199], do número e da localização dos profissionais e/ou das oficinas que conceberam e executaram retábulos para a região em estudo.

Independentemente da sua formação e dos locais da sua habitual residência, identificámos quarenta e cinco debuxadores[200], setenta e sete entalhadores e marceneiros[201], dezassete canteiros e pedreiros[202], um pintor de fresco[203] e dois ourives[204].

Apesar de a diocese de Coimbra ter sido a terceira em importância no país, logo a seguir a Lisboa e ao Porto, nunca dispôs de artistas e artífices em número suficiente para satisfazer a maioria das necessidades da região. Como exceção digna de registo mencionamos a oficina de João de Ruão a única que respondeu pontualmente a solicitações das regiões vizinhas, como já indicámos antes.

É certo que o prestígio de alguma clientela mais esclarecida e abastada atraiu periodicamente artistas de muita qualidade, quer nacionais, quer estrangeiros, acabando uma parte deles por aqui se fixar e formar discípulos. São exemplos o mestre Pero, na primeira do século XIV; Olivier de Grand, em 1499; Nicolau de Chanterenne, em 1518; João de Ruão, em 1530; Gaspar Coelho,

199 Apesar do acervo documental publicado, justifica-se uma maior participação de novos investigadores.

200 António Andrade do Amaral, António Augusto Gonçalves, António Gomes, António Pereira Machado, Augusto da Costa Simões, Bartolomeu Fragoso, Belchior da Fonseca, Bernardo Coelho, Carlos Mardel, Claude de Laprade, , Domingos Lopes, Domingos Moreira, Domingos Nunes, Gaspar Ferreira, Gian Giacomo Azzolini, João Augusto Machado, João de Azevedo, padre frei João do Espírito Santo, João Machado, João Pereira, João de Ruão, Joaquim José de Miranda, Joaquim Lourenço Ciais Ferraz de Acunha, frei Jorge dos Reis, José Carlos Magne, José da Costa e Silva, José do Couto dos Santos Leal, José Custódio Ferreira Santinho, José da Fonseca Ribeiro, Luís Ernesto Reynaud, frei Luís de São José, Manuel Alves Macomboa, Mateus do Couto, *o moço*; Mateus do Couto, *o velho*; Mateus Vicente, Matias Rodrigues de Carvalho, Miguel Francisco da Silva, Morato, Nicolau de Chanterenne, padre Pantaleão da Rocha Magalhães, Pasquale Parente, padre frei Pedro de Meneses, Rodrigo Franco, Samuel Tibau, padre Sebastião Dinis da Fonseca e Tomé Velho.

201 Alexandre Simões Correia, André Lopes da Cunha, António Fernandes, o tenente; António Gomes, António Joaquim de Freitas, António José, António Lopes Ramos, António Oliveira Ferramenta, António Pereira Machado, António Ribeiro, António dos Santos, Bernardo Coelho, Brás Moreira, Bento Vieira, Claude de Laprade, Cristóvão de Seixas, Damião da Costa e Figueiredo, Diogo Gomes, Domingos António, Domingos Coelho, Domingos Lopes, Domingos Moreira, Domingos Nunes, Estevão Gomes, Francisco de Andrade, Francisco Gonçalves Pombo, Francisco Lopes de Matos, Francisco Machado, Francisco Morais, Frutuoso Pereira de Almeida, Gaspar Coelho, Gaspar Ferreira, Geraldo Machado, Jerónimo Ferreira de Araújo, João Afonso, João Alemão, João Andrade, João António Silva, João de Azevedo, João Baptista, João Dias, João Ferreira Quarema, João Miguéis, João Rodrigues, João Soares, José Cardoso, José Correia, José Custódio Ferreira Santinho, José da Fonseca Ribeiro, José Francisco, José Gonçalves de Abreu, José Martins Tinoco, José Nunes, José de Pinho, José Tavares de Moura, Leandro da Silva, Lourenço dos Santos, Luís Vieira da Cruz, Manuel Adães, Manuel de Andrade, Manuel Fernandes, Manuel Ferreira, Manuel Jorge, Manuel Machado, Manuel Moreira (do Porto), Manuel Moreira (de Coimbra), Manuel da Rocha, Manuel Teixeira de Guimarães, Matias Rodrigues de Carvalho, Nicolau Letrado, Olivier de Gand, Pedro de Frias, Samuel Tibau, padre Sebastião Dinis da Fonseca, Simão da Mota e Tomás Moreira.

202 Alexandre Rodrigues da Rosa, António Cordeiro, António Gomes, Bartolomeu Fragoso, Jacques de Bruxelas, João Afonso, João Álvares, João António Bellini, João Antunes, João Augusto Machado, João de Ruão, José Barata, Manuel Cotrim, Nicolau de Chanterenne, Pasquale Bocciardo, mestre Pero e Tomé Velho.

203 Tristão Correia.

204 Mestre Ptolomeu e mestre Cipriano.

em 1599; Samuel Tibau, em 1620; Claude de Laprade, nos finais do século XVII e Gaspar Ferreira, em 1716.

A presença destes artistas não impediu o recurso a profissionais, quer de Lisboa, quer de Entre Douro e Minho (Porto, Braga, Barcelos, Guimarães). Se no respeitante aos riscos ou projetos dos retábulos foi muito maior a importância da cidade de Lisboa, já no referente ao entalhe acentuou-se a presença de artesãos do Norte do país.

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais que trabalharam para a região em estudo, quer permanentemente, quer em períodos restritos. Excluímos, contudo, os técnicos de modalidades artísticas complementares aos retábulos, a saber, outras obras de talha, pintura de cavalete, escultura de vulto perfeito e diversas modalidades ditas mecânicas, nomeadamente o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem[205].

Alexandre Rodrigues da Rosa (1755)

Mestre *entalhador de pedra* com oficina aberta em Leiria. A 2 de abril de 1755, contrata com o reitor do Seminário de Jesus, Maria e José, em Coimbra, a feitura de *dois retábulos para os altares colaterais que se hão de fazer na nova igreja do dito Seminário, os quais se obrigava a fazer de pedra de lioz, que se tira dos arredores de Leiria, das cores que mostra a planta*, pela quantia de 1.800$000 réis[206] (ver p. 271).

Alexandre Simões Ferreira (1746 - 1760)

Mestre carpinteiro residente na Rua dos Militares, na freguesia de São Pedro, em Coimbra. Em 1746, de parceria com o

205 As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

206 PORTELA, 2019.

o mestre entalhador André Lopes da Cunha, assume a feitura do retábulo-mor da igreja de São Salvador, em Coimbra, pela quantia de 285$000 réis[207] (ver p. 90), tendo ambos executado provavelmente o retábulo da Apresentação da Virgem (ver p. 130) e o de São Brás (ver p. 267) no mesmo templo.

A 4 de abril de 1759, de parceria com o mestre entalhador João Ferreira Quaresma, ajusta e executa os atuais retábulos colaterais da capela da Universidade de Coimbra, pela quantia de 280$000 réis (ver p. 54). De anotar que o risco tinha sido concebido por Domingos Moreira e os apontamentos pelo entalhador e mestre de obras da Universidade, Gaspar Ferreira[208].

Por fim, a 20 de dezembro de 1760, de parceria com o mestre entalhador João Ferreira Quaresma, compromete-se a fazer o retábulo-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Coimbra. Entre as cláusulas é referido que deveria tomar por modelo o da igreja do mosteiro de Santa Cruz e em caso de dúvida consultar o mestre Gaspar Ferreira[209].



Coimbra. Igreja de São Bartolomeu.
Retábulo-mor.
Foto Daderot.
URL: https://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/deed.en

André Lopes da Cunha (1738 - f. 1779)

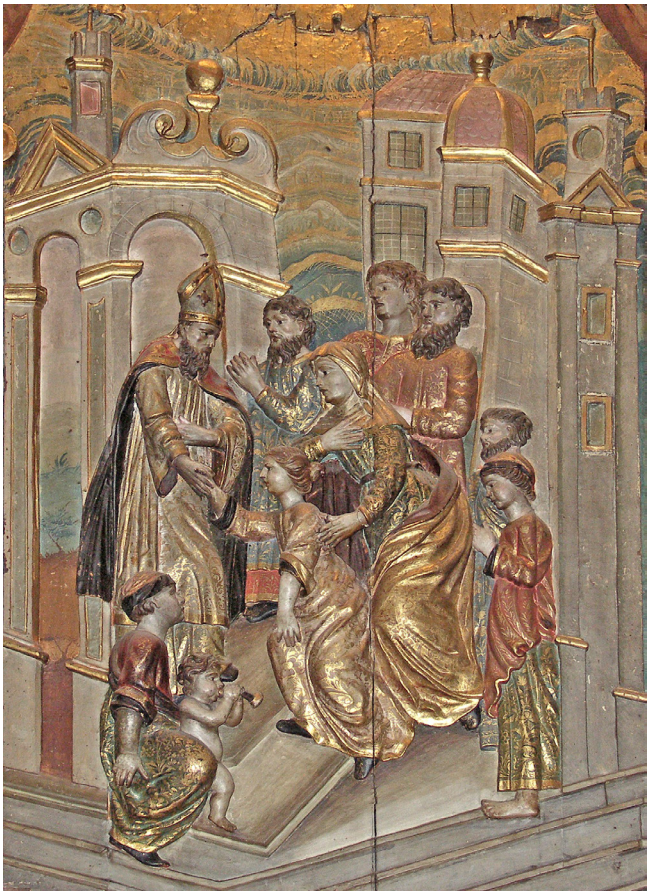
Mestre entalhador originário de Braga, mas com oficina aberta em Coimbra, na Rua de São Pedro. A 16 de novembro de 1738, de parceria com o carpinteiro Manuel Correia, contrata com os mesários da confraria do Senhor a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Taveiro – Coimbra, pela quantia de 186$000 réis, incluindo *o custo do risco da mesma obra*[210]. Exemplar inexis-

207 BORGES, 1991, pp. 314 e 315.
208 BORGES, 1991, pp. 307, 316 a 320.
209 BORGES, 1991, pp. 310 e 315.
210 PORTELA, 2019b, pp. 4, 12 e 13.

tente.

A 20 de outubro de 1742, ajusta com o vigário da igreja paroquial de Condeixa-a-Velha, o entalhe do retábulo do Santíssimo Sacramento, pela quantia de 150$000 réis[211]. Não subsiste.

Em 1746, de parceria com o carpinteiro Alexandre Ferreira Simões, assume a feitura do retábulo-mor da igreja de São Salvador, em Coimbra, pela quantia de 285$000 réis [212] (ver p. 90) tendo ambos executado provavelmente o retábulo da Apresentação da Virgem e o de São Brás (ver p. 267) no mesmo templo.



Coimbra. Igreja do Salvador.
Pormenor do retábulo da Apresentação da Virgem.
Foto Nuno Saldanha.

Por fim, a 17 de maio de 1753, compromete-se com os irmãos Roque Francisco Guimarães e o padre Francisco Mendes e ainda com António Ribeiro da Silva, a feitura do retábulo da capela da Quinta de Montessão, no termo de Coimbra, pela quantia de 100$000 réis[213]. Desconhecemos se subsiste.

António de Andrade do Amaral (c. 1749)

Natural de Viseu, ainda residia nesta cidade, em 1728, quando se tornou Familiar do Santo Ofício. Formou-se no colégio de São Pedro, em Coimbra. Foi lente da Universidade, tendo desempenhado também as funções de superintendente em várias obras.

No *convento do Louriçal, de religiosas capuchas*, por volta de 1749, fez o projeto da capela-relicário[214] (ver p. 260).

Na opinião de Nelson Correia Borges[215] é o autor do risco

211 PORTELA, 2019b, pp. 4 e 5.
212 BORGES, 1991, pp. 314 e 315.
213 PORTELA, 2019b.
214 MONTEIRO, 1750, pp. 245 e 246.
215 BORGES, 2017.

do retábulo-mor da igreja monástica de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 259).

António Augusto Gonçalves (1878 - f. 1932)

Professor de desenho, pintor e escultor. Em 1878, fundou a Escola Livre das Artes do Desenho, em Coimbra.

Em 1908, faz o projeto do retábulo-mor da capela do Divino Senhor da Serra, em Semide – Miranda do Corvo[216]. Este interessante exemplar toma por modelo o da capela-mor da sé velha, em Coimbra (ver p. 279).

António de Azevedo (1709 - f. 1724)

Mestre entalhador natural de Macieira de Cambra, outrora no bispado de Coimbra. Em 1709, de parceria com o seu colega António Ribeiro, sendo então assistentes na Granja do Couto de Semide – Miranda do Corvo, ajustam *a obra dos dois retábulos dos altares colaterais e imagens da igreja dos Capuchos de Pombal*, pela quantia de 180$000 réis[217]. Não subsistem.

Em 1724, quando falece na cidade de Elvas, pede ao seu irmão João de Azevedo, também de Macieira de Cambra, que conclua os retábulos que assumira naquela cidade alentejana[218].

António Cordeiro (1594 - f. c. 1599)

Escultor com oficina aberta em Coimbra. A 8 de julho de 1594, de parceria com o seu colega Manuel Fernandes, ajusta com o provedor do hospital real de Coimbra a feitura do retábulo da igreja, de pedra de Ançã[219]. Exemplar inexistente.

António Fernandes (1554 - f. 1600)

Mestre imaginário residente em Coimbra. O seu filho homónimo, que contrai matrimónio nesta cidade, em 1590, dá

216 ANACLETO, 2011a, pp. 9 a 47.
217 PORTELA, 2020a.
218 LAMEIRA e GOULART, 2015, p. 49.
219 GARCIA, 1923, pp. 72 a 76.

continuidade à sua oficina.

A 5 de junho de 1554, recebe do cabido da sé de Coimbra *cinco tostões por o trabalho que levou a ir a Pedrógão ver o retábulo*[220], que João de Ruão executava na capela-mor da igreja paroquial.

António Fernandes, o Tenente (1703 - 1704)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Santa Maria de Landim, termo de Barcelos. A 21 de novembro de 1703, ajusta o entalhe do, já desaparecido, retábulo-mor da freguesia de São Pedro de Aradas - Aveiro[221].

António Gomes (1582)

Mestre escultor que, durante algum tempo, trabalhou na oficina de João de Ruão, em Coimbra. A 16 de maio de 1582, assume com o prior, António Fernandes de Oliveira, a feitura de um retábulo de pedraria para a igreja paroquial de São Martinho de Sanguinheira, atualmente da Cortiça – Arganil, pela quantia de 28$000 réis[222]. Só subsistem algumas esculturas.

António Gomes (1679 - 1728)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta *fora da Porta de Carros*, extramuros da cidade do Porto e posteriormente na Rua Nova do Paraíso.

No dia 16 de dezembro de 1679, de parceria com o seu colega de profissão, Domingos Nunes, ajusta o entalhe do retábulo-mor da igreja do convento de Santo António, em Aveiro, cuja *traça* tinha sido concebida pelo padre Pantaleão da Rocha Magalhães[223]. Exemplar inexistente.

A 26 de julho de 1684, de parceria com Domingos Nunes, compromete-se a executar o retábulo-mor da igreja do colégio de

220 GARCIA, 1923, p. 210; CRAVEIRO, 2002, p. 445.
221 BRANDÃO, 1985, pp. 196 a 199.
222 DIAS, 1996, p. 37.
223 BRANDÃO, 1984, pp. 474 a 482.

São Bento, em Coimbra, *na forma das traças que eles mestres riscaram, que vai assinada por eles e pelo padre dom abade*, pela quantia de 450$000 réis[224]. Nada subsiste.

No dia 28 de outubro de 1692, ainda de parceria com Domingos Nunes, contrata a feitura de onze retábulos ainda remanescentes, dois colaterais e nove laterais (ver p. 237), pela quantia de 1.130$000 réis, para a igreja do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, *na forma das plantas que estão feitas e assinadas por Mateus do Couto*[225]. A 12 de dezembro de 1695, na sequência de uma petição que tinham feito, recebem 100$000 réis relativos às perdas que tiveram na feitura dos ditos retábulos[226].



Aveiro. Igreja da Sé.
Retábulo do Senhor Jesus.
Foto SIPA 1002037.

A 6 de agosto de 1697, assume uma escritura em que apresenta um fiador para a obra do retábulo-mor da igreja de Cacia, na comarca da Esgueira[227]. Exemplar subsistente.

No dia 12 de outubro de 1702, ajusta a feitura do retábulo do Senhor Jesus, atualmente do Santíssimo, na igreja conventual dos religiosos dominicanos, atual sé, em Aveiro, pela quantia de 200$000 réis, de acordo com a *planta* por si elaborada[228].

A 12 de abril de 1709, compromete-se com a *madre priora do convento das carmelitas descalças* de Aveiro, Jacinta do Santíssimo Sacramento, a executar três retábulos, ainda existentes, o mor e dois colaterais, pela quantia de 410$000 réis, devendo esta obra estar concluída dentro de um ano[229].

Por fim, no dia 7 de fevereiro de 1725, de parceria com o seu colega José Correia, também com oficina aberta na cidade do Porto, ajusta o entalhe não só do retábulo-mor,



Aveiro. Igreja conventual das carmelitas descalças.
Rertábulo-mor.
Foto José João Loureiro.

224 BRANDÃO, 1984, pp. 572 a 578.
225 BRANDÃO, 1984, pp. 754 e 755.
226 BRANDÃO, 1984, pp. 813 e 814.
227 BRANDÃO, 1984, pp. 850 a 852.
228 BRANDÃO, 1985, pp. 138 a 142.
229 BRANDÃO, 1985, p. 325.

mas também de toda a obra de talha que reveste a ousia do real mosteiro de Jesus, em Aveiro (ver p. 247), tomando por modelo a capela-mor da igreja do mosteiro de São Bento de Ave-Maria, no Porto. Como não cumpriram o prazo, foi celebrado novo contrato a 14 de fevereiro de 1728. Esta obra ficou completamente concluída nas *Endoenças* seguintes, celebrando-se a escritura de quitação a 1 de maio de 1728[230].

António Joaquim de Freitas (1761)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Coimbra. A 20 de fevereiro de 1761, ajusta com os mesários da irmandade de São Sebastião, do lugar de Torres, nos arredores de Coimbra, a feitura do retábulo da sua capela, pela quantia de 130$000 réis[231]. Não subsiste.

António José (1766)

Mestre entalhador, eventualmente residente em Coimbra. Em 1766, de parceria com o mestre Tomás Moreira, conclui os retábulos de talha, ainda subsistentes, onde se expõem as urnas de prata das irmãs D. Sancha e D. Teresa (ver p. 275), existentes nas paredes laterais da capela-mor da igreja monástica do Lorvão, delineados pelo arquiteto régio Mateus Vicente[232].

António Lopes Ramos (1859)

Mestre entalhador com oficina aberta em Oliveira de Azeméis. Em março de 1859, apresenta orçamento para executar o retábulo-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Veiros – Estarreja, mas não foi escolhido[233].

António de Oliveira Ferramenta (1879)

Mestre entalhador com oficina aberta em Oliveira de Aze-

230 BRANDÃO, 1985, pp. 692 702; 1986, pp. 108 a 111 e 115 a 117.
231 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
232 QUEIROZ, 2013, 3, pp. 148 e 149.
233 LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 22.

méis. Em outubro de 1879, assume a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São João Baptista, em Cedrim de Vouga – Sever do Vouga[234]. Este exemplar já não subsiste.

António Pereira Machado (1722 - f. c. 1760)

Mestre entalhador e debuxador originário de São João das Caldas, termo de Guimarães, mas com oficina aberta na cidade de Coimbra. A 28 de abril de 1722, assume a feitura do retábulo-mor da igreja de Santa Maria ou da Arrifana – Vila Nova de Poiares, pela quantia de 148$000 réis, cujo risco tinha sido concebido pelo mestre Gaspar Ferreira e ajustado previamente com Manuel Machado, irmão de António Pereira Machado[235].

Algum tempo depois emigra para Minas Gerais, no Brasil, onde se torna num dos mais prestigiados profissionais[236].



Arrifana. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto padre Manuel Martins.

António Ribeiro (1709)

Mestre entalhador que, em 1709, de parceria com o seu colega António de Azevedo, ambos assistentes na Granja do Couto de Semide – Miranda do Douro, ajusta *a obra dos dois retábulos dos altares colaterais e imagens da igreja dos Capuchos de Pombal*, pela quantia de 180$000 réis[237]. Não subsistem.

António dos Santos (1755)

Deste profissional só temos conhecimento que, em 1755,

234 MARQUES e LEANDRO, 2020, p. 8.
235 M. ALMEIDA, 1971, pp. 379 a 385.
236 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 51.
237 PORTELA, 2020a.

de parceria com os seus colegas Manuel Gonçalves e Estevão Gomes, assume o entalhe do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Taveiro – Coimbra, de acordo com um risco feito pelo mestre Domingos Moreira[238]. Sobrevive.

Augusto da Costa Simões (1857)

Reputado médico em Coimbra e debuxador de arquitetura hospitalar. Em 1857, faz um *projeto do cemitério e pormenor da capela*, que ainda subsiste, destinado a Coimbra[239]. É provável que tenha também seja da sua autoria um outro desenho de pormenor da capela do cemitério e do retábulo, ainda remanescente no Arquivo da Universidade de Coimbra (ver p. 195).

Bartolomeu Fragoso (1654 - 1668)

Oficial de pedreiro de entalhador e debuxador, desconhecendo-se em que localidade tinha sua oficina. Em 1654, integrado na equipa liderada pelo mestre João Dias, originário de Coimbra, trabalha na obra do retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro[240], eventualmente na feitura do embasamento de pedraria (ver p. 230).

Em 1668, concebe o risco para um retábulo da capela de Jesus, em Aveiro, cujo entalhe foi somente apalavrado entre um cónego da sé do Porto e o mestre entalhador Domingos Lopes, com oficina aberta na cidade do Porto[241].

Belchior da Fonseca (1553)

Mestre pintor com oficina aberta em Cernache, termo de Coimbra. A 21 de julho de 1553, apresenta ao provedor da Fazenda da Universidade de Coimbra *um debuxo do retábulo da igreja de São Silvestre de Alvorge*[242]. Este retábulo não subsiste.

238 BORGES, 1991, p. 313.
239 CARVALHO e SILVA, 2012, pp. 65 e 66.
240 SERRÃO, 1992, p. 431; A. NEVES, 1998, p. 223.
241 BRANDÃO, 1984, pp. 366 a 368.
242 GARCIA, 1923, p. 69.

Bento Vieira (1728)

Mestre entalhador com oficina aberta em Celas, nos arredores de Coimbra. A 11 de fevereiro de 1728, de parceria com o seu colega Domingos António, ajusta a feitura do retábulo principal, já inexistente, da capela da irmandade de Nossa Senhora da Piedade, em Celas, pela quantia de 165$000 réis, de acordo com um risco feito por Gaspar Ferreira[243].

Bernardo Coelho (1605)

Mestre marceneiro e debuxador com oficina aberta na cidade de Lisboa. A 5 de julho de 1605, recebe *12$000 réis pelo rascunho e traça que trouxe para o retábulo da Universidade* de Coimbra. Só depois de o dito projeto ter chegado de Madrid, onde foi aprovado, é que foi ajustado o entalhe, em 1610, com o mestre Simão da Mota, sediado nesta última cidade[244].

Na opinião de Vítor Serrão, em 1605, faz a traça e assume parte da marcenaria do retábulo-mor do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra[245]. Obra desaparecida.

Brás Moreira (1739)

Entalhador com oficina aberta em Coimbra. Era filho do mestre Manuel Moreira e irmão do reputado Domingos Moreira. Em 1739, de parceria com este último, assume a execução do retábulo da capela de Nossa Senhora da Conceição, em Taveiro, no concelho de Coimbra[246]. Nada subsiste.

Carlos Mardel (1737 - f. 1763)

Prestigiado arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa. Na década de 1730, reformula o projeto da igreja conventual do Louriçal, no concelho de Pombal, sendo muito provavelmente da

243 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
244 SMITH, 1962, pp. 38 e 47.
245 SERRÃO, 2003, p. 102.
246 BORGES, 1991, p. 313.



Coimbra. Mosteiro de Santa Cruz.
Capela-relicário.
Foto José João Loureiro.

sua autoria o projeto dos retábulos deste templo, que serão executados entre 1737 e 1739 pelo escultor italiano João António Bellini de Pádua[247] (ver p. 254).

Atribuímos a este profissional não só a autoria do risco do retábulo-mor da igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra (ver p. 259), mas também da capela-relicário e dos seus retábulos, obras mandadas executar por frei Gaspar da Encarnação, entre 1741 e 1752.

Cipriano (f. 1172)

Deste ourives somente temos conhecimento que executou um frontal de prata para a igreja sé, em Coimbra[248].

Claude de Laprade (finais do século XVII - f. 1738)

Famoso escultor (...) *outro Miguel Ângelo, bem conhecido neste Reino*. Era originário de Avinhão, na França, encontrando-se em Ílhavo, nos princípios do século XVIII, onde executa na capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo, *imagens e efígies, assim de pedra, como de pau, que no interior do templo se admiram e veneram* (...) *qualquer delas um primor e milagre da arte*[249], incluindo as que estão no interior do camarim do retábulo-mor (ver p. 235).

Em Coimbra realiza algumas esculturas de pedra para a Universidade, entre 1700 e 1702[250]. A este período atribuímos uma escultura de Nossa Senhora da Assunção[251] e o retábulo e a imagem de Nossa Senhora da Encarnação na igreja da sé velha: *a*

247 VALE, 2007, p. 511.

248 ROSAS, 2010-2012, p. 299.

249 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 117 e 118.

250 ANACLETO e BORGES, 2019, pp. 46 e 47.

251 No altar-mor da igreja matriz de Penacova está uma imagem de Nossa Senhora da Assunção que modernamente se mandou fazer de escultura de madeira por um insigne escultor estrangeiro e foi fabricada no ano de 1697 (A. SANTA MARIA, 1712, p. 612).

Santíssima imagem e aquela nobre capela mandou fabricar aquele prelado (D. João de Melo) *obrada por um insigne escultor estrangeiro pelos anos de 1697 ou de 1698*[252].

Retomando a opinião de Robert Smith[253], entendemos que é provável que, por volta de 1718, tenha feito o risco da composição em talha que enquadra o retrato do rei D. João V que existe na Biblioteca da Universidade de Coimbra (ver p. 96) e que servirá posteriormente de modelo ao retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais desta cidade (ver p. 249).



Coimbra. Sé velha.
Retábulo lateral, de Nossa Senhora da Encarnação.
Foto Joel Sabino.

Cristóvão de Seixas (1608)

Mestre entalhador de Coimbra, genro do pintor Pedro Álvares Pereira (f. 1627). Em 1608, é chamado para ir trabalhar em obras do seu ofício na sé de Portalegre[254], desconhecendo-se a sua atividade profissional na terra natal.

Damião da Costa e Figueiredo (1703 - 1704)

Mestre entalhador e debuxador, *natural de Braga,* (...) *esteve anos no mosteiro da Batalha e lá aprendeu a fazer retábulos de talha e depois* (...) *fez muitos nesta Província* (Entre Douro e Minho)[255]. Entre 1681 e 1695 fixa a sua oficina na cidade de Braga. Nos princípios do século XVIII transfere-se para Coimbra a pedido dos jesuítas, ficando a residir *no colégio da Companhia de Jesus*.

A 28 de agosto de 1703, ajusta com os padres da Companhia de Jesus a feitura do retábulo-mor da igreja do colégio[256] (ver p. 239).

No dia 21 de outubro do ano seguinte contrata a execução do retábulo-mor da igreja dos eremitas descalços de Santo Agos-

252 A. SANTA MARIA, 1712, p. 617.
253 SMITH, 1962, pp. 117 e 118.
254 PATRÃO, 2002, p.225.
255 BRANDÃO, 1984, p. 434.
256 Informação inédita cedida por Miguel Portela.



Oiã. Igreja paroquial.
Retábulo-mor, proveniente da igreja de Santa Ana, em Coimbra.
Foto paróquia de Oiã.



Coimbra. Igreja da Graça.
Retábulo de Nossa Senhora impondo a casula a Santo Ildefonso.
Foto SIPA 894758.

tinho, pela quantia de 220$000 réis[257]. Este exemplar ainda subsiste, mas na igreja paroquial da Oiã – Oliveira do Bairro.

Diogo Gomes (1608)

Mestre marceneiro com oficina aberta em Coimbra. A 12 de agosto de 1608, ajusta com o síndico da Universidade de Coimbra a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria Madalena, no Rabaçal – Penela, pela quantia de 24$000 réis[258]. Já não subsiste.

Diogo Jacques (1543 - 1547)

Mestre escultor que, em 1543, tinha oficina aberta em Coimbra. Pedro Dias atribui a este profissional três retábulos, de pedraria: o de Cristo a Caminho do Calvário (cerca de 1545 - 1550), existente no Museu Nacional Machado de Castro, proveniente da igreja do colégio da Graça; o da Virgem impondo a casula a Santo Ildefonso, ainda subsistente na sacristia da igreja do colégio da Graça e o de Nossa Senhora com Santa Isabel à Porta Dourada, que esteve na primitiva igreja da Misericórdia e que também se encontra no Museu Machado de Castro[259].

Domingos António (1728)

Mestre entalhador com oficina aberta no Lorvão. A 11 de fevereiro de 1728, de parceria com o seu colega Bento Vieira, ajusta a feitura do retábulo principal da capela da irmandade de Nossa Senhora da Piedade, em Celas, pela quantia de 165$000 réis, de acordo com um risco feito por Gaspar Ferreira[260]. Não

257 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
258 M. ALMEIDA, 1970, pp. 67 a 70, 77.
259 DIAS, 2003, pp. 149 a 151.
260 Informação inédita cedida por Miguel Portela.

subsiste.

Domingos Coelho (finais do séc. XVI - princípios do XVII)

Marceneiro que surge associado à oficina de seu irmão, o reputado Gaspar Coelho, tendo vindo ambos para Coimbra, nos finais do século XVI, por convite de D. frei Amador Arrais, bispo resignatário de Portalegre desde 1597.

É provável que, por encomenda deste último prelado, tenha colaborado com Gaspar Coelho na feitura do retábulo-mor do colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra[261] (ver p. 214).

Nos princípios do século XVII, o prior do mosteiro de Santa Cruz, constando que *o retábulo do altar-mor estava já muito danificado e também o do altar de Santa Mónica se concertou com Gaspar Coelho e com seu irmão Domingos Coelho, que eram grandes oficiais de marceneiros, que lhe haviam de fazer os ditos dois retábulos de novo por preço de um conto de réis*[262]. Já não subsistem.

Domingos Lopes (1668 - 1693)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta no Porto. Em 1668, ajusta somente por palavras, pois o contrato nunca chegou a ser assinado, com um cónego da sé do Porto um retábulo para a capela de Jesus, em Aveiro, cujo risco tinha sido concebido pelo mestre Bartolomeu Fragoso[263].

Por volta de 1692, faz o risco e entalha o retábulo-mor da igreja do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra. Atendendo a que o retábulo ficou concluído antes da conclusão da capela-mor, foi necessário refazer esta última, de modo a se conseguir encaixá-lo pois *tinha grande culatra e sepulcro da Senhora Rainha Santa e camarim*

261 C. GONÇALVES, 2001, p. 98.
262 N. SANTA MARIA, 1668, 2, p. 390.
263 BRANDÃO, 1984, pp. 366 a 368.

do Senhor[264] (ver p. 236).

Domingos Moreira (1726 - 1766)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Santa Clara-a-Nova, em Coimbra. Sucedeu à oficina do seu pai, Manuel Moreira. Entre outros tratados teve na sua posse uma tradução espanhola das *Regole Generali de Architettura di Sebastiano Serlio*, atualmente existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto[265].

Em 1726, de parceria com o seu pai, Manuel Moreira, assume a feitura da talha da capela-mor, incluindo o retábulo, do Recolhimento do Paço do Conde, segundo uma planta vinda de Lisboa[266]. Nada subsiste.

A 1 de abril de 1728, ainda de parceria com o seu pai Manuel Moreira, ajusta o retábulo-mor, já inexistente, da igreja de São Cristóvão, em Coimbra, pela quantia de 240$000 réis. De anotar que a planta e os apontamentos concebidos por Manuel Moreira foram revistos pelo mestre Gaspar Ferreira[267].

Em 1739, desta vez de parceria com o seu irmão, Brás Moreira, contrata o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Taveiro – Coimbra[268]. Nada subsiste.

Em 1745, faz o *risco* e ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Ílhavo, que não chega a realizar[269], pois celebra novo contrato para a mesma obra cinco anos depois[270]. Este exemplar já não subsiste.

Em 1747, concebe o risco dos retábulos de Santo António e São Crispim, destinados à igreja de São João de Santa Cruz, em

264 L. SILVA, 2003, p. 36; BORGES, 2003, p.71.
265 BORGES, 1991, p. 312.
266 BORGES, 1991, p. 313.
267 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
268 BORGES, 1991, p. 313.
269 BORGES, 1991, p. 313; ABRANTES, 2004, pp. 143, 145.
270 ABRANTES, 2004, pp. 143, 144 e 146.

Coimbra, por encomenda das respetivas confrarias. O entalhe destes exemplares é assumido, a 10 de outubro, pelo mestre João Ferreira Quaresma[271]. Não subsistem.

Em 1755, executa um risco para o retábulo, ainda existente, de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Taveiro, cujo entalhe é contratado por Manuel Gonçalves, António dos Santos e Estevão Gomes[272].

A 28 de março de 1757, ajusta a feitura de dois retábulos colaterais, ainda subsistentes, na igreja de São Martinho do Bispo - Coimbra, pela quantia de 210$000 réis[273].

Ainda em 1757, faz um risco para o retábulo-mor da igreja paroquial de Paião, Figueira da Foz, cujo entalhe é assumido pelo mestre João Baptista[274]. Já não subsiste.

Em 1758, concebe a planta do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ourentã - Cantanhede, que é ajustado a 14 de abril entre o representante do cabido da sé de Coimbra e o mestre Lourenço dos Santos[275].

A 6 de março de 1759, recebe 4$800 réis pela traça dos novos retábulos colaterais da capela da Universidade de Coimbra[276].

No dia 28 de janeiro de 1760, recebe 2$400 por ter ido vistoriar e aprovar o atrás referido retábulo-mor de Ourentã[277].

Em 1766, é pago pelos mesários da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro por diversas obras do seu ofício, a saber, o sacrário[278] e, muito provavelmente, a abertura do camarim no retábulo-mor.



São Martinho do Bispo. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 760391.

271 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
272 BORGES, 1991, p. 313.
273 ABRANTES, 2004, p. 146.
274 ABRANTES, 2004, p. 146.
275 BORGES, 1982, pp. 29 e 37; BORGES, 1991, p. 313 e 314.
276 BORGES, 1982, pp. 33 e 39; BORGES, 1991, pp. 307 e 316.
277 BORGES, 1982, pp. 38 e 39.
278 ABRANTES, 2004, p. 235.

Desconhecemos em que data fez a planta do retábulo-mor da igreja paroquial de São Martinho, em Murtede - Cantanhede, que somente é ajustado em 1790 pelo *mestre carpinteiro* Lourenço dos Santos[279].

Nelson Correia Borges atribui-lhe o risco dos retábulos colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ourentã[280].

Domingos Nunes (1679 - 1692)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 16 de dezembro de 1679, de parceria com o seu colega António Gomes, ajusta o entalhe do retábulo-mor da igreja do convento de Santo António, em Aveiro, cuja *traça* tinha sido concebida pelo padre Pantaleão da Rocha Magalhães[281]. Exemplar substituído posteriormente.



Coimbra. Igreja conventual de Santa Clara.
Retábulo lateral.
Foto Nuno Saldanha.

A 26 de julho de 1684, de parceria com António Gomes, assume a feitura do, já inexistente, retábulo-mor da igreja do colégio de São Bento, em Coimbra, *na forma das traças que eles mestres riscaram que vai assinada por eles e pelo padre dom abade*, pela quantia de 450$000 réis[282].

No dia 28 de outubro de 1692, de parceria com António Gomes, contrata a execução de onze retábulos ainda subsistentes, dois colaterais e nove laterais (ver p. 237) para a igreja do convento de Santa Clara, em Coimbra, *na forma das plantas que estão feitas e assinadas por Mateus do Couto*, pela quantia de 1.130$000 réis[283]. A 12 de dezembro de 1695, na sequência de uma petição que tinha feito, juntamente com

279 BORGES, 1991, p. 313.
280 BORGES, 1982, p. 31.
281 BRANDÃO, 1984, pp. 474 a 482.
282 BRANDÃO, 1984, pp. 572 a 578.
283 BRANDÃO, 1984, pp. 754 e 755.

António Gomes, recebem 100$000 réis relativos às perdas que tiveram na referida obra[284].

Estevão Gomes (1755)

Deste profissional só temos conhecimento que, em 1755, de parceria com os seus colegas António dos Santos e Manuel Gonçalves, assume o entalhe do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Taveiro – Coimbra, de acordo com um risco feito pelo mestre Domingos Moreira[285]. Subsiste.

Francisco de Andrade (1709)

Mestre entalhador residente em Coimbra. A sua oficina teve continuidade com o seu filho Manuel de Andrade, que veio a residir no lugar de Torres, no termo desta cidade, como veremos adiante.

A 23 de julho de 1709, ajusta com o vice-reitor da Universidade de Coimbra a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel de Poiares – Vila Nova de Poiares, pela quantia de 45$00 réis[286]. Não subsiste.

Francisco Gonçalves Pombo (1647 - f. 1680)

Mestre escultor natural de Guimarães, que reside em Coimbra entre 1647 e 1676, regressando posteriormente à sua terra natal[287].

A sua primeira obra em Coimbra remonta a 1647, quando ajusta com o reitor de Santa Cruz a execução de um retábulo, já inexistente, muito provavelmente o da capela-mor, incluindo o sacrário com duas figuras colaterais[288].

No dia 21 de abril de 1648, surge como testemunha na es-

284 BRANDÃO, 1984, pp. 813 e 814.
285 BORGES, 1991, p. 313.
286 M. ALMEIDA, 1971, p. 146.
287 PORTELA, 2020, p. 50.
288 F. GONÇALVES, 1981, p. 342; PORTELA, 2020, p. 52.

critura em que Samuel Tibau assume a execução do retábulo-mor da igreja conventual de São Domingos, em Coimbra[289].

Por fim, a 24 de março de 1659, contrata com os responsáveis da Fazenda da Universidade de Coimbra a feitura de um retábulo para a igreja de São José das Lavegadas – Vila Nova de Poiares, *na forma dos apontamentos que para isso mandaram fazer*, pela modesta quantia de 14$000 réis[290]. Não subsiste.

Francisco Lopes de Matos (1666 - f. 1683)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta em Viseu, onde falece em 1683. Teve carta de familiar do Santo Ofício em 1677, declarando uma das testemunhas *que é rico de fazenda e ganha muito pelo seu ofício*[291].

A 12 de dezembro de 1666, ajusta a feitura do retábulo de uma capela privativa, da invocação de Nossa Senhora das Relíquias, em São Lourenço do Bairro – Anadia, cujo risco tinha sido concebido pelo padre frei Jorge dos Reis, religioso de Santo António[292].

Francisco Machado (1716 - f. 1733)

Mestre entalhador originário da freguesia de Landim, então no termo de Barcelos, mas assistente na cidade de Coimbra.

A 24 de janeiro de 1716, compromete-se com o juiz e mais eleitos da confraria do Santíssimo Sacramento da igreja paroquial de Nossa Senhora da Apresentação, em Aveiro, a executar o retábulo-mor, assim como a talha das paredes laterais e da cobertura, pela quantia de 520$000 réis[293], obra ainda subsistente.

Em 1718, executa o retábulo-mor, ainda subsistente, da i-



Coimbra. Igreja de Santa Justa. Retábulo-mor.

289 GARCIA, 1923, p. 109.
290 GARCIA, 1923, p. 347 a 349.
291 ALVES, 2001, 2, p. 201.
292 ALVES, 2001, 2, pp. 204 a 206.
293 BRANDÃO, 1985, pp. 660 a 663.

greja de Santa Justa, em Coimbra[294].

Francisco Morais (1645)

Mestre marceneiro da Universidade de Coimbra. Entre abril e maio de 1645 executa um modesto retábulo, que já não subsiste, para *o altar da casa da cadeia* da universidade[295].

Frutuoso Pereira de Almeida (1752)

Mestre entalhador com oficina aberta em Torres Novas. A 4 de julho de 1752, ajusta com a madre abadessa do mosteiro de Santa Clara, em Figueiró dos Vinhos, a feitura do retábulo-mor, já inexistente, pela quantia de 124$000 réis[296]. Convém anotar que a capela-mor deste templo tinha sido reconstruída há poucos anos, tendo assumido essa empreitada o seu colega, o mestre entalhador João Miguéis[297].

Gaspar Coelho (1599 - f. 1605)

Imaginário e mestre que foi desta arte principal nestes tempos neste Reino. Tinha oficina aberta em Portalegre antes de vir para Coimbra, nos finais do século XVI, por convite de D. frei Amador Arrais, bispo resignatário de Portalegre desde 1597. Pertenceu à irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

A sua primeira obra nesta cidade, por encomenda de D. Frei Amador Arrais, foi o retábulo-mor do colégio de Nossa Senhora do Carmo (ver p. 214), conforme se verifica no seu assento de óbito[298]. Provavelmente colaboraram nesta obra o seu irmão Domingos Coelho e o seu filho homónimo.

Nos princípios do século XVII, o prior do mosteiro



Coimbra. Igreja colegial do Carmo.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Nuno Saldanha.

294 ALVES, 2001, 2, p. 150.
295 PACHECO, 2013, p. 122.
296 PORTELA, 2017.
297 PORTELA, 2017a.
298 GARCIA, 1923, p. 207; C. GONÇALVES, 2001, p. 98.

de Santa Cruz, constando que *o retábulo do altar-mor estava já muito danificado e também o do altar de Santa Mónica se concertou com Gaspar Coelho e com seu irmão Domingos Coelho, que eram grandes oficiais de marceneiros, que lhe haviam de fazer os ditos dois retábulos de novo por preço de um conto de réis*[299]. Já não remanescem.

Gaspar Ferreira (1713 - f. 1762)

Reputado entalhador e mestre de obras da Universidade de Coimbra entre 1718 e 1762. Nasceu em Lisboa, em 1689, sendo filho do entalhador Manuel Ferreira, natural de Cabeçudos – Vila Nova de Famalicão, então residente em Lisboa. Casa nesta cidade, passando a partir de 1716 a residir em Coimbra, no bairro de Montarroio. Em 1732, habilita-se a familiar do Santo Ofício[300]. Pertenceu à ordem terceira de São Francisco.

Em 1713, ainda *morador na cidade de Lisboa e ora assistente nesta dita cidade de Coimbra,* ajusta com os religiosos franciscanos desta última localidade a feitura de dois retábulos ja inexistentes, o da capela de Nossa Senhora da Piedade, ajustado a 9 de outubro e o da capela dos Santos, a 8 de novembro, o primeiro por 130$000 réis e o segundo por 145$000[301].

Em data incerta, faz o risco de um retábulo para a igreja de Santa Maria de Poiares ou da Arrifana – Vila Nova de Poiares (ver p. 135), cujo entalhe é assumido inicialmente por Manuel Machado e passado algum tempo, concretamente a 28 de abril de 1722, pelo irmão deste último, António Pereira Machado[302].

Pouco antes de 1723, na qualidade de mestre de obras da Universidade, executa seguramente o risco do retábulo da capela dos reitores na Universidade de Coimbra (ver p. 246).

299 SANTA MARIA, 1668, 2, p. 390.
300 GASPAR, 1996, p. 27.
301 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
302 M. ALMEIDA, 1971, pp. 379 a 385.

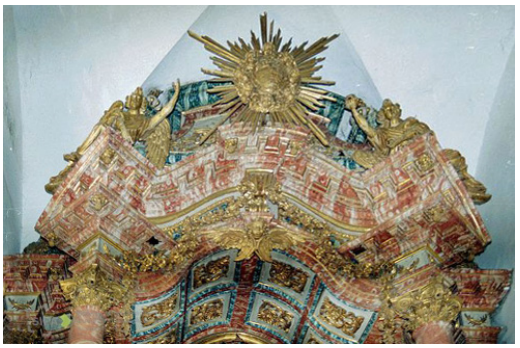
A 11 de janeiro de 1723, ajusta a execução do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na freguesia de São Pedro, em Coimbra[303]. Nada resta.

Em 1728, concebe o risco do retábulo principal da capela da irmandade de Nossa Senhora da Piedade, em Celas, cujo entalhe é assumido, a 11 de fevereiro, pelos mestres Bento Vieira e Domingos António[304].

Ainda em 1728, revê a planta e os apontamentos do retábulo-mor da igreja de São Cristóvão, em Coimbra, realizados por Manuel Moreira[305].

Em 1729, faz o risco do retábulo-mor da igreja paroquial do Rabaçal – Penela, cujo entalhe é assumido, a 29 de julho, pelo mestre Manuel de Andrade[306].

Em 1730, faz a *planta e os apontamentos das portas da igreja e sanefas de toda a obra, caixões da sacristia, portas das tribunas e dos púlpitos da igreja do Senhor das Barrocas, em Aveiro*[307], devendo ser da sua autoria o risco do retábulo principal deste templo (ver p. 252).



Coimbra. Igreja da ordem terceira de São Francisco. Pormenor do retábulo-mor. Foto SIPA 24215.

No dia 28 de dezembro de 1751, faz o risco do retábulo-mor da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Coimbra[308].

Em 1756, executa o risco do retábulo de Nossa Senhora do Bom Despacho, destinado à capela que esta confraria administrava na igreja de São Pedro, em Coimbra, cujo entalhe é ajustado a 2 de abril desse ano pelo mestre entalhador João António Silva e pelo carpinteiro Manuel Gonçalves[309].

Em março de 1759, depois de analisar o risco dos novos

303 GASPAR, 1996, p. 30.
304 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
305 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
306 M. ALMEIDA, 1974, p. 87.
307 GASPAR, 1996, p. 39.
308 BORGES, 1987, p. 74.
309 Informação inédita cedida por Miguel Portela.

retábulos colaterais da capela da Universidade, concebidos por Domingos Moreira, elabora os apontamentos escritos, que serão apresentados na escritura do ajuste notarial da obra dos ditos retábulos, assumida a 4 de abril desse ano pelo carpinteiro Alexandre Simões Ferreira e pelo mestre entalhador João Ferreira Quaresma[310].

A 20 de dezembro de 1760, quando o mestre entalhador João Ferreira Quaresma ajusta a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Coimbra, é referido que deveria tomar por modelo o da igreja do mosteiro de Santa Cruz e em caso de dúvida consultar Gaspar Ferreira[311].

É possível ter executado, na década de 1720, o risco e eventualmente o entalhe do retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra (ver p. 249), tendo-se inspirado na composição de talha que enquadra a pintura do rei D. João V e que existe numa das salas da biblioteca de Universidade de Coimbra (ver p. 96). Convém lembrar que este profissional, na qualidade de mestre das obras da Universidade de Coimbra, supervisionou a construção da dita biblioteca.



Figueiró dos Vinhos. Igreja conventual do Carmo. Retábulo da capela privativa de Miguel Curado. Foto José João Loureiro.

Atribuímos ainda a este profissional a autoria dos seguintes retábulos: por volta de 1723, o da capela privativa dos descendentes de Miguel Curado, na igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, em Figueiró dos Vinhos, que toma por modelo o da capela dos reitores na Universidade de Coimbra (ver p. 246), que referimos antes; dois retábulos-mores de igrejas

310 BORGES, 1991, pp. 307, 316 a 320.

311 BORGES, 1991, p. 310.

paroquiais do padroado da Universidade: o de Alvorge – Ansião e o de Aguada de Cima – Águeda (ver p. 262) e ainda os do transepto da igreja colegial do Carmo, em Coimbra – o de Nossa Senhora do Carmo (ver p. 270) e o de São João da Cruz.



Aveiro. Igreja da sé.
Retábulo-mor, proveniente da igreja de Vera Cruz.
Foto Maria da Luz Nolasco.

Geraldo Machado (1774)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 6 de julho de 1774, de parceria com o seu colega de profissão José Francisco, também dessa cidade, ajusta *a obra da tribuna da igreja* paroquial de Vera Cruz, em Aveiro, pela modesta quantia de 55$000 réis[312]. O retábulo deste templo ainda subsiste, mas na capela-mor da igreja do antigo convento de São Domingos, atual igreja da sé.

Gian Giacomo Azzolini (cerca de 1765 - f. 1791)

Arquiteto formado na Academia Clementina, em Bolonha. Depois de ter executado algumas obras em Lisboa, na companhia do seu professor Bibiena, encontra-se em Coimbra, em 1756. Entre outras obras no Seminário Maior desta cidade, desenha a capela de São Miguel[313], sendo possível atribuir-lhe o projeto do retábulo[314] (ver p. 272).

Jacques de Bruxelas (meados de Quinhentos - 1580)

Mestre escultor flamengo com oficina aberta em Coimbra, na freguesia de Santa Cruz, residindo ainda nesta cidade em 1580, onde é padrinho de um batismo na igreja de São João de Santa Cruz[315].

De parceria com João de Ruão, executa dois retábulos para a igreja paroquial de Santa Maria do Castelo, em Pombal[316], pro-

312 BRANDÃO, 1987, pp. 364 a 367.
313 LOBO e RAGGI, 2017, p. 203.
314 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, pp. 92 e 223.
315 GARCIA, 1923, p. 208; C. GONÇALVES, 2020, pp. 117 e 124.
316 A. SANTA MARIA, 1712, pp. 473 e 474; C. GONÇALVES, 2020, pp. 123 e 124.

vavelmente nos meados do século XVI. Após a destruição deste templo, o retábulo-mor deve ter ido para a igreja de São Martinho nesta mesma localidade e um lateral para a igreja do Cardal, este último um pouco incompleto[317].

Jerónimo Ferreira de Araújo (1731 - 1740)

Mestre entalhador que aprendeu o ofício em Lisboa, cidade onde nasceu, sendo filho do pintor régio de têmpera, Francisco Ferreira de Araújo[318].

Em 1731, conclui a feitura do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Pereira – Montemor-o-Velho e, em 1739-1740, os colaterais do mesmo templo[319], exemplares ainda subsistentes.



MNMC. Retábulo do Corpo de Deus. Foto Pedro Dias.

João Afonso (1443)

Mestre escultor com oficina aberta em Coimbra. Em 1443, executa o pequeno retábulo da capela do Corpo de Deus, em Coimbra[320], exemplar que se encontra atualmente no Museu Nacional Machado de Castro.

Pedro Dias atribui-lhe a autoria do retábulo de São Jorge, da igreja de Eira Pedrinha – Condeixa-a-Velha[321] (ver p. 68).

João Afonso (1565)

Mestre marceneiro que, em 1565, recebe do cabido da sé de Coimbra vários pagamentos por ter feito o retábulo da igreja paroquial de Tavarede – Figueira da Foz[322]. Já não subsiste.

João Alemão (1518 - 1522)

Mestre marceneiro, de origem nórdica. Em 1518, fixa-se em Coimbra, tendo vindo de Sevilha, onde executara algumas obras do seu ofício.

317 BORGES, 1980, p. 72.
318 FLOR e FLOR, 2016, p. 140.
319 SANTOS, 2011, pp. 203 e 204.
320 FERREIRA DE ALMEIDA e BARROCA, 2002, p. 207; DIAS, 2003, p. 50.
321 DIAS, 2003, p. 50.
322 GARCIA, 1923, pp. 66 e 67.

Começa de imediato, por encomenda régia, a obra de marcenaria de alguns retábulos para a igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Em 1522, é pago pelo *acrescentamento dos retábulos dos Mártires*[323]. Pouco depois, a 8 de janeiro de 1523, o rei pergunta a Gregório Lourenço *pelos dois retábulos que mandaste fazer a mestre João Alemão para as duas capelas que estão no cruzeiro, da madeira velha que tínheis guardada*[324]. Nada sobrevive da sua obra.

Na opinião de Pedro Dias executa também o já desaparecido retábulo-mor do mesmo cenóbio, cujo entalhe estava concluído em março de 1522, faltando então a pintura figurativa dos vários painéis[325].

João Álvares (meados do século XVII)

Mestre pedreiro com oficina aberta no lugar de Ançã – Cantanhede. Nos meados do século XVII trabalha na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Aveiro, possivelmente na execução dos dois retábulos colaterais, gémeos.

João Andrade (1809)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. Em 1809, encontra-se a trabalhar na igreja paroquial de Santa Eulália, em Albergaria-a-Velha[326], eventualmente a executar os dois retábulos laterais ainda subsistentes.

João António Bellini de Pádua (1737 - 1739)

Escultor e arquiteto italiano com oficina aberta em Portugal no segundo quartel do século XVIII. Entre 1737 e 1739, executa para a igreja do convento do Louriçal – Pombal cinco retábulos *fabricados das pedras mais escolhidas, que se tiram das pedreiras de Lis-*



Aveiro. Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 999050.



Louriçal. Igreja conventual.
Retábulos laterais.
Foto SIPA 510332.

323 GARCIA, 1923, p. 172.
324 GARCIA, 1923, p. 167.
325 DIAS, 1983, p. 202.
326 LEMOS, 2006.

boa, de diferentes cores, elegantemente matizadas e polidas, ornadas com anjos e vários primores, muito provavelmente adotando um projeto delineado pelo arquiteto régio Carlos Mardel[327] (ver p. 254).

João António Silva (1756)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. A 22 de abril de 1756, de parceria com o carpinteiro Manuel Gonçalves, assume a feitura do retábulo de Nossa Senhora do Bom Despacho, destinado à capela que esta confraria administrava na igreja de São Pedro, em Coimbra, de acordo com um risco concebido pelo mestre Gaspar Ferreira[328]. Nada resta.

João Antunes (antes de 1699 - f. 1712)

O *mais insigne arquiteto do Reino*, residente na corte e cidade de Lisboa. É possível atribuir-lhe o *risco* do retábulo, de pedraria, da ousia da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta da Vista Alegre, em Ílhavo (ver p. 235).

João Augusto Machado (1899 - f. 1925)

Mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra. Foi discípulo de António Augusto Gonçalves na Escola Livre das Artes do Desenho, fundada nesta cidade em 1878.

Seguindo o estudo efetuado por Regina Anacleto[329], em 1899 faz o projeto para dois retábulos colaterais para a igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, apresentando como orçamento 1.300$000 réis. Passados alguns anos deixa a seguinte nota nos seus livros de *Receita e Despesa*: *em dezembro de 1905, ajusto com a Junta de Paróquia da freguesia de Santa Cruz um altar para o lado direito do arco cruzeiro, pela quantia de 650$000 réis, para estar pronto em 29 de novembro de 1906*. No ano seguinte, desenhou uma ban-

327 VALE, 2007, p. 511.
328 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
329 ANACLETO, 1984.

queta para este altar, que foi executada em prata. De acordo com os citados livros *de Receita e Despesa*, João Machado refere em 1908: *contratei com o reverendo pároco da freguesia de Santa Cruz* (...) *um retábulo em pedra de Ancã, destinado à Senhora das Dores pela quantia de 750$000 réis, ficando a meu cargo todas as despesas*. Ambos os retábulos ainda subsistem (ver p. 280).

João de Azevedo (1693 - 1724)

Mestre entalhador e debuxador *natural de Macieira de Cambra* (...) *e assistente* na cidade de Coimbra. Pouco depois fixa-se na vila de Coja – Arganil. Era irmão do mestre entalhador António de Azevedo que, em 1724, quando faleceu na cidade de Elvas, o nomeia seu testamenteiro e pede que conclua alguns retábulos que ajustara naquela cidade alentejana[330], que desconhecemos se chegou a cumprir.

A 22 de setembro de 1693, compromete-se com um instituidor particular a *fazer um retábulo para a sua capela que tem na igreja de Pomares, da invocação da Santíssima Trindade, na forma dos apontamentos e risco que ele dito fez* (...) *em preço de 91$000 réis* (...) *obrigado a dar-lhe 40$000 réis para comprar madeiras e o mais que for necessário para a dita obra*[331].



Pomares. Igreja paroquial. Retábulo da Santíssima Trindade. Foto Rouxinol de Pomares.

No dia 14 de abril de 1694, contrata *a obra do retábulo-mor da igreja de São Francisco da Ponte, junto a esta cidade* de Coimbra, pela quantia de 110$000 réis[332], exemplar substituído pelo que existe atualmente.

Em 1696, a 29 de agosto, assume a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro, em Farinha Podre, pelo montante de 280$000 réis[333]. Desconhecemos se remanesce.

330 LAMEIRA e GOULART, 2015, p. 49.
331 BRANDÃO, 1984, p. 361.
332 BRANDÃO, 1984, pp. 792 e 793.
333 BRANDÃO, 1984, p. 836.

A 26 de fevereiro de 1697, ajusta com o proprietário de uma capela privativa a *obra do retábulo de Santo Ildefonso, sito na igreja de São Tiago desta cidade* de Coimbra, pela quantia de 60$000 réis[334]. Exemplar inexistente.

Finalmente, em julho de 1697, assume com o juiz da irmandade de São José, na igreja do colégio de Nossa Senhora da Graça, em Coimbra, a feitura de um retábulo, já inexistente, para a sua capela, pela quantia de 90$000 réis[335].

João Baptista (1757)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. A 14 de agosto de 1757, ajusta com o vigário da igreja paroquial de Paião – Figueira da Foz, a feitura do retábulo-mor pela quantia de 190$000 réis, de acordo com um risco concebido pelo mestre Domingos Moreira[336]. Já não subsiste.

Aveiro, Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.



João Dias (1654 - 1655)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. Em 1654, lidera uma vasta equipa de entalhadores na execução do retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Aveiro, cujas obras se encontram concluídas no ano seguinte [337] (ver p. 230).

João do Espírito Santo, padre frei (1698)

Religioso cisterciense que, em 1698, concebe um risco para o retábulo-mor da igreja do mosteiro do Lorvão, cujo entalhe é ajustado, a 11 de fevereiro deste ano, pelo mestre entalhador Manuel Ferreira, com oficina em Leiria[338].

334 BRANDÃO, 1984, pp. 840 e 841.
335 BRANDÃO, 1984, pp. 849 e 850.
336 BORGES, 1991, p. 313.
337 SERRÃO, 1992, p. 431; A. NEVES, 1998, p. 223.
338 BORGES, 1993, p. 797.

João Ferreira Quaresma (1744 - 1760)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. Em 1744, executa o retábulo-mor da igreja paroquial de Mogofores - Anadia[339]. Este exemplar já não existe.

Em 1747, entalha os retábulos de Santo António e São Crispim, na igreja de São João de Santa Cruz, em Coimbra, de acordo com um risco concebido pelo mestre Domingos Moreira[340]. Desaparecidos.

Em 1758, por determinação da Universidade de Coimbra executa dois retábulos-mores, ainda subsistentes, para as igrejas paroquiais de São Miguel de Poiares e São José de Lavegadas[341].



Lavegadas. Igreja paroquial de São José. Retábulo-mor.
Foto Pedro Carvalho Santos - Município de Vila Nova de Poiares.

A 4 de abril de 1759, de parceria com o carpinteiro Alexandre Simões Ferreira, ajusta e executa os retábulos colaterais da capela da Universidade de Coimbra, pela quantia de 280$000 réis (ver p. 54). De anotar que o risco tinha sido concebido por Domingos Moreira e os apontamentos pelo entalhador e mestre de obras da Universidade, Gaspar Ferreira[342].

A 20 de dezembro de 1760, de parceria com o carpinteiro Alexandre Simões Ferreira, assume a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Coimbra (ver p. 129). Entre as cláusulas é referido que deveria tomar por modelo o da igreja do mosteiro de Santa Cruz e em caso de dúvida consultar o mestre Gaspar Ferreira[343].

339 BORGES, 1991, p. 314.
340 BORGES, 1991, p. 314.
341 BORGES, 1991, p. 314.
342 BORGES, 1991, pp. 307, 316 a 320.
343 BORGES, 1991, pp. 310 e 315.

Atribuímos a este profissional os retábulos colaterais da ermida de Nossa Senhora do Pranto, em Ílhavo.

João Machado, filho (1945)

Mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra. Deu continuidade à oficina de cantaria do seu pai, João Augusto Machado.

Em 1945, faz um retábulo de pedraria, ainda subsistente, para uma capela colateral da igreja paroquial de Cantanhede[344].

João Miguéis (1747)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Tentúgal. Entre outras obras, assumiu também a reconstrução da capela-mor da igreja conventual de Santa Clara, em Figueiró dos Vinhos[345].

A 2 de maio de 1747, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Rio de Vide – Miranda do Corvo, pela quantia de 100$000 réis, de acordo com um risco feito por Rodrigo Franco, arquiteto das obras das Ordens Militares[346]. Se chegou a ser executado, foi substituído pelo atual.

João Pereira (1695)

Mestre entalhador natural da freguesia de Santa Maria de Landim, no arcebispado de Braga. Em 1695, encontrava-se *apousentado no real mosteiro de Santa Cruz*, em Coimbra, onde deveria estar a executar alguma obra do seu ofício.

Neste ano, a 28 de março, ajusta com os mesários da irmandade de São Brás a feitura de um modesto retábulo para a sua capela, sita na igreja de São João de Almedina, em Coimbra, pela quantia de 60$000 réis[347]. Não subsiste.

344 ANACLETO e BORGES, 2019, p. 487.
345 PORTELA, 2017a.
346 BORGES, 1986, pp. 3 a 11.
347 PORTELA, 2019a.

João de Ruão (1530 - f. 1580)

Reputado mestre escultor e debuxador francês que, em 1530, reside em Coimbra, onde casa com Isabel Pires, filha do carpinteiro régio e debuxador Pero Anes[348]. Pertenceu à confraria do Santíssimo Sacramento.

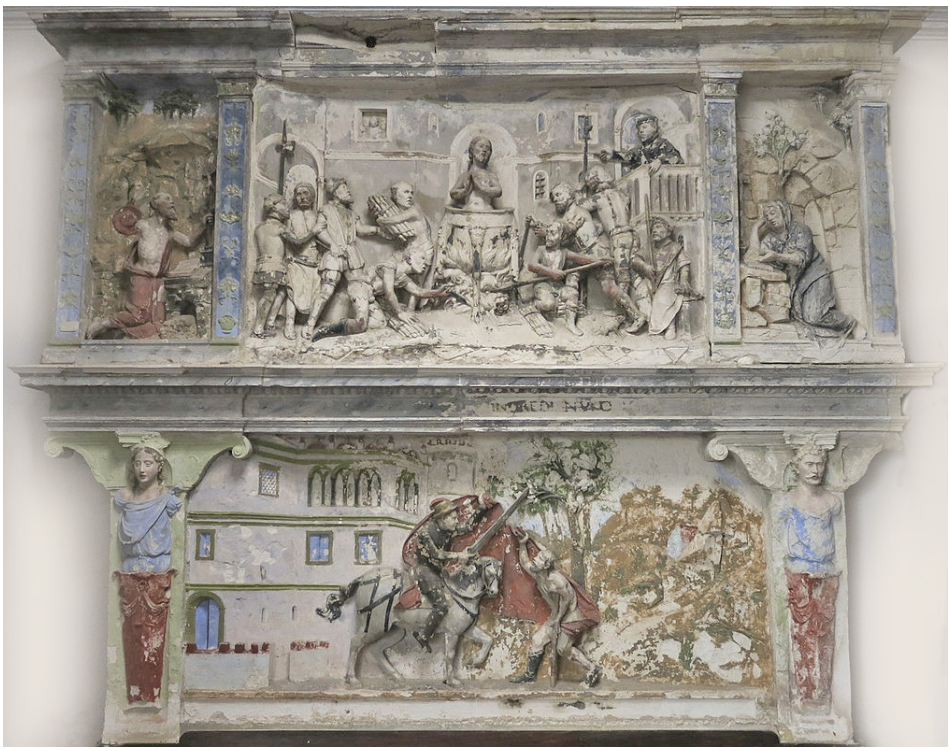
Em 1534, é pago pelos trabalhos que realiza no claustro da Manga, no mosteiro dos crúzios, em Coimbra, incluindo os modestos retábulos dos cubelos da fonte do claustro[349]. Apenas subsistem dois e parcialmente mutilados.

Por volta de 1535, executa dois retábulos colaterais, o do Sacramento e o de Nossa Senhora, no mosteiro de religiosas cistercienses de Santa Maria de Celas, nos arredores de Coimbra. Subsistem somente alguns fragmentos no Museu Nacional Machado de Castro[350]. Poucos anos depois, a abadessa D. Maria de Távora, encarrega-o da feitura de dois retábulos, um de São João Baptista e outro de São João Evangelista e São Martinho, subsistindo na sacristia uma parte deste último[351].

Em 1542, ajusta com o cabido catedralício a feitura de um sacário para a igreja paroquial de Cantanhede, obra que não chega a realizar. Deve ser da sua autoria o retábulo do Sacramento, datado de



Coimbra. Extinto mosteiro de Santa Cruz.
Retábulo do clasutro da Manga.
Fonte CORREIA e GONÇALVES, 1947, Est. C.



Celas (Coimbra). Extinto mosteiro.
Retábulo truncado de São Martinho e São João Evangelista.
Foto Manuel Botelho.

348 C. GONÇALVES, 2011, p. 117.
349 BORGES, 1980, pp. 43 e 44; DIAS, 2003, pp. 128 e 129.
350 BORGES, 1980, pp. 45 a 47.
351 BORGES, 1980, pp. 45, 58 e 59; DIAS, 2003, pp. 133 e 135.

1547, existente numa capela da cabeceira deste último templo[352].

Em 1547 executa três retábulos individualizados para a fron-



MNMC.
Primitivo retábulo da igreja da Misericórdia.
Foto José Paulo Ruas.

taria tripla da igreja da Misericórdia de Coimbra. Esta obra só acabou de ser paga no dia 11 de setembro de 1549, ocasião em passou um recibo de quitação[353]. Só subsiste parte do retábulo principal.

No dia 16 de maio de 1554, ajusta com o cabido da sé a fei-

352 BORGES, 1980, pp. 62 e 63; DIAS, 2003, p. 141.
353 A. GONÇALVES, 1979, pp. 172 e 174.

tura do retábulo-mor da igreja paroquial de Pedrógão Grande, pela quantia de 80$000 réis[354]. Pouco depois é vistoriado pelo mestre imaginário António Fernandes[355], encontrando-se a obra concluída a 23 de maio do ano seguinte. Subsistem somente alguns fragmentos deste retábulo.

De parceria com o escultor flamengo Jacques de Bruxelas, também sediado em Coimbra, executa dois retábulos para a igreja paroquial de Santa Maria do Castelo, em Pombal[356], provavelmente nos meados do século XVI. Após a destruição deste templo, o retábulo-mor deve ter ido para a igreja de São Martinho nesta mesma localidade e um lateral para a igreja do Cardal, este último um pouco incompleto[357].

Entre 1558 e 1564, executa um retábulo para uma capela privativa na igreja conventual de São Domingos, em Coimbra, instituída por Francisco Monteiro, tesoureiro da sé[358]. Este exemplar ainda subsiste no Museu Machado de Castro (ver p. 209).

Num depoimento prestado a 12 de julho de 1559, declara que tinha feito os desenhos para os retábulos do cruzeiro da igreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, os quais ele próprio levara à Corte para aprovação[359]. Já não subsistem.

Têm-lhe sido atribuídos os seguintes retábulos:

-Por volta de 1530, por encomenda de D. Jorge de Meneses, o de Nossa Senhora da Misericórdia para a sua capela sepulcral, na Quinta da Várzea, na Varziela – Cantanhede[360] (ver p. 204).

354 GARCIA, 1923, pp.150 a 153; BORGES, 1980, p. 26; DIAS, 2003, p. 141.
355 GARCIA, 1923, pp. 151 e 152.
356 A. SANTA MARIA, 1712, p. 473 e 474; C. GONÇALVES, 2020, pp. 123 e 124.
357 BORGES, 1980, p. 72.
358 BORGES, 1980, pp. 28 e 75; DIAS, 2003, p. 143.
359 BORGES, 1980, p. 30.
360 BORGES, 1980, pp. 10, 39 e 40.

-Em 1537, data existente numa das pilastras, o de São Miguel, destinado ao convento de Santa Clara-a-Velha e levado pelas clarissas para o convento novo[361]. Atualmente encontra-se no Museu Machado de Castro (ver p. 205).

-Na década de 1540, o retábulo de São Marcos, na extinta igreja paroquial de São Salvador, em Coimbra[362] (ver p. 206) e um outro da destruída igreja de Santa Cruz de Redondos, adaptado ao altar-mor da igreja da Misericórdia de Buarcos[363] e posteriormente colocado na igreja de São Pedro desta localidade.

-Em 1542, o retábulo da Piedade, na igreja conventual dos Anjos, em Montemor-o-Velho[364].

Cantanhede. Igreja paroquial. Retábulo de Nossa Senhora da Rosa. Foto Sandra Costa Saldanha.



-Em 1543, o da capela do Sacramento, na igreja paroquial de Verride – Montemor-o-Velho, subsistindo somente o sacrário e dois nichos laterais[365].

-Em 1544, o da capela de São Silvestre, nos arredores de Coimbra[366] (ver p. 202).

-Em 1545, data existente no sacrário, a parte inferior do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Mourão, em Tentúgal[367] (ver p. 207).

-Na década de 1550, o da capela do Sacramento, na igreja paroquial de Soure[368] (ver p. 208).

-Por volta de 1555, dois retábulos laterais na i-

361 BORGES, 1980, pp. 50 e 51; DIAS, 2003, p. 131.
362 BORGES, 1980, pp. 64 e 65; DIAS, 2003, p. 141.
363 BORGES, 1980, p. 66.
364 BORGES, 1980, p. 59; DIAS, 2003, p. 138.
365 BORGES, 1980, p. 60.
366 BORGES, 1980, pp. 60 e 61.
367 BORGES, 1980, p. 61; DIAS, 2003, p. 138.
368 BORGES, 1980, p. 71; DIAS, 2003, p. 141.

greja paroquial de Cantanhede: um da invocação da Senhora da Misericórdia, na capela instituída por Tomás Ribeiro, cónego da sé de Goa, falecido em 1554[369] e o outro de Nossa Senhora da Rosa[370] (ver p. anterior).

-O majestoso retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé, obra datada de 1566[371] (ver p. 211).

João Soares (1654)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Coimbra, na Rua da Gala. No dia 21 de maio de 1654, de parceria com o seu colega de profissão Manuel da Rocha, ajusta com os responsáveis da confraria de Nossa Senhora das Neves, sita na igreja do colégio das Onze Mil Virgens, em Coimbra, a feitura de um retábulo, que já não subsiste, pela quantia de 110$000 réis, de acordo com *a forma, traça e modelo que para este caso haviam entre si feito*[372].

Tem sido atribuído a estes dois profissionais os seis retábulos protobarrocos existentes no corpo da igreja do dito colégio de Coimbra[373], atual sé nova (ver pp. 226, 228 e 229).

Joaquim José de Miranda (princípios do século XIX)

Arquiteto da Universidade de Coimbra. Nos princípios do século XIX, executa alguns riscos de retábulos e pronuncia-se sobre outros destinados a igrejas do padroado da Universidade.

Joaquim Lourenço Ciais Ferrás de Acunha (c. 1790)

Organeiro e debuxador de retábulos, residente em Arouca. Por volta de 1790, faz um risco para o retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha, em Avanca (ver p. 190). Atendendo a que a proposta para o entalhe era muito cara, foi decidido pedir-



Projeto de retábulo da autoria do arquiteto Joaquim José de Miranda.
Foto Miguel Portela

369 BORGES, 1980, p. 70.
370 DIAS, 2003, p. 141.
371 BORGES, 1980, pp. 30 e 78; DIAS, 2003, pp. 143 e 144.
372 TAVARES, 1979, p. 132.
373 A. GONÇALVES, 1987, pp. 319 a 330; LAMEIRA, 2006, pp. 177, 179, 181, 183, 185 e 189.

-se parecer a Lisboa, ao arquiteto da *Mesa da Consciência e Ordens*, Manuel Caetano de Sousa[374]. O retábulo acabou por ser feito, mas bastante mais simplificado (ver p. 277).

Jorge dos Reis, frei (meados do século XVII - 1666)

Frade capuchos da Província da Conceição, natural de Braga. Para além de imaginário e entalhador era também debuxador.

Em 1666, faz o risco do retábulo de uma capela privativa, da invocação de Nossa Senhora das Relíquias, em São Lourenço do Bairro – Anadia (ver p. 57), cujo entalhe é ajustado em 1666 pelo mestre Francisco Lopes de Matos, com oficina aberta em Viseu[375].



Arganil. Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 567265.

Nos meados do século XVII, é possível ter executado o retábulo-mor da igreja conventual de Santo António, em Serém – Águeda[376], atualmente na igreja paroquial da Trofa (ver p. 221).

José Barata (finais do século XIX)

Lavrante de cantaria, eventualmente responsável pela feitura do modesto retábulo de pedraria da capela de Santo Antoninho dos Porcos, em Coimbra[377].

José Cardoso (1872 - 1883)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar e freguesia da Aldeia das Dez – Arganil. A 23 de junho de 1872, ajusta a feitura do retábulo-mor, ainda existente, da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, pela quantia de 270$000 réis[378]. Alguns anos depois, a 4 de setembro de 1881, contrata a execução dos retábulos colaterais, pela quantia de 290$000 réis[379].

Por fim, a 18 de março de 1883, arremata pela quantia de

374 BASTOS, 2007, p. 133.
375 ALVES, 2001, 2, pp. 204 a 206.
376 FIGUEIREDO, 2008, p. 278.
377 Informação cedida pela Prof.ª Regina Anacleto.
378 ANACLETO, 2011, p. 576.
379 ANACLETO, 2011, p. 576.

70$000 réis a feitura de um modesto retábulo para uma ermida, entretanto demolida, da invocação da Santíssima Trindade ou do Espírito Santo. O retábulo foi posteriormente transferido para um novo templo[380].

José Carlos Magne (1778 - 1781)

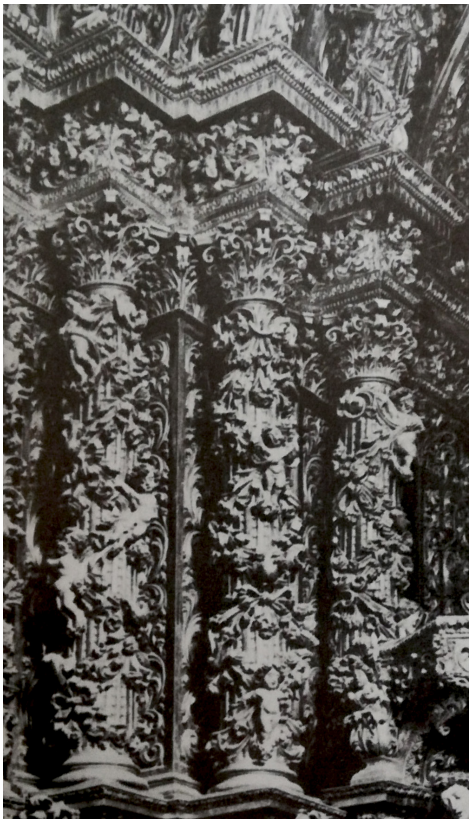
Arquiteto milanês que se transfere de Lisboa para Coimbra, sucedendo, em 1778, a Guilherme Elsden na chefia do Gabinete de Obras da Universidade de Coimbra.

Em 1781, concebe um projeto, ainda subsistente no Museu Nacional Machado de Castro (ver p. 191), para um novo retábulo que se pretendia construir na recém edificada capela-mor da igreja da sé nova, em Coimbra, obra que não chega a realizar-se, acabando por se colocar o anterior exemplar[381].

José Correia (década de 1720 - 1734)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 7 de fevereiro de 1725, de parceria com o seu colega António Gomes, também sediado nesta localidade, ajusta o entalhe não só do retábulo da capela-mor, mas também de toda a obra de talha que reveste a ousia da igreja monástica de Jesus, em Aveiro (ver p. 247), tomando por modelo a do mosteiro de São Bento de Ave-Maria, no Porto. Como não cumpriram o prazo, foi celebrado novo contrato a 14 de fevereiro de 1728. Esta obra ficou completamente concluída nas *Endoenças* seguintes, celebrando-se a escritura de quitação a 1 de maio de 1728[382].

No dia 27 de outubro de 1734, compromete-se com os mesários da irmandade da Misericórdia, em Coimbra, a fazer o retábulo-mor e dois colaterais para a igreja desta Santa Casa, pela



Aveiro. Igreja monástica de Jesus.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte BRANDÃO, 1986, Est. LXXI.

380 ANACLETO, 1996, p. 109.
381 CRAVEIRO, 1988, pp. 82 a 84.
382 BRANDÃO, 1985, pp. 692 702; 1986, pp. 108 a 111 e 115 a 117.

quantia de 960$000 reis[383]. O da capela-mor já não subsiste, tendo os colaterais sido vendidos, em 1907, ao santuário do Senhor da Serra, em Semide – Miranda do Corvo[384].

Atribuímos a este profissional a execução de dois retábulos: o da igreja do extinto colégio das Artes, em Coimbra, na década de 1720 (ver p. 251), atendendo ao formato das colunas, exclusivamente utilizadas por alguns mestres portuenses e o de Santa Joana, na igreja monástica de Jesus, em Aveiro (ver p. 245), este último com grandes semelhanças com o retábulo da capela-mor deste cenóbio, obra onde participou, como referimos anteriormente.

José da Costa e Silva (1781 - f. 1819)

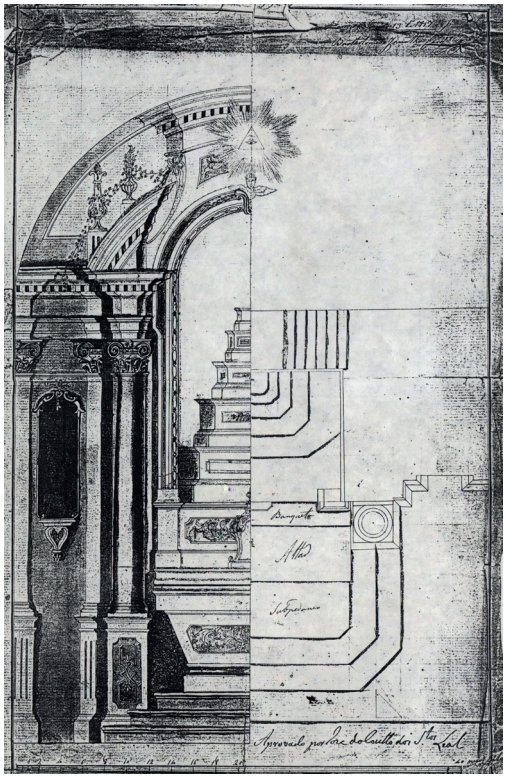
Arquiteto régio formado na Academia Clementina, em Bolonha. Por volta de 1781, por encomenda do bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, executa um risco para o retábulo-mor para a igreja da sé nova, em Coimbra. A 1 de setembro de 1782, declara a este propósito: *presto se dará principio ad uno altare della maggiore magnificenza e spesa que monsignhore vescovo di Coimbra vuole feder fatto nella capella maggiore della sua chiesa catedralle*[385]. Atendendo a que o seu projeto não foi aceite, passado algum tempo escreve a este prelado pedindo a devolução do mesmo: *agora como julgo que o meu desenho para a construção do altar-Mor que V. Ex.ª queria fazer na sua igreja catedral, lhe há de ser provavelmente uma coisa inútil, peço a V. Ex.ª queira ter a bondade de mo mandar o mais brevemente que for possível, tendo eu mister dele principalmente para o ensino dos discípulos da minha Aula e também para satisfazer a curiosidade de algumas pessoas que o querem ver*[386].

383 SMITH, 1962, pp. 116 e 125; BRANDÃO, 1986, pp. 294 a 298.
384 M. SILVA, 2006a.
385 TEIXEIRA, 2012, p. 176.
386 TEIXEIRA, 2012, p. 185.

José do Couto Santos Leal (meados do sec. XVIII - f. 1829)

Veio para Coimbra por volta de 1779, onde foi m*estre de obras e arquiteto em Santa Cruz vinte anos e nesse tempo reformou tudo com obras porque não só era mestre de Santa Cruz, mas também de toda a congregação, em cujo tempo fez muitas tribunas e retábulos para as igrejas*. Em 1824, é nomeado mestre de obras da Universidade de Coimbra[387], tendo exercido estas funções a partir de 1817, quando aprova o risco de um retábulo-mor destinado a uma igreja paroquial do padroado da Universidade de Coimbra.

É possível atribuir-lhe o projeto do retábulo-mor da igreja paroquial de São Tiago, no Louriçal - Pombal [388].



Projeto de retábulo,
aprovado por José do Coutos dos Santos Leal.
Foto Arquivo da Universidade de Coimbra.
E 30, IV - 3.ª Gav. 33-01.

José Custódio Ferreira Santinho (1854 - 1862)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Oliveira de Azeméis. Em 1854, encarrega-se da execução do retábulo-mor da igreja paroquial de Santo Estevão, em Couto de Esteves – Sever do Vouga, tendo recebido por esta obra a quantia 120$000 réis[389]. Já não subsiste.

Em março de 1859, adjudica a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Veiros – Estarreja, obra que conclui dois anos depois[390] (ver p. 278). Em março de 1862, faz a planta e executa quatro retábulos para este mesmo templo, dois colaterais e dois laterais gémeos[391], que ainda existem.

José da Fonseca Ribeiro (1796 - f. 1815)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Pinhanços – Seia. Em 1796, recebe 165$200 pela feitura do retábulo-mor e dos colaterais da capela do Senhora da Agonia, em

387 ANACLETO, 2003, p. 653.
388 ANACLETO, 2003, p. 655.
389 MARQUES e LEANDRO, 2020, p. 25.
390 LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 101.
391 LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 105 e 107.

Arganil[392], exemplares ainda subsistentes.

É possível atribuir-lhe a autoria do retábulo-mor e dos colaterais da igreja paroquial de São Gião – Oliveira do Hospital[393] .

José Francisco (1774)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 6 de julho de 1774, de parceria com o seu colega de profissão Geraldo Machado, também dessa cidade, ajusta *a obra da tribuna da igreja* paroquial de Vera Cruz, em Aveiro, pela modesta quantia de 55$000 réis[394]. O retábulo deste templo ainda subsiste, mas na capela-mor da igreja conventual de São Domingos, atual igreja da sé (ver p. 151).



Lagares. Igreja paroquial.
Retábulo colateal.
Foto padre Pedro Simões.

José Gonçalves de Abreu (1872 - 1884)

Mestre entalhador com oficina aberta na Cerdeira – Arganil. A 4 de setembro de 1881, lança na obra dos retábulos colaterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, saindo vencedor o seu colega, José Cardoso[395].

Em 1884, conclui a feitura do retábulo-mor, ainda existente, da igreja paroquial de Coja – Arganil e em 1893 os dois retábulos colaterais deste mesmo templo[396], também subsistentes.

Atribuímos a este profissional a autoria dos retábulos colaterais de duas igrejas paroquiais do concelho de Oliveira do Hospital: a de Penalva do Alva e a de Lagares.

José Martins Tinoco (1741 - 1746)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 12 de junho de 1741, ajusta o entalhe do, já desaparecido, retábulo-mor da igreja conventual dos religiosos de São Domin-

392 ANACLETO, 1996, p. 105.
393 A. N. NEVES, 2002, pp. 29 e 31.
394 BRANDÃO, 1987, pp. 364 a 367.
395 ANACLETO, 2011, p. 569.
396 ANACLETO, 1996, p. 47

gos, em Aveiro, pela quantia de 172$800 réis[397].

A 17 de setembro de 1746, compromete-se a executar quatro retábulos, dois colaterais e dois laterais, para a igreja paroquial de Santa Marinha, em Avança - Estarreja, pela quantia de 300$000 réis, ficando como fiador o reputado mestre Miguel Francisco da Silva, eventual responsável pela feitura das plantas[398], espécimes ainda remanescentes.



Avanca. Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 744200.

José Nunes (1791)

Mestre carpinteiro que, em 1791, assume com o cabido da sé de Coimbra, a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Assafarge – Coimbra, pela quantia de 139$000 réis, *com a obrigação de pagar pelo risco 3$200 réis ao mestre Manuel Alves Macomboa*[399]. Já não subiste.

José Simões (1610)

Mestre das obras da Universidade de Coimbra, em 1610, ocasião em que recebe, no dia 15 de julho, 7$000 réis que tem de ordenado *por contrato de cada um ano de armar o sepulcro e essa*[400].

José Tavares de Moura (1874 - f. 1917)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar e freguesia da Aldeia das Dez – Arganil. A 28 de julho de 1874 avalia o retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, executado pelo seu colega José Cardoso[401].

Nos finais de Oitocentos ou no início do século XX executa o retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial da Benfeita – Arganil[402].

Regina Anacleto afirma que *muitos dos retábulos que se encon-*

397 BRANDÃO, 1985, pp. 388 a 392.
398 BRANDÃO, 1986, pp. 501 a 504; LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 22.
399 CRAVEIRO, 1990, p. 46.
400 M. ALMEIDA, 1970, p. 64.
401 ANACLETO, 2011, p. 576.
402 ANACLETO, 1996, p. 33.

tram espalhados pelas igrejas dessa zona saíram da sua oficina[403].

Leandro da Silva (1650 - f. 1666)

Mestre entalhador e debuxador natural da freguesia de Santa Maria Madalena – Vila Nova de Famalicão. Após o casamento residiu temporariamente em Lisboa, depois em Coimbra, fixando-se em Figueiró dos Vinhos. Nesta última localidade tornou-se Familiar do Santo Ofício, em 1657.

A 20 de setembro de 1650, ajusta com as religiosas de Santa Clara de Figueiró dos Vinhos a feitura do retábulo-mor da igreja deste mosteiro, pela quantia de 250$000 réis[404]. Nada resta da sua obra.

De referir que em 1657, o pároco de Figueiró dos Vinhos afirma *haverá sete anos pouco mais ou menos conheço Leandro da Silva, arquiteto e entalhador, tratando com ele porque me fez algumas obras*[405].

Lourenço dos Santos (1758 - 1790)

Mestre carpinteiro com oficina aberta em Barcouço, então no termo de Ancã. A 14 de abril de 1758, assume com o representante do cabido da sé, a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ourentã - Cantanhede, pela quantia de 100$000 réis, de acordo uma planta feita por Domingos Moreira[406]. Só depois de este último ter vistoriado o retábulo, em janeiro de 1760, é que Lourenço dos Santos recebe o pagamento final[407].

No dia 21 de agosto de 1790, ajusta novamente com o representante da mesa capitular a execução do retábulo-mor, ain-



Ourentã. Igreja paroquial
Retábulo-mor.
Paróquia de Ourentã.

403 ANACLETO, 1996, p. 134.
404 PORTELA, 2016.
405 PORTELA, 2016.
406 BORGES, 1982, pp. 29 e 37; BORGES, 1991, p. 313.
407 BORGES, 1982, pp. 38 e 39.

da existente, da igreja paroquial de São Martinho, em Murtede - Cantanhede, pelo montante de 165$000 réis, de acordo uma planta feita, há algum tempo, por Domingos Moreira[408].

Nelson Correia Borges atribui-lhe a feitura dos retábulos colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ourentã[409].

Luís Ernesto Reynaud (1898 - 1904)

Arquiteto lisboeta que, entre 1898 e 1904, dirige as obras de restauro da igreja matriz de São João Baptista, em Figueiró dos Vinhos. Num dos periódicos locais é referido que *é obra e oferta sua a planta do altar de Cristo*[410].



Figueiró dos Vinhos.
Igreja paroquial. Retábulo de Cristo.
Foto SIPA 860563.

Luís de São José, frei (1717 - f. c. 1755)

Monge leigo de Cister, residente no mosteiro de Alcobaça. Era considerado *eminente em arquitetura*. Não só trabalha para a corte de D. João V, como debuxa retábulos para vários templos no país. A partir de 1746, transfere-se para Braga, integrado na comitiva do arcebispo D. José de Bragança.

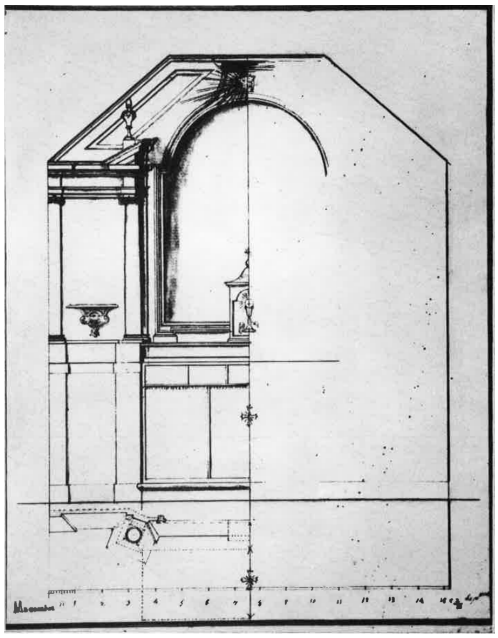
Em 1717, desloca-se de Braga ao mosteiro de Santa Maria do Lorvão, onde executa o *risco* do retábulo das rainhas santas, cujo entalhe é assumido pelo mestre bracarense Luís Vieira da Cruz[411].

Luís Vieira da Cruz (1717)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. Em 1717, executa o retábulo das rainhas santas na igreja do mosteiro do Lorvão, cujo risco tinha sido concebido frei Luís de São José[412]. Este exemplar já não subsiste, tendo sido substituído algumas décadas mais tarde.

408 BORGES, 1982, pp. 33 e 39; BORGES, 1991, p. 313.
409 BORGES, 1982, p. 31.
410 PORTELA, 2014, p. 28.
411 BORGES, 1992, pp. 592 a 596, 652 e 653 e 829 a 831.
412 BORGES, 1992, pp. 592 a 596, 652 e 653 e 829 a 831.

Manuel Alves Macomboa (1773 - f. 1815)



MNMC. Projeto de retábulo da autoria de Manuel Alves Macomboa.
Fonte Craveiro, 1990, Fot. 20.

Mestre carpinteiro com oficina aberta em Lisboa. Em 1773, é enviado pelo marquês de Pombal para servir nas obras da Universidade de Coimbra. Aquando do desaparecimento de Elsden, assume a partir de 1782 as funções de arquiteto[413], avaliando e executando riscos ou projetos de retábulos destinados às capelas-mores de igrejas matrizes ou paroquiais pertencentes ao padroado da Universidade de Coimbra.

Em 1782, ajusta com o cabido da sé a feitura do retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial da Figueira da Foz[414], tomando por modelo o do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

Em 1791, faz a planta e os apontamentos do modesto retábulo-mor da igreja paroquial de Assafarge, no termo de Coimbra. A execução deste exemplar é ajustada pelo mestre carpinteiro José Nunes, a 30 de março, pela quantia de 139$000 réis, *com a obrigação de pagar pelo risco 3$200 réis ao mestre Manuel Alves Macomboa*[415]. Já não sobrevive.

Manuel de Andrade (1720)

Mestre entalhador com oficina aberta no *lugar das Torres, no termo da cidade de Coimbra*. É muito provavelmente o filho e continuador da oficina de Francisco de Andrade, morador em Coimbra.

A 9 de fevereiro de 1720, ajusta com o provedor da Santa Casa da Misericórdia da então vila de Pereira, hoje no concelho de Montemor-o-Velho, a feitura do retábulo-mor, pela quantia de 120$000 réis[416]. Não deve ter executado esta obra ou então deixou-a incompleta, pois foi concluída em 1731 pelo mestre Je-

413 CRAVEIRO, 1990, p. 11.
414 CRAVEIRO, 1990, p. 46.
415 CRAVEIRO, 1990, p. 46.
416 Informação inédita cedida por Miguel Portela.

rónimo Ferreira de Araújo, como referimos antes.

No dia 29 de julho de 1729, assume a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial do Rabaçal – Penela, pela quantia de 105$000 réis, de acordo com o risco concebido por Gaspar Ferreira[417]. Não remanesce.

Manuel Caetano de Sousa (c. 1790)

Arquiteto régio e da *Mesa da Consciência e Ordens*, residente na cidade de Lisboa. Por volta de 1790, é-lhe pedido um parecer sobre o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha, em Avança, concebido por D. Joaquim Lourenço Ciais Ferrás de Acunha, residente em Arouca. Na opinião do arquiteto lisboeta, o elevado preço proposto para o entalhe do retábulo devia-se ao facto de utilizar *ornatos de grande superficialidade, por causa da infinita talha, de que queriam revestir as colunas e outros corpos mais*[418] (ver p. 190).

Manuel Cotrim (1556)

Escultor com oficina aberta em Coimbra. A 15 de junho de 1556, recebe da Fazenda da Universidade de Coimbra 2$000 réis por *ir à Beira ver os retábulos e os avaliar*[419].

Manuel Fernandes (1594)

Mestre escultor com oficina aberta em Tentúgal – Montemor-o-Velho. A 8 de julho de 1594, de parceria com o seu colega António Cordeiro, ajusta com o provedor do hospital real de Coimbra a feitura do retábulo, de pedra de Ançã, da igreja[420]. Já não subsiste.

Manuel Ferreira (1689 - 1698)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta na ci-

417 M. ALMEIDA, 1974, p. 87.
418 BASTOS, 2007, p. 137.
419 GARCIA, 1923, pp. 63 e 64.
420 GARCIA, 1923, pp. 72 a 76.

dade de Leiria. No dia 13 de fevereiro de 1689, compromete-se com os mesários da confraria de Nossa Senhora da Luz, sita na capela da Universidade de Coimbra, a fazer o retábulo *com quatro colunas salomónica com talha levantada e bem relevada com suas parras e ramos e pássaros com o melhor primor da arte, as quais quatro colunas se hão de assentar sobre o primeiro banco, que será de talha levantada na forma do que está no retábulo de São Francisco Xavier da Companhia de Jesus*[421]. Exemplar inexistente.

A 22 de abril de 1690, ajusta *fazer o retábulo da capela de Santa Catarina da Universidade* (de Coimbra) *na forma e feitio do de Nossa Senhora da Luz, com nicho da mesma sorte*[422]. Exemplar substituído pelo que ainda subsiste.

Por fim, a 11 de fevereiro de 1698, ajusta o retábulo-mor, já inexistente, da igreja do mosteiro do Lorvão, seguindo o risco do padre frei João do Espírito Santo, religioso bernardo[423].

Manuel de Figueiredo (1672)

O único dado que conhecemos deste pintor data de 1672, ocasião em que recebeu *800 réis pelo feitio do retábulo* que fez para o hospital da Misericórdia de Águeda[424].

Manuel Gonçalves (1755 - 1767)

Mestre carpinteiro natural de Adães – Barcelos, mas com oficina aberta em Coimbra, na Rua da Trindade.

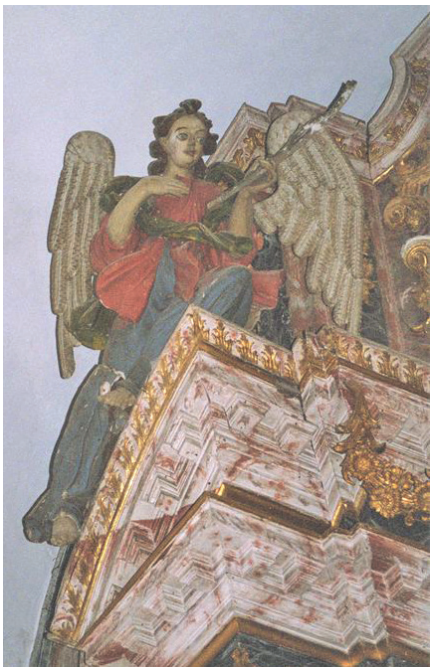
Em 1755, de parceria com António dos Santos e Estevão Gomes, contrata o retábulo de Nossa Senhora da Conceição, que ainda existe na igreja paroquial de Taveiro, pela quantia de 125$000 réis, de acordo com risco concebido por Domingos Moreira[425].

421 FEITOR, 1995, p. 23.
422 M. ALMEIDA, 1970, pp. 316 e 317; BORGES, 1991, p. 306.
423 BORGES, 1993, p. 797.
424 CÁLÃO, 2014, p. 84.
425 BORGES, 1991, p. 313.

A 2 de abril de 1756, de parceria com o mestre entalhador João António da Silva, assume a feitura do retábulo de Nossa Senhora do Bom Despacho, destinado à capela que esta confraria administrava na igreja paroquial de São Pedro, em Coimbra, de acordo com um risco concebido pelo mestre Gaspar Ferreira[426]. Nada resta.

A 19 de outubro de 1767, ajusta a execução de cinco retábulos, ainda subsistentes, para a igreja paroquial de Eiras - Coimbra: o mor, dois colaterais e dois laterais [427].

Na opinião de Nelson Correia Borges, executa diversos retábulos no mosteiro do Lorvão.



Eiras. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto SIPA 024185.

Manuel Jorge (1781 - 1782)

Mestre ensamblador com oficina aberta na cidade de Coimbra. Em 1781, contrata a feitura do trono da capela-mor e dos retábulos da nave (ver p. 180) da igreja monástica de Santa Maria do Lorvão, de acordo com o risco concebido pelo arquiteto Mateus Vicente[428].



Lorvão. Igreja monástica.
Trono do retábulo-mor.
Foto Nuno Saldanha.

Manuel Machado (1722)

Mestre entalhador natural de São João das Caldas, no termo de Guimarães, mas sediado em Coimbra.

Desconhece-se em que data assumiu com os responsáveis da Universidade de Coimbra a feitura do retábulo-mor da igreja de Santa Maria de Poiares ou da Arrifana – Vila Nova de Poiares, pela quantia de 148$000 réis, de acordo com um risco concebido pelo mestre Gaspar Ferreira. O certo é que, a 28 de abril de 1722, o seu irmão António Pereira Machado o substitui no referido ajuste[429].

426 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
427 BORGES, 2018, p. 8.
428 BORGES, 2003, p. 622.
429 M. ALMEIDA, 1971, pp. 379 a 385.

Manuel Moreira (1695)

Mestre entalhador com oficina aberta na *cidade do Porto*. A 14 de junho de 1695, contrata com o procurador do mosteiro de Nossa Senhora de Seiça, na freguesia de Lavos – Figueira da Foz, da Ordem de São Bernardo, a feitura de cinco retábulos *em preço de 70$000 réis cada retábulo*[430]. Estes exemplares, que já não subsistem, foram substituídos nos meados de Setecentos por novos retábulos, a maior parte dos quais se encontram na igreja conventual de Santo António, na Figueira da Foz[431], propriedade da Santa Casa da Misericórdia desta localidade.



Figueira da Foz. Igreja conventual de Santo António. Retábulo proveniente do mosteiro de Seiça. Foto Misericórdia - Obra da Figueira.

Manuel Moreira (1693 - f. c. 1730)

Reputado mestre entalhador e debuxador[432] sediado *no burgo de Santa Clara, extramuros desta cidade* de Coimbra. Ensinou a profissão a dois filhos, Brás Moreira e Domingos Moreira, afirmando-se este último como um dos mais operosos mestres na diocese de Coimbra no segundo quartel do século XVIII.

Nos finais de 1693, concluiu a obra do retábulo-mor da igreja do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra (ver p. 236), atendendo a que Domingos Lopes teve que se ausentar para o Porto[433].

No dia 5 de dezembro de 1695, ajusta um retábulo, já inexistente, para a capela da irmandade dos clérigos, na igreja de São João de Almedina, em Coimbra, *semelhante nos lavores ao de São Brás que está na mesma igreja, o qual há de ser com seu painel de*

430 BRANDÃO, 1984, pp. 810 e 811.

431 BORGES, 1987, p. 169.

432 Entre várias intervenções individualizamos a planta ou risco que fez para a obra da Casa da Livraria, isto é, para a Biblioteca da Universidade de Coimbra, tendo recebido por esta tarefa 4$000 réis em novembro de 1717 (SMITH, 1962, p. 116).

433 BORGES, 2003a, p. 71.

meio relevo aonde estará o passo da Apresentação da Senhora no templo com as mais figuras que neste tal passo se costumam fazer, pela quantia de 85$000 réis[434].

Por volta de 1696, executa a talha (incluindo provavelmente o retábulo) da capela do recolhimento, *para mulheres convertidas*, do Paço do Conde, em Coimbra[435]. Nada resta.

A 22 de março de 1699, contrata a execução de três retábulos, ainda remanescentes, para a capela de Nossa Senhora da Esperança, em Coimbra, *por ordem de Sua Majestade que Deus Guarde* (...) *em preço de 145$000 réis*[436].

No dia 13 de maio de 1700, assume a feitura de um retábulo, ainda existente, para a capela da Senhora da Piedade, na igreja do Ameal, nos arredores de Coimbra, propriedade de um cónego magistral, pela quantia de 80$000 réis, *conforme o rascunho que ele, dito Manuel Moreira fizera*[437].

A 9 de junho de 1701, ajusta com os religiosos franciscanos da então vila da Póvoa de Santa Cristina, atualmente na freguesia de Tentúgal, a feitura do retábulo, já inexistente, pela quantia de 80$000 réis, de acordo com um risco da sua autoria[438].

No dia 5 de julho de 1704, assume com D. Isabel de Aragão, religiosa no convento de Santa Clara, a feitura de um retábulo, da invocação de Nossa Senhora da Anunciação, destinado ao coro-alto deste cenóbio, pela quantia de 75$000 réis[439]. Subsiste.

Neste mesmo ano, ajusta a execução de quatro retábulos laterais, que já não existem, para a igreja do colégio dos religio-

434 BRANDÃO, 1984, pp. 812 e 813.
435 BORGES, 1991, p. 312.
436 BRANDÃO, 1984, pp. 873 e 874.
437 BRANDÃO, 1985, pp. 33 a 35.
438 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
439 Informação inédita cedida por Miguel Portela.

sos de São Jerónimo, em Coimbra[440].

Em 1726, de parceria com o seu filho Domingos Moreira, assume a feitura da talha da capela-mor, incluindo o retábulo, do Recolhimento do Paço do Conde, segundo uma planta vinda de Lisboa[441]. Nada remanesce.

Por fim, a 1 de abril de 1728, de parceria com o seu filho Domingos Moreira, assume a execução do retábulo-mor, já inexistente, da igreja de São Cristóvão, em Coimbra, pela quantia de 240$000 réis. De anotar que a planta e os apontamentos concebidos por Manuel Moreira foram revistos pelo mestre Gaspar Ferreira[442].



Coimbra. Sé velha.
Retábulo de São Tomás de Vila Nova.
Foto SIPA 95634.

Atribuímos a este profissional o retábulo da capela de São Tomás de Vila Nova, na igreja da sé velha, atendendo às relações que mantinha com o bispo D. João de Melo. Este exemplar foi retirado da sua capela numa campanha de restauro efetuada em 1939.

É possível ter executado o risco e eventualmente o entalhe do retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais, em Coimbra (ver p. 249), tendo-se inspirado na composição de talha que enquadra a pintura do rei D. João V e que existe numa das salas da biblioteca da Universidade (ver p. 96).

Manuel da Rocha (1654 - f. 1676[443])

Mestre entalhador natural do Porto, mas com oficina aberta em Coimbra. Em 1647, casa nesta cidade com uma filha do reputado escultor Samuel Tibau[444].

No dia 21 de maio de 1654, de parceria com o seu colega de profissão João Soares, ajusta por 110$000 réis com os responsá-

440 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
441 BORGES, 1991, p. 313.
442 Informação inédita cedida por Miguel Portela.
443 GARCIA, 1923, p. 214.
444 GARCIA, 1923, p. 213.

veis da confraria de Nossa Senhora das Neves, sita na igreja do colégio das Onze Mil Virgens, atual sé nova, em Coimbra, a feitura de um retábulo, já inexistente, de acordo com *a forma, traça e modelo que para este caso haviam entre si feito*[445].

Tem sido atribuído a estes dois profissionais os seis retábulos protobarrocos existentes no corpo da igreja do dito Colégio de Coimbra[446] (ver pp. 226, 228 e 229) e o de Nossa Senhora da Conceição, proveniente do mosteiro de Santa Clara e que se encontra no Museu Machado de Castro[447].



MNMC.
Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, proveniente do mosteiro de Santa Clara.
Foto Manuel Botelho.

Manuel Teixeira de Guimarães (c. 1790)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. Por volta de 1790, apresenta a proposta mais barata para fazer o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Marinha, em Avanca[448]. Como era muito cara, foi decidido pedir-se parecer a Lisboa, ao arquiteto da *Mesa da Consciência e Ordens*, Manuel Caetano de Sousa. O dito retábulo acabou por ser feito, eventualmente por este mesmo profissional, mas de acordo com as alterações propostas (ver p. 277).

Mateus do Couto, o *velho* (c. 1635 - f. 1664)

Arquiteto régio residente em Lisboa. Em 1635, é o responsável pelo projeto da igreja do convento franciscano de Serém – Águeda[449], sendo possível ter também concebido o risco do retábulo-mor (ver p. 221).

Mateus do Couto, o *moço* (1692-f. 1695)

Arquiteto e engenheiro régio, sobrinho do arquiteto com o mesmo nome. Em 1692, executa as plantas para os onze retábulos, ainda subsistentes, dois colaterais e nove laterais (ver p. 237), da

445 TAVARES, 1979, pp. 132 a 134.
446 A. GONÇALVES, 1987, pp. 319 a 330; LAMEIRA, 2006, pp. 177, 179, 181, 183, 185 e 189.
447 A. GONÇALVES, 1987.
448 BASTOS, 2007, p. 130.
449 FIGUEIREDO, 2008, p. 126.

igreja monástica de Santa Clara, em Coimbra, cujo entalhe é assumido pelos mestres portuenses António Gomes e Domingos Nunes[450].

Mateus Vicente de Oliveira (1750 - f. 1785)

Lorvão. Igreja monástica.
Retábulo lateral.
Foto Nuno Saldanha.



Prestigiado arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa. Nos primeiros anos da década de 1750, executa a planta da igreja do mosteiro de Santa Maria do Lorvão, incluindo o retábulo-mor e os dois do transepto, de pedraria[451] (ver p. 269).

Alguns anos depois, concebe o risco dos diversos retábulos de talha (ver p. 275) e do trono da capela-mor (ver p. 175) da igreja monástica de Santa Maria do Lorvão, que são ajustados, em 1766 pelos mestres António José, de parceria com Tomás Moreira[452] e em 1781 por Manuel Jorge[453].

É possível atribuir-lhe a autoria do risco do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Rebordosa, na freguesia do Lorvão, atendendo às proximidades formais com outras obras deste arquiteto.

Matias Rodrigues de Carvalho (1682 - f. cerca de 1712)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta em Lisboa, na Rua Formosa. No dia 10 de agosto de 1682, ajusta com o padre Luís Álvares, administrador da capela de São Francisco Xavier, na igreja do colégio das Onze Mil Virgens, em Coimbra, a feitura do retábulo e do revestimento em talha das paredes laterais *na forma das medidas que já tem tomado e rascunho que da dita obra fez*, pela importância de 555$000 réis, in-



Coimbra. Sé nova.
Pormenor do retábulo de São Francisco Xavier.
Foto Hélio Ramos.

450 BRANDÃO, 1984, pp. 754 e 755.
451 BORGES, 2003, pp. 602 e 622.
452 QUEIROZ, 2013, 3, pp. 148 e 149.
453 BORGES, 2003, p. 622.

cluindo o transporte do retábulo de Lisboa até à cidade de Coimbra[454] (ver p. 233).

Miguel Francisco da Silva (1746)

Reputado mestre entalhador e debuxador, originário de Lisboa, mas com oficina aberta na cidade do Porto , desde 1727.

A 17 de setembro de 1746, na escritura de ajuste de quatro retábulos, dois colaterais e dois laterais (ver p. 169), para a igreja paroquial de Santa Marinha, em Avanca - Estarreja, assumida pelo seu colega José Martins Tinoco, também residente na cidade do Porto, fica como fiador, sendo provavelmente da sua autoria as plantas[455].

Morato (décadas de 1860 - 1870)

Debuxador, eventualmente descendente de Bernardo Correia de Azevedo Morato, administrador das obras da Universidade de Coimbra.

Nas décadas de 1860 - 1870, faz um projeto para um retábulo, de pedraria, destinado a um jazigo do cemitério de Coimbra (ver p. 194).

Nicolau de Chanterene (1522 - f. c. 1551)

Reputado mestre escultor e debuxador de origem francesa que, em 1518, se fixa em Coimbra, junto ao mosteiro de Santa Cruz. Nos finais da década de 1520, muda-se para Sintra.

Por volta de 1522, executa o retábuloa-mor da igreja do mosteiro, de religiosos jerónimos, de São Marcos, nos arredores de Coimbra[456] (ver p. 202).

A 18 de maio de 1525, recebe da Fazenda Real 40$000 réis *para a obra da capela* do mosteiro de Celas (...) *que pagou Sua Alteza*

São Silvestre (Coimbra).
Extinto mosteiro de São Marcos.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto UC - Paulo Amaral.



454 FEITOR, 1995, pp. 19 a 25.
455 BRANDÃO, 1986, pp. 501 a 504; LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 22.
456 DIAS, 2003, pp. 101 a 104.

25 cruzados para o frete do retábulo e para este mesmo retábulo me pagou em França 10$000 réis e me acrescentou no açúcar mais duas arrobas[457]. Já não subsiste.

Cerca de 1526, é possível ter executado o retábulo de São Pedro, na capela funerária de D. Jorge de Almeida, na cabeceira da igreja da sé, em Coimbra[458] (ver p. 203).

Pedro Dias atribui-lhe os retábulos do claustro do Silêncio (1518-1522) e os do claustro principal no mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra[459], exemplares ainda remanescentes.

Nicolau Letrado (1543)

Mestre entalhador que, em 1543, reside em Coimbra e trabalha na igreja do colégio da Graça. Entre outras obras, recebe em outubro desse ano 300 reais pelas duas portas que fez do sacrário[460].

Coimbra. Sé velha.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Miguel Cardoso.



Odart (Década de 1530)

Escultor francês que permaneceu em Coimbra na década de 1530[461], desconhecendo-se a sua atividade como executante de retábulos, que certamente praticou.

Olivier de Gand (1499 - f. 1512)

Escultor flamengo que, em 1499, residia em Toledo quando o bispo D. Jorge de Almeida, o mandou chamar para assumir a feitura do retábulo-mor da igreja da sé de Coimbra. Este exemplar ficou concluído nos finais de 1501, prolongando-se o pagamento nos anos seguintes[462] (ver p. 201).

Pantaleão da Rocha Magalhães, padre (1679)

Padre e debuxador de retábulos residente na cidade do Por-

457 GARCIA, 1923, p. 160.
458 BORGES, 1987, p. 96; CRAVEIRO, 2002, p. 77.
459 DIAS, 2003, p. 96.
460 CRAVEIRO, 2002, p. 238.
461 DIAS, 2003, pp. 111 a 122.
462 GARCIA, 1923, pp. 55 a 59.

to. Em 1679 faz a *traça* do retábulo-mor da igreja do convento de Santo António de Aveiro, cujo entalhe foi ajustado no dia 16 de dezembro de 1679 pelos mestres Domingos Nunes e António Gomes, ambos com oficina aberta na cidade do Porto[463]. Este exemplar já não subsiste.

Pasquale Bocciardo (1755 – f. 1793)

Reputado escultor com oficina aberta em Génova. Numa escritura notarial realizada nesta cidade italiana ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja do Seminário Maior de Coimbra, obra que conclui a 21 de março de 1755, quando passa uma quitação[464].

Pasquale Parente (1756)

Pintor originário do Reino de Nápoles, mas com oficina aberta em Coimbra, a partir de 1756[465]. Atendendo a que nas pinturas de fundais e falsos interiores desenha composições retabulares, é perfeitamente possível ter concebido riscos de retábulos, desconhecendo-se, contudo, a sua atividade neste domínio.

Pedro de Frias (1578)

Cavaleiro da Casa de Sua Alteza e imaginário morador em Coimbra. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo.

Pedro de Meneses, padre frei (1644)

Religioso que, em 1644, faz riscos para obras de talha na cidade de Coimbra[466], incluindo seguramente retábulos.

Pedro Nunes Tinoco (1630- f. 1640)

Reputado arquiteto régio. Atribuímos a este profissional o risco da arca-relicário, executada em 1630 e colocada sobre a mesa do altar do retábulo da capela de Santo Teotónio, no mosteiro de



Coimbra. Igreja do Seminário Maior. Retábulo-mor. Foto Nuno Saldanha.

463 BRANDÃO, 1984, pp. 474 a 482.
464 GUELFI, 2009, pp. 322 a 325.
465 RAGGI, 2003, pp. 108 a 117.
466 SERRÃO, 2003, pp. 85 e 86.

Santa Cruz, em Coimbra[467] (ver p. 188).

Pêro (primeira metade do século XIV)

Mestre escultor oriundo de Aragão ou da Cataluna, que fixa a sua oficina em Coimbra na primeira metade do século XIV.

É-lhe atribuído o retábulo da capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Oliveira do Hospital[468], o único exemplar medieval *in situ* no nosso país (ver p. 200).

Ptolomeu (1162 - 1176)

Mestre de origem bizantina sediado em Coimbra. A pedido do bispo desta cidade, D. Miguel Salomão (1162 - 1176) executa um frontal de altar dourado, que já não subsiste, para a capela-mor da igreja da sé[469].

Rodrigo Franco (1747- f. 1763)

Arquiteto das obras das Ordens Militares, que reside em Lisboa. Em 1747, faz o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Rio de Vide – Miranda do Corvo, cujo entalhe é assumido, a 2 de maio, pelo mestre entalhador João Miguéis[470].

Roque Nunes (1660)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. No dia 25 de julho de 1660, ajusta o entalhe do retábulo, já inexistente, para a capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Aveiro[471].

Samuel Tibau (1628 - 1648)

Mestre escultor e debuxador, de nacionalidade francesa, natural de Montpellier, mas com oficina aberta em Coimbra. Casa nesta última localidade, em 1628, com Bernarda da Silva, mora-

467 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p.81.
468 GOULÃO, 2009, p. 25.
469 COSTA, 1983, p. 42; AFONSO, 2010, pp. 101 e 102.
470 BORGES, 1986, pp. 3 a 11.
471 BRANDÃO, 1984, pp. 339 a 345.

dora na freguesia de São Tiago[472]. Entre os seus aprendizes, individualizamos Manuel da Rocha, seu futuro genro e sucessor da sua tenda.

Em 1636, executa quatro modestos retábulos laterais na igreja da sé, em Coimbra, que incorporam as telas de Santo António, Santa Úrsula, Santa Isabel e São Sebastião[473]. Ainda sobrevivem, apesar de lhes retirarem em data muito posterior as mesas dos altares.

No dia 9 de dezembro de 1636, recebe 5$000 réis do cabido da sé pela execução do retábulo, que já não subsiste, da igreja das Meães – Montemor-o-Velho[474].

Numa escritura realizada a 21 de abril de 1648 e confirmada posteriormente a 15 de dezembro de 1654, ajusta com o prior do convento de São Domingos, em Coimbra, a feitura do *retábulo do altar-mor com o sacrário e imagem de São Domingos* (...) *e no primeiro corpo do dito retábulo terá às ilhargas do sacrário dois nichos na forma que se vê em outra traça que o dito Samuel Tibau fez*, pela quantia de 480$000 réis, sendo testemunha *Francisco Gonçalves Pombo, mestre de arquitetura, morador na vila de Guimarães*[475]. Exemplar inexistente.

Na opinião do Prof. Nelson Correia Borges é possível atribuir-lhe a execução do grandioso retábulo-mor da igreja do colégio de Nossa Senhora da Graça, em Coimbra (ver p. 223), obra realizada pouco antes de 1644, data existente nalgumas telas.

Sebastião Dinis da Fonseca, padre (1691)

Prior na freguesia do Codal – Macieira de Cambra, que desempenhava também as funções de mestre entalhador e debuxador de retábulos.



Coimbra. Sé velha.
Retábulo da Rainha Santa Isabel.
Foto Joel Sabino.



Coimbra. Igreja colegial da Graça.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Manuel Botelho.

472 GARCIA, 1923, p. 343.
473 VASCONCELOS, 1930, p. 201.
474 GARCIA, 1923, p. 344.
475 GARCIA, 1923, pp. 104 a 109.

No dia 20 de novembro de 1691, compromete-se com os oficiais da confraria do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de São Miguel, em Aveiro, a fazer o retábulo para a capela-mor de acordo com os apontamentos e declarações feitas por si[476]. Este exemplar já não remanesce.

Simão da Mota (1610 - 1622)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Coimbra, no *burgo de Santa Clara*. Nos finais de 1610, ajusta a feitura do retábulo-mor da capela da Universidade de Coimbra, com traça de Bernardo Coelho, de Lisboa. Comprometeu-se então a executar esta obra pela quantia de 420$000 réis, a *qual fará de bordo muito fino, bom e bem seco, dentro de oito meses*[477]. Subsiste, mas remodelado em data posterior, concretamente em 1692, ocasião em que o mestre dourador Luís de Oliveira, de Lisboa, assume o douramento *da renda que está na boca da tribuna que de novo se fez* (...) *como também a da casa entalhada da mesma tribuna e trono dela*[478].



Coimbra. Capela da Universidade.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Ricardo Perna.

Em junho de 1608, é pago por *consertar o retábulo e outras miudezas que tinha feito na sé*[479], em Coimbra.

No dia 2 de dezembro de 1622, assume a feitura do retábulo-mor, já inexistente, da igreja do mosteiro do Lorvão[480].

Tomás Moreira (1766)

Mestre entalhador com oficina aberta em Coimbra. Deve ser filho e continuador da oficina do seu pai, Domingos Moreira.

Em 1766, de parceria com o mestre António José, conclui os retábulos de talha, ainda subsistentes, onde se expõem as urnas de prata das irmãs D. Sancha e D. Teresa (ver p. 275), existentes

476 BRANDÃO, 1984, pp. 735 e 736.
477 SMITH, 1962, p. 38 e 47.
478 M. ALMEIDA, 1970, p. 327.
479 BRANCO, 2013, p. 326.
480 BORGES, 1993, p. 748.

nas paredes laterais da capela-mor da igreja monástica do Lorvão, delineados pelo arquiteto régio Mateus Vicente[481].

Tomé Velho (1582 - f. 1632)

Mestre escultor e debuxador, eventualmente originário de Sintra, mas com oficina aberta em Lamarosa, freguesia de Tentúgal. Aprendeu o ofício com João de Ruão[482].

Em 1582, executa a capela de São Teotónio, incluindo o retábulo de pedraria, na sala do Capítulo do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra[483] (ver p. seguinte).

Em 1583, ajusta a feitura da capela privativa de D. Duarte de Melo, mestre-escola na sé, incluindo o retábulo, *que o faria de pedra ou de óleos como convinha*, na nave da igreja da sé, em Coimbra, obra que deu de empreitada, pois acabou por ser feito um retábulo de madeira [484].



Coimbra. Sé velha.
Retábulo da capela privativa de D. Duarte de Melo.
Foto SIPA 95635.

Nos finais de 1589 e em 1590, recebe vários pagamentos pela execução do retábulo-mor, já desaparecido, da igreja paroquial de Cantanhede[485].

De 1596 a 1599, executa os retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Tentúgal, tendo recebido 120$000 reais[486] (ver p. 213).

É possível ter concluído o retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Mourão, em Tentúgal[487] (ver p. 207).

Tristão Correia (meados do século XVI)

Mestre pintor que nos meados do século XVI reside em Coimbra, onde são batizados dois filhos, um 1550 e outro em 1552.

481 QUEIROZ, 2013, 3, pp. 148 e 149.
482 DIAS, 2003, p. 151.
483 DIAS, 1996, pp. 31 e 32.
484 GARCIA, 1923, pp. 164 e 165; DIAS, 1996, p. 32.
485 GARCIA, 1923, pp. 165 e 166; DIAS, 1996, pp. 35 e 36.
486 DIAS, 1996, pp. 29 a 31.
487 DIAS, 2003, p. 138.

Posteriormente transfere-se para Trás-os-Montes, onde pinta alguns retábulos fingidos[488].

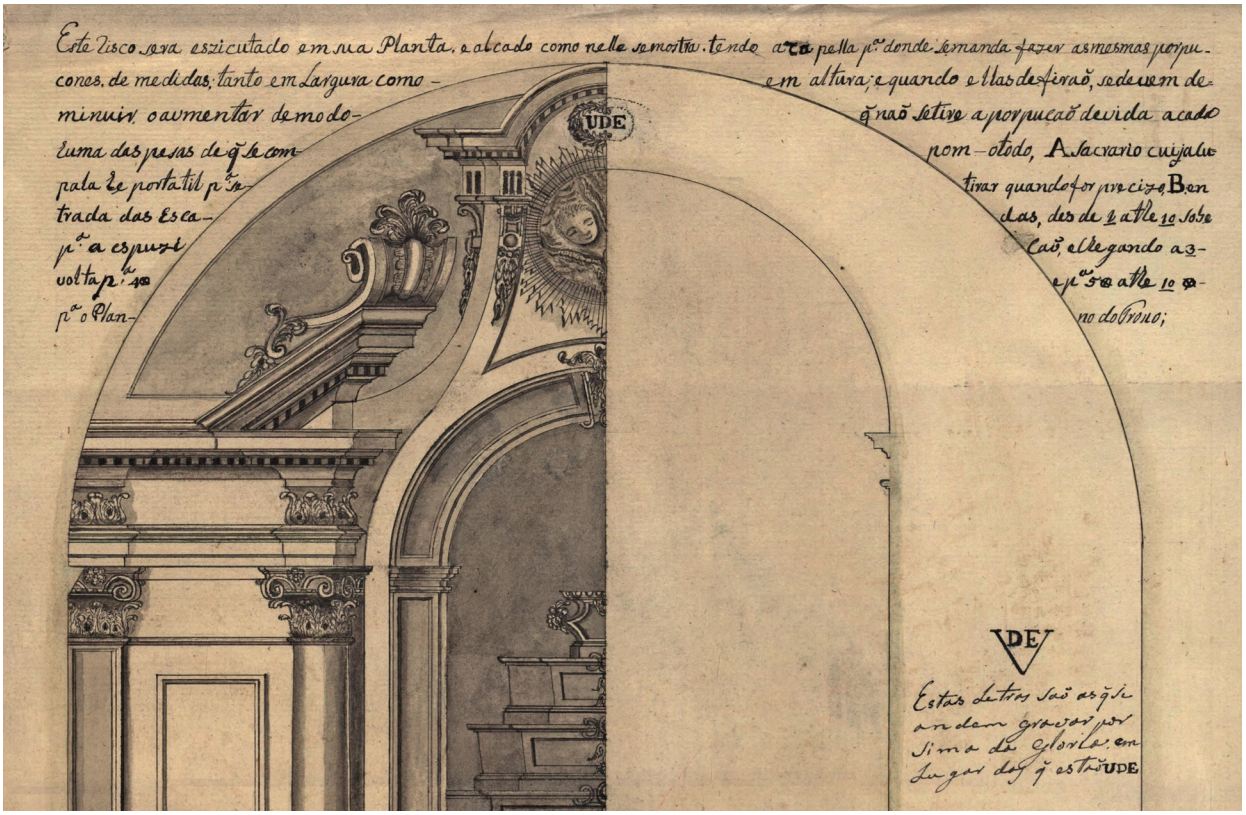
Desconhece-se a sua atividade profissional na região em estudo, que seguramente exerceu.



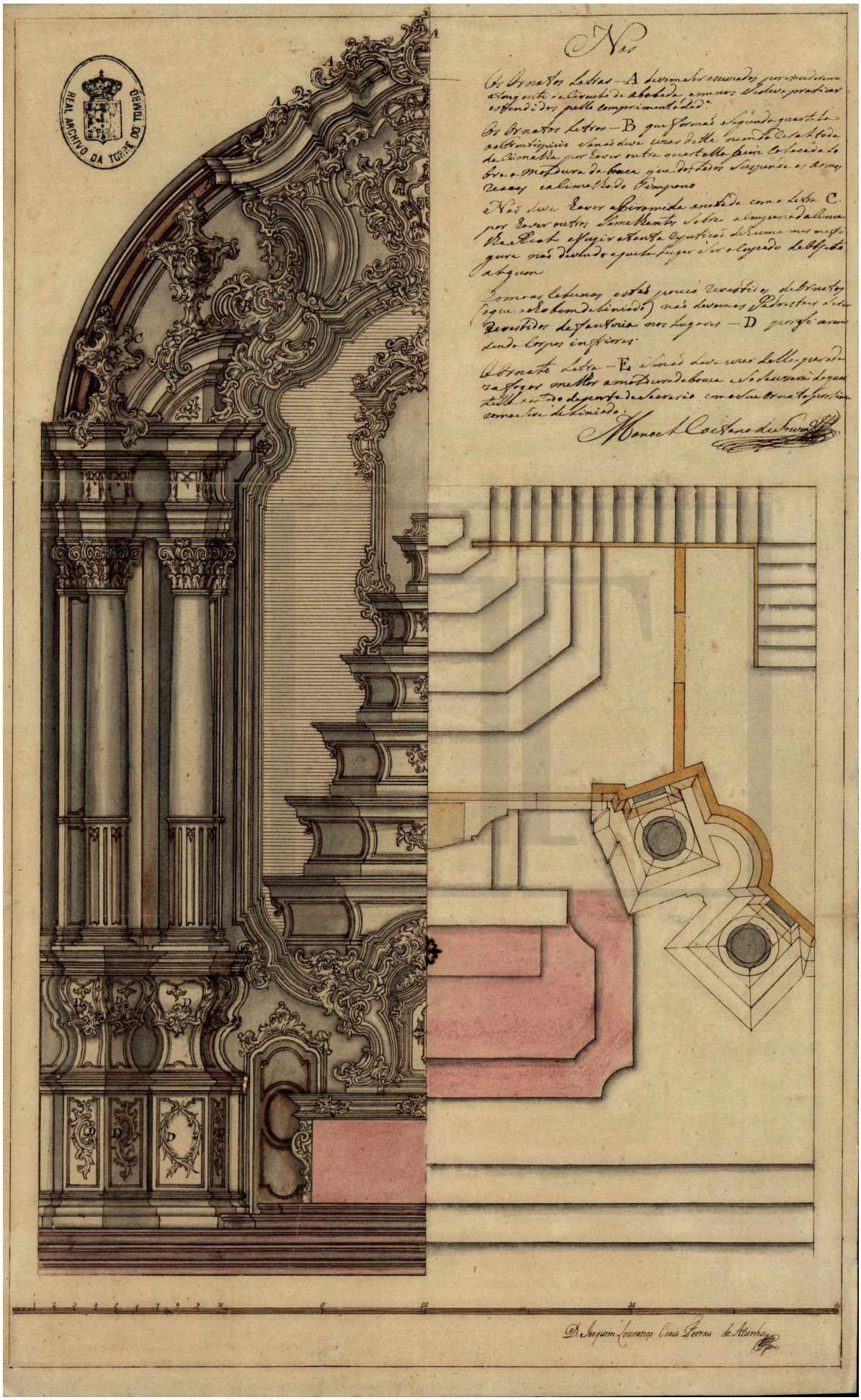
Coimbra. Extinto mosteiro de Santa Cruz.
Retábulo da Sala do Capítulo.
Foto Pedro Melo Tavares.

488 SERRÃO, s.d.

Catálogo de projetos e estudos de retábulos



Pormenor do risco de um retábulo-mor de uma igreja do padroado da Universidade de Coimbra.
Arquivo da Universidade de Coimbra. IV - 3.ª Gav. 34-01.



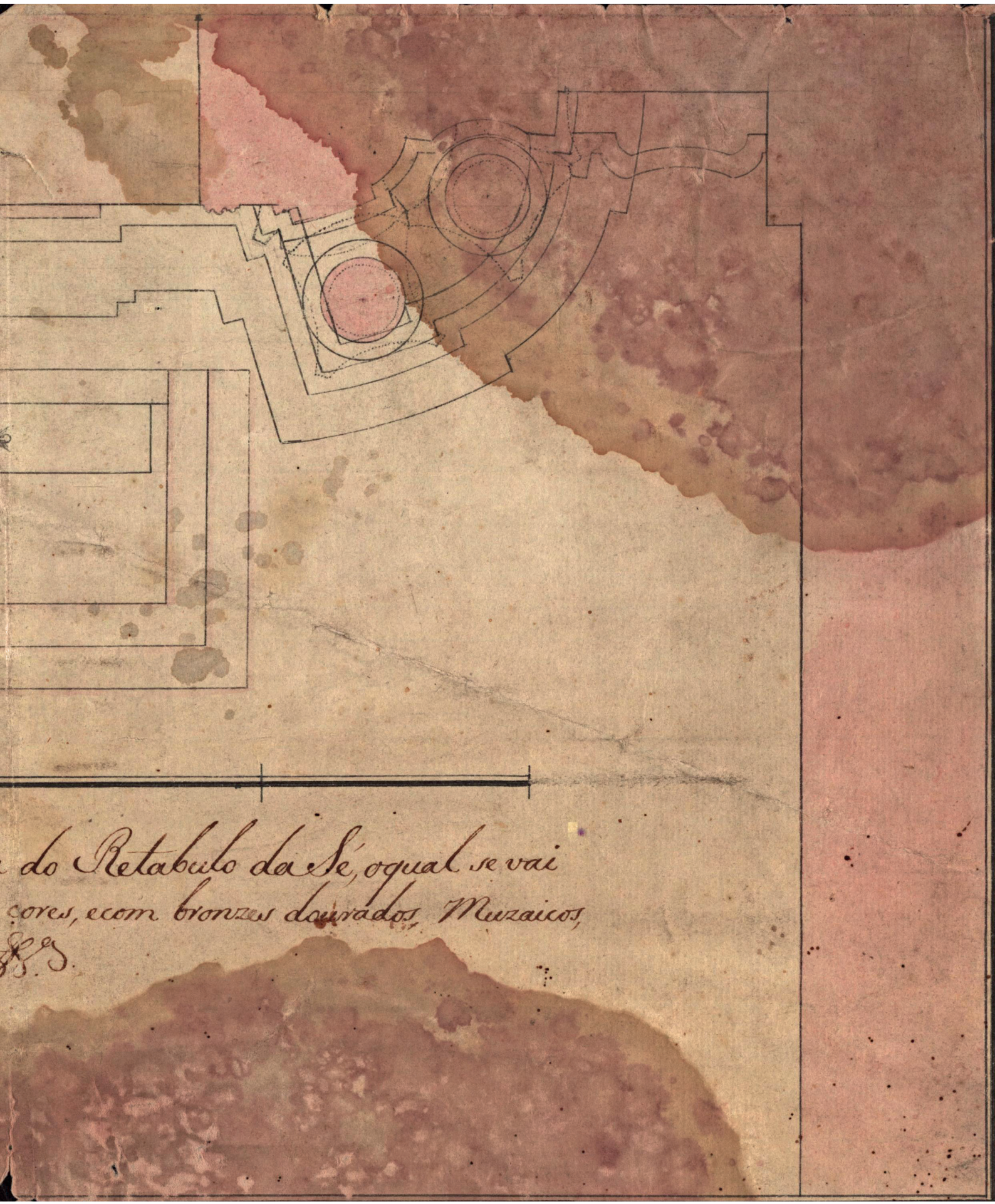
Avanca (Estarreja). Alçado e planta do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha.
C. 1790: Joaquim Lourenço Ciais Ferrrás de Acunha, organeiro e debuxador de retábulos, residente em Arouca.
Foto Ministério do Reino, n.º 12, PT-TT-MR-1-12, TT online



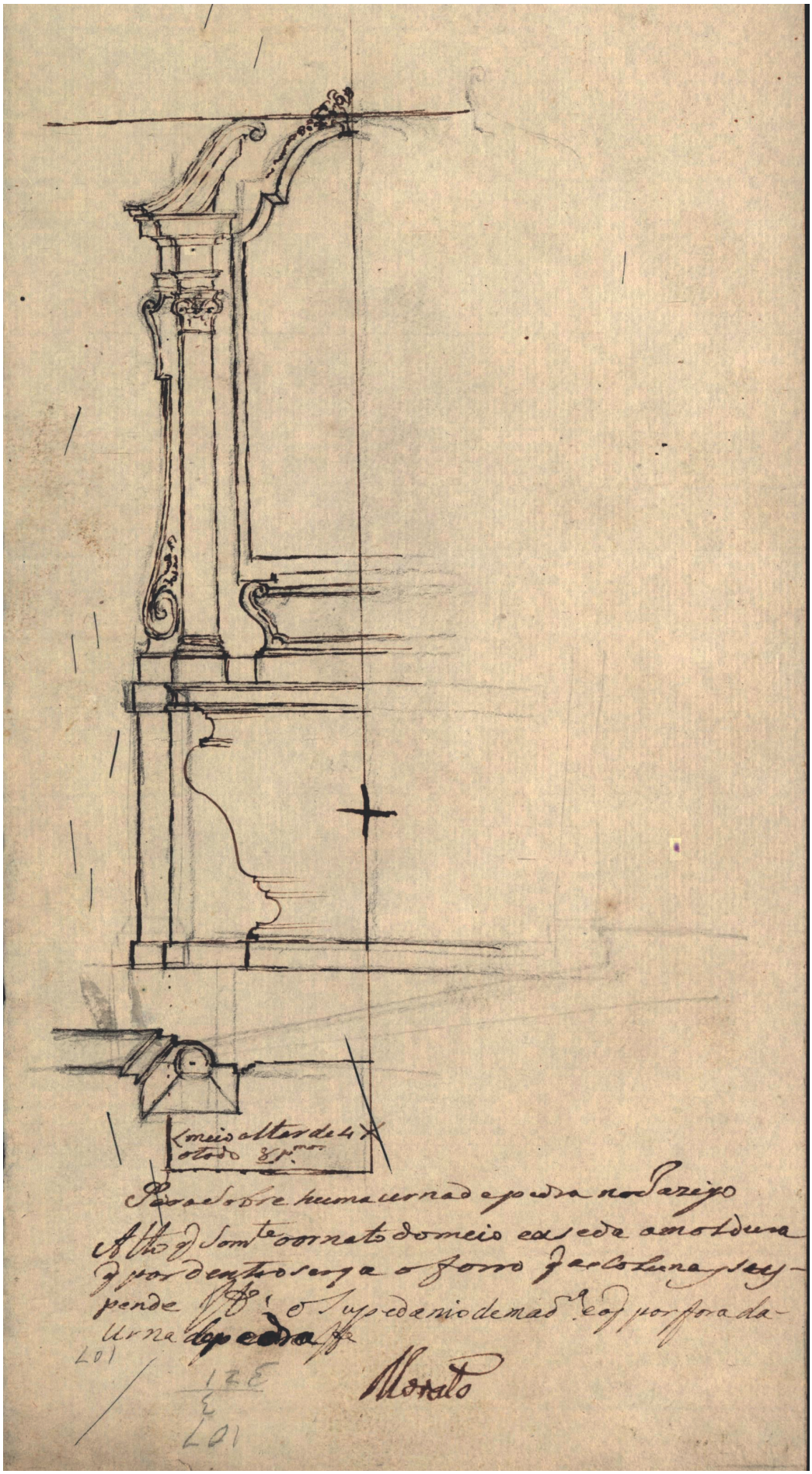
Coimbra. Sé nova. Projeto de retábulo, que não chegou a ser utilizado, para a nova capela-mor.
1781: José Carlos Magne, arquiteto responsável pelo Gabinete de Obras da Universidade de Coimbra. MNMC Nº 2907; DA 33.
Foto José Pessoa -Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF).



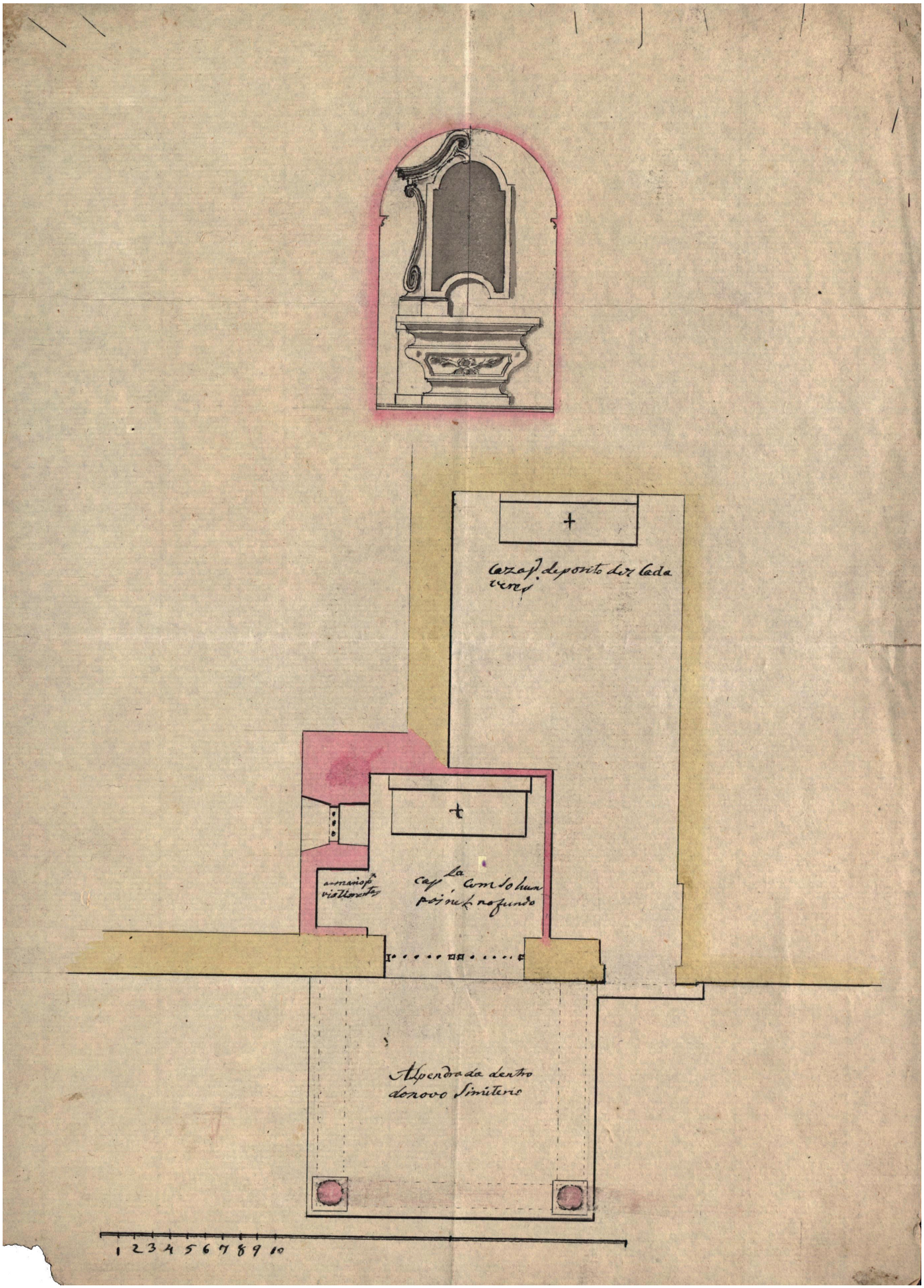
Coimbra. Sé nova. *Planta e elevação geométrica do retábulo da sé, o qual se vai fazendo de mármores de várias cores e com bronzes dourados, mosaicos e figuras como mostra o risco*.



Década de 1780.
Foto Arquivo da Universidade de Coimbra IV- 3.ª Gav. 34-02.

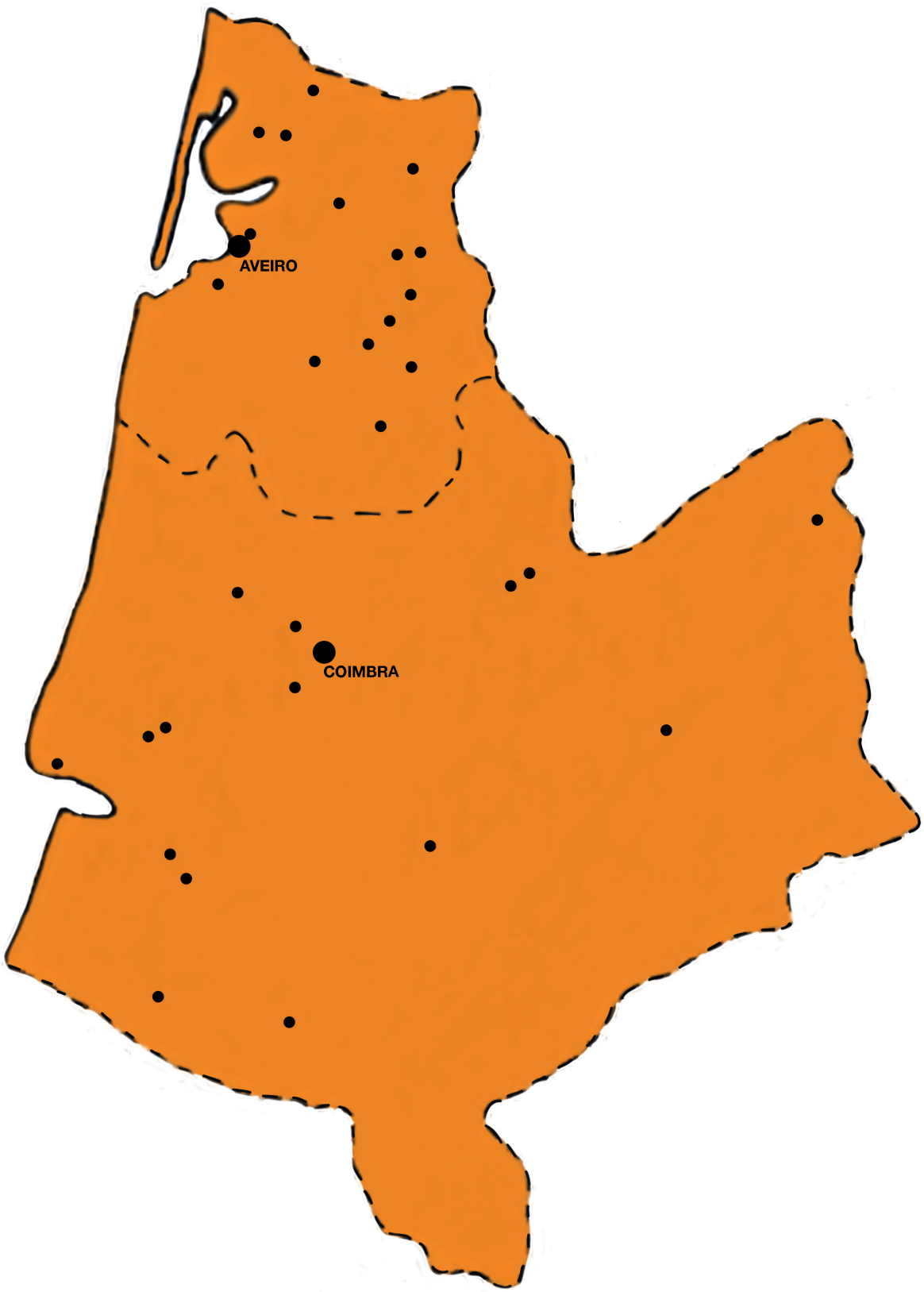


Coimbra. Projeto de retábulo para jazigo do cemitério da Conchada.
1860-1870: *Morato*, debuxador de Coimbra.
Porá sobre uma urna de pedra no jazigo alto que somente o ornato do meio, exceto a moldura que por dentro (…) o forro que as colunas se suspende. O supedâneo de madeira e os por fora da urna de pedra.
Foto Arquivo da Universidade de Coimbra IV- 3.ª Gav. 34-03.



Coimbra. Projeto de retábulo para a capela do cemitério da Conchada.
1860-1870: risco - eventualmente Augusto da Costa Simões, reputado médico e debuxador de arquitertura hospitalar, morador em Coimbra.
Foto Arquivo da Universidade de Coimbra IV- 3.ª Gav. 34-04.


Oceano Atlântico
Viana do Castelo
Braga
Vila Real
Bragança
Porto
Lamego
Viseu
Aveiro
Guarda
Coimbra
Leiria-Fátima
Portalegre-Castelo Branco
Santarém
Lisboa
Setúbal
Évora
Beja
Faro
N
O
E
S


AVEIRO
COIMBRA



Coimbra. Sé Nova. Pormenor do retábulo da Sagrada Família. Foto Miguel Cardoso.

Catálogo dos retábulos selecionados



MNMC. Retábulo da Visitação. Foto Manuel Botelho.



Oliveira do Hospital. Retábulo da capela dos Ferreiros, na igreja paroquial de Santa Cruz.
Pedra calcária de Portunhos – Cantanhede, com alguma policromia. É o único retábulo medieval, em Portugal, subsistente *in situ*.
Cerca de 1341: execução – Mestre Pêro (?), oriundo de Aragão ou da Catalunha, mas sediado em Coimbra.
Foto Município de Oliveira do Hospital.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja da sé velha.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Cerca de 1499 a 1501: entalhe – Olivier de Gand, prestigiado mestre originário da Flandres, mas morador em Portugal.
Foto Miguel Cardoso.



São Silvestre (Coimbra). Retábulo principal da igreja monástica de São Marcos, de religiosos jerónimos. Pedraria.
1522: risco e execução – Nicolau de Chanterene, reputado mestre francês sediado em Portugal.
Foto UC - Paulo Amaral.



Coimbra. Retábulo de São Pedro, na igreja da sé velha.
Pedraria.
Cerca de 1526: risco e execução – eventualmente Nicolau de Chanterene, reputado mestre francês sediado em Portugal.
Foto Miguel Cardoso.



Varziela (Cantanhede). Retábulo da capela da Quinta da Várzea.
Pedraria.
Cerca de 1530: risco e execução – eventualmente João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 10, 39 e 40.
Foto Regina Anacleto.



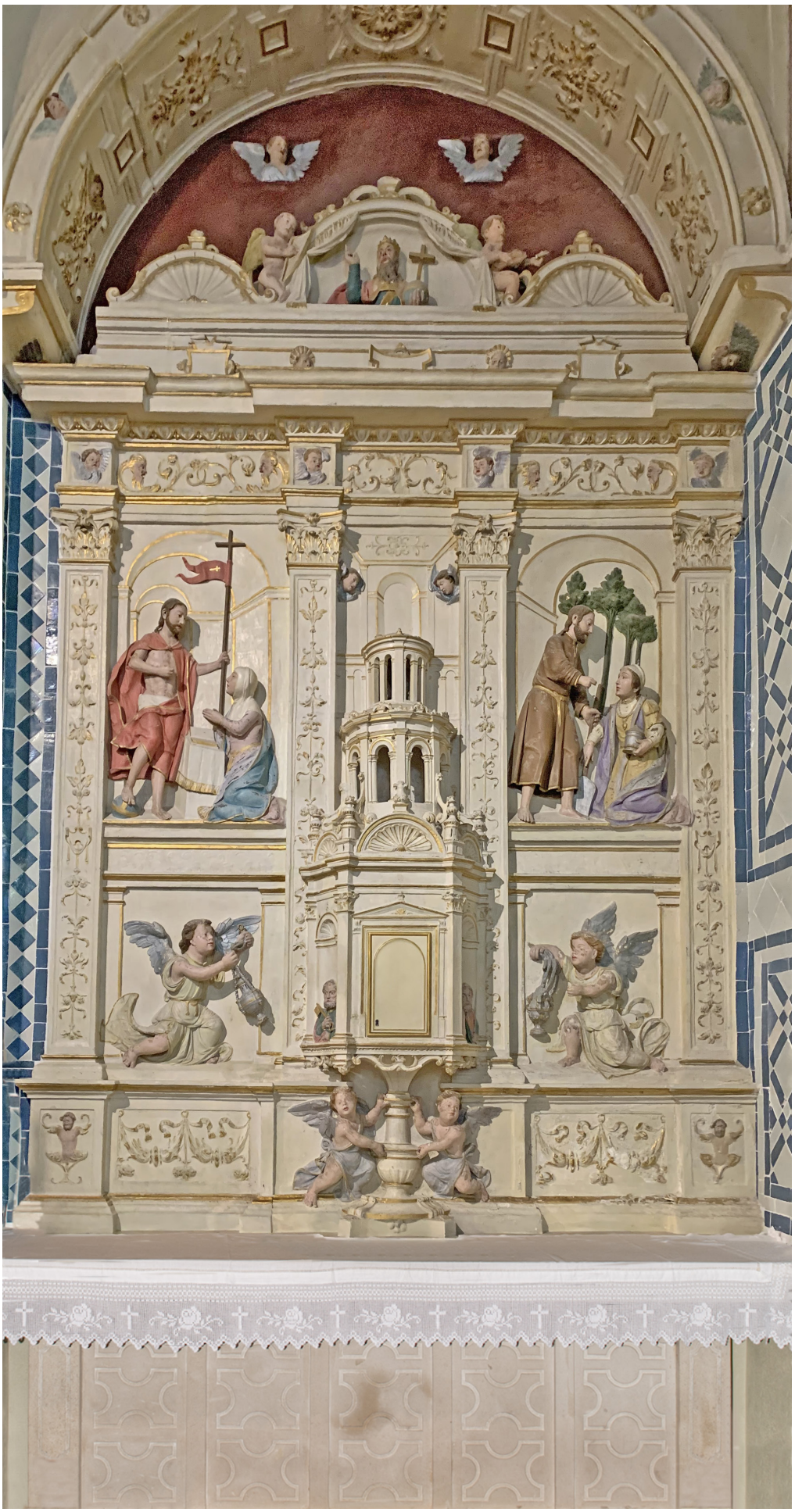
Coimbra. Retábulo de São Miguel, do extinto convento de Santa Clara-a-Velha, atualmente no MNMC.
Pedraria policroma.
1537 (data existente numa pilastra): risco e execução – eventualmente João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 50 e 51; DIAS, 2003, p. 131).
Foto Manuel Botelho.



Coimbra. Retábulo de São Marcos, na extinta igreja paroquial de São Salvador.
Pedra de Ancã.
Década de 1540: eventualmente João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 64 e 65; DIAS, 2003, p. 141.
Foto Nuno Saldanha.



Tentúgal (Montemor-o-Novo). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Mourão.
Pedraria policromada.
1545: João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra; finais do século XVI: conclusão: eventualmente Tomé ou discípulos (DIAS, 2003, p. 138).
Foto Julie Daxn Fox.



Soure. Retábulo da capela do Sacramento, na igreja paroquial de São Tiago.
Pedraria policromada.
Década de 1550: risco e execução – eventualmente João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, p. 71; DIAS, 2003, p. 141).
Foto Padre José da Cunha Ferreira.



Coimbra. Retábulo da capela do Tesoureiro, do extinto mosteiro de São Domingos, atualmente no MNMC.
Pedraria.
1558 a 1564: risco e execução - João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 28 e 75; C. GONÇALVES, 2011, pp. 121 a 124).
Foto Martina João.



Coimbra. Retábulo da Natividade, numa capela do claustro da igreja da sé velha.
Calcário.
1559 (cronograma existente no friso do entablamento): execução – oficina sediada em Coimbra.
Foto Miguel Cardoso.



Coimbra. Retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé velha.
Pedraria.
1566: risco e execução – eventualmente João de Ruão, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 30 e 78; DIAS, 2003, pp. 143 e 144).
Foto Miguel Cardoso.



Montemor-o-Velho. Retábulo da capela-mor da igreja da Misericórdia.
Pedra de Ancã.
Finais do século XVI: entalhe – eventualmente um discípulo de Tomé, com oficina aberta na região de Coimbra.
Foto Hélio Ramos.



Tentúgal (Montemor-o-Velho). Retábulos da frontaria da igreja da Misericórdia.
Pedra de Ançã policromada.
1596: Tomé Velho, mestre escultor com oficina aberta em Lamarosa, freguesia de Tentúgal (DIAS, 1996, pp. 29 a 31).
Foto Hélio Ramos.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Últimos anos do século XVI: risco e entalhe – Gaspar Coelho (GARCIA, 1923, p. 207); pintura figurativa: Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão (SMITH, 1962, p. 39).
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo-mor da capela da Universidade.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1605: risco – Bernardo Coelho, mestre marceneiro e debuxador com oficina aberta na cidade de Lisboa; 1610: entalhe – Simão da Mota, da cidade de Coimbra (SMITH, 1962, p. 38 e 47); 1692: douramento *da renda que está na boca da tribuna que de novo se fez* (…) *como também a da casa entalhada da mesma tribuna e trono dela* - Luís Oliveira, da cidade de Lisboa (M. ALMEIDA, 1970, p. 327).
Foto Ricardo Perna.



Buarcos (Figueira da Foz). Retábulo colateral da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada de branco, resultante de uma intervenção inadequada.
Princípios do século XVII: entalhe – mestre desconhecido; pintura figurativa – eventualmente Miguel de Paiva (SERRÃO, 2002, p. 250).
Foto Hélio Ramos.



Cernache (Coimbra). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Princípios do século XVII: entalhe – mestre desconhecido; pintura figurativa – eventualmente Álvaro Nogueira (SERRÃO, 1995, 2, p. 498). Finais de Seiscentos: Feitura da mesa do altar e abertura da tribuna com trono piramidal destinado à exposição do Santíssimo e à representação escultórica do orago.
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo de São Cristóvão, numa capela do claustro da igreja da sé velha.
Pedraria
Princípios do século XVII: entalhe – mestre desconhecido sediado em Coimbra.
Foto Miguel Cardoso.



Coimbra. Retábulo de Santa Maria Madalena, na igreja do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Décadas de 1620 - 1630: entalhe – oficina sediada em Coimbra; pintura figurativa: Domingos Vieira Serrão (SERRÃO, 1995a, p. 476).
Foto Nuno Saldanha.



Esgueira (Aveiro). Retábulo da Visitação, na igreja paroquial de Santo André.
Calcário.
Década de 1630 (data dos primeiros enterramentos na igreja): execução – mestre pedreiro originário da região de Coimbra.
Foto Maria da Luz Nolasco.



Serém (Águeda). Retábulo da igreja conventual de Santo António, atualmente na igreja paroquial de Trofa.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Após 1635 (data do projeto da igreja conventual): Mateus do Couto, o velho; entalhe – eventualmente frei Jorge dos Reis (FIGUEIREDO, 2008, pp. 126 e 278).
Foto Manuel Botelho.



Coimbra. Retábulo de Santo Inácio, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Cerca de 1640: entalhe – eventualmente Manuel da Rocha e João Soares.
Foto Hélio Ramos.



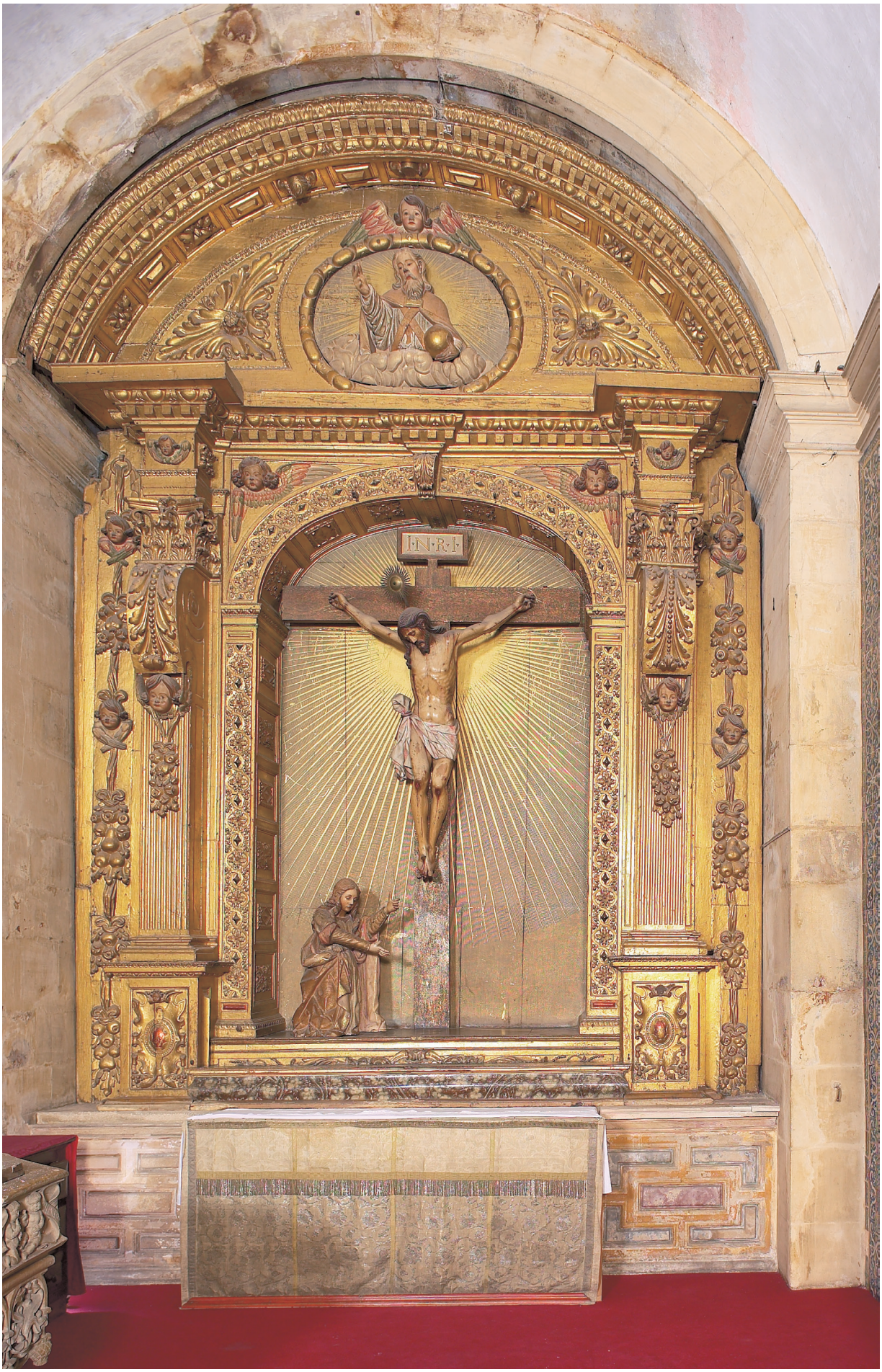
Coimbra. Retábulo-mor da igreja do antigo colégio de Nossa Senhora da Graça.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1640: entalhe – eventualmente Samuel Tibau (BORGES, 1987); 1644: pintura figurativa – Baltazar Gomes Figueira (SERRÃO, 2003, p. 26).
Foto Manuel Botelho.



Aveiro. Retábulo de São João da Cruz, na igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1643: entalhe – mestre desconhecido, que executa eventualmente os restantes retábulos deste cenóbio (LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, p. 73).
Foto José João Loureiro.



Aveiro. Retábulo de Nossa Senhora do Pilar, na igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1643: entalhe – mestre desconhecido, que executa eventualmente os restantes retábulos deste cenóbio (LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, p. 75).
Foto José João Loureiro.



Coimbra. Retábulo de Santa Maria Madalena, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Meados do século XVII: entalhe – eventualmente Manuel da Rocha e João Soares.
Foto Hélio Ramos.



Figueiró dos Vinhos. Retábulo colateral, na igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Meados do século XVII: entalhe – mestre desconhecido; 1751: douramento (LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, p. 121).
Foto José João Loureiro.



Coimbra. Retábulo de Nossa Senhora da Assunção, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Meados do século XVII: entalhe – eventualmente Manuel da Rocha e João Soares.
Foto Hélio Ramos.



Coimbra. Retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Meados do século XVII: entalhe – eventualmente Manuel da Rocha e João Soares.
Foto Hélio Ramos.



Aveiro. Retábulo da capela-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e pedraria no registo inferior do embasamento.
1654 e 1655: entalhe – João Dias, mestre com oficina aberta em Coimbra (ABRANTES, 2004, p. 69); algumas décadas depois: abertura do camarim e feitura de um trono para a exposição do Santíssimo.
Foto Hélio Ramos.



Mogofores (Anadia). Retábulo da capela dos Pintos, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1670: entalhe – oficina eventualmente proveniente da cidade do Porto.
Foto Município de Anadia.



Góis. Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, resultante de uma intervenção anacrónica.
Últimas décadas do século XVII: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo de São Francisco Xavier, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1682: entalhe – Matias Rodrigues de Carvalho (FEITOR, 1995, pp. 23 a 25).
Foto Hélio Ramos.



Semide (Miranda do Corvo). Retábulo de Nossa Senhora, na igreja monástica de Santa Maria.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Década de 1690: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Município de Miranda do Corvo.



Ílhavo. Retábulo principal da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Quinta da Vista.
Mármores com embutidos policromos e madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1690: risco do retábulo de pedraria – eventualmente João Antunes, reputado arquiteto régio, residente em Lisboa; princípios do século XVIII: entalhe da charola e escultura – Claude de Laprade, *famoso escultor*, (DICONÁRIO GEOGRAFICO, 1758, fl. 117) de origem francesa, então sediado em Lisboa.
Foto Museu da Vista Alegre.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja conventual de Santa Clara.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1692: risco e entalhe: Domingos Lopes e Manuel Moreira, mestres com oficina aberta na cidade do Porto (L. SILVA, 2003, p. 36; BORGES, 2003, p.71).
Foto Pedro Melo Tavares.



Coimbra. Retábulo de Santo António, na igreja conventual de Santa Clara.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1692: risco – Mateus do Couto, *o moço*; entalhe – António Gomes e Domingos Nunes, reputados mestres com oficina aberta na cidade do Porto (BRANDÃO, 1984, pp. 754 e 755).
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo de Jesus, Maria e José ou da Trindade terrestre, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1699: entalhe do retábulo propriamente dito; década de 1720: execução do revestimento em talha das ilhargas e do remate da parede testeira. Desconhecemos a proveniência dos entalhadores.
Foto Hélio Ramos.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
1703: entalhe – Damião da Costa, mestre originário da cidade de Braga; século XX: substituição do sacrário por uma tela pintada.
Foto Hélio Ramos.



25. Loure (Albergaria-a-Velha). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de São João. Madeira entalhada e predominantemente dourada.



Princípios do século XVIII: retábulos colaterais; segundo quartel de Setecentos: revestimento do arco triunfal e do frontispício da nave – profissionais eventualmente provenientes da região do Porto. Foto N-Restauros – Luís Bravo.



Valongo do Vouga (Águeda). Retábulo do Espírito Santo, na igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente oriundos da cidade do Porto.
Foto Beira Rio.



Valongo do Vouga (Águeda). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente oriundos da cidade do Porto; terceiro quartel de Setecentos: acréscimo de um emolduramento a delimitar toda a composição retabular e de uma nova mesa de altar.
Foto Beira Rio.



Coimbra. Retábulo de Nossa Senhora da Assunção, na extinta igreja paroquial de São Salvador.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – oficina eventualmente sediada em Coimbra.
Foto Nuno Saldanha.



Aveiro. Retábulo de Santa Joana, na igreja monástica de Jesus, atual Museu de Santa Joana.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segunda década do século XVIII: risco e entalhe – eventualmente José Correia, morador na cidade do Porto.
Foto Arquivo do Museu de Aveiro - Santa Joana.



Coimbra. Retábulo da capela dos reitores, na Universidade.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Pouco antes de 1723: risco – Gaspar Ferreira, mestre de obras da Universidade de Coimbra; 1723: douramento – Manuel da Silva, mestre pintor originário de Lisboa, mas com oficina aberta em Coimbra (PIMENTEL, 1996, p. 442).
Foto Ricardo Perna.



Aveiro. Retábulo da capela-mor da igreja monástica de Jesus, atual Museu de Santa Joana.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1725 a 1728: entalhe – José Correia, mestre com oficina na cidade do Porto (BRANDÃO, 1985, pp. 692 702; 1986, pp. 108 a 111 e 115 a 117), que tomou como modelo o da igreja do mosteiro de São Bento de Ave-Maria no Porto; 1729: douramento – Manuel da Silva e António José Correia (BRANDÃO, 1986, pp. 145 A 151).
Foto Fundação Cupertino de Miranda - Vila Nova de Famalicão.



Recardães (Águeda). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1720: mestre desconhecido.
Foto Fernando Dias. URL:https://www.visitarportugal.pt/aveiro/agueda/recardaes/igreja-matriz.



Coimbra. Retábulo da sacristia da igreja conventual de Santo António dos Olivais.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Década de 1720: risco – eventualmente Gaspar Ferreira, reputado entalhador e mestre de obras da Universidade de Coimbra; 1782: pintura figurativa – Pasquale Parente, pintor italiano radicado em Coimbra (PAULA, 2011, p. 44).
Foto Nuno Saldanha.



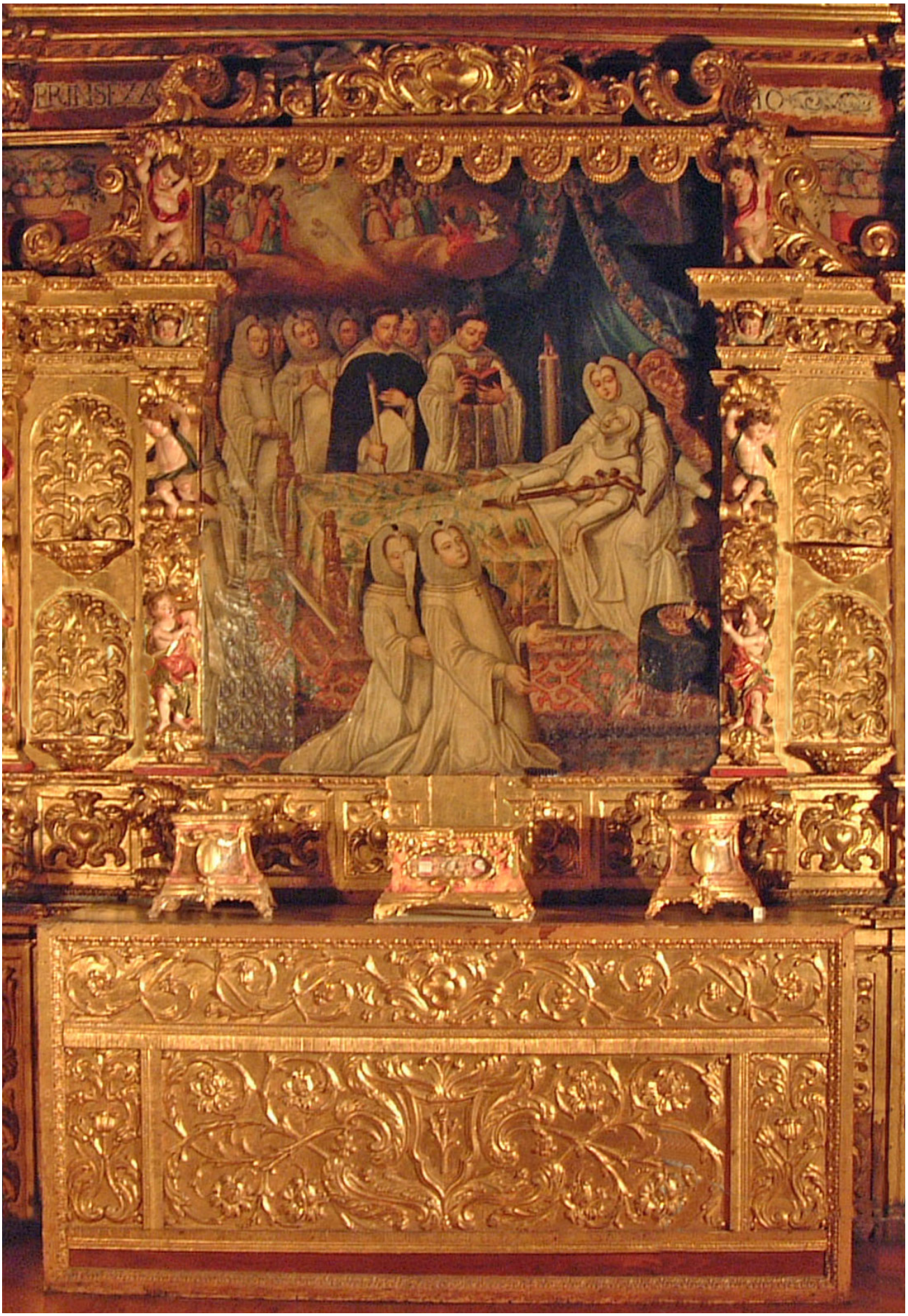
Oliveira do Bairro. Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Décadas de 1720/1730: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Signinum.



Coimbra. Retábulo de Nossa Senhora, na igreja do extinto colégio das Artes.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Décadas de 1720/1730: entalhe – eventualmente José Correia, morador na cidade do Porto.
Foto Hélio Ramos.



Aveiro. Retábulo da capela-mor da igreja do Senhor das Barrocas.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1730: risco: muito provavelmente Gaspar Ferreira, reputado entalhador e mestre de obras da Universidade de Coimbra, ocasião em que, faz para este templo a *planta e os apontamentos das portas da igreja e sanefas de toda a obra, caixões da sacristia, portas das tribunas e dos púlpitos* (GASPAR, 1996, p. 39).
Foto Pedro Ventura.



Aveiro. Retábulo da Sala do Lavor, no extinto monteiro de Jesus, atual Museu de Santa Joana.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1734 (cronograma existente numa cartela): entalhe – eventualmente um mestre originário da cidade do Porto.
Foto Museu de Aveiro – Santa Joana.



Louriçal (Pombal). Retábulo da capela-mor da igreja conventual do Santíssimo Sacramento.
Mármores provenientes de Lisboa.
1737: risco – eventualmente Carlos Mardel, reputado arquiteto régio, morador em Lisboa; execução – João António Bellini de Pádua (VALE, 2007, p. 511).
Foto Município de Pombal.



Águeda. Arco triunfal retabular da igreja paroquial de Santa Eulália.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1740 (campanha de obras na igreja): entalhe – profissionais eventualmente originários da região do Porto.
Foto padre José Camões Sobral.



Coimbra. Retábulo de Nossa Senhora das Neves, na igreja do extinto colégio das Onze Mil Virgens.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Década de 1740: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Hélio Ramos.



Coimbra. Retábulo de uma capela do claustro, no antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1740: entalhe – oficina sediada em Coimbra.
Foto Nuno Saldanha.



Torreira (Murtosa). Retábulo principal da capela de São Paio.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1740: entalhe – oficina eventualmente originária da cidade do Porto.
Foto Ana Carvalhal Cunha.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja monástica de Santa Cruz.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Finais da década de 1740: risco – eventualmente Carlos Mardel, prestigiado arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa.
Foto Peter K. Burian.



Louriçal (Pombal). Capela relicário, no mosteiro do Santíssimo Sacramento. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.



Cerca de 1749: risco – eventualmente António Andrade do Amaral, morador em Coimbra, superintendente das obras deste cenóbio.
Foto José João Loureiro.



Aguada de Cima (Águeda). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Eulalia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.
Segundo quartel do século XVIII: risco e entalhe – profissionais provavelmente originários da cidade de Coimbra.
Foto Hugo Cálão Rocha.



Aveiro. Retábulo da capela-mor da igreja conventual de Santo António.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segundo quartel do século XVIII: risco e entalhe – profissionais provavelmente originários da cidade do Porto.
Foto Sergiy Scheblykin - In Situ, Conservação de Bens Culturais, Unipessoal, Lda.



Samuel (Soure). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segundo quartel do século XVIII: risco e entalhe – profissionais provavelmente originários de Coimbra.
Foto Aldo Aveiro.



Águeda. Retábulo das Almas proveniente da igreja paroquial, atualmente na capela mortuária. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Meados do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente originários da região do Porto.
Foto padre José Carlos Pereira.



Talhadas (Sever do Vouga). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Mamede. Madeira entalhada, dourada e pintada. Meados do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente originários da região de Viseu.
Foto padre José Carlos Lopes.



Coimbra. Retábulo de São Brás, na extinta igreja paroquial de São Salvador.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Meados da década de 1740: entalhe – eventualmente André Lopes da Cunha e Alexandre Simões Ferreira, ambos com oficina em Coimbra.
Foto Nuno Saldanha.



Aveiro. Retábulo da capela do Senhor dos Passos, no mosteiro de Jesus, atual Museu Municipal.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Década de 1750: entalhe – oficina eventualmente originária da cidade do Porto.
Foto Cristina Reis.



Lorvão (Penacova). Retábulo de São Bento, na igreja monástica de Santa Maira.
Pedraria
Princípios da década de 1750: risco – Mateus Vicente de Oliveira, reputado arquiteto régio morador em Lisboa (BORGES, 2003, pp. 602 e 622); 1782: pintura figurativa – Pasquale Parente, pintor italiano radicado em Coimbra (PAULA, 2011, pp. 78 e 79).
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo da capela da ordem terceira, na igreja do antigo colégio de Nossa Senhora do Carmo. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Década de 1750: entalhe – oficina sediada em Coimbra.
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo da capela de Nossa Senhora da Conceição, na igreja do Seminário Maior.
Pedra de lioz, dos arredores de Leiria.
1755: execução – Alexandre Rodrigues da Rosa, mestre *entalhador de pedra*, com oficina aberta em Leiria (PORTELA, 2019).
Foto Nuno Saldanha.



Coimbra. Retábulo da capela-relicário de São Miguel, no Seminário Maior.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Pouco antes de 1765: risco – eventualmente Giacomo Azzolini, cenógrafo bolonhês encarregue da direção das obras do Seminário (LAMEIRA, EVATISTO e LOUREIRO, 2016, p. 223).
Foto Pedro Melo Tavares.



Águeda. Retábulo da capela do hospital – Asyilo Conde de Lucena.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Hélio Ramos.



Castanheira do Vouga (Águeda). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Mamede.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente originários da cidade do Porto.
Foto Padre José Carlos Pereira.



Lorvão (Penacova). Retábulo da infanta Santa Teresa, na igreja monástica de Santa Maira.
Madeira entalhada e predominantemente dourada. Urna de prata.
1781: risco – Mateus Vicente de Oliveira, reputado arquiteto régio morador em Lisboa; entalhe – Manuel Jorge, mestre com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 2003, p. 622).
Foto Paróquia do Lorvão.



Aveiro. Retábulo da Sagrada Família, da capela do Noviciado do antigo convento de São João Evangelista, atualmente no Museu de Aveiro.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Segunda metade do século XVIII: entalhe – eventualmente uma oficina de Aveiro.
Foto José João Loureiro.



Avanca (Estarreja). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Marinha.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Século XIX: entalhe – mestre desconhecido.
Fonte LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 31.



Veiros (Estarreja). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu. Madeira entalhada, dourada e pintada.
1859: entalhe – José Custódio Ferreira Santinho, mestre com oficina aberta em Oliveira de Azeméis (LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 101).
Fonte LEANDRO e MARQUES, 2016, p. 103.



Semide (Miranda do Corvo). Retábulo-mor da capela do Senhor da Serra. Madeira entalhada, dourada e pintada.
1908: risco – António Augusto Gonçalves, fundador da Escola Livre de Desenho, em Coimbra (ANACLETO, 2011a, pp. 9 a 47).
Foto Regina Anacleto.



Coimbra. Retábulo colateral da igreja do antigo mosteiro de Santa Cruz.
Pedra de Ançã.
1899 e 1908: risco e execução – João Augusto Machado, mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra (ANACLETO, 1984).
Foto Regina Anacleto.



Coimbra. Retábulo da capela-mor da igreja conventual de Santa Teresa.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1950: risco – António Pereira da Mota; entalhe – oficina da Casa Pereira da Mota, no Porto (LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, p. 101).
Foto José João Loureiro.

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

ABRANTES, Ana Paula B. (2004) – *Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro. O legado em talha e outras reflexões. Notas de História da Arte*, Aveiro.

AFONSO, Luís Urbano (2010) – "Em demanda da pintura medieval portuguesa (1100-1400)", *Primitivos Portugueses 1450 -1550) O Século de Nuno Gonçalves*, Lisboa, pp. 94 a 107.

J. ALMEIDA, José António Ferreira de (coord.) (1976) – *Tesouros artísticos de Portugal*, Lisboa.

M. ALMEIDA, M. Lopes de (1970) – *Artes e ofícios em documentos da Universidade. I. século XVII*, Coimbra.

M. ALMEIDA, M. Lopes de (1971) – *Artes e ofícios em documentos da Universidade. II. século XVIII (1701-1725)*, Coimbra.

M. ALMEIDA, M. Lopes de (1974) – *Artes e ofícios em documentos da Universidade. III. século XVIII (1726-1753)*, Coimbra.

ALVES, Alexandre (2001) – *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, 3 vols., Viseu.

ANACLETO, Regina (1984) – "A obra de João Machado na igreja de Santa Cruz de Coimbra*", Santa Cruz de Coimbra. Do século XI ao século XX*, pp. 195 a 208.

ANACLETO, Regina (1996) – *Arganil*, Lisboa.

ANACLETO, Regina (2003) – "O arquiteto José do Couto em terras da Beira", *Atas do II congresso Internacional. Barroco*, Porto, pp. 651 a 661.

ANACLETO, Regina (2011) – "A Santa Casa da Misericórdia de Arganil. Subsídios para a sua história", *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, pp. 563 a 581.

ANACLETO, Regina (2011a) – "O Senhor da Serra: arte e património", *Santuário do Divino Senhora da Serra de Semide. História, devoção e espiritualidade*, Semide, pp. 9 a 47.

ANACLETO, Regina e **BORGES**, Nelson Correia (coord.) (2019) – *António Nogueira Gonçalves. Colaboração em publicações periódicas*, Coimbra.

ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700 - 1830*, Lisboa.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão (1993) – "O património da Universidade de Coimbra: aspetos particulares do seu padroado", *Atas do colóquio A Universidade e a arte: 1920-1990*, Coimbra, pp. 315 a 322.

BASTOS, Celina (2007) – "D. Joaquim Lourenço Ciais Ferrás de Acunha, um desconhecido arquiteto, "riscador" e organeiro do último quartel do século XVIII", Sep. da *Revista de Artes Decorativas*, n.º 1, Porto, pp. 115 a 138.

BONIFÁCIO, Horácio (1990) – *Polivalência e contradição. O Barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no século XVIII – a segunda geração de arquitetos*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

BORGES, Nelson Correia (1980) – *João de Ruão. Escultor da Renascença Coimbra*, Coimbra.

BORGES, Nelson Correia (1982) – "Dois retábulos Bairradinos – Ourentã e Murtede", *Munda*, 3, Coimbra, pp. 27 a 42.

BORGES, Nelson Correia (1986) – "O retábulo traçado pelo arquiteto Rodrigo Franco para a igreja de Rio de Vide", *Munda*, 12, Coimbra, pp. 3 a 11.

BORGES, Nelson Correia (1987) – *Coimbra e região*, Lisboa.

BORGES, Nelson Correia (1991) – "Os retábulos gémeos da capela da Universidade de Coimbra", *Atas do Congresso "História da Universidade"*, Coimbra, pp. 305 a 326.

BORGES, Nelson Correia (1992) – *Arte monástica em Lorvão. Sombras e realidade. Das origens a 1737*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

BORGES, Nelson Correia (1993) – *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

BORGES, Nelson Correia (2003) – "As intervenções de Mateus Vivente de Oliveira no Mosteiro do Lorvão", *Atas do II Congresso Internacional. Barroco*, Porto, pp. 617 a 624.

BORGES, Nelson Correia (2003a) – "A talha (Mosteiro de Santa Clara-a-Nova)", *Monumentos 18*, Lisboa, pp. 65 a 73.

BORGES, Nelson Correia (2017) – "O retábulo-mor de Santa Cruz de Coimbra, *Correio de Coimbra,* n.º 4634, de 23.02.

BORGES, Nelson Correia (2018) – "Manuel Gonçalves mestre carpinteiro", *Correio de Coimbra,* n.º 4695, de 07.06.

BOUSQUET, Jacques (1982) – "Des antipendiuns aux retables. Le problème du décor des autlels et de son enplacement", *Les cahiers de Saint Michel de Cuxa*, n.º 13, 1982, pp. 201 a 232.

BRANCO, Cátia Cristino Correia Teles e Marques de Sousa (2013) – *A sacristia e a encomenda episcopal portuguesa no período da Reforma Católica. O caso da Sé de Coimbra e o patrocínio do bispo D. Afonso de Castelo Branco*, tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. Séculos XV a XVII*, Porto.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1985) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1700 a 1725*, Porto.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1986) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1726 a 1750*, Porto.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1987) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1751 a 1775*, Porto.

CAETANO, Joaquim Inácio (2016) – "Retábulos fingidos na pintura mural portuguesa", *O Retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia*, Lisboa, vol.1, pp. 353 a 365.

CÁLÃO, Hugo (2011) – "Igreja paroquial de Gafanha da Encarnação / Igreja de Nossa Senhora da Encarnação", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CÁLÃO, Hugo (2014) – *Beneméritos e património da Santa Casa da Misericórdia de Águeda e a sua história contada pelo espólio documental e artístico*, Águeda.

CAPELA, José Viriato e **MATOS**, Henrique (2011) – *As freguesias dos distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga.

CARDOSO, Padre Luís (1747) – *Dicionário Geográfico*, tomo 1, Lisboa.

CARDOSO, Padre Luís (1751) – *Dicionário Geográfico*, tomo 2, Lisboa.

CARVALHO, Ana Rita Amado (2015) – *Os retábulos da nova igreja do mosteiro de Santa Clara em Coimbra*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.

CARVALHO e SILVA, Elisa Rosendo de (2012) – *Evolução identitária de um lugar – A Conchada de Coimbra*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.

CORREIA, Vergílio (1952) – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*, Lisboa.

CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, Nogueira (1947) – *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*, Lisboa.

COSTA, padre Avelino de Jesus da (1983) – "A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XVI a XVI", *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXXVIII, pp. 1 a 219.

COSTA, padre Avelino de Jesus da (1989) – "A Santíssima Eucaristia nas Constituições diocesanas desde 1240 a 1954", *Lusitânia Sacra*, pp. 197 a 243.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (1988) – "Três projetos setecentistas para a capela-mor da sé nova de Coimbra", *Mundo da Arte. Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia*, Coimbra, pp. 81 a 85.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (1990) – *Manuel Alves Macomboa. Arquiteto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra*, Coimbra.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2002) – *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2011) – *Sé velha de Coimbra*, Coimbra.

DIAS, Pedro (1983) – "O retábulo quinhentista da igreja de Santa Cruz de Coimbra", *Estudos sobre Escultura e Escultores do Norte da Europa em Portugal. Época Manuelina*, Lisboa, pp. 195 a 211.

DIAS, Pedro (1996) – "A oficina de Tomé Velho, construtor e escultor do maneirismo coimbrão", *Atas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Tomar, pp. 15 a 62.

DIAS, Pedro (2003) – *A Escultura de Coimbra. Do Gótico ao Maneirismo*, Coimbra.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Ançã*, vol.4, n.º 1, pp. 1 a 6.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Aveiro*, vol.5, n.º 44, pp. 799 a 820.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Coimbra*, vol.11, n.º 349, pp. 2371 a 2400.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Esgueira*, vol.14, n.º 58, pp. 413 a 420.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Farinha Podre*, vol.15, n.º 25, pp. 129 a 132.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Gesteira*, vol.17, n.º 41, pp. 229 a 232.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Ílhavo*, vol.18, n.º 161, pp. 105 a 146.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *Penela*, vol.28, n.º 116, pp. 777 a 786.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, *São Martinho da Cortiça*, vol.11, n.º 390, pp. 2659 a 2664.

DÓRDIO, Paulo (1997) "Capela de Santa Bárbara", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

EUSÉBIO, Maria de (2002) – *Retábulos joaninos no concelho de Viseu*, Viseu.

EUSÉBIO, Maria de Fátima dos Prazeres (2005) – *A Talha Barroca na Diocese de Viseu*, tese de doutoramento, 3 volumes, Universidade do Porto.

FEITOR, José António Neves (1995) – "O retábulo da capela de São Francisco Xavier do antigo colégio de Jesus de Coimbra e o escultor lisboeta Matias Rodrigues de Carvalho*", Munda*, n.º 29, Coimbra, pp. 19 a 25.

FERREIRA, Marta (2006) "Igreja paroquial do Botão/Igreja de São Mateus", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto e **BARROCA**, Mário Jorge (2002) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1989) – *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnicas)*, 2 vols., Porto.

FIGUEIREDO, Ana Paula Valente (2008) – *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição. Análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

FLOR, Susana Varela e **FLOR**, Pedro (2016) – *Pintores de Lisboa. Séculos XVII e XVIII. A irmandade de São Lucas*, Lisboa.

FONSECA, Francisco da Fonseca (1728) – *Évora Gloriosa*, Roma.

GARCIA, Prudêncio Q. (1923) – *Artistas de Coimbra. Documentos para as suas biografias*, Coimbra.

GASPAR, Monsenhor João Gonçalves (1996) – *Igreja do Senhor Jesus das Barrocas*, Aveiro.

GOMES, Paulo Varela (2009) – *O sistema de coros nas sés portuguesas dos séculos XV e XVI*, provas para o título académico de agregado, Universidade de Coimbra.

A. GONÇALVES, A. Nogueira (1979) – "O escultor João de Ruão e a Misericórdia de Coimbra", *Estudos de História da Arte da Renascença*, Coimbra, pp. 171 a 179.

A. GONÇALVES, A. Nogueira (1987) – "Manuel da Rocha, escultor seiscentista de Coimbra", *Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, pp. 319 a 330.

C. GONÇALVES, Carla Alexandra (2001) – *Gaspar Coelho. Um escultor do Maneirismo*, Lisboa.

C. GONÇALVES, Carla Alexandra (2011) – "A obra multiforme de João de Ruão no "século de ouro" coimbrão", *Atas do colóquio Internacional de História da Arte*, Lisboa, pp. 117 a 140.

C. GONÇALVES, Carla Alexandra (2020) – "A oficina de João de Ruão: os escultores, a relação oficinal e a gestão do trabalho", *digitAR. Revista Digital de Arqueologia, Arquitetura e Artes*, pp. 111 a 131.

F. GONÇALVES, Flávio (1981) – "A talha na arte religiosa de Guimarães", *Atas do Congresso Histórico de Guimarães e a sua colegiada*, Guimarães, 4, pp. 337 a 365.

GOULÃO, Maria José (2009) – *Expressões artísticas do Universo Medieval*, s.l.

GUELFI, Fausta Franchini (2009) – "Un altare dello scultore genovese Pasquale Bocciardo per il Seminario Maggiore di Coimbra", *Estudos italianos em Portugal*, n.º 4, Lisboa, pp. 315 a 327.

LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo na Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (Promontoria Monográfica História da Arte 02), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **EVARISTO**, Carlos, **LOUREIRO**, José João (2016) – *Retábulos Relicários* (Promontoria Monográfica História da Arte 13), Faro.

LAMEIRA, Francisco e **GOULART**, Artur (2015) – *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (Promontoria Monográfica História da Arte 09), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **LOPES**, Inês Afonso e del **RIO JOÃO**, Martina (2021) – *Retábulos das Almas no Purgatório* (Promontoria Monográfica História da Arte 26), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **LOUREIRO**, José João, VECHINA, Frei José Carlos (2015) – *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (Promontoria Monográfica História da Arte 11), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **PEDROSA**, Aziz José de Oliveira, **BOHRER**, Alex Fernandes e **LOUREIRO**, José João (2017) – "Retábulos em Minas Gerais", *Promontoria Monográfica História da Arte 16*, Universidade do Algarve.

LANGHANS, Franz-Paul (1945) – *As corporações dos ofícios mecânicos*, Lisboa.

LEANDRO, António Cruz e **MARQUES**, Maria Clara de Paiva Vide (2016) – *Fé e Esplendor. A arte retabular das igrejas paroquiais de Estarreja*, Estarreja.

LEMOS, Ana (2006) – "Igreja paroquial de Valmaior /Igreja de Santa Eulália", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

LOBO, Rui e **RAGGI**, Giusepina – "O Seminário de Jesus, Maria e José de Coimbra. Um projeto de Giuseppe António Landi", *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 12, pp. 193 a 212.

MARQUES, Maria Clara de Paiva Vide e **LEANDRO**, António Cruz (2020) – *IMAGO DEI - Retabulística paroquial em Sever do Vouga*, Sever do Vouga.

F. MARTINS, Fausto Sanches (1991) – "Trono eucarístico do retábulo barroco português: origem, função, forma e simbolismo", *Atas do I Congresso Internacional do Barroco*, 2.º vol., Porto, pp. 17 a 58.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2016) – *Devoção em Viagem*, Lisboa.

MONTEIRO, padre Manuel (1750) – *História da Fundação do Real Convento do Louriçal de Religiosas Capuchas* (…), Lisboa.

MOREIRA, Rafael (1995) – "Arquitetura: Renascimento e classicismo", História da Arte Portuguesa, Lisboa, vol.2, pp. 303 a 364.

A. NEVES, Amaro (1998) – *A Misericórdia de Aveiro nos séculos XVI e XVII.* A maior do mundo, pois o é do reino, Aveiro

A. N. NEVES, António Nunes da Costa (2002) – *Igreja matriz e capelas da freguesia de S. João de Areias (Santa Comba Dão)*, Coimbra.

NOÉ, Paula (2003) "Colégio Novo/Colégio da Sapiência/Colégio de Santo Agostinho/Santa Casa da Misericórdia de Coimbra", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de (1992) – "Uma *irmandade* volante do século XVIII. O folheto *Lágrimas das Almas*", *Línguas e Literaturas. Revesta da Faculdade de Letras do Porto*, II série, vol. IX, pp. 349 a 354.

PACHECO, Milton Pedro Dias (2013) – "De corpo e alma: o oratório do cárcere académico da Universidade de Coimbra. Primeiras linhas de investigação", *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI, pp. 111 a 135.

PATRÃO, José Dias Heitor (2002) – *Portalegre. Fundação da cidade e do bispado. Levantamento e progresso da catedral*, s.l.

PAULA, Maria Raquel Rodrigues de (2011) – *Pascoal Parente e a pintura setecentista em Portugal*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.

PESSOA, Lúcia (2001) "Igreja paroquial de Santiago", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

PIMENTEL, António Filipe (1996) – "Manuel da Silva e a difusão do barroco nas Beiras", *Atas do VI Simpósio Luso-Espanhol da História da Arte*, Viseu, pp. 427 a 455.

PORTELA, Miguel (2014) – "A Igreja matriz de Figueiró dos Vinhos: um verdadeiro tesouro de Arte. As obras de restauro (1898-1904)", *Cadernos Leirienses*, pp. 23 a 38.

PORTELA, Miguel (2016) – "O mosteiro de Santa Clara de Figueiró dos Vinhos. Leandro da Silva arquiteto e entalhador do retábulo da capela-mor em 1650", *O Figueiroense*, n.º 26, 2.ª série, 16 de setembro.

PORTELA, Miguel (2017) – "Frutuoso Pereira de Almeida, mestre entalhador da segunda *tribuna* da Igreja do Mosteiro de Santa Clara de Figueiró dos Vinhos", *O Figueiroense*, n.º 33, 2.ª série, 16 de abril.

PORTELA, Miguel (2017a) – "O mestre João Miguéis e as obras setecentistas da capela-mor do Mosteiro de Santa Clara de Figueiró dos Vinhos", *Jornal da Golpilheira*, janeiro.

PORTELA, Miguel (2019) – "O entalhador de pedra Alexandre Rodrigues da Rosa de Leiria e as obras do Seminário de Jesus Maria e José em Coimbra", *Jornal da Golpilheira*, janeiro/fevereiro.

PORTELA, Miguel (2019a) – "O mestre entalhador João Pereira de Landim e a obra do retábulo de São Brás na igreja de S. João de Almedina em 1695", *O Ribeira de Pena*, n.º 194, 30 de junho.

PORTELA, Miguel (2019b) – *O mestre entalhador bracarense André Lopes da Cunha e a sua atividade artística na cidade de Coimbra (1704-1779)*, Figueiró dos Vinhos.

PORTELA, Miguel (2020) – "A atividade artística do ensamblador Francisco Gonçalves Pombo na Diocese de Coimbra", *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXXIII, pp. 43 a 67.

PORTELA, Miguel (2020a) – "Os retábulos da igreja dos Capuchos de Pombal dos entalhadores António de Azevedo e António Ribeiro – breves notas de investigação", *Jornal da Golpilheira*, novembro/dezembro.

QUEIROZ, Mónica Ribas Marques Ribeiro de (2013) – *O arquiteto Mateus Vicente de Oliveira (1706-1785) Uma práxis original na arquitetura portuguesa setecentista*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

RAGGI, Giuseppina (2003) – "Pinturas de fundais e falsos interiores. Decorações pictóricas integrais de Pasquale Parente", Monumentos, n.º 18, pp. 108 a 117.

ROCHA, Hugo Cálão (2009) – *O convento da Madre de Deus de Sá em Aveiro – dos objetos às devoções – um espólio do Museu de Aveiro*, dissertação de mestrado, Universidade do Porto.

M. ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996) – *Manuel Fernandes da Silva mestre e arquiteto de Braga (1693 – 1751)*, Porto.

L. RODRIGUES, Leonardo Pereira (2020) – "Dom Rodrigo de Moura Teles e as confrarias de Braga", *Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga*, n.º 16, pp. 31 a 58.

O. RODRIGUES, Olinda Maria de Jesus (2010) – *As alminhas em Portugal e a devolução da memória. Estudo, recuperação e conservação*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

RODRIGUES, Mário Rui Simões e **NETO**, Margarida Sobral (2012) – *Informações Paroquiais e História Local. A Diocese de Coimbra (século XVIII)*, Coimbra.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (2010-2012) – "A ourivesaria no tempo de D. Afonso Henriques: proposta de uma revisão", *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Porto, vol. IX-XI, pp. 285 a 302.

SANTA ANA, Frei Belchior de (1657) – *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa.

A. SANTA MARIA, frei Agostinho de (1712) – *Santuário Mariano*, tomo 4, Lisboa.

N. SANTA MARIA, padre Nicolau de (1668) – Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca Santo Agostinho, Lisboa.

SANTOS, Diana Gonçalves (2011) – "Azulejaria de fabrico coimbrão em Misericórdias da região centro: os casos de Mangualde e Pereira", *A Misericórdia de Vila e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, pp. 193 a 212.

ROLIM, Pedro (2011) – Retábulos em Portugal nos séculos XIV e XV, dissertação de mestrado, Universidade do Algarve.

SEABRA, José Alberto (1995) – "A Pintura quatrocentista", *História da Arte Portuguesa*, 1, Lisboa, pp. 473 a 519.

SERRÃO, Vítor (s.d.) – "Pintura Maneirista no Nordeste Transmontano, entre periferias e modernidade: algumas contribuições", *Colóquio de História de Arte e Património*, Macedo de Cavaleiros.

SERRÃO, Vítor (1989) – "Documentos dos protocolos notariais de Lisboa referentes a artes e artistas portugueses (1563 - 1650)", Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº 90, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1992) – *A pintura Proto-Barroca em Portugal, 1612 - 1657*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

SERRÃO, Vítor (1995) – "A pintura maneirista em Portugal: das brandas maneiras ao reforço da propaganda", *História da Arte Portuguesa*, 2, Lisboa, pp. 327 a 509.

SERRÃO, Vítor (1995a) – "Domingos Vieira Serrão", *A pintura maneirista em Portugal. Arte no tempo de Camões*, Lisboa, pp. 475 e 476.

SERRÃO, Vítor (2002) – "Simão Rodrigues em Roma. A influência do *Oratorio del Crocifsso* na Pintura Maneirista Portuguesa", *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Faro, pp. 97 a 114.

SERRÃO, Vítor (2003) – *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa.

L. SILVA, Luísa (2003) – "A construção do novo mosteiro (Mosteiro de Santa Clara-a-Nova)", *Monumentos 18*, Lisboa, pp. 35 a 39.

M. SILVA, Margarida (2006) – "Igreja paroquial da Lousã/igreja de São Silvestre", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

M. SILVA, Margarida (2006a) – "Capela do Senhor da Serra/santuário do Senhor da Serra", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

SMITH, Robert C. (1962) – *A talha em Portugal*, Lisboa.

SMITH, Robert C. (1972) – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor beneditino*, Lisboa.

SOROMENHO, Miguel (1995) – "Classicismo, Italianismo e Estilo Chão", *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, 1995, vol.2, pp. 377 a 403.

TAVARES, Paulino Mota (1979) – "Coimbra e a arte no século XVII. Dois artistas e um retábulo", *Atas das Primeiras Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, pp. 125 a 134.

TEIXEIRA, José de Monterroso (2012) – *José Costa Silva (1747-1819) e a receção do Neoclassicismo em Portugal: a clivagem do discurso e a prática arquitetónica*, tese de doutoramento, Universidade Autónoma de Lisboa.

VALE, Teresa Leonor M. (2007) – "João António Bellini de Pádua: a mobilidade de um escultor italiano em Portugal no século XVIII – parcerias artísticas e encomendadores", *Atas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Porto, pp. 505 a 518.

VASCONCELOS, António (1930) – *A sé velha de Coimbra. Apontamentos para a sua história*, 1, Coimbra.

Coimbra. Sé velha. Pormenor do retábulo-mor. Foto Miguel Cardoso.



E tudo nasce aqui...
Tudo porque não oiço
A ameaça do lume
E ao ritmo de um baloiço
A carne se resume.
Tudo porque as imagens,
A flor de cada altar,
Apontam-me paisagens
Que há para além do mar...
Tudo porque do peito
A voz sai sem disfarce
Nesse hálito perfeito
Da alma a libertar-se...
Tudo porque o prazer
Tem o fôlego curto.
(Teimando em nos prender
Abeira-se do furto!)
Tudo porque ninguém
Invoca o nevoeiro
E o último que vem
Aqui , o primeiro...

Pedro Homem de Mello,"Catedral", *Poesias Escolhidas*

F I M.

